# ENCYCLOPEDIA REPUBLICANA

## Revista de Sciencias e Litteratura

AO ALCANCE DE TODAS AS INTELLIGENCIAS


COLLABORADA POR

AFFONSO DE SOUSA, ALBERTO BASTOS, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO,
ANGELINA VIDAL, ANNES BAGANHA,
ANSELMO XAVIER, ARRUDA FURTADO, AUGUSTO ROCHA, BENTO MORENO,
CARRILHO VIDEIRA, COSTA GOODOLPHIM, DRAPER,
ERNESTO PIRES, FEIO TERENAS, FERNANDO LEAL, HUGO LEAL,
LEITE DE VASCONCELLOS, MAGALHÃES LIMA,
MARTINS CONTREIRAS, MELLO D'AZEREDO, REIS DAMASO, SEQUEIRA FERRAZ,
SILVA LISBOA, TEIXEIRA BASTOS,
THEOPHILO BRAGA E XAVIER DE PAIVA



LISBOA
Deposito da Empreza Editora
29, Largo do Mastro, 30

1883

# ENCYCLOPEDIA REPUBLICANA

# ENCYCLOPEDIA REPUBLICANA

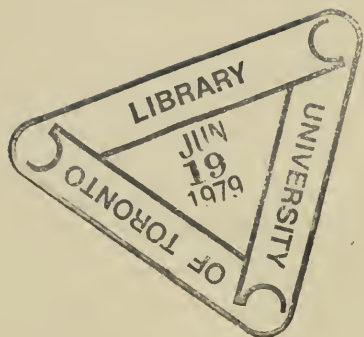
## *Revista de Sciencias e Litteratura*

AO ALCANCE DE TODAS AS INTELLIGENCIAS

COLLABORADA POR

AFFONSO DE SOUSA, ALBERTO BASTOS, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO,
ANGELINA VIDAL, ANNES BAGANHA,
ANSELMO XAVIER, ARRUDA FURTADO, AUGUSTO ROCHA, BENTO MORENO,
CARRILHO VIDEIRA, COSTA GOODOLPHIM, DRAPER,
ERNESTO PIRES, FEIO TERENAS, FERNANDO LEAL, HUGO LEAL,
LEITE DE VASCONCELLOS, MAGALHÃES LIMA,
MARTINS CONTREIRAS, MELLO D'AZEREDO, REIS DAMASO, SEQUEIRA FERRAZ,
SILVA LISBOA, TEIXEIRA BASTOS,
THEOPHILO BRAGA E XAVIER DE PAIVA

LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, R. NOVA DA PALMA, 154

1882

titulo de **ENCYCLOPEDIA REPUBLICANA** envolve o sentido geral da reunião de todos os elementos doutrinarios, scientificos e moraes, sobre que assenta a democracia moderna, vulgarisando-os entre as classes activas que hoje vão tendo consciencia dos seus direitos. Não aspiramos a tanto; se procuramos provocar na intelligencia popular o interesse pelas questões vitaes do nosso tempo, em relação aos que escrevem, importa egualmente corrigir as divagações litterarias subordinando as manifestações do talento a um destino social. É esta mutua convergencia, este accordo entre a acção e a especulação, indispensavel para se attingir qualquer progresso, e o meio mais facil de realisal-o é pela fórma affectiva, de que a Litteratura, na poesia, no drama, no romance, no conto, na biographia, na narrativa historica dispõe dos mais poderosos e extraordinarios recursos. A Litteratura, hoje, é considerada como um dos grandes agentes de transformação social; por ella se vulgarisam as noções e se coordenam as emoções que determinam actos voluntarios; é

por isso que a Litteratura tem uma alta missão nos paizes em que ha uma forte vida nacional. Quanto a nós, fóra dos centros de elaboração intellectual moderna e sem os estimulos da acção pratica, o verdadeiro trabalho civilisador para este paiz consiste unicamente em estabelecer relações com o movimento europeu, fazendo conhecer a summa de ideias novas e de applicações praticas que esses centros põem em circulação transformando o progresso humano de empirico em racional, substituindo a actividade das guerras pela concorrencia pacifica das industrias.

Para um paiz sem iniciativa, nem interesses scientificos, e sem a consciencia da sua profunda degradação politica que aggrava as causas d'esta apathia, qualquer perturbação social que provoque a intervenção da força, não faz senão perpetuar a situação decadente em que a nação se extinguirá pela inanidade; para que a vida acorde n'este organismo é preciso um estimulo, o das ideias, um impulso, o do exemplo, uma tenacidade, a das convicções. É um meio pacifico, mas de um poder invencivel. Tudo quanto fôr o pôr em circulação ideias, generalisar conhecimentos, esse é que é o meio seguro para que uma sociedade se levante do marasmo e recobre a força com que opere a sua propria regeneração. As Revistas são um genero de publicação que pela sua tendencia vulgarisadora se presta á condensação dos trabalhos das capacidades eminentes e ás applicações quotidianas dos methodos scientificos. Está já constituido um grande numero de sciencias subsidiarias da Sociologia; importa que esses elementos circulem, para que insensivelmente se eliminem antigas no-

ções que esses resultados hoje invalidam, como se está vendo em relação aos dogmas religiosos e ás instituições politicas. É o caminho certo da emancipação; os preconceitos do passado luctam contra a renovação do presente, e buscam apoio nas classes atrazadas pelo perstigio dos milagres e das pompas regias. N'esta lucta, o saber é a primeira condição da resistencia, e a educação do povo a garantia do triumpho. É este o espirito que nos traz á liça.

THEOPHILO BRAGA.

## COLLEGA E CORRELIGIONARIO

HONRADO com o lisongeiro convite de collaborar nas paginas da *Encyclopedia Republicana* cumpre-me agradecer a immerecida distincção e affirmar o meu sincero desgosto de não poder retribuil-a, como devia, com o meu trabalho assiduo e dedicado.

Os numerosos encargos que pesam já sobre a minha responsabilidade não me deixam um momento de sobejo para contrahir novas obrigações. Mas, se isso se dá com respeito a uma collaboração permanente, não succede o mesmo com outros auxilios que eu possa prestar a essa utilissima publicação, merecedora das attenções e disvellos de todos os sinceros republicanos.

O fim a que se propõe a *Encyclopedia Republicana* é a mais digna e elevada que pode conceber uma geração illustrada e generosa de escriptores modernos, sequiosos de justiça e progresso, procurando elevar o nivel intellectual da sua patria adormecida. Perante a indifferença e o scepticismo das classes dirigentes em o nosso paiz e a ignorancia crassa dos seus homens d'estado é urgente que os rapazes, os novos, tomem a direcção de um grande movimento de iniciativa particular, completamente extremado dos serviços de chancella official, com que se procure insufflar um novo oxigenio, puro e vivificador, na circulação entorpecida da sociedade portugueza.

É preciso que não deixemos retardar de fórma alguma a acceleração salutar, tão admiravelmente imprimida em o nosso movimento progressivo pela solemnisação imponente do Centenario de Camões, em 1880.

Essas festas grandiosas, exclusivamente democraticas, lançaram incontestavelmente as bases do nosso rejuvenescimento nacional.

Desde então a nossa vida intellectual tem tido um notavel augmento. uma energia quasi desconhecida: as publicações litterarias de toda a especie quasi que duplicaram; as bellas artes sahiram da sua habitual atonia, annunciam-se operas portuguezas, promove-se exposições particulares de pintura, annuncia-se para janeiro proximo a abertura da importantissima exposição de arte ornamental, notavel emprehendimento que honra o nosso paiz.

Para assegurarmos definitivamente a marcha progressiva da nossa civilisação, resta-nos agora não perdermos o raro ensejo do Centenario do Marquez de Pombal. A significação particularmente democratica e anti-clerical que se deve dar a esse acto, contribuiria poderosamente para apressar a sahida do nosso povo do seu longo periodo de inactividade.

Mas o que sobre tudo é urgente é a organisação completa e bem architectada de um vasto plano de propaganda pratica, em que se ensine ao povo, menos instruido, o que elle precisa e deve saber. O conhecimento elementar das investigações da Sciencia, em todos os ramos da actividade humana, é tão necessario ao homem de estado, ao philosopho e ao litterato, como ao artista, ao operario, e ao proprio camponez. Todo o grupo de escriptores reunido para esse fim, toda a publicação editada com esse intuito, torna-se, pois, benemerita da patria e credora do concurso de todos os homens que apostolisam com fé ardente a causa da democracia e da instrucção.

É o caso da *Encyclopedia Republicana*. Por isso, saudando com affecto os seus fundadores, envio-lhes os meus votos sinceros para que encontrem no favor publico a prosperidade e incitamento que merecem os seus esforços louvaveis.

Lisboa, 20 de dezembro de 1881.

A. P. da Silva Lisboa.

---

# Usos funerarios em Portugal

Os costumes populares são os restos persistentes de épocas sociaes e de raças que se transformaram; a sua approximação e comparação offerece uma immensa luz historica, e leva o espirito ao encontro dos processos de desenvolvimento da civilisação humana. Nós cremos na unidade da Civilisação occidental não só pela influencia da incorporação romana, mas porque essa civilisação se basêa sobre um fundo ethnico commum, que se reconstrue pela comparação dos costumes populares, pelas tradições, superstições e cantos nacionaes. Iremos apontando alguns factos. Um anexim portu-

guez diz: «Abril, aguas mil, coadas por um *mandil.*» Com o tempo desappareceu este trajo, e conservou-se a rima, alterando: «coados por um funil». O *mandil* ainda hoje se usa na Corsega, onde se consrvam os costumes das povoações proto-italicas; diz Gregorovius: «As mulheres, na Corsega, trazem o *mandil*, um pedaço de panno de côr que lhes cobre o rosto o qual se põe liso no alto da cabeça, e é enrolado em volta do peito, de modo que se lhes não vê os cabellos. O *mandil* nota-se em toda a Corsega; tem alguma cousa de oriental e de mourisco, mas é aborigene, porque nos proprios vasos etruscos se vêem mulheres com elles.» O *mandil* transformou-se em Portugal; no Algarve é o *rebuço*, propriamente mourisco, no norte de Portugal é o lenço de côres vivas, amarrado na cabeça deixando o rosto a descoberto. O *barrete* ponteagudo, preto ou vermelho, peculiar do homem da Corsega, é ainda usado em Portugal pelos pescadores, campinos e saloios; Gregorovius equipara-o ao barrete phrygio, com que os Romanos symbolisavam os barbaros. e como o trajam os Dacios na columna de Trajano. É tambem frequente no norte de Portugal o carregarem as mulheres grandes pezos á cabeça, e levarem pelos caminhos, quando os objectos que carregam lhes não prendem as mãos, uma roca em que vão fiando; surprehende-nos portanto a observação de Gregorovius «Assim carregadas. ellas levam ainda muitas vezes a roca na mão, e fiam andando.» Esta approximação não é fortuita: é tambem no norte de Portugal que se observa a circumstancia de serem as mulheres que cantam a poesia tradicional, como já Sarmiento notara para as mulheres da Galliza, e tambem o conservarem-se nas provincias do norte os usos funerarios dos *Clamores*, e o jantar funebre dado aos amigos do finado; as cantigas populares ainda fallam nas *carpideiras*, que hoje já o não são de profissão, mas por sympathia compassiva de visinhança.

Estes costumes portuguezes devem estar muito obliterados, porque as Constituições episcopaes. e Accordãos municipaes prohibiam o *bradar sobre finado*, e o dar banquetes por occasião de fallecimento; comia-se um anho, ou cabrito de um anno. d'onde veiu o enojo ou *anejo* em que se acha a familia do morto. Pelos costumes populares da Corsega, em que as mulheres é que cantam os *Voceros* junto do cadaver, se comprehende o costume das mulheres de Lisboa que cantavam em côro dansando junto da sepultura do Condestavel no convento do Carmo, como se vê pelas poesias tradicionaes conservadas pelo chronista Azurara. Gregorovius, descrevendo estas mesmas ceremonias nos costumes actuaes da Corsega, diz: «nas montanhas do interior, sobretudo no Niolo, ellas subsistem na sua força antiga e pagã e parecem-se com as dansas funerarias da Sardenha. A sua rivalidade dramatica e o seu extasis furioso agita e amedronta. São só as mulheres que dansam que se

lamentam e cantam». Gregorovius accrescenta descrevendo essa improvisação dythirambica: «O côro berra a cada estrophe: *Deh! Deh! Deh!*»

Nós não pretendemos levar as comparações até ás analogias imaginosas, mas esta neuma popular ouvimol-a nas lavandeiras de Caneças, povoação dos arredores de Lisboa, na fórma: *Dah! Dah! Dah!*, a qual porventura tem analogias com a euskariana *Etoy*[1], dos cantos bascos, sobretudo de indole funeral. Continua Gregorovius: «Das aldeias visinhas chegam para o enterro os amigos e os parentes. Esta multidão reunida chama-se o *corteo*, ou escolta, ou *scirrata*, e tambem na Corsega se diz: Andare alla *scirrata*, quando as mulheres vão juntas á casa do morto.» A palavra *ensarrado* usa-se ainda no Minho para significar o lucto de familia; e tambem das aldeias visinhas vão os amigos do morto assistir ao enterro, recebendo na egreja um pão, uma vela de cera, e vão depois assistir a um jantar de feijão e bacalháo; é como o *conforto* e a *veglia* da Corsega. Os amigos do morto pagam a leitura de um responso, e foi por esta fórma que a egreja substituiu os *Clamores*, ficando ainda a designação. A generalidade do costume do banquete funerario em povos da antiguidade de differentes raças, prova-nos que este uso pertence a uma camada ethnica proto-historica, que persistiu no occidente da Europa. Diz Gregorovius: «O festim funerario entre os Phenicios, os Pelasgos, os Egypcios, os Etruscos, consistia sobretudo em feijões e em ovos; estas duas comidas são symbolos mysticos da força vital e geradora, activa e passiva, segundo o velho mysticismo oriental e pythagorico. Hoje em dia, na Sardenha ainda em muitos sitios come-se n'estes banquetes feijões e ovos». Estes banquetes funebres são usados em Portugal no dia dos fieis defuntos, em Novembro, e ainda ha poucos annos a população inferior de Lisboa ia passar este dia para os cemiterios onde comia junto das sepulturas as suas merendas. Na ilha de Sam Miguel não se cosinha na casa onde morreu alguma pessoa durante tres dias; as pessoas amigas é que mandam o jantar de fóra, que é sempre tanto, para brindar tambem as pessoas que assistem ao nojo da familia.

Os cantos funebres dos *Voceros*, só têm analogia em os *Fados* portuguezes como o da *Severa* e o do *Toureiro namorado;* o brado, de uso popular, apparece-nos na fórma do *Baladro*, que chegou a penetrar na litteratura, como o *Baladro de Merlin*. A *ballata*, ou

---

[1] A propria dansa funebre na Sardenha chama-se *titio* ou *atito;* a neuma dos Latinos era *atat*, a dos Gregos nas tragedias era *atototoi*, e na Allemanha, como observa Gregorovius, *ahtatata*, é o grito de uma grande dor. No romance popular da *Infantina*, vem a neuma: *Táte, láte*, cavalleiro.

pantomima funeraria acompanhada de canto tivemol-a, como já notámos com relação ás dansas e cantigas na sepultura do Condestavel; esta dansa era prohibida por uma lei de Solon, chamava-se o *lessus*, e as Doze Tabuas puniam o *lessus* como um costume barbaro. Basta-nos esta circumstancia para concluirmos que estas ceremonias funebres pertencem a essa raça asiatica que precedeu na Europa os Arias, e de que os Bascos são os mais completos representantes. Na *Politica* de Aristoteles (liv. IV, cap. 2, § 6), se lê: «Os Iberos, raça bellicosa, plantam sobre o tumulo do guerreiro tantos espetos de ferro, quantos os inimigos que matou.»

A incineração dos cadaveres, ataviados com vestes e joias, era uma ceremonia dos lusitanos e dos gallegos, ou propriamente celtica. Sibelo e Morguia referem-se a urnas cinerarias achadas nos tumulos ou mamôas da Galliza. Como a incineração cahiu em desuso entre os Gregos e Romanos, veiu tambem este costume a decahir na civilisação peninsular sob a influencia d'estes dois povos; Appiano, ao descrever a incineração de Viriato, chama a esse rito funerario *costume barbaro;* Tito Livio, ao descrever as dansas funeraes ordenadas por Annibal em honra de Graccho, chama-lhes *tripudia hispanorum.* Estas dansas, que tinham um caracter sagrado, eram acompanhadas de um canto lugubre, a que Silio Italico, referindo-se aos lusitanos, chama *barbara carmina,* e para os romanos eram tão caracteristicos, que se designavam pelo nome de *Hiberae naeniae,* como se acha em um proloquio latino colligido por Erasmo. Depois dos romanos, a Egreja atacou profundamente os costumes populares prohibindo essas ceremonias primitivas que eram o vinculo moral da familia e da nacionalidade; o Concilio de Toledo, diz: «Prohibimos completamente o cantar Carmes funebres, que o povo costuma entoar aos mortos.» Vê-se portanto que nas linguas vulgares se repetiam esses cantos, alguns dos quaes persistem; Costa, na *Poesia popular Española*, consigna o facto: «Y todavia hoy existen poblaciones á uno y otro lado del Pirineo, donde permanece la costumbre de formar el duelo los hijos, los padres, la esposa, etc., del defunto, y hacer en el publicos extremos de dolor y ponderar las excellencias del defunto.» (Op. cit., pag. 281.) Existe uma profunda differença ethnica entre os povos que enterravam os seus mortos e os que os incineravam; Lubbock, no seu livro *O Homem anterior á Historia*, tenta apresentar esta caracteristica: «Não se pode duvidar que durante o periodo neolithico da edade de pedra enterrava-se ordinariamente o corpo na posição assentada. Em resumo, parece provavel, embora nada possamos affirmar positivamente, que na Europa occidental, esta posição do cadaver caracterisa a edade de pedra, e a incineração a edade de bronze; ao passo que, quando o esqueleto está esten-

dido pode-se sem muita hesitação attribuir o tumulo á edade de bronze[1].»

Os escriptores romanos, que descrevem as ceremonias funeraes da incineração na peninsula, caracterisam-a de costume barbaro, como Appiano e Silio Italico; os romanos estavam já na edade de ferro quando occuparam a peninsula, e por isso condemnavam como nefando esse uso da edade de bronze. Os gregos e os romanos vieram encontrar na peninsula muitos costumes conhecidos, porque eram communs ás raças que os precederam na Grecia e na Italia, e sobre que se formaram as duas nacionalidades.

(Conclue) THEOPHILO BRAGA.

## Ideias e instituições

Um dos mais illustres pensadores contemporaneos ainda não ha muito que formulou esta profunda verdade: «As concepções novas para entrarem na pratica devem vestir novas formas.» Infelizmente poucos são aquelles que comprehendem a precisão d'este pensamento. A maior parte dos politicos desconhece a intima relação que se dá entre as ideias e as instituições, entre as concepções e as fórmas. Por isso, vemos constantemente uma descoordenação insensata entre os principios adoptados e os meios propostos para a sua applicação, o que se explica pelo predominio inconsciente das forças staticas, mesmo nos cerebros mais avançados; é assim que muitas vezes se encontra uma opposição manifesta entre a theoria e a pratica, ouvindo-se a cada passo individuos essencialmente conservadores e auctoritarios dizerem-se republicanos e democratas em theoria, e outros completamente descrentes e atheos defenderem a religião como uma necessidade social, como um freio para conter o desregramento das massas. Estes e outros preconceitos e contra-sensos são um effeito natural do poder da rotina, da lei da inercia, que tem muito maior influencia nas fórmas exteriores, na pratica material, do que no proprio espirito das cousas. É curioso observar-se o que se passa na vida politica; a reacção, a opposição faz-se mais á mudança das instituições, á transformação das formulas, do que aos principios em si. Progressistas e conservadores estão ordinariamente de accordo par-

[1] Op. cit., pag. 107. Trad. Barbier.

tindo de lados oppostos; os primeiros querem a substituição das ideias e acceitam sem difficuldade as formulas velhas; os segundos querem a todo o transe a manutenção das instituições consagradas pelo tempo, muito embora as ideias mudem. Os progressistas só vêem o lado theorico, e os conservadores só o lado pratico. Nem uns, nem outros comprehendem a coordenação natural e a dependencia mutua da theoria e da pratica. É d'este falso criterio que parte todo o desequilibrio social. Os principios politicos e sociaes, geralmente admittidos hoje, e mesmo consignados nas leis, não encontram ainda a sua racional e necessaria applicação no desenvolvimento organico da sociedade; do mesmo modo que formulas indispensaveis exigidas no exercicio das funcções politicas e civis não correspondem por fórma alguma a principios ou a ideias que prodominem no espirito publico. Assim succede a cada passo na sociedade portugueza. Por exemplo, o principio da liberdade de consciencia acha-se estabelecido na lei fundamental, e exige-se o juramento catholico nos actos judiciaes e legislativos e certidão do comportamento religioso nas habilitações para qualquer emprego publico.

Esta incoherencia, hoje tão geral, é que leva entre nós os progressistas e os constituintes a pedirem reformas impraticaveis dentro do regimen monarchico com que transigem, e mesmo muitos republicanos a contentarem-se com a simples substituição do monarcha por um presidente eleito temporariamente, mantendo em tudo mais o systema centralisador de administração que nos rege.

É preciso que os republicanos portuguezes não esqueçam o pensamento de Wyruboff: «As concepções novas para entrarem na pratica devem vestir novas fórmas.» Da comprehensão d'esta verdade e da sua applicação depende o rapido desenvolvimento das sociedades modernas. As formulas e as instituições sociaes devem-se ir alargando, modificando e substituindo á proporção que novas ideias e principios entrarem no dominio da opinião publica. Sem isso o progresso não será uma condição da ordem e a Republica uma fórma politica que equilibre incessantemente as forças staticas e as forças dynamicas.

TEIXEIRA BASTOS.

---

# O Homem das Cautelas

(EPISODIO DA RUA)

O Samuel trabalhava como um moiro do nascer ao pôr do sol e nada lhe luzia: o sustento d'elle, da mulher e dos filhos, levava-lhe tudo. Era realmente uma vida atribulada, de suor continuo,

que o não deixava coalhar um vintensito para negocio, ao passo que muitos mandriões passavam n'um regalo de invejar.

— Nada, isto assim não vai bem; — dizia elle muitas vezes comsigo mesmo — a rapaziada augmenta e eu não tenho que lhe deixar: uma desgraça, uma desgraça, — terminava baixando a cabeça e n'um tom muito triste.

Quando á noite voltava do trabalho punha-se a scismar na maneira de fazer algumas economias; e se manifestava estes desejos á mulher, esta dizia-lhe logo:

— A gente passa tão mal, homem... nem nos chega p'ra comer! A Mariquinhas está quasi nua, o nosso Antonio anda descalço desde que nasceu... é uma miseria de louvar a Deus. Ainda tu fallas em juntar!...

— Pois sim, mas a labutação na fabrica é que não pode tirar-nos os pés da lama.

Um dia, depois de muitos tratos aos miolos, disse á companheira, que amamentava duas creanças gemeas:

— A vida assim é o diabo, Joanna. Ando cá a matutar, e resolvi...

A mulher olhou-o fixamente como a interrogal-o.

Elle continuou:

— Ora... tu tens p'r'ahi ainda esse cordão e essas argolas do casamento, que valem algum dinheiro; vendem-se e eu faço um negocio...

Joanna ficou estupefacta.

Era o unico thesouro que possuia d'outros tempos talvez mais felizes. Fôra o seu unico dote comprado com o proprio suor de muitos annos de servidão. Que lagrimas não derramou ella todo o tempo que andou de casa em casa, aturando os maus modos das patrôas, as offensas, as reprehensões, quasi sempre genios insupportaveis! Foi uma escrava, uma negra, e aquelles tristes objectos de ouro que possuia, se podessem fallar, muito teriam que dizer.

— Que só se desfaria d'elles para acudir a uma grande necessidade — disse ella depois de curto silencio. O marido proseguiu:

— Olha, mulher, a fortuna dá-a Deus ou o Diabo. Bem sei que mercaste aquillo com as tuas soldadas de muitos annos: mas a gente precisa de ganhar a nossa vida e olhar pela sorte d'essas creanças.

— Mas que queres tu fazer, homem de Deus? Arriscar? Olha que os negocios vão maus e está tudo pelos olhos da cara!... Depois andas sempre a comprar cautelas... Bem sabes que se gasta muito dinheiro que era melhor empregar nos nossos arranjos. A gente tem tanta precisão... Credo, nem sei que fazer á minha triste vida!

Samuel passeiava d'um para o outro lado da casa, com a cabeça baixa, pensando.

Era domingo. Ranchos passavam para a missa em ar bem pouco devoto: eram operarios do bairro e familias burguezas. Samuel chegára á janella. Os conhecidos fallavam-lhe: uns desafiando-o «a que sahisse, que viesse reinar um bocado» outros dizendo-lhe «que parecia uma cara de condemnado.» Elle sorria-se ligeiramente, com um sorriso triste, desconsolado.

Depois voltando-se para a mulher:

— Não sei, Joanna. O Thomaz parece um trumpho; o Januario da Linda, renta a olhos vistos, a mulher sempre aceada e os pequenos, ganhando o mesmo que eu. Só c'o suor da fabrica não pode ser. O Anselmo, dizem p'r'ahi que teve uma sorte, e por isso elle berra que é um gosto. O João Evangelista, é o que se vê; o Antonio da Justa, tosca-me a que tem o seu negocio particular que lhe deixa a valer; aliás, não teria amante, nem faria franquezas. Uns deixaram a fabrica quando baixaram os salarios e lá vivem: outros não quizeram mais ser operarios, e d'ahi p'ra cá parece que a sorte os protege. Todos os meus companheiros, afóra eu, o Jeronymo da Canellas, e o Miguel, dizem-me que estão bem. Como isto é, confesso que não atino, com mil raios. Todos vão p'ra diante e só eu fico p'ra traz.

Joanna ouvia-o com serenidade tratando dos pequenos.

— Tem paciencia, homem, não somos só nós os infelizes cá na classe. Eu bem n'os ouço. Olha, a Martha, coitada, queixa-se que o marido ha já duas semanas que não traz a feria; a Michelina, tambem chora lagrimas de sangue por lhe não chegar p'ra nada o ganho do marido, mas lá vai vivendo como eu, graças a Deus. Teremos paciencia, não te amofines, homem.

— De paciencia que viva o diabo; eu é que já estou farto. Precisamos dar alguma volta á vida, e eu tenho cá umas ideias que não devem falhar.

— Se tens alguma cousa em vista...

— Olá se tenho! D'aqui a pouco param os trabalhos da fabrica, segundo já me zumbiram aos ouvidos. Estou cansado d'aquella maldita... sinto-me arrebentado, doente...

— Vê lá, Samuel, se não tens cuidado em ti — acudiu Joanna — olha que eu não tenho mais ninguem no mundo... Será melhor consultar alguem...

— Qual historia, o meu mal é outro.

— Outro?!...

— Pois então? Já t'o disse, mulher.

— Ah!

A pobre creatura pareceu então comprehender o pensamento do marido, e como resignada continuou:

— Se nascemos p'ra viver sempre assim, que lhe havemos de fazer? A gente não tem outro remedio senão acostumar-se.

— Sim, mas é nossa obrigação olhar por essas creanças.

— Tens outra cousa em vista, Samuel?

— Tenho. E tu a repisares! Vendem-se essas cousas que pozeste pela primeira vez no dia do nosso casamento, que de nada servem, e eu metto-me a cauteleiro, ora ahi está.

— Tens cada lembrança... Cauteleiro!

— Bem vejo os outros de relogio e cadeia e corpo direito. As encommendas e os palpites é que se quer.

— Lembra-te d'uma doença, homem.

— Qual doença nem qual diabo! Em ella vindo cá estou. A fabrica é que não pode dar...

— Não faças tolices, Samuel, tem juizo, creatura.

— Não quero saber. Isto é um prego que trago na mioleira.

Joanna ficou pensativa. No seu espirito havia um tropel de ideias contradictorias. O marido insistia pela venda da unica cousa de valor que possuia — o seu cordão e os seus brincos — que desejaria conservar no bahu até morrer. A sahida d'aquelle ouro de casa, era para ella como que o fantasma da desgraça. Aquelle pouco ainda assim animava-a quando pensava pcr alguns momentos na doença, na miseria que esta sempre traz aos pobres que só vivem do seu trabalho. Sentia o coração opprimido e presentimentos vagos a entristeciam. Não poude conter duas lagrimas que lhe correram pelas faces magras, d'uma pallidez de cera. Ella fôra sempre muito arranjada e amiga do seu ninho. Soffreu com resignação de martyr, o genio terrivel d'algumas senhoras suas patrôas. Serviu, porque se achou de muito nova orfã de pae e mãe. Cedo começou na lucta activa pela vida, a ganhar para si e para uma irmãsinha que morreu pouco tempo depois da mãe. Joanna pensou muitas vezes que se o seu casamento com Samuel, — que lhe parecia um rapaz honrado, — não lhe trazia um mundo de venturas, porque eram ambos pobres, dava-lhe ao menos um amparo e protecção, pois que ella não tinha mais ninguem. Ficava satisfeita com a amisade d'um homem que tambem amava, e como nunca foi rica não extranharia os revezes da vida. Era maior ventura o casar do que viver sempre debaixo do dominio dos amos. Agora, comparando a sua situação de mulher casada com a de criada de servir, mas livre de cuidados, tornava-se-lhe difficil assentar definitivamente qual dos dois estados era mais feliz. Tinha um certo amor áquelles objectos, que tomaram as proporções d'uma pequenina propriedade. Toda a sua fortuna estava ali.

No dia seguinte, Samuel, vindo almoçar, foi ao bahu e tirou-os, emquanto a mulher dava um recado a uma visinha do lado. As mãos tremiam-lhe como se commettesse uma profanação. Pareceu-lhe n'aquelle momento que aquillo era sagrado, julgando-se por isso um criminoso. Sentiu-se como o ladrão por alta noite roubando as

alfaias d'uma egreja. Meditou por um pouco. Esteve com o ouro nas mãos, que sentia quentes como fogo; escaldavam. Hesitou... Depois, enchendo-se de coragem, reagiu contra um sentimento de respeito, quasi sagrado, por aquelles objectos da sua pobre Joanna, que julgou n'este instante reliquias santas. Se ella estivesse em casa n'aquelle momento, não se atreveria; era uma barbaridade prival-a do que ella dizia serem os seus «unicos recursos para um momento de afflicção.» Isto aos olhos d'ella, era mais duro ainda, mais cruel. Joanna tivera a ideia de esconder as suas joias do casamento; mas julgando que o marido não mais insistiria, repellindo do cerebro a ideia que revelou, deixou-os ficar. O seu Samuel era bom rapaz. Já elle tinha o cordão e as argolas no bolso, quando a mulher entrou, com ar alegre e bondoso. Samuel córou vivamente, como a creança apanhada em flagrante d'algum pequeno e innocente delicto. Joanna não sabia lêr nas physionomias e não deu pela perturbação do marido. Elle vacillou ainda e esteve proximo a confessar. Como o criminoso que sente o toque nervoso do arrependimento defronte d'um juiz severo que o vai condemnar, assim o operario se achava embaraçado em presença da companheira fiel que sempre o consolou com uma bondade santa.

— Até logo — disse elle depois d'um instante de hesitação angustiosa.

A ideia de que poderia deixar a fabrica e juntar algum dinheiro pelo negocio das cautelas, encheu-o d'animo.

Quando entrou n'uma ourivesaria da rua do Ouro, esteve por momentos a retirar-se e ir entregar tudo á sua Joanna, pedindo-lhe perdão. Nunca a imagem da mulher se lhe apresentou tão viva na imaginação. Viu-a por instantes, com o seu ar meigo e doce, com uma serenidade admiravel, fital-o como a pedir-lhe contas. Elle viu-a sorrir, com as duas creanças ao peito e apertando-as com ternura entre mil caricias e beijos. Depois ella pranteava a sua triste sorte, dando por falta do que lhe custára tantos annos de sacrificios, soluçando, banhada em lagrimas, que escaldavam. Poz sobre o balcão os objectos e ajustou. O ourives disse-lhe o peso. Regatearam. Novamente a recordação de Joanna veiu ao espirito de Samuel como uma cousa importuna. Era d'uma perseguição horrivel aquella ideia! Pareceu-lhe ver outra vez a mulher com a sua pallidez de marmore, a sua magreza excessiva e ao mesmo tempo sympathica, que lhe supplicava de joelhos, pela saude dos filhos, afflicta, que a não privasse do que estava reservado para a doença ou a falta absoluta de trabalho. Depois ouviu-a no auge do desespero, já quando não tinha esperanças, condemnal-o severamente, lançando-lhe em rosto a sua crueldade, chamando-lhe «ladrão, miseravel!» As mãos de Samuel tremiam e o rosto tinha essa expressão amargurada do homem que lucta intimamente. O ouri-

ves, desconfiando do operario pela sua bem manifesta perturbação, disse-lhe «que não comprava».

Samuel sahiu como se nada ouvisse. Caminhava automaticamente, vergado sob o peso das suas ideias oppostas, contradictorias, que se lhe revolviam no cerebro, como apertadas por um circulo de ferro. A figura de Joanna lá ia adiante de si, saltando-lhe da imaginação ás vezes mais distincta, mais perfeita, como a estampar-se n'uma tela lugubre, sombria. Quando já havia andado um bocado, parou; e n'um momento de arrependimento voltou atraz decidido a desistir do seu proposito. Mas a maldita ideia perseguia-o como um ser diabolico e cruel. Um pensamento, saltando como uma faisca electrica do fundo d'um cahos, illuminava-lhe de repente um quadro scintillante — era o do futuro: — outro, sahindo lá do fundo da consciencia como envolvido n'uma sombra negra e abafado por uma tristeza funebre, gritava-lhe que olhasse para a mulher e filhos, pintando-lhe todas as scenas de desolação e amargura do lar — era o do presente — com o malhar continuo na fabrica, com os sorrisos e cuidados domesticos, a alegria passageira, apparente para animar, e a tristeza pungente da falta de meios. O que mais seduzia o seu espirito era o primeiro, de vagos attractivos, mas por isso mesmo provocante. Samuel queria intentar, tocar n'aquella nuvem e fugir á realidade presente. A sua resolução foi inabalavel, decidiu-se. O futuro tambem é real. Entrou na rua Augusta, e lá fez o seu negocio. O metal deu-lhe uma expressão animada, mas passageira: quasi que teve remorsos do que havia feito. — Se não fosse feliz — pensava, a lição seria tremenda. Não confiava já na sorte e a imagem da mulher perseguia-o. Luctou ainda contra certas ideias vagas, esforçando-se por aniquilal-as. Por momentos o quadro scintillante se desfez em fumo que se evaporava. Faltou-lhe instantaneamente aquella crença nas felizes realidades da vida. Viu que o presente era certo, mas o porvir incerto: uma mutação completa no seu espirito que já se não podia conservar indeciso, porque o que *estava feito, feito estava*. Levou muito tempo n'isto e por fim entrou n'um cambista, empregando quasi todo o producto da venda do ouro da sua Joanna, em cautelas da loteria de Madrid. Tinha o cerebro em febre de fogo, e uma certa fraqueza no corpo.

Era meio dia, a hora dos directores geraes e chefes de secretaria. Os transeuntes acotovellavam-se na rua do Arsenal, no gyro das suas occupações quotidianas. Estava um dia triste e sombrio, d'esses dias que nos desalentam, trazendo-nos um mal estar profundo ao espirito que se debate em decepções; uma atmosphera das que mais affectam os organismos sensiveis. Samuel dirigiu-se a um transeunte offerecendo-lhe um *decimo*. Um policia que o observava do angulo d'uma esquina, approximou-se do cauteleiro dan-

do-lhe a voz de «preso». Uma bomba que estoirasse aos pés de Samuel, descuidado, não produziria tanto effeito no seu animo sincero. Foi um choque horrivel causando-lhe um estremecimento geral. Um homem a quem tirassem todo o sangue, não ficaria tão pallido como elle. Uma vertigem estonteou-o e um suor frio lhe assomou á fronte. Faltou-lhe a luz dos olhos e teve de encostar-se á parede para não cahir, levado apenas pelo instincto de conservação que faz o homem agarrar-se a tudo. Depois, passados alguns instantes, reagiu com o policia. Houve um momento de lucta. Havia já na rua grande numero de espectadores, que disfructavam aquella scena impassiveis. Samuel segurava as cautelas, como se toda a sua vida estivesse ali.

—Matem-me—dizia elle—mas não saio d'aqui.

—Anda lá p'ra diante—gritava o policia brutalmente.

No intimo d'aquelle homem dava-se uma lucta medonha. A cabeça cahia-lhe sobre o peito. Tinha a expressão das supremas angustias. O seu unico thesouro estava n'aquelle contrabando que escondia no seio aos olhos de todos, não vendo ninguem.

O rapazio cercava-o, rindo d'aquelle Hercules vencido pela auctoridade, contra a qual já não resistia. Faltavam-lhe as forças e a coragem, vendo n'um quadro instantaneo a sua Joanna e os filhinhos, a fabrica e os seus companheiros do trabalho, estes alegres, aquelles vertendo lagrimas de sangue. Toda a força moral estava perdida, n'um momento aniquilada!

Supplicou em tom commovente que o deixassem, que lhe poupassem ao menos a fortuna que não era sua e que reverenciava com o respeito devido ás cousas sagradas.

—Pelo amor de Deus, senhor—balbuciava elle, rebentando-lhe as lagrimas como uma creança.

—Guarda isso lá p'r'a egreja—respondeu seccamente o policia empurrando-o.

O pobre homem ia arrastado. A garotagem inconsciente tambem se sensibilisou! e alguns sugeitos bem trajados aconselhavam o operario a que «fosse...»

—Obedeça, homem, obedeça que é melhor.

Samuel teve um instante de animo envergonhando-se d'aquella triste scena em que elle figurava, escarnecido talvez de todos. Desejaria antes morrer! O quadro da familia sobretudo é que o contristava: agitou-se n'elle um mundo de pensamentos e preferia a perda total da liberdade ao despojarem-n'o do valor que diligenciava esconder. Como o homem caminhando para o patibulo, assim ia elle precedido dos curiosos e ociosos da rua.

No governo civil tornou a implorar, mas a auctoridade superior respondeu-lhe com um sorriso ironico mandando-o apalpar.

Samuel então, fazendo um esforço supremo, reagiu com todas

as forças da sua alma. Isso custou-lhe alguns mezes de prisão, embora elle repetisse muitas vezes que «prendessem tambem os cambistas, que vendiam de porta aberta a mercadoria prohibida.»

Lá ficou envolvido na engrenagem da acção preventiva da auctoridade.

Joanna, sabendo o acontecido, soffreu um choque violentissimo e cahio doente, com a alma despedaçada. Tudo que havia em casa foi empenhado na miseria.

Sahindo da prisão o operario, achou preenchido o seu logar na fabrica. Procurou trabalho por toda a parte, mas como era em tempo de crise todos lhe diziam «que fosse procurar vida.» Era a expiação do seu desvario. Uma noite, batido pela fome, ouvindo a mulher gemer estendida sobre a misera enxerga, e os filhos a chorar por pão, sahio de casa com a cabeça perdida e foi pedir esmola.

Repellido por uns, insultado por outros, desattendido pelos que passavam, o acaso o salvou de não ser agarrado pela policia por mendigo.

Todo aquelle esforço era inutil para resistir á fome, á miseria, á doença e á morte que lhe assaltavam a casa e lhe foram dia a dia decepando a familia. No fundo do seu abysmo, abandonado á sua fatalidade, repetia muito comsigo:

— Sou tão desgraçado, que todos me olham com despreso.

Passando por uma rua deu com os olhos n'uma taboleta com o seguinte letreiro: *Sociedade Protectora dos Animaes*. Elle submergido nos seus pensamentos, disse:

— Se eu fosse um cão ainda me trariam p'r'aqui. Com esta figura de gente, nem já o esfola dava por mim um pataco. Agora, só, n'este mundo, não tenho mais do que arrebentar ahi p'ra um canto!

Reis Damaso.

---

# Biographias

## I

### Manuel Fernandes Thomaz

Cabe-n'os a honra de abrir esta secção onde os vultos mais notaveis da democracia portugueza, vão ter logar condigno aos seus gloriosos feitos em favor da patria e da liberdade.

Não queremos nós, republicanos, privilegios entre os vivos, mas forçoso é que os admittamos entre os mortos; condemna-

mos os grandes, os patriarchas cá na terra e a consciencia diz-n'os que alevantemos bem alto, em os escudos populares os grandes e os patriarchas da liberdade, da sciencia, do trabalho, do civismo, os homens honrados, os profundamente crentes na fé da regeneração social.

Pois seja assim. Demos logar primeiro, n'esta galeria que nos cabe começar, ao enorme vulto do notavel conspirador que, de 1818 a 24 d'agosto de 1820, soube minar nas trevas o poder dos senhores por *direito divino.*

Biographemos os mortos que melhor souberam transformar em planos ridentes os escalvados montes que o velho regimen quiz por trincheiras; biographemos aquelles que mais apagaram as sinistras projecções dos seculos preteritos, onde o terror estrangulava a consciencia publica, em favor dos que tinham lanças e espingardas com que decretavam em nome do direito de conquista, como o corsario com mais risco e mais lealdade se impõe em nome da força. Biographemos aquelles que atravez de mil perigos, jogando a cabeça e a familia, souberam lançar a semente da liberdade onde tinham raizes bem entrelaçadas os castellos roqueiros dos velhos suseranos.

*
* *

Estamos ainda á beira de um tumulo que ha pouco abriu a garganta implacavel para levar ás entranhas da terra o ultimo dos revolucionarios de 1820.

Ainda vemos o cadaver do venerando Basilio Alberto de Souza Pinto, aquelle que no memoravel congresso constituinte de ha sessenta annos, proclamou o livre pensamento sendo o primeiro pela lei sobre liberdade d'imprensa; ainda estão quentes as cinzas do derradeiro d'aquella centena de heroicos patricios, que tinham de cumprir um juramento sagrado recolhido por Fernandes Thomaz, e que este prestára em nome da patria e da humanidade offendida, aos clarões *sombrios* das chammas que reduziram a cinzas, depois de garrotados, os infelizes conspiradores de 1817. Ainda soluça a familia liberal porque perde a reliquia da ultima geração de valorosos cavalleiros pelas modernas soluções sociaes, por isso á beira d'aquelle tumulo, no meio do luto da patria nos suggeriu prestar humenagem á memoria de Fernandes Thomaz, primeiro chefe, com Ferreira Borges, do movimento mais glorioso da nossa historia liberal.

*
* *

Com Fernandes Thomaz abrimos a galeria dos democratas de ha mais de meio seculo, de quem podemos colher bons exemplos e ensinamento. Geração nova, mal pensamos o que custou a nos-

sos avós a herança da liberdade que d'elles recebemos. Livres do *Juizo da inconfidencia* ainda se nos afigura distante o advento da Republica, sem nos virá mente que os campos da democracia bem ferteis ficaram com o sangue dos luctadores da ultima geração. Engano evidente o nosso. Mais um pouco, uma pequena lucta entre povo e rei, entre republicanos e conservadores, e então se provará que já não podem valer as *Santas Allianças*, que já não pode haver convenções de Gramido que prestem, nem duques da Terceira que salvem.

Os homens de 1820 disseram a Beresfort, quando com procuração de um rei mau e estupido vinha intervir nas coisas populares, que *a nação tinha reivindicado os seus direitos*; e o governo da revolução obrigou o ousado inglez a retirar-se em 24 horas: pois agora nem um Beresford, nem a altiva Inglaterra, nem a catholica Hespanha, nem paiz algum tentaria deixar os seus revolucionarios vir para aqui apasiguar os nossos. A Europa caminha toda para a Republica; Portugal, quer queiram quer não queiram os conservadores, quer queira quer não queira qualquer Luiz, qu er os governadores empreguem a força e a astucia—obedece á lei e segue o movimento, felizmente, sem vergonha da civilisação.

O amor da patria, tantas vezes provado, soube dizer pela bocca dos bacamartes ao invasor d'Italia e Portugal, ao vencedor de Marengo e Austerlitz que nem os sapatos broxados dos seus exercitos, nem as espadas dos seus capitães podiam domar um povo que tem direito á liberdade, como do alto da tribuna o benemerito congresso de 1820 soube dizer: «soberania reside essencialmente na nação, Esta é livre e independente, e não pode ser patrimonio de ninguem.»

É d'aquelle que primeiro iniciou o movimento para a gloriosa revolução de 24 d'agosto, de Manuel Fernandes Thomaz, que no meio do terror dos cadafalsos e das fogueiras promovia a conspiração que mais tarde nos alevantou aos olhos do mundo inteiro, de que vamos fallar.

É elle o primeiro quadro da galeria, e bem o merece.

Relevem-nos a ousadia da apresentação.

(Segue) FEIO TERENAS.

---

Um dia a Iniquidade, a indomita megera,
Sonhou acorrentar e dominar o mundo;
Saiu do seu covil esqualido, profundo,
— Vibrante de rancor, de sensações de fera.
Á Paz, ao Bem, e Amor e Luz declarou guerra;
Forjou a Tyrannia, eqúleos e atras leis:
Vencia em breve tudo, e triturava a Terra
Sob o carro triumphal dos Padres e dos Reis!

XAVIER DE PAIVA.

# O atrazo mental

## NAS NAÇOES CIVILISADAS

É grande, sem contestação, o desenvolvimento actual da civilação europea e americana, devido ao espontaneo numero de progressos scientificos e industriaes realisados nos ultimos seculos, mas não nos devemos esquecer que é bem diminuta a parte da humanidade que se levantou até esse grau de superioridade relativa, tomando a dianteira na marcha evolutiva e perfectivel das sociedades humanas. A area occupada pelos povos que são o verdadeiro fóco da civilisação é talvez a vigessima parte da superficie solida do globo e o numero de habitantes que compõem a guarda avançada dos progressos humanos é egualmente limitado. Mesmo entre os povos mais avançados a maxima parte da população conserva-se n'um estado muito inferior de desenvolvimento mental, pouco ou nada differindo do atrazo intellectual dos selvagens. É uma fracção diminutissima o grupo escolhido que fórma realmente um completo contraste com o estado rudimentar das tribus africanas e australianas. Apenas uma centessima parte dos habitantes da terra póde de direito reclamar a qualificação de civilisada, e note-se bem, incluindo n'este numero muitos individuos que não se desligaram ainda completamente de preconceitos e superstições das épocas primitivas.

É geralmente motivo de riso, e até mesmo de duvida, o facto comprovado por innumeros viajantes e missionarios, de que os pretos da Africa fabricando os seus deuses, os seus fetiches de pau, pedem-lhes favores e protecção, reprehendem-nos, ameaçam-nos e castigam-nos quando os seus desejos não são satisfeitos; no emtanto ainda entre os povos civilisados se encontram vestigios d'este estado primordial da religiosidade.

Mencionaremos um exemplo que nos foi narrado ha pouco tempo por um nosso amigo, testemunha ocular do facto: Ha em a nação visinha, na provincia das Asturias, um pequeno povo de pescadores, pobres e miseraveis, que todos os annos em 29 de junho festejam S. Pedro, uma velha estatua de pau, que se conserva n'uma capella a poucos passos de Piavia. Durante todo o anno os habitantes d'esta localidade vão frequentes vezes á capella pedir ao santo que lhes proteja a pesca e lhes conceda toda a ordem de favores; mas o pedido é acompanhado de promessas e ameaças para mover o animo interesseiro de S. Pedro ou para lhe arrancarem pelo medo o que elle de bom grado não quizesse ceder. Assim se durante a pesca se levanta de repente uma tempestade, as familias

dos pescadores, que andam no mar largo, correm em grandes chôros á capella e atordoam os ares com ameaças ao santo para elle lhes trazer a são e salvo os seus maridos, os seus filhos, os seus parentes. Se o máu tempo se prolonga e os pescadores não podem sair ao mar, lá vão elles ameaçar S. Pedro para que lhes dê bom tempo. Se falta o peixe, se a pesca se torna insignificante, o pobre do santo tem de providenciar, quando não... no dia da festa paga tudo por junto. Chega o dia 29; põem o santo sobre um andor e em procissão solemne, acompanhada por todo o povo de Piavia vestido com os seus trajes de gala, pelo clero, por musicas e foguetes, etc., dirigem-se todos para os lados do mar; á frente do andor vae um homem espadaudo, de fatos carnavalescos, manejando um enorme sabre com movimentos de antigo tambor-mór e com esgares ridiculos. Chegado o cortejo ao estremo do seu gyro, á beira-mar, depõem a imagem no chão, e então começa o povo a formular em alta grita as accusações, as faltas que imputam ao santo, uns a morte do pae, outros a morte de um irmão ou de um filho, ainda outros a perda do barco ou qualquer transtorno soffrido durante o anno.

A cada accusação o homem do sabre descarrega valentes golpes sobre o pobre S. Pedro; se o povo acha que é pequeno o castigo pede em brados atroadores maior sova que de ordinario faz saltar algumas hastilhas da imagem, e por fim ainda exige que lhe dêem um ou mais mergulhos; n'este caso atam uma corda ao pescoço do santo e atiram-o ao mar, uma, duas ou mais vezes. Em seguida tornam a collocar a imagem sobre o andor cobrem-no de flôres e a procissão recolhe á capella com a mesma solemnidade comica com que saiu.

Aqui têm um exemplo bem vivo de fetichismo, similhante ao fetichismo das tribus africanas, na nossa peninsula e que prova o estado de atrazo mental em que ainda se acha actualmente a maioria do povo mesmo nas nações civilisadas.

TEIXEIRA BASTOS.

---

## Origem provavel das religiões

Em meio dos grandes problemas da vida e da morte; em frente do terror do ignoto, e da consciencia da inopportunidade das averiguações sobre assumpto tão ermo de phases elucidadoras, o espirito acanhado das sociedades infantis creou o ideal divino, com todo o seu cortejo de inepcias ignaras e prejudiciaes.

Comprehende-se sem esforço algum o terror, a admiração vaga,

a curiosidade receiosa que invadiu os primeiros seres humanos em face dos esplendores de uma flora e fauna em todo o vigor da sua superabundancia luxuosa e viridente. O sol que lhes destendia os musculos entorpecidos pelo frio e desabrigo das noutes hibernicas; a chuva frigida e torrencial dos climas ricos, coando-lhes no corpo o desalento e o soffrer material; as esplendidas manifestações tempestuosas da electricidade athmospherica, as vibrações asperrimas do ribombar do trovão; os tons poeticos e vagamente melancolicos que os raios da lua imprimem ás paisagens outomnaes deviam actuar-lhes no systema nervoso do modo mais energico e extraordinario. Foi sem duvida dos diversos modos de ser das manifestações naturaes que brotou a utopia da religião, que partindo da latria, devia terminar no monotheismo puro. O atrazo do intellecto das gerações primarias, como os perigos que as rodeavam constantemente, sobretudo durante as horas nocturnas em que as feras sahiam a atacal-as, deram-lhes naturalmente o horror da sombra e a gratidão da luz. D'aqui partiu a adoração do Sol, peculiar a cada raça, reproduzida em todos os povos em dados momentos de recuada historia. Mais tarde a descoberta do fogo, por um meio que é ignorado de todo, despertou-lhes no cerebro a idéa da comparação, e os foi conduzindo a cogitações que muito significam relativamente á sua imperfeição mental. O lume produzia resultados identicos ao Sol; mas tinha a vantagem de perpetuar o calor, e afugentar o inimigo durante a noute: o fogo era pois a imagem do bem, como a treva era a factora do mal. Todavia o Sol occultava-se por vezes durante o dia, e periodos de desolação se lhe seguiam, durante os quaes as fructas minguavam, e os arvoredos gigantescos escondiam a côma entre as neblinas humidas, que similham o crépe luctuoso da natureza. E então o homem prosternava-se, e na sua ignorancia aterrada, lançava pelo espaço os gritos guturaes da linguagem imperfeita que deviam usar.

Era o egoismo, era o terror do ignoto, era acima de tudo o instincto da conservação que o impelliam á prece.

Como porém nem sempre havia Sol, transportou-se, ou antes evolou-se á adoração do astro creador, e breve vemos entre os selvagens a adoração do fogo.

Estava pois lançado no espirito humano o germen dos futuros theologismos. Se porém procurarmos em todos os povos o ideal primitivo da religião, achamol-a invariavelmente representando o Bem pela luz — o Mal pela sombra. O Mar e Arimane — entre os antigos magos; *Osiris* e *Typhon* — no Egypto; *Ormurd* e *Ahriman* — na Persia; *Witriliputrili* e *Tescalipuca* — no Mexico; *Pachacamac* e *Cupai* — no Perú; o *Sol* e o *Tova* na Florida, etc, provam abundantemente a idéa que todos os povos hão ligado aos dois factos puramente naturaes da visibilidade ou ausencia da luz solar.

A chegada da primavera festejava-se no Egypto por festas estrondosas, bem como se lamentava publicamente a passagem do Sol para o equinoxio do outomno. Ainda hoje na Persia se consagra o equinoxio primaveral, por uma festa a que chamam *Naurus*, e que dura oito dias consecutivos.

Do facto da adoração do Sol, e mais tarde do fogo que lhe era idéa ligada, brotou o facto da sociabilidade, como consequencia natural. Em volta da chamma se agruparam pouco a pouco os seres humanos dispersos pelas mattas gigantescas, e lentamente se embrenharam no labyrintho das descobertas e investigações. Qual não seria o seu espanto quando ao approximarem do lume o animal que haviam supplantado na lucta pela existencia, conheceram a differença na agradabilidade da refeição?

Sem duvida que o mais poderoso factor do progresso mental e material da humanidade, ha sido o fogo. Por elle diligenciou o homem comprehender-se, e levado pela necessidade inventou a linguagem; por elle lhe occorreu a vantagem da sociedade, por elle ainda o principio da religião que devia agrupal-o em familia, em tribus, em nações.

E tão arreigado ficou no espirito humano o effeito d'esses ideaes primarios, que em todas as civilisações, ainda as mais avançadas vamos achar-lhe vestigios; tal é a influencia da hereditariedade! Penetrando n'um templo de qualquer crença theologica que seja vereis a luz como primeira necessidade dos seus ritos.

Mesmo no christianismo, que significa a lampada do sanctuario, os cirios da Paschoa, a profusão de luzes que adornam os thronos dos novos idolos? Porque se não prescinde das tochas em frente do cadaver? Porque se illuminam os grandes factos da vida como o matrimonio, o reconhecimento de um membro social, as profissões?

É sem duvida a gratidão pela luz, o reconhecimento pelos beneficos effeitos do fogo, que transmittidos de geração em geração se manifestam hoje inconscientemente.

Em virtude dos effeitos da linguagem, o homem que existira no estado selvatico, começou a dulcificar a natural animalidade do seu caracter n'aquelles obscuros periodos.

Pouco a pouco foi sentindo necessidades até ali ignoradas, e pela mesma fórma foi procurando satisfazel-as.

Então, assim como reconhecia necessidades externas, assim as suppoz no ideal que creara. Alegrava-o o ruido; commovia-o o pranto; talvez que o Sol, o Fogo, a Treva, a Noute assim fossem tambem. Inventou-se então o culto externo, o rito, imperfeito, sensual e grosseiro, mas que devia ficar até á extincção da raça humana, porque os seculos transformam e aperfeiçoam, mas não destroem nem aniquilam

Os catholicos que incensam os seus altares; os livres pensado-

res que alinham as suas procissões civicas; os musulmanos que se prostram nas suas mesquitas; os hebreos que se flagellam em face do tabernaculo; os protestantes que se curvam perante a cruz, estão apenas imitando aperfeiçoadamente o homem rudimentar que pela vez primeira fez uma momice qualquer em honra da luz que o extasiava, ou da treva que lhe apavorava o espirito...

E assim se explicam, segundo nos parece, as *idéas innatas* do theologismo e da metaphisica escolar. A creança que ergue o olhar ingenuo ao ceu, não pensa decerto em *deus*, procura a claridade que a deleita, o que facilmente se reconhece pela fixidez com que ella fita uma luz qualquer que lhe fique ao alcance da vista.

Sendo o cerebro humano producto de causas internas e externas, como se prova scientificamente, claro é que as primeiras impressões recebidas devam ter grande parte no seu desenvolvimento. Transmittidas essas impressões pela hereditariedade, modificadas pela acção climatologica, influencia de meio, e condições de existencia, podem tomar direcções mais positivas, dimensões mais sensatas, mas teem inalteravelmente o ponto de partida no pensamento primitivo.

Tal se nos affigura fosse a causa primaria do ideal divino, que mais tarde devia ser aproveitado utilmente em prol do progresso, depois como assassino da razão, como carrasco dos povos, como o mais ignobil estorvo aos progressos do espirito humano.

ANGELINA VIDAL.

---

## Divagações

A Morte, essa mulher de labios hirtos
Faz pulsar nas arterias o meu sangue;
O sepulchro é p'ra mim de verdes myrtos
E a Morte attrae-me o coração exangue.

Aperta-me em seus braços regelantes,
Arrasta-me aos espaços luminosos,
Onde passam os mundos deslumbrantes,
Os astros esplendentes e formosos.

E se esta alma de lá, cheia de vida,
Enxerga a terra outr'ora idolatrada,
Vê-a inerta, sem luz, arrefecida,
Como um cadaver que desceu ao nada.

Então a Morte, erguendo a voz dolente,
Diz-lhe, apontando o Sol na immensidão:
—«Curva a fronte aos seus pés, ó impotente
«Que é elle o rei de toda a creação.

«Eu que arremesso ás boccas esfaimadas
«Dos tumulos, os lirios perfumados,
«Das donzellas as carnes delicadas
«E dos velhos os membros congelados;

«Eu que esmago nas mãos as esperanças,
«Todas as illusões da Humanidade;
«O sorriso vermelho das creanças,
«As phantasias vãs da mocidade,

«Não posso erguer meus olhos, côr da terra,
«Até fitar seus raios deslumbrantes!
«Eu não sei que mysterios elle encerra,
«O Sol, o rei dos astros fecundantes!

---

E a minh'alma, escutando attentamente
Aquella voz sinistra, sem pavor,
Ergue seus olhos puros, docemente
E no Sol reconhece um creador.

Ernesto Pires.

---

# O centenario
DE
## SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO
### MARQUEZ DE POMBAL

Ha tempo, logo depois da commemoração civica do tri-centenario de Camões, quando vibrava ainda na grande alma popular a grata recordação d'essa festa triumphal, aventou-se a nobre idéa de solemnisar condignamente o primeiro centenario do illustre homem de Estado, cujo nome gloriosa synthetisa a condemnação de dois factos que teem conturbado o paiz nos ultimos tempos — a invasão dos jesuitas e a criminosa subserviencia ás imposições da Inglaterra.

O Grande Oriente Lusitano, tentando dar um publico testemunho de que no seu organismo existe ainda um sôpro de vida consolador, apressou-se a corresponder á corrente da opinião. Reuniu e resolveu commemorar por modo significativo a data escolhida para a glorificação posthuma do edificador da moderna Lisboa.

Tal e tão patriotica resolução, tomada pelos *pedreiros livres*, beliscou a santissima orthodoxia de um descendente idiota e degenerado de Sebastião de Carvalho e Mello, o qual publicou em o jornal catholico *A Nação* uma seraphica epistola em que espectorava

a sua indignação sorna de jesuita cachetico. Como que atacado da dansa de S. Vito, o beato declarou e protestou perante o mundo christão que não consentiria na manifestação feita por aquelles precitos e excommungados... E os manes do athleta, para quem as futeis convenções e os falsos prejuizos eram debeis liames que elle despedaçou sem o minimo esforço, se não fossem apenas o producto de poetica phantasia, sentir-se-hiam corridos de vergonha do procedimento abjecto do homem que por hallucinação religiosa não trepidou cuspir uma negra affronta nas mais gloriosas tradições legadas pelo seu maior!

Ponhamos porém de parte a epistola indignada do hieratico fidalgo; porque não será o chocho escripto, nem o de todos os seus congeneres, se a elles aprouvesse seguir o exemplo, que poderão obstar a que o paiz salde a sua divida de reconhecimento, como o governo obnoxio de então não poude obstar ao pagamento d'essa outra contrahida ha tres seculos para com a memoria immortal do epico cantor das nossas glorias.

A grande festa deve realisar-se, mas não com o só concurso d'esta ou d'aquella classe; deve sel-o com a consagração de todos os homens animados d'um altruismo são, abrilhantada com a assistencia e o enthusiasmo de todo o paiz pelo qual Sebastião de Carvalho e Mello batalhou, errou e soffreu. Sabemos que algumas familias sentir-se-hão alancear de recordações lugubres ao vibrar-lhes no coração os eccos da manifestação nacional; porque muitos dos seus antepassados succumbiram á perseguição e á vindicta do rigido estadista.

Respeitemos o seu lucto e a sua dor. Mas não seja isso obstaculo ao intento, pois que nos demonstra a analyse rigorosa dos factos e o estudo desapaixonado da época em que occorreram, que, para o austero reformador conseguir a regeneração e alevantamento da patria, foi-lhe mister passar o seu carro triumphante por sobre um montão de cadaveres e molhar em sangue a penna que lavrou os decretos que ainda hoje nos assombram pela sua previsão e audacia. Ainda assim os que houverem de escrever ácerca de Sebastião de Carvalho e Mello não se devem deixar cegar pela luz que irradia do heroe, que tal não seria fazer a historia e a critica dos factos; seria tecer um panegyrico imbecil de chronista fradesco.

É preciso que vejamos sempre o verdugo na pessoa do homem intemerato, animado de um espirito forte, innovador, com as scintillações extranhas d'um semi-deus; que descubramos a face do algoz cruelissimo no estadista corajoso, da tempera do aço, o qual, tão sómente escudado na passividade d'um rei de opera-comica, reconstruiu Lisboa — tornando-a mais bella, magnificente, sobretudo mais moderna, — a cidade que um cataclysmo horroroso quasi reduzira a um montão de ruinas; que atacou de frente as exorbitan-

tes prerogativas da Egreja, atacou o ominoso tribunal da Inquisição e decretou a expulsão dos jesuitas, desnaturalisando-os, compellindo-os a abandonar o reino n'um curto praso de tempo; que aboliu a escravatura na metropole, e a absurda e sangrenta distincção entre christãos velhos e christãos novos; que reformou a Universidade, creou escolas e academias, secularisou, ampliou e melhorou a instrucção publica, até então acommodada e viciada ao sabor dos jesuitas; que imprimiu salutar incremento á prosperidade das colonias, á organisação das companhias commerciaes da India e Grão Pará, da de vinhos do Alto Douro e da do Compromisso do Algarve; que protegeu e estimulou a agricultura, a piscicultura e a industria nacionaes; que reformou a marinha, o exercito e a justiça; que se oppoz constantemente, altivo e vibrante de nobre patriotismo, contra as tentativas egoistas e traiçoeiras dos inglezes, costumados a humilhar-nos, a tutelar-nos, levantando o nivel moral e intellectual da nação, tornando-a digna e respeitada aos olhos da Europa assombrada da virilidade de espirito, da capacidade governativa, da tenacidade inquebrantavel, da audacia heroica, da vista de aguia do grande, do integro estadista portuguez!

A festa civica de homenagem á memoria do reformador não será tão ternamente sensibilisadora, tão compacta e unanime como a que ha quasi dois annos realisámos como consagração de respeito, gratidão e amor á palpitante memoria do ingente poeta. A obra de Carvalho e Mello é apreciada por nós e pelos que nos visitarem, e parte d'esse trabalho colossal foi-se desmoronando pouco a pouco depois da sua queda, por causa dos erros das dynastias que succederam á de José I, e seus estadistas de pechisbeque. A obra de Camões é eterna como a luz; todo o mundo a admira, todos os povos a conhecem e reverenceiam o seu immortal auctor. Se Portugal desapparecesse do mappa das nações e o seu idioma se obliterasse, os *Lusiadas* ficariam transplantados nas litteraturas das nações mais cultas. De resto Camões tem direito á nossa sympathia como homem e como cantor; Pombal apenas como estadista.

Mas a commemoração é um protesto energico e vibrante contra os que, por interesses particulares, esquecem as leis e os exemplos do que sendo um tyranno tanto trabalhou para a liberdade; e por isso o partido republicano, que se assignalou na apotheose camoneana por actos de nobilissimo civismo, não pode nem deve regatear o seu concurso á solemnisação do centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello, porque seria negar-se a sanccionar o duplo protesto que em tempo levantou ousadamente e fez reboar por todos os angulos do paiz.

Xavier de Paiva.

# O meu primeiro dia em Paris

Eram apenas 7 horas d'uma bella manhã d'agosto — 1880—, quando o meu excellente companheiro me chamava ao restaurant do hotel, para saciarmos o appetite, tão aguçado pela viagem da tarde anterior. Depois de me deliciar nas esplendidas paizagens do canal de Southampton e da ilha de Wight, havia-me surprehendido a perspectiva soberba do Havre, e sobre tudo os formosos e variados panoramas, que se nos desenrolam no trajecto d'esta cidade á capital da França. Agora ia conhecer a vida intima d'este centro da moderna civilisação: dominava-me pois um extraordinario contentamento.

Sobre o mappa, o meu nobre amigo indicava-me o itenerario, dizendo por fim: «eis a sua romaria, e á noite no Palais Royal me dará conta das primeiras impressões.» No fronteiro square Montholon e já assentado no caleche, recebia-lhe um aperto de mão ouvindo-lhe ordenar ao cocheiro: Subi a rua Lafayette até ao boulevard de Magentas, e em seguida conduzi este senhor á praça da Republica.»

—É a estatua provisoria que serviu para a festa do 14 de julho,— me dizia o cocheiro-cicerone, ao torneal-a em modos de continencia. Não foi a adoração idolatra que em mente lhe dirigi, mas com o mais profundo acatamento saudei alli a França republicana, democratica, liberal e cosmopolita, que aos meus olhos como que apparecia agora personificada n'aquelle monumento.

Pouco depois divisava no solo, os marcos delimitativos da horrivel Bastilha. Oh! como que a imaginação me evocava as innumeras tragedias representadas n'aquelle palco de nefanda memoria. Parecia-me ver surgir os espectros das victimas do despotismo, em torturas, ou jazendo nos carceres tenebrosos. Mas tambem me pareceu então presencear o heroismo com que o povo, electrisado pela voz do joven Camillo Desmoulins, atacava os suissos e derribava n'algumas horas os baluartes do velho mundo, mostrando como o seu braço é bem mais forte que as couraças com que se protege a tyrannia.

Semi-absorto contemplava este santuario da santa Democracia que em breve avassalará o mundo, quando dei com os olhos no anjo reluzente da Liberdade, que sobremonta a columna de julho, alli mesmo erguida, da Liberdade que aquelles martyres haviam conquistado outra vez em 1830, indo depois alcançal-a para a Belgica, e mais tarde para Portugal.

Lembrara-me então que talvez nas campanhas da liberdade portugueza, alguns dos que se bateram nas *jornadas de julho* houves-

sem espingardeado o absolutismo, ao lado de meus maiores que tanto me fallaram dos francezes na minha infancia. E foi assim impressionado que subi ao capitel da columna para gosar do magnifico panorama que nos apresenta a grandiosa cidade.

—Ao faubourg S. Antonio e em seguida ao Pantheon, disse para o cocheiro. Tenho de reverenciar-me ao pé da lapide commemorativa do martyriologio de Baudin, e quero concentrar o meu espirito ante os tumulos d'esses dois genios que illuminaram a humanidade, Rousseau e Voltaire. E depois de ter amaldiçoado, junto á memoria d'uma das victimas, esse crime nefasto que a historia denominou— o 2 de dezembro —entrei as catacumbas da Revolução, onde o guarda começou por me apresentar a surpreza do ecco muitas vezes sob as abobadas repettido, para fazer jus á gratificação d'alguns *centimos.*

Que admiração não foi a minha, ao divisar por toda a parte os tumulos de mediocridade que não tinham outros titulos á recommendação da posteridade senão os que alli lhe gravaram:—bispo conde, barão ou general do imperio! Quando deixarás tu, França, de ser grande até na propria puerilidade?!

Invoquei os manes do author do *contracto social*, accrescentando: o teu Emilio alegrara o meu espirito e guiou a classe educadora da humanidade. É uma dupla homenagem que te venho consagrar como homem e como professor: tu fizeste-me cidadão e mestre.

O' amigo dos opprimidos, quão rudes e certeiros golpes não vibrastes na superstição e na intolerancia?! Sim, Voltaire, tu disseste — *ecrasons l'infame* — e a tua voz repercutiu-a a sciencia. Aquella *bella festa* que os novos haviam de gosar e tanto lhes invejavas, chegou já na primeira phase, a violenta, e chamou-se Revolução; está-se realisando na tranquilla, e denomina-se, Evolução. O teu riso desdenhoso foi o stygma destruidor de todos os abusos e de todas as iniquidades do velho mundo; bem hajas, propugnador da justiça.

Tinha realisado a minha communhão espiritual, podia pois instruir-me e recrear-me. Para o Luxemburg pela rua do abbade l'Epêe cuja gloria no ensino dos surdos mudos, pertence antes a uma victima da inquisição portugueza — Jacob Rodrigues Pereira.

A agglomeração de povo no começo da rua aguçou-me a curiosidade; despedi o cocheiro e entrei n'uma sala enorme do edificio contiguo á Escola de Minas. As Bandeiras entrelaçadas, e seguras por placas contendo as letras — R. F. — enfeitavam o recinto exterior; como o estrado da meza e as paredes. Quasi logo, o presidente, *maire* de arrondissement, 6.º, faz signal e um individuo empunhando a batuta, colloca-se-lhe na frente. Dois lazaristas saem arrebatadamente, algumas irmãs da caridade lançam-se aos fauteuils, as centenas d'espectadores erguem-se, fazendo como por encanto

o mais religioso silencio. Cerca de 500 creanças, com a sua voz angelical, soltam as sublimes melodias do hymno da liberdade.— a Marselheza. Aquella expressão enthusiastica, de que só são capazes os francezes; a doçura das notas e o precioso do pensamento contido na letra, impressionaram-me de tal modo que me senti tambem creança—os olhos, permitti a confissão, arrasaram-se-me de lagrimas.

Era a distribuição de premios mais imponente a que em minha vida assisti. E todas ellas se fazem com grande esplendor, porque entram no *plano geral da educação do povo para a Republica*, como me dizia uma distincta professora, discipula da illustre Pape-Carpentier.

Pouco depois, n'um dos vapores corria eu o Senna até Passy, admirando ainda especialmente a perspectiva das Tuilleries, do Trocadero e Champ de Mars, onde se effectuara a ultima exposição. Foi no regresso que tive pela primeira vez occasião de conhecer a actividade caracteristica, a physionomia alegre, expressiva e intelligente dos operarios parisienses, que já voltavam de Grenelle e Autenil, os bairros industriaes, para os seus lares no faubourg S. Antonio e adjacentes.

A' hora aprazada, no Palais Royal, onde os grandes revolucionarios planearam a derrocada das velhas instituições e os grandes traidores a queda da primeira republica, exhibia o meu contentamento sem me importar quasi com a bella luz electrica que abrilhantava o jardim. E o meu nobre amigo pretendia ver no meu enthusiasmo e procedimento intimas relações com os actos de devoção religiosa. Sim. senhor, lhe respondi logo: O homem religioso, guiado pela fé invoca a estatua do seu heroe dominado por um interesse qualquer mundano ou celeste e não hesita em ir praticar em nome de Deus talvez o crime.

Nós, os sectarios d'esta nova religião da sciencia tambem somos devotos, respeitamos os nossos martyres, e invocamos a sua memoria, para melhor praticarmos o bem que é o cumprimento dos nossos deveres.

Temos por dogmas—liberdade egualdade e fraternidade—e aceitamos como rito apropriado—a republica. Eis os principios com que procuramos realisar a nossa felicidade particular, contribuindo proporcionalmente para a felicidade commum.

Lisboa, 20 de dezembro de 1881.

M. J. Martins Contreiras.

## Portugal e a Nova Idéa

Ó velho Portugal! paiz de fama escripta
Nas fortes vibrações d'um livro heroico, ingente,
Um geographico espectro és hoje só! demente,
Cariado e imbecil como um gasto sedomita!

Leão peninsular! ergue-te altivo e fita
A estrella que offuscou o brilho do Crescente;
Deixa de ser o Mario europeu — no Occidente
Chorando á beira-mar, como nação proscripta.

Enebria-te o rumor sonoro do Athlantico,
Alquebrado paiz, decrepito romantico?
Ou vês com dôr rasgar a epica epopêa?

Vibram novos clarins! Vae ferir-se a batalha!
— Sê heroico outra vez: não precisas metralha,
Mas sim render teu culto á grande, á Nova Idéa.

Xavier de Paiva.

---

## Usos funerarios em Portugal

Assim como o *Ialemos* dos gregos e as *Naenias* romanas, os cantos funebres, tão caracteristicos das povoações ante-áricas persistentes no occidente da Europa, existem tambem na Russia, o *Pesnipogrebalnia* e o *Nad-mertvimi:* «Cantam-n'o cada domingo, durante um certo tempo sobre as sepulturas dos seus parentes mais proximos, e depois durante os grandes dias de festa por algum tempo ainda. Mas o que é mais notavel, é que cada vez que vão visitar os tumulos dos seus parentes, põem em cima pequenos bolos, á maneira dos *colica* dos gregos modernos, e da *feralia* e *silicernium* dos antigos; acompanham as suas offrendas da *conclamatio* ou lamentações usadas na antiguidade.» [1] Em Portugal as crianças cantam, sobretudo em Coimbra uma canção funebre, no dia de finados, que começa *Bolinhos, bolinholos.*

Os russos têm tambem as dansas funebres, *Trisna* [2] como as que se usavam entre nós na sepultura do Condestavel.

Nos costumes antigos da egreja franceza encontramos: «Na egreja

---

[1] Guthrie, *Antiquités de Russie,* p. 43.
[2] Ib., p. 78.

de S. Quentin, durante o officio da noite as crianças do povo percorriam as fileiras dos fieis, pedindo a esmola dos mortos, sacudindo bacias de cobre, que se enchiam de pequenas moedas.» (*Rev. de l'Art chétien,* i, 520.) O uso passou da egreja para a rua. O dobre dos finados, deriva-se tambem do antigo uso em que cada fiel ao sair da egreja puchava por seu turno pela corda do sino.

As carpideiras decairam completamente, bem como as Nenias ou *endechas dos mortos*, ainda em vigor na seculo xv. — O uso de comer sobre as sepulturas acha-se na lei velha, quando Tobias recommenda a seu filho que ponha pão e vinho sobre o tumulo dos justos: *Panem tuum et vinum tuum super sepulturam justi constitue.* (Tob, iv, v 18.) Estes ritos eram tambem usados pelos Belgas sob o nome de *dadsisas*, especie de festim sobre a sepultura das pessoas cuja memoria era cara; o touro e o bode eram as victimas regularmente immoladas. Na egreja primitiva conservou-se o costume, como vêmos na phrase de Santo Agostinho, que recommenda acerca dos banquetes funerarios: *Non sint sumptuose.*

Os *banquetes sobre as sepulturas* apparecem entre os povos scandinavos como formando parte das suas festas religiosas; Agostinho Thierry deriva d'este uso os banquetes communs das Irmandades da Edade Media, em que se renovava a liga defensiva: «o terceiro cópo era bebido pelos parentes e amigos cujas sepulturas, notadas por monticulos de relva se viam aqui e ali na planicie. O nome de amisade, *minne*, era dado algumas vezes á reunião d'aquelles que offereciam em commum o sacrificio, e de ordinario esta reunião era chamada *ghilde*, isto é, *banquete pago em commum*, palavra que significava tambem associação ou confraria, porque os co-sacrificantes promettiam por juramento defenderem-se uns aos outros e de se coadjuvarem como irmãos.» [1] As saudes com vinho são ainda hoje um signal de amisade, bem como os *bodos* nas festas dos santos, são o vestigio do culto dos heroes, da antiga festa dos *ghilde*. Agostinho Thierry descreve a transformação do costume, que na peninsula se liga á existencia das *Irmandades:* «Os Germanos, nas suas migrações levaram este costume por toda a parte; conservaram-no depois da sua conversão ao christianismo, substituindo a invocação dos Santos á dos deuses e heroes, e ajuntando certas obras pias aos interesses positivos que tinham sido o objecto d'este genero de associações. De resto, a instituição original e fundamental, o *banquete*, subsistiu; o *cópo dos bravos* bebeu-se em honra de algum santo reverenciado ou de algum patrono terrestre; *o dos amigos* bebeu-se, como outr'ora, em commemoracão dos mortos

[1] *Considerations sur l'Hist. de France,* cap. 6.

por alma dos quaes se resava reunidos depois da alegria do festim. O ghilde christão teve muito vigor entre os Anglo Saxões, e vê-se apparecer na Dinamarca, na Noruega e na Suecia, pela extincção do paganismo. «A historia das associações fraternaes, das *Germanias*, *Arimanias*, *Irmandades* e *Confrarias*, em que a liberdade individual se defendeu contra a prepotencia do feudalismo está ligada a este costume social, que ainda persiste nos usos funerarios, mas já sem consciencia do seu intuito. É preciso portanto separar as *Obradorios* ou *Oblatas*, que o povo usa pelos enterros, officios, exequias e trintarios (ex. Villa de Carros, etc.) dos *banquetes sobre as sepulturas*, que correspondem a uma phase social mais elevada, como vimos pelo uso scandinavo-germanico.

«Na freguezia de Villa Cova de Carros, concelho de Paredes, no primeiro domingo depois do fallecimento de alguem, ha um *Obradorio*, (responsos) e no fim d'elle todos os assistentes bebem e comem á porta da Egreja. Em varias terras de Portugal é costume dar esmolas de pão aos pobres, ou ás portas das casas ou dos cemiterios.» [1] Nas Constituições do Bispado do Porto se lê: «E cada um dos parochos, sob pena de lhes dar em culpa, não consintam em suas freguezias abusos e *superstições nos acompanhamentos*, *enterros*, *officios*, *exequias e trintarios*, nem que *se coma sobre as sepulturas*, nem façam resas com ajuntamento da freguezia á porta da egreja, em que se costuma dar de comer.» (Liv. IV, tit. 2.º, const. 9.) O *obradorio* é a forma popular de *Oblata* ou *Obrata*. O collector já citado consigna este outro costume: «Em Paraduça, concelho de Moimenta da Beira, quando morre alguem o dorido fica um mez com a camisa no corpo sem a mudar. No primeiro domingo em que elle vae á missa, o povo acompanha-o da casa á egreja, e vice-versa.»

Na poesia tradicional portugueza encontram-se importantes referencias aos usos funerarios; no romance da *D. Infanta*, versão da Beira Baixa, vem:

— Ai triste de mim, viuva,
Ai triste de mim, coitada!
Ir-me-hei por esse mundo
Chamando-me desgraçada.
Ai triste da só viuva,
De mim que nanja de nada.

*(Rom. ger. n.º 1.)*

No romance de *Faustina*, (Silvaninha) lêem-se estes versos:

Nossa Senhora do Pranto
Era quem a pranteava;

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Nota sobre os Funeraes* (Pantheon, p. 97. 1881.)

No seu pranto, que dizia:
«Domingo de madrugada
Vieram sete demonios
Dormiram em tua casa,
Para levarem teu pae
Para o inferno em corpo e alma.

(*Op. cit. p. 183.*)

No romance do *Casamento mallogrado*, versão da ilha de S. Jorge:

Cobrira-se com o seu manto
Tratara de caminhar;
As servas iam traz ella
Cuidando de a não alcançar;
O pranto que ella fazia
Pedras fazia abrandar...

(*Cantos do Archipelago, n.º 55.*)

No romance do *Pobre preso*, (ib. n.º 73), ha a referencia ao toque do sino:

E dizei ao thesoureiro
Que me toque o meu signal...

E no romance do *Toureiro namorado*, versão da Beira Baixa:

Não me toquem a campana,
Nem me enterrem em sagrado...

Quando se não enterrava o morto em sagrado, lançavam-lhe pedras sobre a sepultura, fazendo uns monticulos chamados *Fieis de Deus*. Santa Rosa de Viterbo diz d'este uso: «Em todo este reino vemos d'estes pedregulhos junto das estradas, sem que nos fique a mais leve duvida que ali foram advertidamente póstos e não por acaso.» E cita um documento de Pinhel, de 1473, em que se refere este titulo, «que o povo tambem chama *Montes-Gaudios*.» Santa Rosa de Viterbo attribue este uso a origem grega, derivado do costume de se atirarem pedras para honrarem Hermes ou Mercurio, para tornar propicia a viagem; mas o deus dos viandantes era primitivamente um *psychopompos*, ou guia das almas dos mortos, e por este aspecto nos remontamos á origem mythica d'este uso funerario. Nos contos populares, como o de *Petit Poucet*, a criança que é abandonada na floresta para morrer, consegue por meio de *pedrinhas* que vae deixando cair por onde a levam, descobrir o caminho para voltar para casa. As pedras no mytho de Pyrra são atiradas para traz, e nascem d'ella os homens, *durum genus*, como diz Lucrecio. A pedra funeraria tem por tanto um sentido mythico, a que se liga a esperança da resurreição do morto, ou pelo menos a guia para achar no mundo subterraneo o caminho para a luz e a bemaventu-

rança. Gubernatis cita este costume entre os tartaros da Pequena Russia, que em viagem atiram para a sepultura que encontram na estrada pedras com um sentimento religioso propiciatorio [1]; o mesmo uso é indicado em Servio como existente na Italia meridional, e Liebrecht, encontra-o entre os antigos gregos, bem como entre os Germanos, Scandinavos e Celtas da Gram Bretanha, remontando-os tambem á India, aos Chinezes, aos Japonezes e Hottentotes [2].

Hoje ainda se atiram *pedras* á sepultura do morto, e nos costumes provinciaes os individuos que acompanham o saimento consideram como um dever religioso o atirar um punhado de terra para dentro da cova. Gubernatis, allia estes dois factos, dizendo que a palavra indiana *adri*, significa *pedra* e *monte*. Diodoro Siculo conta que Semiramis levantára sobre a sepultura do marido uma collina de terra; o tumulo de Heitor era de terra e de pedras, do mesmo modo que o tumulo a Alyattes por Xenephonte; Pausanias diz que o tumulo de Laios era feito por um monte de pedras, e segundo Virgilio, o rei de Lacio Dercennus foi enterrado sob uma collina de terra. Lubbock, traz uma phrase proverbial dos montanhezes da Escossia, colhida por Wilson, que é uma especie de cortezia: «*Heide ajuntar uma pedra ao tumulo que te cobrir.*» (Curri mi clach er do cuirn). São numerosissimos os factos colligidos por Tylor, Lubbock. Liebrecht e outros, e por isso é facil a erudição, mas difficil um systema de coordenação.

O costume de collocar pedras sobre as sepulturas acha-se entre as raças selvagens, entre os povos que attingiram uma civilisação rudimentar, e persiste ainda nas raças superiores da humanidade, como vestigio de uma concepção primitiva. Segundo Park, no interior da Africa existem montões de pedras, que os negros accumulam sobre as sepulturas dos seus parentes e amigos, augmentando-os quando por ali passam; Galton descreve o mesmo costume entre os Damaras, o Spencer nota-o entre os Bodas e os Dhimals. Darwin, na sua *Viagem de um Naturalista*, observou na Sierra de las Animas, em Maldonado, montões de pedras, a que attribue um intuito commemorativo historico, mas que em rigor são exclusivamente de uso funerario; basta o nome de Sierra de *las Animas*, e a relação já estabelecida por Gubernatis entre a *pe-*

---

[1] *Mitologia comparata*, pag. 102.

[2] Nos costumes populares da ilha de S. Miguel, ha a superstição de *semear o morto*; quando vae alguem a enterrar, os seus inimigos costumam ir atraz do feretro espalhando trigo e sal, para que elle não torne pelo mesmo caminho a perseguil-os.

*dra* e o *monte* (*adri*) nos mythos indianos, [1] para se conhecer o intuito das raças indigenas da America, e estabelecer mais um ponto de contacto com a civilisação primitiva dos Arias. Darwin compara estes montões de pedras da Sierra de las Animas com os que commumente se encontram nas montanhas do paiz de Galles. Os Arabes tambem costumam atirar pedras ás sepulturas com um fim religioso, prevenindo-se de longe com pedras que acham pelo caminho para não faltarem a este piedoso dever; assim o observou em 1845 o viajante Carrete, na Argelia meridional: «Viajando um dia com os Arabes, admirei-me de os vêr apanhar uma pedra cada um d'elles successivamente; um d'elles apresentou-me uma, e pergunto-lhe porque é que procediam assim? — Devemos passar diante do *nza* (tumulo) de Bel-Gassen. Não comprehendendo peguei na pedra; d'ahi a pouco chegamos a um montão informe de pedras de metro e meio de altura. Cada um dos companheiros foi lançando a pedra que trazia na mão, dizendo: — Ao *nza* de Bel-Gassen. Fiz como elles.»

O nosso amigo Teixeira Bastos cita egual costume na provincia do Minho, por informações recebidas de Cabeceira de Basto: «Quando um aldeão passa por pé de uma cruz, que indica o sitio em que se commetteu um assassinio, *apanha uma pedra*, e depois de rezar pelo descanço eterno do morto, *atira-a para o montão de pedras, que se vae formando em volta da cruz*. O mais interessante é que ás vezes, quando n'aquelle sitio não pode encontrar facilmente uma pedra fóra do montão, tem o cuidado de a trazer de longe, para não deixar de prestar aquelle preito superticioso á alma do finado.» [2] Vê-se que o costume primitivo foi particularisado para os mortos violentamente, talvez para guiar as almas errantes dos que não foram enterrados em sagrado; e o intuito de desacreditar o costume popular fez com que as pedras fossem atiradas por devoção para as sepulturas dos justiçados. Comtudo o costume ainda persiste em Portugal, ligada a tradição da *pedra* ao culto da montanha; diz o sr. Leite de Vasconcellos: «Ao pé do Rio Tinto, junto á *Serra da mulher morta*, (segundo informações que obtive do meu amigo o sr. Leite de Faria) conserva-se o costume de deitar uma pedra e rezar um padre nosso ao pé de uma cruz de ferro que ahi ha, e assignala morte. Ninguem pode tocar nos monticulos de pedra.» [3] Em nota accrescenta: «Sabemos que existe n'outras partes de Portugal.» A cruz é ainda na lin-

[1] *Mitologia comparata*, p. 100.
[2] *Ensaios sobre a Evolução da Humanidade*, p. 19.
[3] Era Nova, p. 78.

guagem methaphorica a *arvore* da redempção; nos mythos indianos, a palavra *adri*, que significa a *pedra* e o *monte*, exprime tambem a *arvore*, origem da vida. Ha aqui dois systemas religiosos correspondentes a duas concepções das origens do homem, uma que o deriva da *terra* ou argila animada, como nas raças kuschito-semitas, e outra que o deriva das *arvores*, como nas raças áricas; portanto na esperança de renovação da morte, o *monte de terra* e a *pedra* pertencem á concepção rudimentar da raça sobre que se desenvolveram os semitas; e a *arvore* corresponde ao dominio de uma raça superior, o ária, que substituiu na historia a hegemonia semita.

Os *monticulos funerarios* são frequentes em varios pontos de Portugal, restos de uma população ante-historica, e têm na linguagem popular o nome de *mamôas*, *antellas* e *antinhas*, não obstante uma grande parte d'elles ter sido destruida pela exploração agricola e pelos investigadores de thesouros. O dr. Martins Sarmento dá uma curiosa noticia d'estes monticulos do Valle Ancora, alguns d'elles em grupos: «O exame dos Dolmens e dos tumulos de Ancora, mostra mais que os Dolmens e tumulos são sempre, ou foram cobertos por uma *mamôa maior ou menor, e conforme o tamanho da sepultura que escondia, mas composta sempre do mesmo modo, terra e pedregulho.*» [1] O terreno entre a Citania e Sabroso, onde está um monticulo sepulchral, ainda conserva o nome de *Monte d'Antella;* e em Pamplide, o *Campo das Antinhas* tem algumas sepulturas contiguas abertas em rocha. [2]

O nosso amigo Leite de Vasconcellos, solicito investigador dos usos das nossas localidades, allude ao costume primitivo do *dinheiro de Charonte*, que se conserva ainda no Jura e no Dorvan, como nota Alfred Maury, e que em Portugal se lança no caixão do defuncto, para passar o rio dos mortos: «Na freguezia de Guifões, perto de Mathosinhos, deita-se no caixão do morto *dinheiro de cruzes* para o morto passar S. Thiago de Galliza, onde ha um buraco a que toda a gente tem de ir, vivo ou morto. Em Cimbres, concelho de Mondim da Beira, deita-se no caixão dinheiro para o morto passar a barca (ou a *ponte*). O mesmo costume existe em Sinfães e creio que no Minho. No Porto e em Villa Real sei que se espeta um alfinete no habito do morto para este se lembrar dos vivos perante Deus.» [3] A crença da Barca chegou a inspirar na litteratura portugueza os tres Autos hieraticos de Gil Vicente *A Barca do In-*

---

[1] Pantheon, p. 4.
[2] Idem, pag. 21.
[3] Idem, pag. 97.

*ferno*, do *Purgatorio* e do *Paraiso;* a crença da *Ponte* da passagem das almas é fixada na via-lactea, ou na linguagem popular, carreiro de Sam Thiago por onde as almas partem d'este mundo. [1]

A *Psychostasia*, ou pesagem das almas para julgar dos seus merecimentos pelo archanjo S. Miguel, é vulgar no povo portuguez e acha-se descripta em uma oração tradicional do Porto:

> Sam Miguel *pesae as almas,*
> Ponde pezos na balança.
> Os peccados eram tantos
> Foram com elles ao chão!
> Poz Nossa Senhora o Manto,
> Ficaram pezos suspensos:
> Com a graça de Maria
> Ficou a a minha contente. [2]

Estas concepções acham-se geralmente representadas em todas as manifestações da arte christã. Por aqui se vê como os costumes são a expressão de noções primitivas, sendo o seu estudo um meio directo para se recompôr o estado psychologico d'onde o homem se elevou ás concepções philosophicas.

A immensa generalidade d'estes usos nas raças mais vetustas da Asia, da Africa e da Europa, revela-nos a persistencia de um fundo de civilisação proto-historica que se acha nos povos áricos e indo-européus, especialmente nos costumes. Qual o povo que forma este fundo ethnico da Europa? As raças iberica, gauleza, scythica, finlandeza e tartara, não foram eliminadas pela migração indo-européa, e sobretudo no occidente da Europa é onde se conservam mais evidentes restos de uma civilisação anárica rudimentar. A Ethnologia não deve ficar puramente descriptiva, como aconteceu á geographia antes dos estudos de Ritter; é preciso apoiar-se na Anthropologia como meio de coordenação, e visar á reconstrucção da historia da humanidade interrompida entre a vida das cavernas e a extraordinaria civilisação do Egypto.

THEOPHILO BRAGA.

---

[1] Nas crenças dos antigos Parsis, é pela ponte de *Tchinevad* que o morto entra no céo.

[2] *Romanceiro geral,* n.º 49.

## Auréolas luminosas

### AUGUSTO COMTE

«Tantos seculos ha que andaes cavando
Nas ondas movediças d'esse mar,
E não cessastes ainda de cavar
Por vir inutilmente trabalhando;

É em vão que, as enxadas entranhando
Nas aguas, procuraes ali formar
Funda cova se não podeis tirar
Um palmo só, as ondas separando.

Ó loucos, suspendei estereis lidas
E voltae-vos com forças decididas
Para o sólo selvagem, bravo, duro.»

Assim dizia Comte aos que buscavam
As origens e os fins do que ignoravam,
Mostrando-lhes terreno mais seguro.

TEIXEIRA BASTOS.

---

# Quadros historicos

## I

### No Cadafalso

A hora do executor da alta justiça desempenhar a sua missão, soou lugubremente, como um rumor no fundo d'um tumulo.

A forca, amaldiçoada por muitas gerações, de quem ella parecia zombar sempre com os seus reflexos sinistros, similhantes a gargalhadas mephistophelicas, erguia-se com toda a hediondez do seu aspecto, no Caes-do-Tojo, ladeada por barricas d'alcatrão em labaredas.

Era a execução dos nove estudantes de Coimbra, accusados do assassinio dos lentes.

Aquelle espectaculo horrivel era pois o epilogo da grande tragedia que tivera a sua introducção em Cartaxinho, na madrugada de 18 de março.

Os raios ardentes d'um sol de junho, que se não eclypsava, obstavam a que os condemnados erguessem os olhos ao céo a interrogal-o nos seus mysterios e supplicar-lhe compaixão e abrigo, no fervor da crença.

Era uma sexta feira o dia 20 de junho de 1828.

Todas as esperanças haviam fugido da alma dos sentenciados á morte, e os credulos agouravam um acontecimento sobrenatural n'aquelle dia de supremas angustias e de luto intimo

A multidão apinhada, ondulante, n'uma agitação crescente, contemplava n'um emmudecimento idiota, o quadro patibular, em que o padre parecia ainda mais terrivel do que o proprio carrasco.

Não eram os sentimentos depravados que levavam o povo ao espectaculo desmoralisador e affrontoso da forca, mas sim a curiosidade que os grandes apparatos despertam. Embora bestialisado pelo regimen absoluto, raro era o semblante, mesmo d'entre os mais fanaticos do throno e do altar, que se não voltasse, no momento em que o algoz se apossava do padecente, para não vêr-lhe os horrores da agonia.

O aspecto severo dos juizes, nas suas capas e batinas negras, o vulto sinistro do carrasco, as physionomias hypocritas dos clerigos em côro, psalmeando um latim funebre, o ar aterrador dos irmãos da misericordia, envoltos nas suas ópas roxas, os olhares provocadores e os gestos arrogantes, talvez forçados, das auctoridades militares e civis, e a pallidez cadaverica dos pacientes mettidos na alva ignominiosa, com a cabeça e os pés nus, amarrados, desfallecidos, agonisantes, arrastados pelos degraus do patibulo, como o eram pelas ruas publicas, ouvindo constantemente o ecco medonho do pregão da sentença condemnatoria, tudo isto era de um pavor que opprimia o coração mais endurecido, retalhando a alma.

O povo obrigado a dar vivas a D. Miguel e á santa religião, ia atraz das tropas, cantando o *Miserere*, n'um tom de arripiar as carnes e os cabellos.

A pena capital era odiada, mas todas as maldições recahiam sobre o algôz como se elle fosse a consciencia que julgasse.

As tropas que abriam e fechavam o prestito, continham em respeito e temor esse eterno vilipendiado, cujas manifestações apoiando aquelles horrores, assimilhavam-se aos gemidos das victimas postas a tortura. Era ainda o terror do «Crê ou morres», que saudava a realeza triumphante que auctorisava a barbara lei abraçando politicamente o altar da hypocrisia.

Todos almejavam que a corda rebentasse caindo sobre o vulto branco do condemnado o painel da misericordia.

*

* *

Um dos juizes disse um nome, e immediatamente subira a escada do cadafalso um dos réos, entre o padre e o velho e funesto Samsão. «O creio em Deus Padre Todo Poderoso» dito pelo ministro da religião, e repetido pelos labios trementes do padecen-

te, tinha o som das louzas sepulchraes. O crucifixo cahiu-lhe das mãos atadas e a alluvião de padres e frades, cercando os outros reos postados em roda do patibulo, psalmeavam: *De profundis clamavi ad et... De profundis.*

Depois foi breve; o capuz da alva longa puchado para a cabeça, a corda examinada, e o segredo terrivel do carrasco:

— Perdoas-me a morte?

— Não. Viva a li...ber ..da... Ao mesmo tempo um vulto branco era arremessado no vacuo.

A multidão agitada como a onda tocada de tempestade, soltou unanimemente um grito de dor. Todos aquelles corpos estremecendo, sentiram uns arripios gelados.

Decorreram alguns minutos. O carrasco depois de verificar a morte, saltou dos hombros do suppliciado, cortou a corda, e o corpo rolou no estrado aos olhos dos que se lhe seguiam.

Outro nome foi pronunciado brevemente, em voz mal segura, pelo juiz. Era o filho do capitão-mór de Cintra, afilhado de Carlota Joaquina. O desgraçado cahiu na plataforma, soltando um grito doloroso.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma voz rouca no meio da multidão compacta, gritando:

— Esperem! perdão! magnanimidade real!...

Todos se voltaram, e o condemnado teve um estremecimento como se sentisse o choque d'uma pilha electrica, erguendo-se d'um impeto. Aquella voz vibrou-lhe no intimo d'alma dando-lhe um momento de esperança.

Uma mulher, pallida, desgrenhada, coberta de luto, fazia esforços supremos para romper por entre a multidão e chegar ao patibulo. Era a mãe do reo, a quem D. Miguel havia promettido munificencia regia para se livrar dos memoriaes e das supplicas lacrimosas a que era insensivel, ainda que se lhe rojassem aos pes.

A pobre creatura afflicta, na sua dor de mãe, já sem poder verter uma lagrima, esperava ainda, confiada na promessa do rei, que elle passasse, confundida nas turbas. Com a alma esmagada, mas ainda agarrada á esperança, surda á lei, e ouvindo simplesmente a voz da natureza, julgava-se com o poder de impedir a execução, como se todas as forças humanas estivessem no seu organismo debil.

— Um instante, um minuto só... — gritava — Olhem que é meu filho.

Para ella um rei não podia mentir, crendo-se auctorisada pela sua palavra a mandar suspender todas as execuções do mundo.

— El-rei passa, disse ainda com a voz estrangulada.

Mas a realidade era que elle não apparecia e o condemnado subia os degros do cadafalso.

A mãe que o via, parecia agitar-se n'um pesadello horrivel. Ella tambem não cria outra cousa o espectaculo a que assistia levada por uma promessa e uma coragem sublime.

Passados alguns minutos nem já o proprio Deus lhe podia restituir o filho com vida.

A desgraçada sentira tambem sobre os hombros as mãos do carrasco, por um d'esses sentimentos poderosos de mãe, e cahira desmaiada. Passados poucos dias morria com a alma despedaçada por tamanha dor.

Apressaram-se mais as execuções temendo-se que viesse o perdão d'algum dos condemnados ou que D. Miguel apparecesse de repente.

O reo Francisco do Amor, expirara na plataforma, no momento em que o padre o amparava para subir ao lugar do suplicio.

A multidão affastava-se taciturna, umas physionomias funebres, que só viam no executor da alta justiça o seu verdugo.

Outra mãe, tambem sublime, arrastava-se por entre a massa enorme do povo em altos gritos afflictivos, pedindo a morte juntamente com o filho caro, n'um eterno abraço. N'um adeus derradeiro, tinha enlouquecido.

Os vultos negros das viuvas dos lentes contemplavam mudamente estas scenas de dor, d'afflicção e de morte, animadas apenas pelos desejos de vingança, pois que nos seus corações de mulheres e de mães havia o ruido das grandes tempestades, em que se debatiam.

*
* *

Cahira já o quinto suppliciado e o sexto estava suspenso dos braços da forca. O povo n'um clamor surdo ia abandonando de todo o espectaculo.

O latim funebre, n'um cantochão rouco, dos ecclesiasticos, eccoava no fundo do Tejo, levemente encrespado pelas brizas da tarde, e de cujas ondas o sol indifferente tirava aureos listrões.

Éram tres horas. O carrasco já exhausto de forças, commovido pelas vozes dos pacientes e pelos seus olhares que moviam á compaixão a alma mais cruel, gritou com um som rouco, cavernoso, do alto da forca: «Não posso mais» oscillou e cahiu.

Não havia forças humanas que podessem resistir a tanto, e o algoz era em todo o caso um homem.

A natureza, a consciencia, gritavam lá do intimo contra tamanha barbaridade praticada em honra do throno e do altar.

Não podia haver nada mais tragico, nem mais commovente. D'um lado viam-se os corpos dos justiçados, arroxeados, horriveis, estendidos aos pés dos companheiros, por instantes a exhalar o ultimo suspiro, contrictos, fazendo ainda umas confissões dolorosas, um

dizendo-se innocente, os outros que fôra uma allucinação, uma loucura, todos não sabendo do que arrepender-se, pedindo, supplicando que os não julgassem com instinctos ferozes de assasinos, e do outro a tumba da misericordia, pintada de negro, com os emblemas mortuarios, a ampulheta, a fouce, a caveira, recebendo o corpo inanimado do carrasco que não poude continar a execução. E era aquelle miseravel endurecido no crime, a quem n'um momento faltou a coragem para terminar a sua horrivel missão!

Era ao seu ajudante que cumpria continuar. Os incidentes do cadafalso, as negações, os desesperos, alguns dos condemnados affirmando a sua innocencia, protestando que não tinham sentimentos d'assassinos, e já muribundos com a palavra «liberdade» cortada pela corda ; o caso estupendo da commoção poderosa do primeiro carrasco, que involuntariamente, forçadamente, arrancava a vida áquella mocidade que uma allucinação momentanea perdera para sempre, a impassibilidade fria do clero, ainda mais glacial do que a da justiça, tudo produzia tambem no animo do verdugo substituto, o marulhar da onda encapellada quando se espraia dentro d'uma caverna. Com as mãos trementes proseguiu na matança.

A noticia da queda do algoz, produziu emoção extraordinaria nos poucos espectadores que ainda restavam.

— Quando aquelle tem alma—disseram,—que farão os que não têm crimes.

Houve grande susurro e algumas vozes gritaram com sacrificio das proprias vidas:

— Morra o absolutismo!... abaixo a forca! Viva a liberdade!...

Quando o novo carrasco decepava a cabeça e as mãos dos ultimos suppliciados para as pregar no poste, conforme resava a sentença, o cutello cahiu-lhe por tres vezes.

Ao mesmo tempo D. Miguel I apparecia, precedendo o seu grande sequito, e mandando distribuir cacetadas pelo povo horrorisado, que se affastava para o deixar passar, n'um clamor trovejante.

Sobre os montes de tôjo e as barricas d'alcatrão v am-se ainda agitar-se os corpos dos suppliciados envoltos em chammas como a pedirem vingança de tamanha crueldade. O cortejo funebre dispersava...

Que povo este tão digno da sua liberdade, governando-se a si mesmo, sem a affronta e o aviltamento da forca e do cacete.

Reis Damaso.

## Acerca da «Marselheza»

Proudhon affirma, no seu livro *du Principe de l'Arte*, que a *Marselheza* não passa de uma amplificação rhetorica. Salvo o grande respeito devido á memoria de Proudhon, este assérto é que não passa de uma blasphemia artistica; e veiu provar ainda uma vez esta verdade sabida — que o bom senso é quasi sempre incompativel com o bom gosto.

As grandes obras d'arte, filhas da verdadeira inspiração, parecem-se com as obras da Natureza, a suprema artista — em toda a gente as comprehender por instincto. E nenhuma tem, mais pronunciadamente que o canto de Rouget de Lisle, esse cunho infallivel. Não ha ouvido, por mais inculto, que não perceba e retenha para sempre aquellas notas frementes; garganta, por mais refractaria á harmonia, que as não possa entoar. Duas nuvens, carregadas de electricidade, encontraram-se uma vez nos ares da França. Uma chamava-se Enthusiasmo; a outra chamava-se Indignação. A *Marselheza* é o trovão que ribomba indefinidamente pelos eccos do mundo, depois do raio que em 1792 fulminou a Europa, illuminando-a! — A sua musica é um canto de guerra, que tem as notas tremendas do *Magnificat: deposuit* potentes *de sede*. E o seu poema, se é uma amplificação, é a amplificação d'aquella vingadora promessa de Jesus: «Os ultimos serão os primeiros.»

FERNANDO LEAL.

---

## O Martyr obscuro

Abriu a bocca enorme a valla insaciavel
E recebeu no ventre — a grande fundição,
O magro corpo vil... o vaso miseravel
Em que floriu um nobre e forte coração!

Não foi um potentado o que desceu á terra,
Nem bispo ou general, nem tinha habito ao peito;
Fez sempre á Tyrannia a mais cruenta guerra,
Co'os rasgos da Razão e as armas do Direito.

Á lucta popular votou o pensamento;
Foi ecco a sua voz d'imprecações amargas,
Por isso não se ouviu no triste passamento
Dos aureos batalhões as funebres descargas...

Ninguem o acompanhou á muda valla fria!...
Acompanhal-o, sim!... São ceremonias parvas!
— Um pobre como o... *tal*, póde ir sem companhia
Dar o corpo de pasto ás esfaimadas larvas...

Nem uma voz amiga além lhe disse adeus,
Á beira d'essa cova aberta, escancarada...
Só o viram descer os brancos mausoleos..
Disse-lhe o ultimo adeus a brisa magoada!

Mordeu-o a inveja em vida, e ainda além da morte
Mordeu-o a hypocrisia e a enxada do coveiro!
— Não temos que o chorar; é essa sempre a sorte
De quem teve talento e não legou dinheiro!...

Emquanto teve alento o luctador infrene
O povo a defender, soffreu crueis lançadas;
Porém depois de morto... agradeçam-no á hygiene
O não ficar exposto, á chuva, nas calçadas!...

Nunca baixou a fronte ante o aureo altar do Vicio;
Honrarias desdenhou... Foi sempre um pobretão!
Por isso elle morreu no grabato do hospicio
E á vesga cova foi sem padre e sem caixão!

Que durma pois em paz; descance emfim da lucta
Na funda solidão co'os vermes sensuaes!
Nas entranhas da terra a grita não se escuta
Das sordidas paixões de peitos desleaes!

Xavier de Paiva.

---

# A Trichina

Estudo d'este parasita, desastrosos effeitos que produz no homem
e meios de evitar a trichinose

## PRELIMINAR

A *trichina* é um animal, que, na phase mais terrivel da sua existencia, se não póde ver senão por meio de um instrumento optico de augmentar, chamado microscopio.

Em tão pequenina grandeza, este parasita existe e descobre-se, *mais numeroso que as estrellas do céo e as areias do mar*, no tecido muscular, isto é, na carne de varios animaes, especialmente do porco e do homem que teve a desgraça de comer toucinho ou carne d'este animal, trichinada.

Os estudos até hoje feitos sobre o nascimento, emigração e reproducção da *trichina*, no porco e no homem, são já sufficientes

para nos demonstrar a maior probabilidade de sermos atacados de trichinose, quando ingerirmos toucinho, chouriço ou carne de porco eivada de tal verme.

A sciencia na sua marcha collossal e assombrosa, desconhecida do povo, caminha incessantemente!

Quem nos póde affiançar que não tem no nosso paiz, fallecido de trichinose muita gente, sem que os medicos hajam reconhecido tão horrivel doença?

Todavia a trichinose, entre nós, não é doença *estrangeira*: alguns medicos, tanto nos hospitaes como na clinica particular, surprehendidos pelo caracter extraordinario de algumas affecções typhoides, teem-se lembrado de examinar a carne dos cadaveres, e assim, mais de uma vez, se tem descoberto a trichina. Mas a par d'estes, quantos casos completamente desapercebidos!

Hoje em Portugal as vistas do publico voltam-se para o celebre verme nematoide, que muito provavelmente deu logar a epidemias fataes em povoações raianas da provincia de Salamanca e do nosso districto da Guarda.

Foi o nosso collega d'aquelle districto que primeiro preveniu o governo sobre estes factos insolitos, apontando a suspeitada causa.

Não se fez esperar a solicitude do governo, que, sobre este assumpto, consultou o conselho especial de veterinaria.

Esta illustre corporação redigiu logo as seguintes instrucções de policia sanitaria, cuja execução está a cargo dos intendentes de pecuaria.

1.ª — Os intendentes de pecuaria são obrigados a examinar, com microscopio de nunca menos de 30 a 50 diametros, em quaesquer lugares ou mercados publicos (matadouros, açougues salchicharias, alfandegas, etc.) a carne de porco abatido para consumo, sempre que tiverem alguma duvida sobre a sua qualidade, principalmente para se certificarem ou não da presença das trichinas, dando depois parte por escripto e narrativa, no fim de cada mez, ao conselho especial de veterinaria, do resultado dos exames a que houverem procedido.

2.ª — Os mesmos funccionarios farão constar desde já, por editaes, ou instrucções muita summarias impressas, affixadas nos locaes convenientes, que a carne de porco trichinada é grandemente prejudicial á saude dos consumidores.

3.ª — A carne que fôr julgada nociva ao consumo, deverá ser inutilisada com acido sulphurico, petroleo ou acido phenico, conforme a pratica.

4.ª—A auctoridade local competente deverá assistir a este acto.

5.ª — Acerca da trichinose os intendentes de pecuaria redigirão uma resumidissima historia, em que se declare a natureza e séde d'essa grave doença, a indicação dos caracteres do parasita, a

difficuldade, ou antes, impossibilidade do diagnostico durante a vida, os accidentes que produz na especie humana, e a innocuidade da carne trichinada, depois de submettida á temperatura d'entre 78º a 100º centigrados, quer se coza, quer se asse ou frite.

6.ª — Esta indispensavel historia será espalhada profusamente nos respectivos districtos, tendo presente que chegue ao conhecimento do maior numero dos seus habitantes.

Ao mesmo tempo foram enviados aos intendentes de pecuaria, microscopios para procederem ao exame da carne de porco e suas preparações.

Está provado que a trichinose é frequente nos porcos, em todos os paizes onde estes animaes existem. O nosso não póde ficar excluido d'esta lei.

Não é porém egualmente frequente a trichinose humana em todos os paizes, pelo motivo que veremos no decurso d'este escripto; no nosso nada, por emquanto, se sabe sobre a frequencia d'esta doença, porque sempre a attenção da medicina d'ella tem andado desviada, mas ha toda a probabilidade de que muitas affecções diagnosticadas sob outro nome, não tenham sido outra coisa mais do que a trichinose.

Como ella provém sempre do consumo do toucinho ou carne de porco, consumo abundantissimo em Portugal, e sendo quasi sempre mortal, a tal causa podemos attribuir muitas epidemias typhoides que, por vezes, teem dizimado as nossas povoações.

As medidas de policia sanitaria feitas executar pelo governo, e muito principalmente as cautellas que os consumidores espontaneamente adoptarem, depois de completamente esclarecidos sobre tão importante assumpto, garantirão seguramente este paiz contra os desastrosos effeitos do terrivel parasita.

## I

## A trichinose no homem

Ponhamos já diante dos olhos do leitor o triste quadro dos symptomas, pelos quaes se manifesta a trichinose na especie humana, doença quasi sempre mortal, e que, nos poucos casos em que não mata o doente, com certeza o deixa, após uma longuissima convalescença, fraco, estragado, incapaz de trabalhar para o resto dos seus dias.

Tres semanas, pouco mais ou menos depois de se ter comido toucinho ou carne de porco com trichinas vivas, o doente sente um enfraquecimento geral, perturbações e agonias no estomago; faz mal a digestão; perde o appetite e levanta-se-lhe levemente o

ventre. Ha alguns vomitos e dores de barriga, não se póde consentir a mais leve pressão no baixo ventre, que está muito doido. Apparece diarrhéa e, mais tarde, vem constipação do ventre, isto é, difficuldade de evacuar, porque os excrementos são duros e o intestino está irritado.

A doença vai seguindo o seu curso, á maneira que os vérmes se vão derramando nos musculos. Ha febre ; o doente sente difficuldade nos movimentos; sente-se tolhido, como que paralytico; os seus musculos estão rijos, não se contráem livremente ; soffre violentas dores musculares.

D'aqui resulta tambem grandissima oppressão no peito ; não póde respirar sem grande esforço ; não póde engulir ; sente a goela apertada: manifesta-se mesmo inflammação na garganta e rouquidão ; o doente nem mesmo tem o desafogo de fallar, queixar-se, gritar livremente. Manifesta-se bronchite ; ha accessos de tosse violenta ; o corpo vai inchando todo, muito especialmente a cara, desapparecendo quasi os olhos no meio do rosto empastado. Esta inchação da cara, chamada em linguagem medica, *édema da face*, é considerada, por alguns auctores, como symptoma caracteristico da trichinose.

Além d'isto o doente não dorme, emmagrece a olhos vistos ; em poucos dias perde 15 a 20 kilos do seu peso primitivo.

A alteração profunda da nutrição, e a paralysia dos musculos do peito acabam emfim, entre horriveis soffrimentos, a vida do desventurado doente.

Emquanto os vermes, que se comeram na carne de porco, se conservam no intestino humano, a reproduzirem-se prodigiosamente, apparecem os symptomas todos que apresentei (vomitos, diarrhéa, inchação do ventre, etc.), muito parecidos com os de um ataque de cholera benigna, ou cholerina ; — é o primeiro periodo da trichinose, denominado de *irritação gastro-intestinal*, que não dura mais de 8 dias.

Os symptomas seguintes a esses, manifestados no apparelho muscular e na nutrição geral, coincidem com a passagem das trichinas, para as fibras dos musculos ; taes symptomas caracterisam o segundo periodo, chamado de *emigração embrionaria*. Este periodo, em que o doente soffre torturas infernaes, dura 15 dias !

A exacerbação ou extraordinario augmento dos symptomas d'este segundo periodo constitue o terceiro periodo, o periodo *typhoide*, que decide da vida do padecente.

Se este possue grande resistencia vital, entra na quinta semana, e está salvo, porque os vermes derramados nos seus musculos principiam a formar uma capsula fibrosa que os isola das fibras musculares, comquanto os não mate. Este ultimo periodo tem a denominação de *enkistamento dos embriões*.

Não esqueçâmos porém, que a cura da trichinose é uma bem triste cura, porque, quem um dia teve a desgraça de se infeccionar de trichinas, jámais poderá gosar a felicidade da sua antiga saude.

Conhece o leitor o lastimoso quadro que offerece o homem trichinado, deitado de costas n'uma cama, padecendo dores atrozes em todos os pontos do corpo, quasi asphixiado, sem poder fazer movimento algum, sem poder fallar nem gritar, porque tem a lingua e a garganta dorida e inchada!

Desde o principio até ao fim d'esta horrivel doença, decorre ordinariamente o espaço de 5 semanas; mas casos ha em que os doentes, mesmo que se curem, estão subjugados pela enfermidade por espaço de 4 mezes e ainda mais.

O leitor deve achar-se agora cheio de justa curiosidade e interesse por conhecer completamente o estudo que se tem feito sobre esse temivel parasita animal, chamado *trichina spiralis*, e, sobretudo, o meio de se prevenir contra os seus desastrosos effeitos.

Vamos satisfazer esse justo empenho nos capitulos subsequentes.

## II

## A trichina muscular

Como a trichina se apresenta em dois estados differentes, em differentes lugares do organismo de alguns animaes, iste é: —*livre* no interior do intestino, e *recolhida* dentro de um kysto ou casulosinho fibroso nos musculos, —principiemos por a descrever n'este ultimo estado, tal como facilmente pode ser observada por meio do microscopio nos musculos do porco.

É mais abundantemente nos musculos do pescoço, dos olhos, e no diaphragma, (musculo chato em fórma de leque, que separa, como um tabique, a cavidade do peito da do ventre) que se encontram, intermeados com as fibras musculares, milhares de grãosinhos brancos. Tambem ás vezes se encontram no toucinho. São kistos ou habitações fechadas hermeticamente, contendo de ordinario um só vérme, mas, muitas vezes, muitos.

Estes kistos são ovaes, teem meio millimetro de comprimento, são formados por duas membranasinhas, uma por dentro da outra, membranas que, algum tempo depois da sua formação, se tornam n'um grãosinho escuro e duro, porque nos seus poros se depositam saes calcareos, continuando, já se vê, as trichinas a residir no seu interior, vivas, por muito tempo, que póde chegar a 20 annos no homem e 5 no porco; mas, na maioria dos casos, antes

de tão longos prasos, esses vermes morrem e petrificam-se ou infiltram-se de materia gorda.

Não é verdade, como se tem affirmado, que os kistos estourem sob os dentes, quando se mastiga carne trichinada. Se assim fosse todos conheceriam o inimigo antes de lhe darem entrada no estomago.

A trichina, dentro d'estes kistos, está sempre enrolada, como a mola de um relogio, por isso se lhe chama *trichina spiralis*. O seu corpo, similhante ao das lombrigas, mede 5 a 8 decimos de millimetro de cabeça á cauda. Esta é mais grossa que aquella, e apresenta um orificio, que é o anus.

Tem boca, estomago, systema nervoso, fibras ao longo da parte inferior do corpo, que a conservam enrolada, e, na parte superior tem o aspecto annelado, como se vê, por exemplo, nos bichos de conta. Possue tambem orgãos sexuaes, respectivamente o macho e a femea, orgãos, que, como o estomago e outros, são rudimentares, isto é, de uma extrema simplicidade.

Na carne ou tecido muscular, a trichina, se ahi se acha de pouco tempo, está enrolada mas não enkistada ; não tarda porém que o kisto se forme e mais tarde endureça.

Emquanto reside n'este tecido é uso denominar este parasita —*trichina muscular*.

III

### Prodigioso numero das trichinas musculares

Diz o sr. Zundel, medico-veterinario em Strasburgo, e uma das primeiras illustrações scientificas da Allemanha, que Probstmayer contou 468 trichinas em meia gramma de tecido muscular; que, em Planne foram calculadas 250:000 trichinas em 30 grammas do mesmo tecido; e que Colin, sabio professor na escóla veterinaria de Alfort, admitte que 1 kilo de carne pode encerrar atè 5 milhões dos terriveis parasitas.

(Segue) Annes Baganha.

---

## Mosaico historico

Em um bello dia do anno de 1728, os galfarros da policia do tempo prenderam na villa de Monforte, Alemtejo, um pobre rapaz de 19 annos incompletos, accusado do sacrilego crime de ter roubado—diziam—uma pixide onde estava nitidamente acondicionado, e melhor agasalhado, o *Santissimo Sacramento*.

Como era preciso applacar com sangue a colera da divindade irritada, porque segundo os doutores da Egreja ella tambem se irrita como qualquer mortal, o infeliz foi remettido para a cadeia de Lisboa soffrendo atravez das villas e aldeias sertanejas por onde passava os apupos, doestos e pedradas do povo fanatisado, que largava de mão os trabalhos da lavoura e acorria ao cairel dos caminhos para ver e insultar o precito.

Não se cuidou de inquirir as causas do crime, se o houve, nem mesmo se pensou em submetter o desgraçado mancebo á observação de medicos intelligentes, porque bem podia ser o desacato o resultado d'uma perturbação mental. Urgia desaggravar o *Santissimo* que andára aos baldões nas unhas de um larapio; e em tal caso a pathologia intromettendo-se incorria n'um perigo... Era sacrilegio sobre sacrilegio. A sciencia nunca viveu em boa paz com a religião.

A pouca idade mesmo do supposto criminoso não foi levada em conta. Condemnaram-n'o a um supplicio horrivel.

Em o dia 23 do mesmo anno arrastaram-n'o da cadeia ao Rocio, e ahi, com uma crueldade inaudita, e sem que uma palavra de dó e clemencia irrompesse da compacta multidão que enchia a praça, amarraram-n'o a um alto poste, mutilaram-n'o horrivelmente cortando-lhe as mãos, garrotaram-n'o, e depois da destruição parcial e pautada do corpo — talvez uma bella estatua, — a mais perfeita obra do *Creador*, fizeram crepitar a lenha preparada para o effeito e lançaram ao torvelinho das chammas rubidas e vorazes aquelles ensanguentados restos ainda palpitantes!!!

A ira de Deus estava plenamente satisfeita... No entanto João V, o regio frascario, assaltava os conventos e profanava os sagrados recintos transformando-os em prostibulos onde se entregava a scenas de revoltante libertinagem com as *beatificas* filhas do Senhor...

Vá sem commentarios o confronto.

---

A imprensa, a sublime e utilitaria invenção de Guttemberg, Foust e Schoffer, foi, logo nos primeiros annos da sua applicação, muito perseguida pela ignorancia e pelo fanatismo.

Não se podia publicar um livro sem previa auctorisação. O clero antes de conceder examinava e approvava a obra; tinha-se obrigação de pedir-lhe o certificado de que o auctor era religioso e orthodoxo.

Alexandre VI, em 1501, firmou uma bulla de excommunhão contra os impressores que publicassem doutrinas *perniciosas;* e, em 1515, o concilio de Latrão prohibiu, debaixo da mesma pena, pu-

blicar qualquer livro que não houvesse recebido a approvação dos censores ecclesiasticos.

Apesar dos esforços da intolerancia e do fanatismo, a imprensa saiu victoriosa da lucta contra os obstaculos que lhe antepunham e dos prejuizos que lhe retardavam a marcha atravez os seculos, e conseguiu emfim ser o que hoje é — o flagello dos hypocritas, a ameaça dos tyrannos, a conselheira das nações, o guia dos povos, e a luz resplendente que dissipa as lobregas trevas da ignorancia.

---

## Quem faz a Republica

Se as instituições democraticas para se estabelecerem em Portugal tivessem apenas o apoio das ideias theoricas e doutrinas scientificas de alguns individuos, e tambem a adhesão dos sentimentos generosos das classes mais activas da sociedade que por instincto conhecem que a ordem é o exercicio pleno da liberdade, nada d'isto bastava para trazer essas instituições do dominio das ideias ou das aspirações para a realidade immediata dos factos. Nas sociedades preponderam as forças de *conservação*, o aferro ao passado, a desconfiança pela novidade, o receio de mudanças, o desfavor pelas ideias novas, o temor do desconhecido, e é esta tendencia regressiva que as instituições abusivas exploram, mantendo a multidão em um obscurantismo que a leva a sacrificar-se ao mal estar para não sair da estabilidade.

Mas, apezar d'esta impotencia implusiva e d'esta reacção espontanea, as sociedades progridem, por este conflicto permanente em que todos cooperam sem chegarem sequer a ter cenhecimento da marcha evolutiva das cousas. O excesso de conservação aggrava o mal estar social, e insensivelmente estabelece-se uma dissidencia entre as consciencias e as instituições; estas firmando a ordem na força bruta, aquellas fortalecendo-se na unanimidade do protesto e das opiniões em que hão de assentar a concordia que procuram. É aproveitando esta corrente social, que os iniciadores politicos conseguem tornar praticas as suas ideias. Quando o iniciador se concentra no subjectivismo das suas ideias, fica quando muito um sympathico utopista, e mais nada: se entra na acção, acha-se isolado, como um perturbador revolucionario, cujos esforços se esgotam nas decepções mortaes.

Ha portanto uma força superior a todos os individuos, por mais eminentes e preponderantes que sejam, força que faz com que as sociedades progridam através das luctas dos interesses, máu grado

a incoherencia das opiniões, no meio das contradicções do sentimento, de encontro aos retrocessos casuaes, arrastando comsigo as instituições atrazadas, fazendo com que todos coopérem para um fim commum, muitas vezes sem mesmo o comprehenderem. É esta força, que deriva da capacidade progressiva da nossa especie, e que a torna persistente, bem como o desenvolvimento individual emergente da edade e do regimen da educação; é esta a força que nos leva para diante, e que naturalmente se contrabalança com o instincto regressivo da conservação.

Na sua *Ideia de uma Historia universal*, Kant esboçou em principio a cooperação d'essa força, com que os politicos não contam: «Os individuos e mesmo os povos não imaginam sequer, que entregando-se cada um ao seu proprio sentir, e muitas vezes a lutarem uns contra os outros, elles seguem contra vontade, como um fio conductor, o designio da natureza, que lhes é desconhecido, e concorrem para uma evolução, de que pouco se lhes daria, ainda que tivessem uma ideia d'ella.» Exemplifiquemos este principio fundamental com factos de qualquer instituição social: A Egreja, com a tremenda corrupção do passado, cooperou inconscientemente para o triumpho do protestantismo; a Realeza, pela absorpção de todas as energias sociaes, e pelo abuso da força do regimen cesarista, provocou o advento da éra revolucionaria: o Contitucionalismo, pelo sophisma das Cartas outorgadas e pela hypocrisia liberal, deu origem ás agitações democraticas que reclamam a justiça da instituição da Republica.

Em Portugal é evidente esta força da evolução, em que os proprios monarchicos, os mais pessoalmente interessados na causa dynastica, são os que mais coopéram para o advento da Republica, embora de um modo inconsciente. Os ministros revelam pela sua instabilidade, que não existe um poder definido tendo por base a vontade da nação; as auctoridades administrativas procedem discricionariamente intervindo na independencia do poder judicial; os parlamentos formam-se por nomeação ministerial com as exterioridades da eleição. Fóra das bases juridicas, cada um defende os seus interesses pela dependencia dos favores, e n'este conflicto nascem os despeitos que lavram nos partidos monarchicos, despeitos que motivam revelações importantes, com que a nação se vae desilludindo da realeza.

É geral esta falha de senso commum; ao passo que os monarchicos nos impõem com processos judiciarios o respeito pelo rei, são elles proprios que o expõem á situação de ir receber ao Porto uma venéra da associação humanitaria! Um jornalista, no excesso de fervor pelo interesse dynastico, proclama a negação dos principios mais rudimentares do direito publico, e barafusta na irracionalidade, tornando mais odiosa a ordem do que a demagogia.

Um outro jornal monarchico, atacando os republicanos por falta de unidade, diz que elles são incapazes de fundar a Republica, e que se as republicas existem, é porque os monarchicos as conservam, e sabem sustentar, apoiando-se no exemplo de Thiers. Bella transição para justificar esta cooperação inconsciente.

De facto os publicistas modernos distinguem estas duas capacidades, a que funda a Republica e a que sabe sustental-a; e Laveleye, considera a população das cidades como a que tem a intelligencia e a audacia para estabelecer a Republica, e a população das provincias como a que tem a adhesão persistente para conserval-a. Um outro jornal monarchico, a proposito de eleições confessa que a população activa de Lisboa, commerciantes e industriaes, e sobretudo nos circulos mais ricos e intelligentes, se confessavam republicanos diante do candidato monarchico que lhes impetrava o suffragio. A mesma confissão se repete nos jornaes das provincias. Mas não basta isto ainda; sem plano de convergencia, que é a missão dos chefes, as opiniões republicanas vão espontaneamente constituindo nucleos ou centros por todas as provincias, ao passo que os partidos monarchicos se dividem em grupos despeitados, ou patrulhas, atacando-se os regeneradores entre si nas suas folhas, espectaculo que se repete com a mesma impertinencia no jornalismo progressista. Nenhum d'elles quer a Republica, é verdade, mas coopéram fatalmente para ella; e é esta inconsciencia da acção, esta versatillidade das opiniões, este desvairamento das personalidades, que nos revela que o tempo está perto e que por intuição os espiritos tendem para a realisação de uma ordem nova.

THEOPHILO BRAGA.

---

## Um santo...

O bom do prior acabara de almoçar e dirigia-se vagarosamente para a egreja encostado á sua bengala de castão d'ouro.

Ia dizer missa.

«Que sacrilegio!» dirão as beatas que nos escutarem.

Pois é a pura verdade. O prior era fraquito, apesar de que a sua figura o não indicasse. O abdomen era monstruoso, os hombros largos e o seu aspecto era todo saude e robustez. Mas, emfim, as apparencias illudem... O pobre do padreca não podia estar duas horas consecutivas sem comer. O seu maior prazer era passar algumas horas á mesa deante d'um succolento almoço. No fim de tudo era um santo homem.

Tinha devorado o seu bello bife e entornado garrafa e meia d'um

vinho da sua lavra, que o tornara um pouco alegre. A' sahida dera um *chocho* na ama, que não pareceu ficar admirada. Estava costumada áquellas expansões do prior, e afinal, que diabo havia n'aquillo? Um beijo não fazia mal e até «abria o appetite», como dizia o prior nos seus dias d'espirito.

Tinha-se pois preparado interiormente para receber o pão e vinho consagrado.

A sua maxima era — *Deus sobre tudo*. Portanto comia primeiro bem, para que a divindade ficasse superior e á altura conveniente.

Entrando na sachristia, puxou da enorme caixa de prata e sorveu estrondosamente uma pitada, offerecendo em seguida ao sachrista, que o imitou. Momentos depois soaram dois estrondosos espirros que atroaram a egreja, seguidos dos inseparaveis—*Dominus Tecum*.

—Mestre Antonio, disse o prior depois de limpar as volumosas ventas, que ha de novo?

— Grandes novidades, respondeu o sachrista piscando os olhos. Veiu ha pouco a D. Joaquina procural-o e disse-me que não se esquecesse de lá ir.

— Oh! pode estar descansada, atalhou o prior.

— Isso lhe respondi eu e lá se foi ella para a capella do Santissimo rezar doze estações.

— Bem, bem; não faltarei. Poucas senhoras ha tão boas como aquella...

— Lá isso é verdade, confirmou o sachrista. Boa em toda a extensão da palavra.

E sublinhou maliciosamente a ultima phrase.

Pouco depois accrescentava:

— Foi bastante infeliz. Tão pouco tempo casada!

— Assim está melhor. Vae mais direita para o céo.

— Oh! vae para lá direitinha. O sr. prior encarrega-se d'isso.

O prior tossiu grosso, fingindo não ter ouvido.

N'isto deram dez horas no relogio da sachristia.

— São horas. Vamos lá servir os freguezes, disse o prior alegremente.

— Amen! accrescentou o sachrista, que pelo costume de ajudar á missa, empregava a todo o momento aquella palavra.

O padre paramentou-se e entrava pouco depois na capella-mór com gravidade, precedido pelo acolytho.

Acabada que foi a missa despiu as vestes, envergou a sobrecasaca preta dos dias de gala, poz o chapeu de copa baixa e abas largas e pegou na bengala.

— Até logo, mestre Antonio, disse elle.

E dirigiu-se pacificamente para casa de D. Joaquina. Esta senhora era viuva de poucos mezes, ainda nova e formosa. Tinha sido

casada pouco tempo e conservava todo o viço e frescor da mocidade. Apesar d'isso não queria casar segunda vez, e muitos pretendentes tinham sido rejeitados. Lá tinha as suas rasões...

— Oh! meu caro prior! disse ella quando o viu entrar. Acabei agora mesmo de chegar.

— Minha querida senhora D. Joaquina, apressei-me a obedecer ás suas ordens.

— Ordens! Foi um simples pedido...

— Para mim os seus desejos são ordens, minha senhora, respondeu o padre com galanteria.

— Hoje ha de almoçar comigo, temos muito que conversar.

— Acceito, disse elle. Logo que acabei a missa apressei-me a vir aqui, portanto ainda não fui a casa, onde a minha boa Anna me espera.

— Pois que espere. O prior não passa cá todo o dia... disse ella com uma certa impaciencia.

— De certo, de certo, mas não será por falta de vontade.

— Maganão! fez ella batendo-lhe no hombro amigavelmente.

— É o que eu lhe digo. Na sua companhia um dia é um minuto.

— Sempre lisongeiro! prior.

— Nunca o fui. Acredite-me.

E apertou com força as mãos de D. Joaquina.

— Está bom, meu querido. Já sei que me estima.

— Oh! ainda não é o termo. Que a admiro, que a... adoro... disse o prior agarrando nas mãos de D. Joaquina.

E um sonoro beijo resoou na sala...

— Vamos, vamos; disse D. Joaquina libertando-se do prior toda córada. O almoço deve estar na mesa.

— Vamos lá! fez elle com um suspiro.

Pouco depois estavam sentados á mesa em frente um do outro. Duas garrafas meio despejadas e alguns pratos já vasios mostravam ter havido completa derrota. Parecia uma aposta a ver qual comia mais...

Santo Deus! Quem diria, ao ver o prior, que tinha ha pouco sahîdo da mesa.

Com o seu barrete preto na cabeça, tinha desabotoado o colete e bebia o chá, saboreando-o a pequenos goles, com os pés estendidos por debaixo da mesa até tocarem os de D. Joaquina. Esta, defronte d'elle, sorvia tambem o chá com grande barulho, acompanhando-o com torradas, que desappareciam rapidamente do prato. Que duas alminhas! benza-os Deus.

Emquanto comiam fallavam pouco, limitando-se a olhar um para o outro. Não podiam fazer dois serviços ao mesmo tempo; ou bem que comiam, ou bem que conversavam.

— Meu amigo, disse por fim D. Joaquina rompendo o silencio, tenho a pedir-lhe um favor.

— Diga, minha boa amiga. Estou ás suas ordens, respondeu o prior limpando os beiços ao guardanapo.

— Morreu o padre Vicente, que era, como sabe, o confessor de minha sobrinha.

— É verdade. Grande perda foi! Poucos confessores haverá como aquelle...

— Tem rasão. Mas entre esses poucos ha um muito nosso conhecido.

— Qual? perguntou o prior ancioso.

— O senhor, respondeu D. Joaquina.

— Oh! minha senhora. Confunde-me com esses elogios.

— Mas merecidos, replicou ella; e peço-lhe o favor de se encarregar da direcção espiritual de minha sobrinha.

— Com todo o gosto, minha senhora.

— Bem, então está combinado.

— De certo. E quando começaremos?

— Ámanhã se não lhe faz trans'orno.

— Muito bem, respondeu o prior.

Levantaram-se em seguida da mesa, deram graças a Deus e foram para a sala.

Repotrearam-se n'um canapé e a conversação versou sobre cousas indifferentes.

Quando o padreca se retirou eram já duas horas da tarde.

Chegando a casa perguntou-lhe a ama se tinha já comido.

— Ora adeus! Tomei alguma cousa, respondeu elle, mas traz-me sempre o meu *lunch*, que não se perde nada.

E sentou-se novamente á mesa...

*
* *

D. Joaquina está no seu quarto. É um aposento pequeno e mobilado simplesmente: uma cama, guarda-vestidos, lavatorio com espelho e meia duzia de cadeiras. Por cima da cama pende um crucifixo de metal e um painel de Nossa Senhora.

Sentada n'uma d'essas cadeiras antigas bastante pesadas, com um livrinho na mão, D. Joaquina lê attentamente a vida de Santo Agostinho. Por momentos parava a leitura e ficava absorta a contemplar uma passagem mais edificante da vida do santo.

Foi no meio d'uma d'estas contemplações beatificas que a vieram interromper.

Appareceu uma criada.

— Que queres? perguntou D. Joaquina com mau humor.

— Minha senhora, sua sobrinha está na sala.

— Bem, bem. Já lá vou... disse ella mudando de tom.

D. Joaquina não tolerava que a interrompessem quando estava em meditações religiosas; quando isto acontecia manifestava-se logo o seu mau humor. Mas agora o caso era differente: tratava-se da sobrinha que ella idolatrava e por isso apressou-se a apparecer-lhe.

A sobrinha e o *senhor prior* eram excepções á regra...

— Minha querida sobrinha, dizia momentos depois D. Joaquina, como te vaes dando com o teu novo confessor?

— Bem, minha tia, respondeu ella córando muito.

— Isso é o que se quer. O prior é um bom homem, não achas?

— Sim... elle parece... respondeu a sobrinha visivelmente perturbada.

— Ainda o não podes conhecer bem. Ha só um mez que elle é teu confessor!

— Tem rasão, minha tia.

— O prior é um santo. D'aqui a alguns mezes o apreciarás como merece.

— Oh! decerto.

Pouco depois accrescentou a sobrinha, querendo mudar de conversa:

— Minha tia agora parece que vae melhor.

— Na verdade tenho andado mais direitinha.

— Bem se vê. Acho-a mais gorda...

Esta observação da sobrinha fêl-a estremecer e mudar de côr, comtudo ella ou não reparou ou fingiu não dar por tal.

Aquella observação parecia ter um sentido mysterioso, parecia haver ironia n'aquellas palavras que de certo haviam sido ditas na maior boa fé do mundo e sem nenhuma intenção particular.

D. Joaquina, que se tornara muito pallida, em breve serenou e disse placidamente:

— Minha sobrinha, é melhor tirares o chapéo.

— Não, tia, eu não me demoro.

— Sim! Que pressas são essas?

— Hoje é dia d'ir á confissão...

— Ah! sim. Não me lembrava.

— E eu não gosto de faltar, accrescentou ella ruborisando-se.

— Tens rasão. Fazes muito bem.

— Vim cá para saber como a minha tia tem passado, que já ha muito que a não via.

— Julguei que já te tinhas esquecido de mim.

— Oh! minha tia. Que ideia!

— Bem sei que és minha amiga...

— Tenho tido tanto que fazer!

— Sim?

— É verdade. As cortinas para o asylo das orphãs teem-me dado trabalho.

— Bem empregado tempo! disse D. Joaquina com enthusiasmo.

— Já vê que se não tenho vindo é porque não me tem sido possivel.

— D'isso estou eu certa.

Alguns minutos depois sahia a sobrinha de D. Joaquina da casa d'esta. As faces estavam afogueadas por um vivo carmim, o seio arfava-lhe com violencia e o seu passo era apressado e nervoso.

Dirigia-se para a egreja onde o prior a esperava.

Ia confessar-se...

. . .

São passados alguns mezes depois do encontro de D. Joaqulna com a sobrinha.

O prior acabava de se levantar da cama. Parecia preoccupado e passeava agitado pelo quarto com as mãos nas algibeiras.

— Diabo! murmurava elle por entre dentes, foi uma asneira.

Por fim, depois de ter medido innumeras vezes o comprimento do quarto, tomou uma resolução.

— Vou almoçar, disse elle, e... talvez me esqueça.

Sahiu do quarto e entrou na casa de jantar, onde a ama acabava de pôr a mesa. Deu-lhe um abraço que ella retribuiu com usura.

— Que consolação! exclamou elle. Isto é para animar.

E estendeu-se commodamente n'um canapé, esperando o almoço.

— Não sabe, sr. prior?

— O que? perguntou elle.

— No outro dia cheguei á janella e disse-me o tendeiro ali da esquina: «Você vae-se dando bem lá com o prior.» E vae eu respondi-lhe: «Dou-me muito bem na casa. O prior é um santo.» «Pois bem se vê, está gorda e forte...» E é isto. Todos me acham mais gorda... disse ella com um sorriso significativo.

— É bom signal. Dá-se bem com a comida... disse elle rindo.

E accrescentou em voz baixa:

— Tambem esta! Já são tres...

E ficou por um momento pensativo.

Pouco depois o rosto desanuveou-se-lhe e exclamou alegremente:

— Ora adeus! É a conta que Deus fez.

E sentou-se á mesa, despejando um enorme copo de vinho.

Lisboa — Dezembro de 1881.

Alberto Bastos.

# A trichina

Estudo d'este parasita, desastrosos effeitos que produz no homem
e meios de evitar a trichinose

(Continuado de pag. 47)

IV

## Trichina intestinal

Sabemos já o que é a trichina muscular ou enkistada, vejamos o que é a trichina intestinal. Não é outra coisa mais que a trichina muscular enkistada, que passou ao intestino do animal que comeu carne trichinada.

N'um excellente artigo publicado em 1878, no *Jornal de Beja*, pelo nosso collega do districto de Beja, o sr. Silveira Machado, diz elle sobre a trichina intestinal o seguinte:

«Quando a trichina enkistada entra no estomago de qualquer animal, o seu kisto é immediatamente dissolvido pelo succo gastrico, e a trichina, sobre a qual esse succo não exerce a mais leve acção, achando-se livre, passa para a parte duodenal do intestino e ahi se desenvolve em harmonia com o seu succo, chegando as femeas ás vezes, a 3 millimetros, podendo reconhecer-se a olho nú, logo que deitadas em liquido transparente, onde parecem tenues fios nadando.»

Temos pois assim trichinas machos e trichinas femeas, vivas e livres, no interior do intestino.

Ahi os machos fecundam as femeas, e estas, que são dez vezes mais numerosas que elles, não tardam em *dar á luz* os embryõesinhos ou pequenas trichinas, em tão grande numero, que uma só mãe pode parir 3:000!

Isto dura mais de um mez, desde que a trichina muscular enkistada entra no intestino.

Quarenta dias após este assombroso parto, as trichinas mães morrem, e são expulsas de envolta com os excrementos.

Mas para onde vão os embryões que agora povoam o intestino do animal, que ingeriu a trichina muscular?

Em breve essa innumeravel população fura a parede do intestino que a contém, e, segundo uns auctores, vão as pequenas trichinas, de cellula em cellula, por todos os tecidos molles, para se fixarem de preferencia no muscular; segundo outros, de cujo numero faz parte o sr. Zundel, os parasitas, atravessando a mucosa intestinal, penetram nos capillares sanguineos e d'ahi nos va-

8

sos, deixando-se arrastar na corrente do sangue, e parando só nas fibras musculares, para n'ellas se fixarem.

«O embryão, diz o sr. Zundel, durante a sua migração do intestino para o musculo, torna-se 30 a 40 vezes maior; leva uns 10 dias n'este caminho, e, chegado ao tecido muscular, ahi se enrola ao fim de um mez; e são precisos mais dois mezes para que o kisto albumino-fibroso se forme em torno d'elle.»

V

## Animaes em que se observa a trichina

Sabemos que o homem e o porco alojam a trichina no seu intestino e no seu tecido muscular.

O mesmo succede com o javali, e muito principalmente com os ratos e ratazanas, e menos frequentemente com as rapozas, gatos, fuinhas e martas, que com os mesmos ratos e ratazanas se alimentam.

Alguns sabios experimentadores já teem conseguido trichinar o cão, assim como o coelho, em cujo organismo o desenvolvimento das trichinas é prodigioso.

Os outros animaes pecuarios (varias especies de gado) além do porco, bem como as gallinaceas, quasi impossivel é tornal-os trichinosos.

Na Allemanha, onde tudo se observa, experimenta, estuda profundamente, affirma o sabio professor de Strasburgo que ha 6 por cento de ratos trichinosos. É pois muito de suppôr que o porco contráia a trichinose, devorando ratos eivados de trichinas, visto que por toda a parte estes pequenos roedores se encontram infeccionados do parasita.

Segundo um sabio allemão, tambem as minhocas e outros vermes da terra, que os porcos engolem, são frequente vehiculo para a infecção d'este animal, porque as trichinas tambem se encontram em abundancia no organismo de taes vermes. (Sr. Conselheiro S. Bernardo Lima. *Archivo rural*, vol. 8.º, pag. 171).

Além d'estes meios de infecção trichinosa, ha tambem os excrementos dos proprios porcos (e por ventura de outros animaes e do homem) infeccionados, que estes animaes facilmente comem de mistura com os alimentos, e n'esses excrementos podem conter-se milhares de trichinas.

VI

## Resistencia vital da trichina

A trichina continua a viver, mesmo depois de morto o animal em cujo organismo se aloja.

Mesmo que a carne trichinada apodreça, ainda ahi se podem observar trichinas vivas.

As differentes preparações sob as quaes a carne de porco se apresenta no mercado, taes como: toucinho ou carne salgada, carne fumada, presuntos, chouriços, paios, etc., manifestam a trichina cheia de vida e prompta a reproduzir-se.

Assim, com mais rasão, a carne e toucinho fresco.

Submettida a um frio intenso, como a um calor elevado, este parasita ainda resiste e se conserva capaz de infeccionar o organismo do homem e outros animaes.

O sr. Zundel, a quem n'este estudo principalmente seguimos, diz que o sr. Leuckart assevera que a carne trichinada conserva ainda trichinas vivas, depois de estar submettida, por alguns dias, a um frio de 20 graus abaixo de zero do thermometro centigrado.

Submettidas a uma temperatura elevada, ainda vivem a 60 gráus do mesmo thermometro. Quanto mais tempo teem de enkistadas, mais resistem ao calor.

É preciso uma temperatura de 75 gráus centigrados para morrerem seguramente.

Conseguintemente, a carne de porco fresca, o toucinho ou qualquer preparação salgada ou fumada do porco, que soffra a cozedura usual nas nossas cosinhas, por espaço de duas a tres horas, ficará innocente, porque as trichinas que possa conter ficam mortas.

Mas, para isso, é necessario que o calor penetre, *por egual,* todos os pontos da porção que se coze na panella. Um grosso pedaço de toucinho ou de carne, um paio inteiro, um espesso bocado de presunto, se estiverem eivados de trichinas, mostrarão estes vermes mortos á superficie e mesmo até certo ponto da sua massa; mas é possivel (e tem-se experimentado) que apresentem ainda vivas as trichinas nas camadas mais profundas até ao amago, porque até lá não chegou calor sufficiente para as matar.

O que dizemos para a cozedura, succede quando se assa ou frege a carne de porco trichinado.

Voltando á cozedura, convem ainda observar que, se lançarmos o tecido trichinado logo em agua muito quente ou a ferver, a albumina coagula-se á superficie e forma uma capa solida que não deixa penetrar o calor bem no amago, onde, em tal caso, as trichinas ficam vivas. O mesmo não succede, lançando a carne, chouriço ou toucinho em agua fria, e aquecendo tudo lentamente.

VII

## Pode-se conhecer a trichina nos porcos vivos? Tecidos e preparações onde ella se encontra

É completamente incerto o poder-se conhecer se um porco está ou não infeccionado de trichinas, isto é, se padece de trichinose. A maior parte dos porcos trichinosos estão gordos e apresentam todos os signaes de perfeita saude.

Todavia, alguns que, depois de mortos para consumo, denunciaram a trichina no campo do mycroscopio, haviam antes d'isso manifestado em vida alguns symptomas morbidos, como: rijesa de musculos, fraqueza de rins, etc.

Para nos certificarmos se um porco está ou não atacado de trichinas, quando d'isso houvermos suspeita, ha quem aconselhe que se saque com um arpão ou outro instrumento apropriado, pequenas porções de carne do animal, ou que se lhe corte a cauda, cujos musculos então se podem analysar à vontade.

Teem sido infeccionados experimentalmente muitos animaes com a trichina. A maior parte d'elles passam, com similhante infecção, perfeitamente, ou antes, não manifestam o mais leve symptoma da doença. N'alguns, muito raros, apenas se manifestam levas colicas, diarrhéa, febre e tristeza, restabelecendo-se em breve a apparencia da saude.

---

Já vimos que nos musculos, em geral, apparecem as trichinas. Exceptua-se porém d'esta regra o coração.

Mas frequentemente, comtudo, e em maior quantidade, apparecem ellas nos musculos striados, nos do pescoço, peito, olhos e no diaphragma.

Quanto ás preparações onde se encontra a trichina, são todas as que conhecemos, feitas com tecidos do porco; mas ha muito maior probabilidade, quasi certeza, de as encontrar nos enchidos, especialmente os que veem da America visto que na sua composição, entram tecidos de varios porcos, al um ou alguns dos quaes podem ter sido infeccionados.

Em vista do que dissemos sobre a resistencia vital das trichinas, e na certeza de que estão perfeitamente vivas n'estas preparações, se lá existirem, vê-se bem que imminente perigo correm as pessoas que costumam comer chouriço, presunto e até toucinho completamente cru.

## VIII

## Exame microscopico da trichina

O *Jornal de agricultura e sciencias correlativas*, tão proficientemente redigido pelo nosso illustrado collega, o sr. Alves Tôrgo, no seu numero de 1 de maio do 1881, transcreve do *Commercio de Portugal* um optimo artigo do illustre professor do Instituto geral de agricultura, o sr. Jayme Batalha Reis, recentemente encarregado de uma aula de microscopia n'aquelle estabelecimento, artigo no qual se descreve assím o exame microscopico da trichina.

«Na carne a examinar faz-se um córte tão fino quanto possivel, que se põe de môlho durante alguns minutos, n'uma parte de potassa dissolvida em oito de agua. A carne torna-se assim mais transparente, e deixa ver á simples vista pequenos pontos brancos. São as trichinas. Se a carne é gorda deve lavar-se com éther.»

«As trichinas estão ordinariamente enkistadas, fechadas dentro de um involucro calcareo. Uma ou duas gottas de acido chlorhydrico fraco bastarão para destruir o kisto.»

«As trichinas poderão então ver-se ao microscopio enroladas em espiral.»

«Se mettermos a carne a examinar em tintura de pau de campeche, esta tinge a carne sem tingir a trichina, que então fica perfeitamente distincta.»

Os microcopios que o governo acaba de facultar aos intendentes de pecuaria, dão a grandeza real do objecto a examinar augmentada 30 a 50 vezes; isto é: teem a força de 30 a 50 diametros.

Ora, tendo a trichina, pelo menos, 5 deci-millimetros de comprimento, podemos vel-a, com taes microscopios com 15 millimetros de comprimento, pelo menos.

Qualquer pessoa, mesmo sem explicação, se serve d'esse instrumento.

Entre as duas laminas de vidro que o acompanham colloca-se a tenue particula ou lamina finissima de carne a examinar. Unidas as laminas, collocam-se na pequena mesa negra do instrumento, de modo que a carne fique ao centro do orificio circular da mesa, e trata-se logo de segurar as laminas ali, abaixando e carregando levemente a patinha de metal enfiada na haste do microscopio superiormente á mesa.

O observador colloca o instrumento diante de si sobre uma banca em frente da luz de uma janella; e com o espelhinho movel atravessado na dita base e sob a mesa, illumina perfeitamente o objecto a examinar fixo entre as laminas de vidro.

Depois, subindo ou descendo muito suavemente, com a mão

direita, o tubo do microscopio com um dos olhos applicado ao vidro superior, vae assim chegando á maior grandeza em que o objecto pode ser visto.

Para as observações deve-se escolher, quanto possivel, particulas dos musculos onde a trichina é mais abundante, como vimos.

(Conclue) ANNES BAGANHA.

## O Nazareno

Ó triste nazareno ! ó revolucionario !
Meigo perseguidor da antiga iniquidade,
Que déste a vida pela ingente Humanidade
No supplicio do crú Golgotha solitario ;

Se Tu, resuscitar podesses — visionario,
E como dantes, louco ! ir prégar a Igualdade,
Verias o Rei e o Padre — os monstros da maldade,
Levarem-te de novo á morte do Calvario !

Era teu templo o mundo ; o deus a sã justiça ;
A Moral dava thema á tua nova missa...
E os bonzos vis, crueis, pregavam-te na Cruz !

Inda hoje, ó Martyr bom ! mensageiro da Luz,
Condemnavam-te ao negro e barbaro supplicio
Se não votasses preito á Infamia, ao Erro, ao Vicio !

XAVIER PAIVA.

# Bibliographia

Estudos de Sociologia «Ensaios sobre a evolução da humanidade» por Teixeira Bastos, Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1882, 1 vol. in-8.º de 241 pag.

Eis um livro que deve ser lido por todos aquelles que desejarem instruir-se, para quem a sciencia nunca deixou de ter attractivos.

Os *Ensaios sobre a evolução da humanidade,* comprehendem oito capitulos todos distinctos, mas subordinados ao mesmo ponto de vista philosophico. São bellos estudos sociologicos em perfeita harmonia com o titulo da obra.

A philosophia positiva que todos os dias vae adquirindo novos adeptos, e orientando os melhores talentos d'esta terra, não póde de fórma alguma ser atacada nas suas bases, solidificadas pela observação e experiencia, o seu grande methodo.

Só os espiritos educados na philosophia que teve por fundador Augusto Comte, serão capazes de produzir obras que satisfaçam ao ideal moderno.

Em sciencia e em arte o melhor que se tem produzido é devido á orientação positiva. O romance, a poesia, a critica, têm-se elevado nos ultimos tempos á sua

maior altura, facto que de certo se não daria com a preoccupação das especulações methaphisicas.

Todos os nossos litteratos filiados na escola decadente, são incapazes de produzir obras de vulto. O espirito rotineiro esterilisa-os nos debates da imprensa periodica, nas locaes escandalosas, nos falsos juizos, em que não ha uma ideia aproveitavel e nos arrendilhados do estyllo, com applauso dos *claqueurs*, que só possuem o grande merito de perder uma vocação.

A incapacidade que provém da falta d'um methodo seguro, tem este condão especial da importancia balofa e por isso mesmo apregoada, sem ser discutida, da maioria dos nossos litteratos que se impõem á admiração dos seus leitores e aos empregos de favor, quando os não mendigam, pelos *relevantissimos* serviços prestados ás letras patrias. Eis-aqui porque somos um paiz de jornalistas e de empregados publicos.

Os que fogem d'este circulo vicioso, que leva fatalmente o escriptor ao logar de amanuense de secretaria, os que trabalham com um ponto de vista, com criterio, os que, emfim, se desviam da rotina, assentando os seus productos intellectuaes em bases puramente scientificas, esses têem sempre contra si a conspiração do silencio, as inimisades ou as antipathias litterarias que tambem trazem as pessoaes.

Teixeira Bastos, é um d'esses escriptores applicados, que preferem o estudo no gabinete, sentados á mesa do trabalho, conservando-se indifferentes ao ruido inconsciente que se faz em roda dos litteratos da moda. Elle não convive com estes *dandys* almiscarados e ôcos da republica das letras, soltando constantemente uma enfiada de banalidades enfrascadas, mas pretenciosas, abusando assim da paciencia indigena. Elle trabalha, estuda sempre, com amor, com muita coragem, e os seus trabalhos de alta importancia scientifica não têem os reclames usados pelo nosso jornalismo! E porque? Porque este escriptor nunca seguiu a rotina, e tem combatido sempre o erro, fazendo propaganda dos sãos principios, escudado na sciencia. Elle é o verdadeiro escriptor moderno, e portanto não pode ser *honrado* com os juizos dos espiritos conservadores e decadentes. Accresce que a maioria dos nossos homens de letras é partidaria do *statu quo*, amando as velharias e a phraseologia balôfa. É impossivel esperar d'ella os louvores a um trabalho novo.

O recente livro de Teixeira Bastos comprehende uma serie de bellos estudos sociologicos baseados na philosophia scientifica, e assim intitulados:

I *Conservação e revolução*—II *A Creação do homem*—III *Origens da familia*—IV *Origens das Religiões*—V *Missões religiosas*—VI *As guerras e o espirito militar*—VII *As revoluções sociaes*—VIII *Como se realisa a evolução.*

Se o autor dos *Ensaios sobre a evolução da humanidade*, não tivesse já affirmado o seu talento disciplinado em outras abras, esta bastaria para o elevar á altura dos primeiros escriptores da geração moderna.

Este seu ultimo trabalho revela um talento de primeira ordem.

Desejavamos fazer a analyse completa d'este livro, mas não nos permitte a falta de espaço com que sempre luctam revistas d'esta ordem.

Teixeira Bastos expõe admiravelmente n'um estyllo claro, as suas bellas theorias em que ha uma accumulação de factos curiosos, citações d'alta importancia, triades luminosas d'um pensador. Tem uma phrase technica, perfeitamente adequada ao assumpto. Os capitulos a *Creação do homem, Origens da familia, Origens das religiões*, e as *Guerras e o Espirito Militar*, são magistraes, revelando muita erudição e um criterio rigorosamente scientifico.

É verdade que o autor dos *Ensaios* é uma illustração, mas o que o faz sobresahir como escriptor, é o methodo que elle possue. Não se pode exigir mais d'um rapaz tão novo e que muito se deve honrar com a conspiração do silencio. É a maior prova de que elle não produz banalidades, mas sim trabalhos de vulto. A philosophia positiva deve-lhe muito, porque elle é um tenaz vulgarisador da grande obra de Comte, em que tem robustecido o seu bello espirito.

Livros d'esta ordem são sempre bem vindos, e merecem um logar distincto na nossa modesta estante.

Louvamos sinceramente o seu autor pelos relevantissimos serviços que tão c -rajosamente presta á sciencia contemporanea, estudando a humanidade nas suas diversas phases evolutivas.

Lisboa. REIS DAMASO.

---

# Quadros historicos

## II

### HYPATHIA

Nas primitivas idades do christianismo foram muito frequentes no gremio dos seus adeptos as divergencias e dissidencias, por causa do modo como cada um interpretava certos pontos theologicos, ou promovidas pela teimosia, não isenta de fanatismo, de outros, em quererem imprimir a auctoridade de dogmas ás mysticas invenções de seus espiritos escandecidos e allucinados na contemplação beatifica das cousas sobrenaturaes. Chamavam-se a estas divergencias: *heresias*, e aos seus auctores: *heresiarchas*.

Infelizmente, no ardor d'essas disputas doutrinarias, no embate das contendas dogmaticas — em que sempre havia effusão de sangue, e portanto macula indelevel para o que se denominava a religião do Crucificado! — tantos erros propagavam orthodoxos como heresiarchas, tantos excessos commettiam aquelles que estavam da parte de Roma, como aquelles que ambicionavam e tentavam levantar novas igrejas no Oriente.

Porém, não é nosso intento agora descrever as scenas tenebrosas d'essas formidaveis luctas do fanatismo religioso, em que a mescla do interesse particular ou de partido politico, o espirito de tradição de raça ou tendencias ethnographicas, tomavam uma grande parte, senão a maior, do sentimento piedoso de religião. Queremos tão sómente apresentar ao leitor uma mui respeitavel mulher, uma heroica martyr da Sciencia, que tão merecidamente celebre se tornou em um d'esses periodos historicos, que estão gravados nos fastos do christianismo com letras de sangue, do generosissimo sangue derramado pelos Bons, pelos Sabios e pelos Justos.

E' Hypathia, filha de Theon. Foi uma notavel mathematica, e viveu em Alexandria, no quarto seculo, quando lavravam com pasmosa intensidade as tremendas e sangrentas disputas movidas pelas doutrinas de Ario, o athletico fundador da seita dos *arianos;*

doutrinas que os doutores romanos apodaram de hereticas e subversivas, mas que dominaram no Oriente, e em grande parte do Occidente, por espaço de quasi quatrocentos annos.

Ario, tinha como inpugnador e desvairado inimigo um homem allucinado pelo zelo religioso: era S. Cyrillo, que fazia estender o seu odio a todos que seguiam a sciencia grega, base de toda a doutrinação do seu adversario, e que a illustre Hypathia defendia e propagava com o santo fervor de um apostolado.

S. Cyrillo dispunha sobre o povo mesclado da grande cidade, d'um prestigio immenso, perigosissimo; mas que, ainda assim, era contrabalançado pelo de Hypathia. Esta, porém, dominava sobre a parte da população mais pacifica e intelligente.

A doutissima mulher, estudara a fundo, com grande e ardente enthusiasmo, Aristoteles e Platão; amenisava e expunha em conferencias publicas as doutrinas dos maiores sabios da antiguidade, e attrahia os ouvintes e adquiria partidarios pelo imperio do saber e persuação da verdade. D'est'arte promettia abrir arriscada brecha na popularidade do allucinado orthodoxo.

Hypathia cultivava com estranho ardor todas as mathematicas; fizera uns commentarios aos escriptos de Apollonio e de outros geometros, que se perderam, mas cuja memoria se perpetuou atravez as idades.

Professava um culto grandioso pela publicidade. Discutia com os mais eruditos sabios da época; e dessiminava as flores da sua bella alma e do seu fecundo e brilhante talento, pelo povo, cujo instruia e moralisava em edificantes palestras scientificas, sobre as leis que regem o globo terraqueo, suas relações com os phenomenos atmosphericos, e de preferencia ácerca das grandes e notabilissimas descobertas operadas por iniciativa dos Ptolomeus.

Alexandria era ainda o magestoso emporio da sciencia, cujo berço fôra o Serapião, onde lá se erguiam ainda — como espectros ameaçadores, ou tristes recordações de um passado cheio de glorias, — os calcinados restos da decantada Bibliotheca dos sabios Ptolomeus.

A nossa heroina era o vulto mais sympathico e a mais devotada ariana da grande cidade.

Cyrillo conheceu alfim que o seu poderio peryclitava ante a erudição, a superioridade moral, e porventura belleza da sua famosa adversaria; e, na sua mente transvariada pelo odio e pelo fanatismo religioso, nasceu e evolumou-se uma idéa ruim. Essa idéa, primeiro foi como uma florescencia ephemera, um desejo que mal desabrocha se apaga logo; mas depois, reappareceu, mais robusta e gravou-se-lhe no cerebro inolvidavelmente, dominando-lhe a vontade com a ancia, a sede abrazadora de sangue.

Tomou a peito desfazer-se de Hypathia!

A gentalha, composta dos ferozes representantes de diversas raças e communhões politico-religiosas, andava profundamente excitada por effeito das controversias dogmaticas, e era terrivel e de mau pronuncio o desvario das fanaticas predicas dos monges christãos.

Cyrillo, allucinado pelo furor doutrinario, e transvariado pelo odio rabido de partido, aproveitou-se com satanica habilidade da exaltação dos animos. Só por meio d'um passo grandemente ousado, poderia aniquilar a merecida popularidade da sua illustre rival, o prestigio triumphante que ella tão nobremente sabia conservar sobre os homens de sciencia e os populares honestos da celebre cidade dos Ptolomeus. O rancoroso sacerdote da doce religião do martyr do Golgotha, não hesitou sequer em o dar; porque bem persuadido estava que Roma já n'esse tempo lavava com a esponja ensopada em agua benta, todas as maculas do sangue derramado em seu serviço. Não sabemos até se o *santo* já n'esse tempo prelibava os gosos da futura canonisação, e ante-sonhava as delicias da bemaventurança... de mescla com os horridos projectos do cobarde assassino.

Hypathia habitava um magnifico edificio situado em um dos mais pittorescos sitios da populosa Alexandria. Das suas janellas, podia ella a todos os momentos contemplar as imponentes ruinas do Serapião, que recordavam pelos traços negros das chammas implacaveis, o feroz vandalismo do despota romano, morto heroicamente pelo punhal de Bruto.

Todos os dias longas filas de carroças enfeitadas vistosa e garridamente, e puxadas por alimarias ajaezadas com luxo e riqueza, paravam á porta da sua morada, que tambem era a sua academia, e as suas espaçosas e opulentissimas salas enchiam-se e regorgitavam de gente de todas as classes. De longes terras vinham sabios discutir com Hypathia, e estudiosos ardentes mitigar alli a sede de saber.

Ella era como uma fonte inexgotavel de sciencia, onde todos procuravam dessedentar-se.

— A propaganda heretica e subversiva d'aquella impostora, prevertida pela chamada sciencia grega, tão proconisada pelo mafarrico do Ario, que o inferno confunda, é um perigo constante para a nossa santa igreja.

Assim dizia Cyrillo a um grupo de monges christãos, entre os quaes se encontravam alguns dos fanaticos fomentadores da exaltação que lavrava no animo da plebe, tão azada ás impressões violentas do odio religioso.

Elle continuou, dissimulando mal o despeito que o dominava:

— A sua popularidade recresce dia a dia, ou, antes, de momento a momento; porque ella possue a arte diabolica de disfar-

çar a falsidade da sciencia que doutrina, com os ouropeis illuzorios de uma eloquencia estudada, de uma dialectica infernal, que exerce a mais fascinadora acção sobre o povo: essa monstruosa cambada de reprobos e devassos, que se atropellam e derream por essas ruas fóra, somente para a ver, ouvir e acclamar. Ella nos tem levado bastantes ovelhas do aprisco christão, e ameaça tresmalhar-nos o rebanho inteiro. O seu proselytismo tem feito tantos arianos como o proprio Ario. O heresiarca, se continuamos de braços cruzados, na mais criminosa espectativa, poderá vir em mui breve assentar arraiaes n'esta cidade do peccado, e fundar aqui a nova igreja e proclamar voz em grita e de cathedra a sua diabolica heresia! E os christãos fieis que se preparem para morrer ás mãos sacrilegas dos excommungados seguidores das doutrinas stultas dos Aristoteles, dos Platões e outros pagãos de má nota, em que baseia a sua doutrina o perro do Ario!

O *santo* estava medonho por affeito da exaltação da colera. Tremia todo, e as pupillas brilhavam-lhe com o fogo dos allucinados; a sua palavra ardente e sybillante, ia gravar-se na mente dos ouvintes como se elles escutassem os sangrentos vaticinios de um propheta sinistro.

— Razão tendes, beatifico Cyrillo, — disse um monge, já bastantemente excitado; — se essa vaidosa mulher proseguir na sua nefanda obra de preversão, o povo em breve nos voltará por completo as costas; e depois, sem crentes, sem partidarios e, portanto, sem prestigio algum, o que será de nós e da santa igreja catholica romana n'esta terra?

— O que será de nós e da igreja mãe? — acudiu n'um impeto de raiva, mui pouco evangelica, outro monge.

— Facil é de prevel-o. Seremos sem duvida perseguidos e immolados sem compaixão; a nossa santa igreja será aniquilada ou dispersa...

— Oh! tal não acontecerá! exclamaram os mais exaltados, erguendo os braços em signal de grande ameaça.

— Por minha fé! exclamou o que primeiro respondera a Cyrillo. Se Hypathia é a causadora unica dos males que sentimos e deploramos, como tudo nos leva a crêr... Hypathia deve deixar de existir! Um obstaculo só se vence completamente, destruindo-o.

Brados roucos de saudação acolheram a lembrança do *virtuoso* monge.

Cyrillo esqueceu-se da hypocrisia habitual; e, como era identico o seu pensamento, applaudiu o sanguinario monge com a mais brutal franqueza: lavrou-se logo alli o pacto infame.

— Morra, pois, a filha de Theon, para tranquillidade da igreja de Alexandria e gloria do nome do filho de Deus n'esta parte do orbe christão!

Foram estas as ultimas palavras do futuro beatificado.

Alguns dos monges abriram os habitos e entre-mostraram uns aos outros, com aspecto hediondo, as armas que sob elles occultavam.

Depois separaram-se, indo misturar-se aos grupos de populares, que se formavam pelas ruas e praças para indagar dos acontecimentos e commental-os a seu sabor.

Os monges desempenharam habil e galhardamente a sua perfida missão. Em menos de um credo conseguiram amotinar a arraia miuda do povo, envenenando-lhe o coração com uma duvida terrivel: que Hypathia era uma especuladora velhaca, que, se queria exercer prestigio sobre o povo, era tão sómente para o transformar em degrau das suas desmesuradas ambições.

Ao descair da tarde, Hypathia, sentada no interior de uma rica carroça, tirada por um formoso cavallo da mais fina raça, passava por uma das principaes praças, em direcção da sua academia.

Grande numero dos seus admiradores e partidarios, iam descobertos e radiantes de enthusiasmo em derredor do vehiculo, como que a escoltar o seu idolo. O povo, afastando-se na sua triumphante passagem, parava aos lados das ruas e acclamava-a vivamente, phreneticamente, em transportes de enthusiasmo, que ás vezes tocava as raias do delirio.

Das janellas, as damas victoriavam-n'a accenando-lhe com os lenços, cobrindo-a de flores.

E ella agradecia a todos, não com o regosijo do orgulho satisfeito, mas com as lagrimas da mais sentida gratidão.

Era um espectaculo imponente e glorioso que arrobava e enternecia!

De subito surge na praça a figura ascetica de Cyrillo. O odioso orthodoxo dirigiu-se a uma mó de populares de ruim catadura, por entre os quaes se enxergavam alguns dos monges, que já apresentámos.

— É chegado o momento decisivo, disse Cyrillo ao ouvido de um monge de fórmas athleticas e semblante ferocissimo.

— A plebe, catechisada por nós, bom padre, — redarguiu o monge — está prompta para tudo.

— Vamos, pois.

A turba-multa, á voz dos monges, começou de mover-se como uma serpente monstruosa, e gritos sinistros irromperam de centenares de boccas avinhadas.

A carroça de Hypathia, e os admiradores da nobre mulher, entravam a este tempo n'uma rua estreita e tortuosa.

Subitamente foi assaltada pela horda de populares guiados pelos monges. Cyrillo tinha desapparecido ... a fim de não comprometter a sua sanctificação ...

— Morte á impostora! morte á heretica! bradava a gentalha, no auge da exaltação.

Hypathia, surprehendida pelo estranho do caso, mas serena, ainda que levemente pallida, procurou fallar á multidão.

— Não a deixem fallar, — vociferava um monge; — não a deixem fallar, pois ella o que pretende é desarmar o vosso braço vingador, com os dolos e embustes de sua infernal invenção.

— Apoderai-vos da pagã! — berrava outro monge açulando a corja.

Alguns fanaticos fizeram parar a carroça, e um romano ia já a encarrapitar-se sobre uma roda.

Um dos admiradores de Hypathia tomou-o nos braços vigorosos e arremessou-o a grande distancia.

— Para traz, malvado!

Um monge vibrou uma punhalada de morte ao heroico defensor da filha de Theon. Foi o signal da lucta. Os que guardavam o carro foram vencidos e aniquilados; e o povo, que saudára a mulher illustre, espavorido e aterrado, fugiu deixando-a entregue á sanha dos assassinos...

Hypathia foi tirada brutalmente do carro, e depois espancada e deitada por terra. A multidão, excitada até á ferocidade, despiu-a dos seus vestidos, e arrastou-a, cobrindo-a de vergões das pancadas, e victuperando-a com chascos e vaias obscenas, até á igreja, onde a esperavam reunidos os companheiros de Pedro o *leitor*.

— Eis em nosso poder a mulher vaidosa e peccadora, que durante tantos annos lançou a baba da sua duvida pegadiça e nojosa na alma do povo d'esta cidade, afastando-o da casa do Senhor e da predica santa dos seus escolhidos, para o attrahir ao seu prostibulo, onde o prevertia e envenenava com a sua doutrinação sophistica e pagã.

Assim clamava Cyrillo do alto do pulpito sagrado. E concluiu:

— Que se ha-de fazer d'ella?

— Esmagal-a, como se esmaga um reptil peçonhento, — bradou um padre, com voz que eccoou pelas arcarias do templo como o som cavo e funebre d'uma campa.

— Á morte a impostora! Á morte a pagã! — berrou a multidão, que abafava no sagrado recinto.

— Matem-me, sim! matem-me, fanaticos preversos! para que o sangue da martyr vá espadanar nos vossos altares, e enrubescer mais as letras dos missaes romanos!

Não poude dizer mais aquella nobilissima creatura. Os monges, cegos pela ira, arremessaram-se sobre o corpo esculptural e nú da sua victima, com a sanha de uma alcateia de lobos esfaimados, e lhe deram morte horrendissima!

O corpo da martyr foi feito em pedaços, e os despojos sangrentos divididos pelos mais fanatisados!

Depois accenderam uma fogueira ; e, quando a espiral das suas chammas rubras se erguia para o espaço, como um dedo luminoso erguido para o céo, os monges, que já tinham arrancado a carne dos ossos, atiraram ao fogo os restos da que tanto os incommodara com as luzes esplendorosas do seu immenso saber ! !

Assim acabou a mulher mais sabia e mais austera das primitivas idades do christianismo, depois de uma vida gloriosa de estudo, de trabalho, de abnegação e triumphos !

Jámais foi Cyrillo chamado a responder por tão espantoso crime ; parece que desde então se admittiu que — os fins justificam os meios.

---

Dizem que Hypathia escreveu um grande numero de livros sobre mathematicas e geometria ; mas todos se perderam com a rica bibliotheca de Alexandria, que foi dispersada depois da sua morte, como aviso áquelles que intentassem levantar o facho luminoso da Sciencia ante as trevas do obscurantismo, que é o melhor e mais seguro esteio da tyrannia !

Xavier de Paiva.

---

## Progressos da humanidade no seculo actual

Estamos no ultimo quartel do seculo XIX. Lancemos os olhos para o brilhante espectaculo que nos appresenta o mundo e comparemol-o com o que nos appresentava o ultimo quartel do seculo XVIII. Que trabalhos gigantes se não fizeram depois que Condorcet escreveu o seu bosquejo dos progressos do espirito humano ! Como a humanidade tem caminhado no curto espaço de um seculo ! Os caminhos de ferro, o gaz da illuminação, os vapores, os fios electricos, os pára-raios, as machinas, a photographia, os telefones, a luz electrica, que quantidade assombrosa de inventos que têm transformado a face da terra e que ao principio eram olhados como chimeras, ou quando muito como objectos bons para se guardarem n'um museu de curiosidades.

A descoberta do vapor data de 1690, segundo alguns auctores que a attribuem ao sabio francez Diniz Papin ; porém Jayme Watt é que tornou esta invenção aproveitavel nos fins do seculo passado e é elle quem gosa das honras de inventor. A machina de Watt espalhou-se rapidamente e nos principios do presente seculo estava já em uso em muitos logares da Europa e da America. O celebre enge-

nheiro americano Roberto Fulton applicou este invento á navegação, e os constructores Trevilhick e Vivian applicaram-no ás vias ferreas. Passaram-se setenta annos e hoje vemos o mar sulcado de vapores que percorrem em quinze dias o espaço que nossos avós percorriam em tres e quatro mezes nos seus navios de vella. Por terra atravessam-se 50 e 60 kilometros no mesmo espaço de tempo que os nossos antepassados gastavam para andarem uma legua. As distancias desappareceram. Portugal e a Russia approximaram-se da França. Napoleão gastou alguns mezes de Paris a Moscou, agora qualquer pessoa faz em poucos dias a travessia napoleonica atravez da Russia. Ha comboios directos que vão até S. Petersburgo. A Europa tende a unificar-se pelo progresso.

Entre a Europa e a Asia ha uma grande distancia, ha a Africa e o cabo das Tormentas, isto é muito tempo perdido e innumeros perigos. Que se ha de fazer? Supprima-se a Africa e supprima-se com ella o cabo das Tormentas. Como fazel-o? Cortando um largo cordão de penedos que une dois continentes. Era um trabalho de titans, mas estamos no seculo dezenove e esse trabalho realisou-se. Separaram-se dois continentes, ligaram-se dois mares e o canal de Suez tornou-se o caminho rapido e seguro que conduz ao Oriente.

A electricidade era conhecida desde os tempos antigos, porém só depois de Volta se tornou susceptivel de ser applicada. Franklin inventou os pára-raios. Œrsted e Arago applicaram a electricidade á telegraphia; vieram depois os aperfeiçoamentos e actualmente os fios electricos pozeram em contacto as mais distantes partes do globo. A Europa e a America estão ligadas por uma infinidade de fios telegraphicos e quasi todas as terras do mundo se podem corresponder em poucos instantes. Pelo telegrapho electrico New-York fica a poucos minutos de Londres, e Lisboa do Rio de Janeiro. Um acontecimento de interesse geral sabe-se no mesmo dia em todo o orbe. É simplesmente assombroso! Continuam a fazerem-se descobertas que hão de um dia vir a ser importantes. A luz electrica, o telephone, o phonographo, etc., são objectos de estudo que estão passando por successivas modificações e aperfeiçoamentos, graças aos esforços incessantes e esplendidos de Edisson, Bell, Jablocoff e innumeros outros.

E que espantoso não tem sido o movimento industrial! As machinas surgem por todos os lados e para todos os effeitos, machinas de fiar, machinas de tecer, machinas de cortar, machinas de lavrar, machinas de moer, machinas de costura, etc. etc, E todas ellas ou pelo menos a maior parte dos seus aperfeiçoamentos são d'este seculo.

No seculo XIX os progressos materiaes têm tido um incremento desusado e nunca anteriormente visto. Qual a causa d'este desen-

volvimento? Todos os factos sociologicos são filhos de outros que os precederam, são effeitos de causas secundarias ou immediatas, são consequencias d'um meio determinado. Ora os progressos materiaes nascem sempre dos progressos intellectuaes.

O progresso passa por tres phases regulares e successivas: primeiro é intellectual, depois moral e por fim economico ou material. Talvez alguem pretenda contestar esta affirmação citando o que se passa entre nós: a esse lembrar-lhe-hei que o nosso paiz não póde servir de exemplo porque não tem tido um desenvolvimento proprio, a vida da nação portugueza é artificial; os melhoramentos materiaes foram-nos impostos pelo meio europeu em que vivemos. A profunda decadencia a que chegou Portugal, arrastado pela monarchia de mãos dadas com a inquisição e com os jesuitas, estiolou muitas gerações e deixou-as vegetar no meio de um indifferentismo desolador que seria criminoso se fosse consciente. Só agora começam a notar-se symptomas de um progresso intellectual; infelizmente são ainda bem frouxos. Não succedeu porém o mesmo com a França e com os paizes do norte. Alli o progresso intellectual precedeu o material.

As sciencias têm tido no seculo actual cultivadores insignes que as têm desenvolvido, levantado e propagado. Na astronomia têm-se continuado as observações dos planetas, encontrou-se Neptuno, adoptou-se a analyse espectral dos astros, descobriram-se os satellites de Marte, augmentou-se o numero conhecido de planetas que gyram entre Mercurio e Jupiter, estudaram-se as nebulosas, seguiram-se os cometas, etc.; Trémaux explica por uma theoria nova a gravitação, substituindo a attracção pela repulsão, mais racional e mais explicativa, e sujeita todos os phenomenos naturaes ao principio universal do movimento; na physica estabeleceu-se a unidade das forças, decompoz-se a luz do espectro solar, descobriu-se que o calor não era senão um modo do movimento, analysaram-se minuciosamente innumeros phenomenos; na chimica continua-se a analyse dos corpos inorganicos, chega-se á composição artificial de alguns corpos organicos, encontram-se novos corpos simples, decompõem-se outros que se julgavam irredutiveis, consegue-se liquefazer o oxygenio, e sob maiores pressões o azote, o hydrogenio, o ar atmospherico. Cria-se a biologia, estudam-se os corpos organicos, comparam-se entre si, classificam-se, apresentam-se theorias novas, Raspail estuda os tecidos e as alterações promovidas pelos parasitas, Claudio Bernard estuda os nervos, a cellula, as funcções do coração, a acção paralisadora do curare, d'esse veneno fortissimo da Ameria, e morre quando tinha a esperança de encontrar o segredo da constituição da cellula; Luys estuda o systema nervoso, a espinhal medula e o cerebro, etc. Augusto Comte funda a sociologia e estabelece as relações entre as várias sciencias. Traduzem-se os hyeroglificos e os cu-

neiformes, estudam-se as religiões do Oriente, leem-se os livros sagrados da India e da Persia e as epopêas da antiguidade ante-historica, descobre-se a epopêa babylonica, encontra-se o homem pre-historico nas escavações realisadas por toda a Europa, comparam-se as religiões, os mythos, os contos, as lendas, as linguas, os poemas, etc., buscam-se as origens do direito, estuda-se a architectura, estudam-se as litteraturas, descobre-se o sanscrito e o zend, forma-se a grammatica geral das linguas indo-europêas, etc.

Tal é o estado a que chegou o progresso humano na epocha que vamos atravessando. Se olharmos para traz e considerarmos o caminho percorrido veremos como é vagarosa a evolução, e como só á custa de muitos e muitos sacrificios poude a humanidade ascender ao logar elevado que hoje occupa. Por quantas e quantas phases não passou a humanidade! Esta enorme lagarta quantas e quantas vezes não mudou de involucro porque os velhos tegumentos se foram apertando e rompendo á proporção que se desenvolvia!

De seculo para seculo, a herança universal de conhecimentos e de trabalhos vae sempre augmentando com os esforços das gerações que se succedem, e decerto o seculo XIX é o que mais tem augmentado esse legado.

TEIXEIRA BASTOS.

---

## A proposito da questão das vivisecções [1]

Outr'ora os homens que queriam ter a seu cargo o destino das sociedades e o legitimo orgulho de bem as ter evangelisado, recorriam aos principios religiosos para pôrem em pratica os principios scientificos. Assim a circumcisão e a prohibição da carne de porco entre os hebraicos, simples preceitos de hygiene, precisaram de ser attribuidas a uma vontade divina.

Hoje os homens que desejam conservar a direcção espiritual dos povos, recorrem a principios que dizem baseados na melhor religião para insultarem a sciencia e lhe extorquirem os seus direitos legitimos e fortes.

---

1 O auctor destinava este artigo a ser publicado na *Era Nova* onde o foi o do sr. Alexandre da Conceição a que este se refere: pelo acabamento d'aquella revista só agora é publicado, ainda que tarde para a resposta, mas não pelas considerações scientificas com que o auctor tratou o assumpto.

*Nota da empreza.*

Ainda no seculo XIV foi a Egreja que authorizou pela primeira vez a dissecção dos corpos humanos; hoje parece que, da parte da Egreja, se caminha para fazer d'isso um peccado.

É por isto apenas que se diz que os homens de sciencia d'hoje perpetuam o verdadeiro padre e que os padres d'hoje teem entre si e os homens de sciencia essa tenebrosa differença que ha entre o dia e a noite.

Isto porém era necessario e fatal: tinha obrigação de o fazer a vastidão crescente dos conhecimentos humanos, os progressos da geologia, da embryologia, e da histologia comparada do cerebro, valentes demolidores da philosophia espiritualista.

Os principios do codigo de illuzões a que se chama religião, não sendo positivos, não sendo formados dos factos naturaes e estando consequentemente condemnados a toda hora aos abalos do septicismo, nasceram, cresceram e vão desapparecendo lenta, mas radicalmente.

Os principios scientificos, pelo contrario, erguem-se dos factos, tornando-se *discutiveis sobre documentos palpaveis*, e são por isso immorredouros no progresso virtiginoso do seculo.

Só o que é demonstravel, avança e domina; o que é indemonstravel, marcha eternamente no mesmo terreno e por fim é-lhe forçoso cahir na valla commum.

É pois inevitavel uma separação absoluta: Sciencia e religião teem de marchar cada vez mais inharmoniaveis. Mas não é sem estranheza que vemos o reviver de conflictos raivosos e pouco coherentes, sobretudo quando elles vivem com o assentimento de governos poderosos que, em tantos outros pontos, são enormes alavancas do progresso e factores primarios da familia humana.

O governo inglez parece ter partilhado do falso espirito christão que lavra nos protectores dos animaes, e está fazendo executar uma lei prohibitiva das experiencias dos physiologistas em animaes vivos sobre pretexto de que estes experimentalistas obram contra a religião e a moral, e de que, usando taes experiencias com demonstração nos cursos, fazem a mocidade cruel. Os physiologistas que porventura desobedeçam á lei serão presos e multados severamente.

A parte da sociedade ingleza que estaciona á vista do progresso, poude influir no parlamento do seu paiz e conseguiu que similhante lei fosse votada e posta em execução rigorosa. Esta influencia innegavel e poderosa que ainda tem o espirito religioso, é um facto que não intimida, mas que é digno de uma attenção muito seria, e o procedimento do governo inglez parece a todos perfeitamente deslocado no meio do boxe e dos combates dos gallos.

Um parlamento que, a pedido de simples sociedades protectoras dos animaes e dos advogados de causas fossilisadas, esquece que a saude é a primeira base directa, que a medicina é a garan-

tia da saude, que sem physiologia não ha medicina, que sem experiencia nos animaes vivos não pode haver physiologia; um parlamento que despreza a opinião dos sabios pelo alvitre dos piedosos, quer arriscar-se muito a que o supponham pouco versado na utilidade capitallissima da sciencia que vem aggredir, a que o julguem inimigo de si e dos outros, pouco zelozo do elevado logar que o seu paiz occupa na sciencia, e como diz o illustre Carlos Darvin, custaria a acreditar aos vindouros que elle pagou com tanta ingratidão aos primeiros bemfeitores da humanidade.

Isto é sem duvida alguma assim.

Mas, apezar d'este procedimento, para todos pouco conciliador, para muitos revoltante, estamos convencidos de que ninguem se se lembrará nem mesmo em Portugal, de concluir o que ao sr. Alexandre da Conceição approuve escrever na mesma phrase em em que usa tirar os seus ditos a limpo com o sr. Camillo Castello Branco—que a Inglaterra *é uma nação de caixeiros carolas e brutos com pretensões a doutores em metaphysica.* Não. A questão das vivisecções que será justamente tratada por todos os pontos civilisados do globo, não o será por nenhum positivista, como facto isolado e em termos taes, senão pelo sr. Alexandre da Conceição, temos esta certeza. O facto carece de um protesto severissimo; é um facto de primeira ordem, baseado em exigencias que lavram tambem pela França e pela Allemanha, e no qual nada teem que fazer caixeiros abrutalhados por pequenas hypotheses portuguezas.

A lei votada pelo parlamento inglez e executada como o proprio sr. Alexandre da Conceição nos diz, pelo ministerio de Gladstone, é um acontecimento, por isto mesmo, estupendo e grave que não cabe debaixo da epigraphe *John Bull* e ao qual, quanto mais *pueril* o julgarmos, tanto menos devemos dar a confiança de lhe chamar *violentissima tolice*, nem *prohibição descommunalmente ridicula e bestial.* Os inglezes, a quem o sr. Alexandre da Conceição sonhou amontoados ao fundo d'uma mercearia tratando questões scientificas, teem na sua bella lingua uma palavra só para estas palavras todas—*shocking!* A lei contra as vivisecções é um acontecimento cujo mechanismo é muito urgente não apreciar pela rama, e que nos deixa perplexos, mais do que enfurecidos, a ponto de esquecermos que o governo inglez, em questões de *dirigir o movimento intellectual do mundo moderno*, continua a sustentar illimitadamente os primeiros museus do mundo, o primeiro *aquarium* do mundo, os primeiros jardins zoologico e botanico do mundo, que as maiores explorações geographicas se lhe devem, e o sr. Alexandre da Conceição, pensando mais friamente, verá que estes factos bastam para *desamarrar sufficientemente um povo do ridiculo da historia.* Esta lei parece-nos um caso de nenhum modo particular, mas sim a prova inesperada de que ha ainda força bastante

do lado opposto, força que necessita de ser energicamente destruida, mas perante a qual, sobretudo n'estas proporções, os desabafos palavrosos são perfeitamente estereis. Apezar do fastio que a todos causa, essa força não dá a ninguem que escreve com o moderno espirito dirigente da sua terra, não dá a nenhum portuguez o direito de insultar um grande paiz, muito menos com os primeiros ephitetos do reportorio; e nós vimos supplicar á mocidade portugueza que aprende com o sr. Alexandre da Conceição e com os directores litterarios coniventes na publicação da sua maneira de appreciar, que não acceite similhante exemplo.

Lembremos que a maior revolução por que tem passado o espirito humano, particularmente nas sciencias naturaes, se deve aos dois cerebros inglezes de Carlos Leyell e Carlos Darvin, e o sr. Alexandre da Conceição deverá tambem lembrar-se de que, ao passo que na França e na Allemanha, as theorias d'esses dois grandes homens de *tempera ingleza* foram por muito tempo insultadas ou prejudicialmente comprehendidas e divulgadas, na Inglaterra, ellas eram geralmente adoptadas e sabiamente comprehendidas e e applicadas. E já que estamos em physiologia, é obrigação confessar que a Inglaterra n'este ponto, tem em todas as epochas produzido grandes homens taes como Harvey, Willis, Robert Hook, Richard Lover, Thomas Young, Charles Bell e Marshal Hall, cujos trabalhos deram quasi sempre impulsos originaes.

Tudo isto torna muito mais sensivel o procedimento do parlamento inglez, mas não nos parece que nenhum espirito meridional, que nós, portuguezes, do fundo do nosso fatal mimetismo, possamos entrar n'esta questão senão para fazer sentir o insolito da lei anti-viviseccionista, mostrando o que a Inglaterra vale e que a sagacidade e a prudencia teem sido sempre as bases da conducta do seu povo. O nosso protesto não pode ir além de pedirmos aos sabios estrangeiros (aos inglezes) que nos ensinem a mostrar ao povo portuguez a utilidade da physiologia experimental, afim de termos preparada a força da opinião publica indispensavel, para que então um governo possa votar ao desprezo as exigencias incoherentes de algumas corporações sentimentalistas, que tambem temos por cá e que podem fortificar-se, como tem acontecido nos paizes mais cultos da Europa.

Na França as sociedades protectoras não conseguiam nem conseguirão talvez impedir por lei os progressos da physiologia experimental, mas conseguem-o por um modo quasi igualmente efficaz, promovendo a morte immediata dos cães presos por vadiagem, de modo que, quando um medico quer um cão vivo para aprender a não matar algumas dezenas de homens, não encontra senão os animaes que os seus donos precisam para si.

Graças a esta maneira de proceder, estas sociedades, protegendo

assim os animaes, embora sem a consciencia do que fazem, tornam-se perseguidoras dos homens e são corpos estranhos no meio da humanidade. O soffrimento dos cães é-lhes mais digno de respeito do que o presente e sobretudo o futuro de uma sciencia cujas praticas, inevitaveis e não crueis, teem por fim unico o desempenho da missão mais respeitavel—abolir os soffrimentos dos homens. Associações cujos membros ainda julgam a moral inseparavel dos principios religiosos e que, em nome d'estes ultimos (que tambem tiveram sombra para a Inquisição) pedem que os cães sejam officialmente equiparados aos homens, quando, por outro lado, querem um logar á parte na classificação zoologica, e que chegam até a dizer a quem tenta persuadil-os que faça as experiencias de vivisecção em si... de associações taes, ninguem pode descobrir a coherencia e religiosidade dos principios, nem a moralidade dos fins.[1]

São estas associações que é preciso fazer entrar no seu caminho, se é que ellas teem algum caminho. É preciso convencel-as mesmo de que teem cumprido sufficientemente a sua missão, conservando-se no seu primitivo logar, limitando-se a chorar sobre as chicotadas desnecessarias applicadas pelos conductores de omnibus, fazendo, quando muito, algumas conferencias a respeito d'ellas, mas sem se esquecerem de indicar outro meio de fazer andar os cavallos manhosos como é preciso.

Mas isto não se consegue á descompostura n'um parlamento que obrou talvez com a sagacidade que lhe é peculiar. Ha muitos annos que esta corporação é perseguida pelas reclamações *pietistas*, e já em 1876 ella se viu obrigada a fazer pequenas concessões. Portanto não podemos dizer que obrou precipitadamente, e ainda que a lei podesse deixar de ser votada, não é possivel acreditar que todo o parlamento a votasse por falta de sciencia e por amor das sociedades protectoras; mas sim que uma boa parte d'elle obrou, sabendo o que ha sempre de tentador n'um fructo prohibido e lançando opportunamente sobre a piedade buliçosa a opinião estimulada e esmagadora dos homens de sciencia, em especial a dos que são directamente offendidos. As cartas de Darwin e de Carlos Vogt publicadas em volumes diversos da *Revue scientifique*, e os discursos de Virchow e Michael Foster no recente congresso medico de Londres, são effeitos notaveis d'essa intenção mais do que provavel.

O professor Virchow, o pai da pathologia cellular, mostrou n'esse congresso em que se achavam reunidos mais de 2:500 medicos de todos os paizes, que o estudo do cadaver é impotente para fazer progredir a medicina. A doença é uma fórma anormal da vida e como tal não se pode estudar nos tecidos mortos. A base da arte de curar está na comparação da cellula saudavel com a cellula doente e isto só se pode verificar no vivo. O estudo do cadaver

não nos mostra de modo algum a maneira porque as cellulas doentes e as saudaveis se conduzem, e é exactamente a sua conducta e não a sua decomposição que os physiologistas medicos precisam conhecer, O cadaver é util sómente, em pathologia, para mostrar os estragos d'uma doença n'um orgão que tinha sido impossivel observar em vida, mas... *après la mort, le médecin.* A causa d'esses estragos, a difficuldade de circumstancias em que vivia o orgão lesado, a razão e a natureza d'essas circumstancias difficeis, a acção d'um medicamento sobre a vida das cellulas morbidas; eis ahi outros tantos pontos capitaes unicos capazes de dar a base da verdadeira medicina, e para os quaes não ha a esperar dos tecidos mortos senão uma completa nudez.

Mas nem todas as experiencias de physiologia, apesar do curioso parecer de alguns adversarios e da supposta crueldade dos experimentalistas, teem podido exercer-se nas proprias pessoas d'estes ultimos, nem nos seus similhantes.

Não ha principio nenhum moral ou religioso que auctorise ninguem a experimentar em si uma substancia desconhecida (que pode vir a ser um medicamento dos mais preciosos), para não pôr em risco a vida d'um cão ou de um gato. Basta este exemplo do ensaio de um medicamento, para provar até á saciedade que a physiologia experimental é um recurso indispensavel; basta estender os élos inseparaveis d'esta grande cadeia:—vivisecção, physiologia, hygiene, medicina, saude, trabalho, riqueza ... Ninguem melhor do que os inglezes teem sabido comprehender a importancia d'estes tres ultimos factos, ninguem melhor do que os sabios inglezes saberá reagir efficazmente contra as associações *pietistas*, para manter o progresso dos outros. O passo que o parlamento inglez acaba de dar, será decerto o portador de grandes desenganos e determinará a queda fatal das protectoras, tornando bem patente o quanto ellas se teem feito inuteis e, mais do que isso, soberanamente perigosas.

A physiologia não pode ser impedida de marchar no seu largo caminho, e a lei britannica, por mais tempo que vigore, é apenas uma ponte para levar desassombradamente a mais vastos campos de exploração.

Ha males qne servem de bem. O interesse dos physiologistas pela sua sciencia redobra, como era de esperar; a questão agita-se e muita gente que até aqui não tinha ouvido fallar em vivisecção, fica couvencida de que ella, no estado presente da sciencia, é inseparavel dos alicerces sociaes; a opinião publica que tinha sempre considerado as sociedades protectoras como cousas innocentes e da moda, passa a odial-as como a uma liga jesuitica, e ellas, no arrefecimento de verem deferidas as suas petições, talvez tenham tempo de se envergonharem e de se converterem.

Concluimos mudando um pouco a nossa opinião : — nós teremos algum dia muito que agradecer ao parlamento inglez a lei que elle acaba de votar !

Ponta Delgada (Açores), 6 de setembro de 1881.

ARRUDA FURTADO.

---

# A trichina

Estudo d'este parasita, desastrosos effeitos que produz no homem e meios de evitar a trichinose

(Concluido de pag. 62)

IX

## Esboço historico da descoberta da trichina

Data de 1832 a descoberta da trichina, feita em Londres por Hillon, Paget e Owen, em cadaveres humanos. Era a trichina muscular enkistada.

Em 1847, Leidy affirmou que ella é abundante nos porcos d'America.

Em 1859 o sr. Virchow observou trichinas de ambos os sexos no intestino de um cão, vendo as femeas cheias de ovos. Sabemos que esses ovos sáem já transformados em embryões ou pequenas trichinas rudimentares, na occasião do parto; por isso estes vermes se chamam *ovo-viviparos*, em relação ao seu modo de geração.

Só em 1860 se reconheceu a trichinose n'uma mulher que comêra carne de um porco que mostrou a trichina enkistada. Foi o sr. Zeutter que, em Dresde, fez esta descoberta.

Numerosas experiencias, consecutivas, feitas por muitos sabios biologistas e microscopistas, puzeram bem a lume tudo quanto hoje se sabe sobre a reproducção, emigração e enkistamento da trichina, assim como as condições em que se realisa a infecção por meio d'este notavel parasita animal.

O numero de casos de trichinose humana que se foram apurando, já isolados, já, e quasi sempre, em epidemias, foi tal, que um verdadeiro terror se apoderou de toda a gente, e isto muito mais na Allemanha, onde maior numero de estudos e observações se tem feito, e onde o uso de comer preparados crús de porco era mais geral e constante.

Assim, em 1863, de 135 pessoas infeccionadas em Magdeburgo, morreram 21; —em Hedersleben, no anno de 1865, de 337 doentes, entre 2:000 habitantes, falleceram 163.

D'aquella época até ao presente muitos desastres d'estes se teem verificado e reconhecido sem a mais leve duvida sobre a sua natureza e origem.

Em 1880 morreram em Dusseldorf 4 pessoas de 20 atacadas de trichinose.

O sr. Zundel apresenta uma curiosa estatistica do numero de porcos em que se reconheceu a trichina na Allemanha, desde 1876, por meio da inspecção microscopica, que n'aquelle imperio está organisada officialmente em toda a parte, entrando até já nos habitos do povo.

Diz elle, que em 1876, sobre 1.728:595 porcos abatidos, 800 tinham trichina; — em 1878, por cada 1:665 porcos mortos, 1 estava infeccionado.

Não póde entrar nos limites que a este artigo impozemos, a apresentação de muitissimos casos similhantes aos que vimos de citar.

A trichina no porco e a trichinose humana teem sido verificadas, não só na Allemanha, mas tambem na Suissa em 1868, na Hespanha (Villar-del-Arzobispo, Sevilha e Barcellona), só nos porcos; na Inglaterra, Belgica e Hollanda, tambem só nos porcos; na Austria, na Hungria; mas sobre tudo nos Estados Unidos da America é que a trichina é frequentissima no gado suino.

Sabe-se que enorme quantidade de preparações de gado suino a America exporta para o velho mundo. O sr. Jacobi affirma que em 100 presuntos americanos 1 vem infeccionado de trichinas,

Em vista d'estas noticias, perfeitamente authenticas, verificadas e confirmadas por novas e reiteradas observações microscopicas n'estes ultimos tempos, alguns paizes europeus prohibiram a importação das conservas salgadas e fumadas, toucinho e carne de porco de procedencia americana. Veremos qual a utilidade absoluta d'esta medida prohibitiva, que tão prejudicial é ao commercio, á industria pecuaria e ás nessidades do consumo.

## X

## Medidas a adoptar contra os effeitos, propagação e consumo da trichina

Em primeiro lugar, perguntemos:—é possivel curar a trichinose humana?

Infelizmente a resposta é negativa em relação aos effeitos da trichina muscular.

Quando a trichina intestinal — proveniente da trichina muscular ingerida com a carne de porco — faz a sua migração e se estabelece nos musculos do homem, só a grande resistencia vital do doente o póde salvar: a trichina enkistando-se nos musculos do homem que resistiu até esse momento, já não o prejudica mais. O que elle continua a soffrer é effeito do primeiro ataque.

Mas se houver medico que consiga suspeitar a presença da trichina, emquanto ella se conserva no intestino do homem, isto é, emquanto não principia a sua fatal migração, n'esse caso é possivel, mas muito incerto, conseguir a expulsão d'essa colonia de parasitas, por meio dos purgantes ordinarios e dos anthelminticos.

Diz-se que a glycerina associada ao acido phenico e os alcoolicos dão bom resultado.

Em todo o caso, bom é fortalecer ou preparar o doente para o terrivel combate com a trichina muscular, por meio dos tonicos.

Mas... melhor é prevenir que remediar, mórmente um mal sem remedio.

Vejamos pois as medidas prophylaticas ou preventivas que se teem aconselhado.

Em primeiro lugar, evite-se o mais possivel a infecção dos porcos. Visto que elles se infeccionam, comendo ratos, vermes da terra e excrementos, que podem conter trichinas, é racional e necessario que d'elles sejam cuidadosamente afastadas todas estas causas de infecção, por meio da boa construcção e boa hygiene das suas habitações.

Outra medida, — a prohibição de carne de porco americana, — tem contra si muitas opiniões, visto que a trichina existe nos porcos de todos os paizes europeus, que fazem importação suina da America. Com a prohibição pouco ou nada ganhariam. No entanto a prohibição da importação de porcos vivos, seus productos ou preparações, em occasião de epizootias nos paizes da sua procedencia, é prudente adoptal-a.

O exame microscopico das carnes, toucinho, etc., feito nas alfandegas, mercados e salchicharias, tão profusamente adoptado na Allemanha e outros paizes, e que agora começa a introduzir-se em Portugal por via dos intendentes de pecuaria, — é outra medida preventiva, a que o sr. Zundel dá pouca importancia, considerando que muitissimas vezes se não descobre a trichina nas preparações que a contêem, porque o exame não póde humanamente realisar-se em todos os pontos da peça a examinar. Em todo o caso logo que se reconheça que uma peça qualquer está trichinada, temos a certeza de, com a sua destruição, evitar a infecção que ella poderia occasionar.

O nosso collega Silveira Machado, no mencionado artigo propõe a creação de matadouros especiaes para gado suino, onde os inspe-

ctores poderão facilmente fazer o exame microscopico, e verificar até a existencia de outras doenças, diversas de trichinose, que importem a destruição dos animaes.

Propõe tambem outra medida não menos util, que é a obrigação imposta a todas as pessoas que matarem porco ou porcos, de assim o declararem á auctoridade, afim de se proceder á inspecção microscopica.

Todas as imposições tendentes a garantir a vida e a saude dos cidadãos são legitimas, por mais vexatorias que pareçam.

Os governos devem redobrar de zêlo e energia em assumptos d'esta ordem, porque não falta em toda a parte a ignorancia e a malevolencia para lhes fazerem a mais obstinada opposição.

O nosso referido collega cita um caso passado na Allemanha, em que dois carniceiros, querendo provar que a trichina era innocente, apoderaram-se de um animal mandado enterrar por ter trichinas; e elles, suas familias e criados em numero de 12 pessoas, comeram *solemnemente* aquella deliciosa iguaria... Publicaram esta façanha n'um jornal de Magdeburgo, sendo o manifesto assignado por 14 testemunhas que assistiram ao *banquete.*

Mas chega a quarta semana depois da festa, e tres dos convivas entram no hospital com todos os symptomas da trichinose.

Tambem aqui no Algarve, onde ha 14 annos contemplo a *civilisação* do nosso povo, os porcariços e carniceiros dizem que a carne com *xafeira* ou *granitos* (são os kistos onde móra o cysticercus celluloso) é a melhor de todas. Ora, o cysticercus pode simplesmente produzir a solitaria ou tenia, na qual se transmuda no intestino humano.

Adoptem-se pois todas as medidas uteis, razoaveis e exequiveis para prevenir a infecção pelas *trichinas spiralis*; mas sendo todas, até certo ponto, falliveis em seu resultado ultimo, UMA UNICA existe de effeito seguro, quando cumprida á risca.

O cumprimento d'essa medida não depende da lei nem da auctoridade. Unicamente o consumidor a pode e deve livremente executar. Depende unica e exclusivamente da sua illustração, do conhecimento completo que, por meio de publicações d'este genero, possa adquirir, sobre tudo quanto respeita ao terrivel parasita de que nos temos occupado.

Ninguem sabe se o toucinho, o chouriço, o presunto, a carne de porco fresca ou conservada, que comprou e entrega á cozinheira, está ou não trichinada; ninguem sabe se tem assim junto de si, no manjar que appetece, a sua sentença de morte!

Mas que importa isso, se o consumidor for instruido e avisado, se se lembrar de que as trichinas não resistem a uma temperatura de 75°?

Ora, o grande preceito, a salvação certa e segura está em *nunca*

*se metter no estomago tecido algum proveniente do porco, sem que esse tecido haja fervido demoradamente em agua, tendo-se sempre o maior cuidado em dividir a peça a cozer em fatias ou parcellas bem delgadas, o sufficiente para não se desfazerem. O mesmo preceito se execute, assando ou frigindo a peça culinaria.*

Assim se vence o inimigo e se evita a morte horrivel e affrontosa.

ANNES BAGANHA.

---

## Duvida

Deus!... mas onde está Deus, ó tristes visionarios,
Que o pranto não enxuga á fraca humanidade,
Que deixa andar descalça e núa a orphandade
Como um bando cruel de réprobos lendarios?

Deus!... mas onde está Deus? Nos largos sanctuarios
Cheios d'ouro e de luz de hypocrita piedade?
Será Deus o Terror que impõe á christandade
A vereda escabrosa e ingreme dos Calvarios?

Na duvida fatal soluço tristemente,
Sem ver brilhar na treva uma nesga de luz
Que marque o meu andar incerto e inconsciente!

Desvendae o mysterio, ó padres de Jesus,
Ó sabios que guiaes as almas sanctamente
E que andaes a pregar o Christo em nova cruz.

ERNESTO PIRES.

---

## Theoria da Humanidade

I

Feição propria e independente tem a historia moderna.

Os factos isolados, que na antiguidade constituiam narrações eloquentes, foram substituidos no mundo actual pelas verdadeiras causas do progresso. Outr'ora narrava-se, hoje investiga-se. O que hontem era um symbolo é agora uma ideia. O *alpha* e o *omega* dos metaphisicos, todo individualista, theorico e abstracto, vae cedendo o campo ás realidades positivas, organicas e experimentaes, que, presentemente, encaminham as sociedades modernas a um novo ideal mais pratico e legitimo.

Assim, pois, a historia é uma evolução. Uma evolução que tem

a sua fórma objectiva por meio da revolução, assim como a politica a teve por meio da administração. E como a evolução é a historia subjectiva, ideal, synthetica.

Determinar, porém, com verdadeira imparcialidade o modo por que cada civilisação concorreu para a civilisação geral, induzir de factos particulares o facto constante e permanente; generalisar a toda a humanidade o que é privativo do individuo, da familia, da corporação, da communa, etc. — tal é, e tal deve ser, presentemente, a verdadeira missão da philosophia da historia.

Retrocedamos um pouco.

II

Depois de atravessado alternativamente o periodo naturalista — de que Hobbes e Malthus são verdadeiros interpretes, na ordem das ideias — chegou o homem ao conhecimento racional da sua existencia.

Conscio de si e dos elementos que o rodeiavam, procurou elle emancipar-se do presente pela contemplação do passado e pelo anceio do futuro.

Vem a Grecia. É uma synthese o seu trabalho; um equilibrio entre a fórma e a ideia. Concentrado em si, o homem quasi esquece o elemento externo, que lhe dera o ser.

Ao passo que as cosmogonias do oriente se nos revelavam n'um certo mysticismo unitario e especulativo a Grecia declara-se abertamente pelo antropomorphismo, ao qual posteriormente succede a philosophia estoica.

Tudo isto e ainda a resurreição do direito de cidade — se direito se lhe podia chamar — tornaram esta civilisação, digna de um estudo serio e aturado. E tanto que Roma mais tarde só veiu completar, ou melhor continuar esta famosa Odysseia, cujo principio pertenceu a Homero e cujo termo ficará eternamente ignorado.

O individuo, porém, acanhado nos limites da familia e da cidade aspirava a um centro mais vasto, onde melhor, e mais livremente podesse exercer a acção das suas faculdades e a tendencia das suas aptidões. Pela unidade, que Roma felizmente soube imprimir ás sociedades gregas, em virtude do seu genio de conquista e eminentemente centralisador, realisou-se a noção de estado, onde o individuo nada era, quando a elle não pertencesse.

Porém o estado era pequeno ainda, e os homens lutavam sempre.

Entre o mundo barbaro, que depois appareceu, e o mundo romano, já então decadente, eleva-se o mundo christão, synthese da civilisação greco-romana.

Começam aqui as lutas da idade media e com ellas uma legitima aspiração a um estado melhor — a nacionalidade — que teve uma brilhante aurora com a revolução politica do seculo XVIII.

A nacionalidade, porém, não era nem podia ser um ideal de perfeita harmonia politica. Provaram-n'o as revoluções de 1830 e de 1848 em França, e attestam-n'o agora exuberantemente as lutas sociaes, que por toda a parte se travam e que não são mais do que um novo ensaio, confirmado pela historia, e reconhecido pela justiça universal, para uma outra e mais completa revolução, cuja eterna divisa será — HUMANIDADE.

É esta a lei da historia; são esses os gritos da sciencia.

III

A Grecia, fundando a cidade, adquiriu materialmente a ideia de liberdade, que Luthero mais tarde desenvolveu pela revolução religiosa.

Roma — dizem — teve um grande defeito, que deveras concorreu para a sua decadencia. Conquistou sempre. Mas a conquista, como aspiração fortalecia a UNIDADE, e a unidade preparava, por seu turno, a democracia universal, do mesmo modo que Napoleão I o fez outr'ora e Guilherme da Prussia o faz actualmente: — um, unificando os povos de origem romana, a fim de estabelecer a democracia latina; outro, unificando os povos do norte, a fim de consolidar a democracia germanica.

Cada um, por opposta vereda, santificava uma ideia, que, todavia, lhes surgiu involuntaria e espontanea, como a evolução social d'onde ella brotava.

Não se comprehende, porém, a liberdade sem a egualdade.

E, por isso se levantou o brado da revolução no seculo passado, o qual, coroando a egualdade, inaugurou definitivamente a epocha das nacionalidades modernas.

Mas a humanidade, livre e egual, carecia tambem de ser irmã. É pois, o seculo XIX, o seculo da fraternidade, ou melhor o seculo da humanidade, como suprema lei e synthese suprema.

Demonstra-o a philosophia da historia pelo eterno principio das SIMPLIFICAÇÕES.

Com effeito, examinando as instituições dos differentes povos, vemos que todo o fito da nossa politica deve ser aperfeiçoar, simplificar, dirigir. Assim a polygamia foi substituida pela monogamia o polytheismo pelo monotheismo, etc.

N'este ultimo termo de simplicidade, que, para Emilio Girardin se cifrava na DEMOCRATISAÇÃO — abolição de tutella civil e religiosa, — e para Proudhon na ANARCHIA — o governo da consciencia, ou não governo, segundo a origem scientifica da palavra, é que deve residir a grande lei do progresso na historia.

Por esta gradação se vê que as differentes espheras sociaes, livres, autonomas, solidarias e subordinadas umas ás outras constituem um prototypo de harmonia universal, chamado HUMANIDADE

Administrativamente poderiamos talvez formulal-o do seguinte modo: O individuo livre na familia, a familia livre no municipio, o municipio livre na provincia, a provincia livre no estado, o estado livre na nação, a nação livre na humanidade.»

Decomponhamos cada um d'estes termos.

MAGALHÃES LIMA.

---

## Como elles pensam

Acabrunhados sob o pezo da propria infamia, os reaccionarios da Europa, e principalmente os *coroados*, como que se alentaram com a quéda de Gambetta e até se rejubilam com a idéa de que em breve a treva offuscará a luz, o mal o bem, o vicio a virtude e a noite o dia, porque, tão maus como ignorantes, desconhecem o estado de mundo actual, as leis que o regem, as leis fataes do movimento, da estatica, da dynamica, da biologia e da sociologia, do progresso alfim, e por isso não só admittem o estacionamento mas até o retrocesso, e como que julgam que a actividade procede da inercia e a vida da propria morte. Nescios que são! Nescios em demazia ou em demazia preversos.

Tão nescios que tentam dar vida á morte, pois que tentam resuscitar o passado, e é na corrupção e no vicio, no embuste e na intriga, que elles fazem consistir o bem da vida através dos mundos, e o *Ceu* na perpetuidade dos tempos, a immortalidade, a gloria, no infinito, na eternidade, finalmente, que é para muitos o impossivel, o pó, o nada, em suma.

São nescios ou velhacos, se é que não são ambas as cousas.

Apesar de tudo—com pesar e apesar da ingenuidade d'uns, da velhacaria d'outros, da ignorancia d'alguns e da covardia de muitos, o mundo não retrográda — ó morcegos da luz!

O progresso é a lei, o bem geral a aspiração, a perfectibilidade, o fim, o termo, o limite entre o *ser* e *o não ser*, o sonho, o nada talvez, ou, se tanto, a descensão ao laboratorio immenso do transformismo, d'onde procederão novos seres e novos mundos — se é que a vida se transforma e perpetùa porque a natureza é immensa, eterna, finalmente.

Como diziamos: alegram-se os *morcegos* com a quéda do maior homem da França, mas que não é a França, cuidando que com ella soffreria grande abalo a republica, que mais tarde succumbiria e sobre os seus magnos alcaçares elles fundariam os seus ergastulos, os seus alcouces, mas enganam-se.

Gambetta é mais para a republica fóra que dentro do poder.

Foi infame a cilada mas não terá maus resultados.

Coligam-se ahi pois todos os reaccionarios para levar a França debaixo, mas elles não o conseguirão. Coligam-se porque sabem, como nós, que, ou a França hade succumbir ou a monarchia cairá em toda a Europa, dentro em pouco tempo.

Não morrerá, porém, a republica em França, porque Bismark é pequeno demais para tão grande empreza.

A Prussia está extremamente pobre e a braços com uma enorme crise e com a revolução ; não está melhor a Austria nem a Russia, e da Italia e da Hespanha, ha apenas a vontade dos seus coroados. O resto do mundo europeu está com a França ou não póde prejudical-a.

A França não é só a cabeça da Europa, é o braço e o cerebro do Universo.

Se a Russia, a Prussia e a Austria, e mesmo a Italia e a Hespanha, ousassem atacar a França, ellas veriam rebentar entre si e logo a maior das revoluções no seu couce, que mais cedo afogaria em ondas de sangue a monarchia e os seus *heroes*.

A coligação devia ter como immediato resultado a republica em toda a Europa, e por isso é muito para desejar, mas ella não se dará—não póde dar-se, infelizmente.

Existe a coligação dos reis, elles estudam o meio de conservar-se, o que é natural, mas é mais natural ainda a coligação dos povos e de mais certos resultados. Nem as coligações são possiveis desde que são conhecidas as *virtudes* da dynamite, do nitro, da electricidade, e por isso elles substituem essas coligações pela intriga, pelo embuste e pela corrupção, que lhes dão melhores resultados.

Se os grandes revolucionarios não fossem verdadeiros homens de bem não existiria já hoje um unico rei.

O balão, as bombas e as descargas electricas tornaram de todo impossiveis as coligações. O balão, as bombas e as descargas são o antidoto da metralhadora e do Krupp.

Demais, a França d'hoje, militarmente considerada, vale quasi meia Europa, tem a seu lado, porque não póde deixar de ser, a Inglaterra, e teria tambem a propria America do norte, se tanto fora preciso, pois que se esta não quer nem deve intervir de nação para nação, na Europa, ella não deixaria d'intervir n'uma coligação que podesse affectar a França, porque ia n'isso o seu proprio interesse, e até a gratidão que lhe deve. E os interesses da Inglaterra são tambem os da França, em grande parte. Nem os pequenos Estados da Europa deixariam de vir á liça, porque elles sabem de mais que na morte da França dar-se-hia a sua propria morte, por isso que dado o triumpho da coligação, uma nova di-

visão da Europa seria consequencia fatal d'uma tal victoria e um despotismo feroz ainda por largo tempo.

Mas não; não póde ser, contra similhante plano protesta a civilisação do nosso tempo, a historia, e até o simples bom senso.

Além de tudo isto, os paizes esmagados pela Prussia, a Polonia e outros, e principalmente a Hungria, que conta quasi duas dezenas de milhões d'habitantes, seriam tambem d'um pezo enorme contra a coligação. Nem o que vae pela Herzegovina e o que mais se prepara por outras partes... é tambem para desprezar.

Entre nós, que somos a Lourinhã da Europa, nos paços do rei de cá até se falla da breve ascensão d'um creançola, filho d'um chamado *principe* Napoleão, ao throno de S. Luiz.

Isto nem deve commentar-se, porque apenas produz a gargalhada e dá a medida de *intellecto* do D. Magnifico e quejandos camarilheiros.

Não ha, pois, que ter cuidado pela republica franceza, que em quanto a nós é d'ha muito consolidada, e se o não fosse ella se consolidaria.

O futuro da Europa é a republica.

Que as monarchias se ponham bem com *deus*, porque com os homens de bem é impossivel, e o porvir é d'estes. O mundo não retrográda.

O imperio da trapaça agoniza por toda a parte, é quasi um cadaver, e estes não se galvanisam porque a alchimia é uma irrisão. A vida não póde provir da morte.

Lisboa. MELLO D'AZEREDO.

---

# Liberdade de consciencia e liberdade religiosa

S. A. MORIN

A liberdade de consciencia e a liberdade religiosa são inteiramente distinctas.

A primeira é a liberdade de crer ou não crer em qualquer doutrina, sem que d'isso nos tomem satisfação, ou nos inquietem, em virtude das nossas opiniões.

A segunda é a liberdade de cada um professar e praticar pacificamente a sua religião sem que alguem o possa estorvar.

Esta, como se vê, é muito mais lata, pois suppõe e contêm a liberdade de consciencia, emquanto que aquella não pode existir sem a liberdade religiosa.

A liberdade de consciencia, basea-se n'um direito tão sagrado que custa a crer que se tenha podido contestar.

Comtudo a historia offerece-nos longos periodos em que, mesmo entre os povos mais civilisados, era desconhecida, e foi principalmente contra ella que se instituiu o tribunal da Inquisição de horrorosa memoria.

Na França, sobretudo depois da revogação do edito de Nantes, admittiu o systema monarchico catholico que, qualquer opinião religiosa contraria á do soberano, fosse considerada como acto de rebellião, como um attentado contra a auctoridade real!

Não ha nada tão odioso e aviltante como tal doutrina.

O governo pode fazer leis para garantir a ordem, manter as relações pessoaes, prohibir os actos que julgue contrarios ao bem geral e assegurar com penas repressivas a sancção dos regulamentos.

Mas aqui terminam as suas attribuições.

O governo não pode nem deve entremetter-se no pensar d'um cidadão; a consciencia é um sanctuario inviolavel; e ninguem será obrigado a declarar á auctoridade publica quaes as suas crenças ou affeições.

Não se pode desconhecer este principio, sem entrar n'um despotico systema de vexatorias perseguições.

E que ganha o despotismo com esta odiosa inquisição e nefasta violação dos mais sagrados direitos da humanidade?

Nem a consciencia escapará ao poder da força bruta?

As ameaças e as torturas poderão arrancar declarações; mas só a bocca as pronuncia; o espirito nega-as e firma-se nas convicções.

A liberdade religiosa para se justificar carece apenas de invocar o principio mais elementar de toda a moral, como o preceituam todas as religiões e todas as philosophias: «Não façais a outrem o que não querieis que vos fizesse.»

Podemos dizer aos sectarios de todas as religiões e com especialidade aos das exclusivas: «Sois tão ciosas da vossa liberdade religiosa, d'essa faculdade de praticar e professar a vossa religião e até de propagal-a por todos os meios ao vosso alcance, que terieis como injustiça e abominavel oppressão, todo o embaraço que oppozesse ao seu exercicio, e com mais razão, toda a lei o prohibisse, violentando-vos a dar signaes exteriores de adhesão a culto qualificado por vós de impio e sacrilego.»

Logo essa liberdade que vos arrogaes considerando-a como patrimonio inviolavel, podeis recusal-a aos outros sem recceardes comprometter essa propria liberdade?!

Especialmente, vós, catholicos, que levais a intolerancia ao maior auge quando prosperos e que sois tão submissos e abjectos na

adversidade, não temeis que vos tratem como vós tratais aquelles que não commungam as vossas idéas, que se vos applique aquella phrase do Evangelho:

—«Sereis medidos pela mesma bitola com que medirdes os outros?! (*Matt*. VII, 2).

Se nos paizes em que os catholicos estão em minoria, o respectivo soberano decretasse a applicação das mesmas leis outhorgadas pelo vaticano contra os não catholicos, não concedendo a liberdade senão á maneira das concessões do soberano pontifice, teriam os partidos do absolutismo que aprender tambem á sua custa o amor á liberdade e a comprehender que os direitos e deveres são sempre correlativos.

AFFONSO DE SOUSA.

---

# Passado, Presente e Futuro

I

Meu passado foi como a noite escura
— Noite sem luar, sem constellações,
D'essas que fende ao nauta a sepultura
Do vasto mar nas vesgas solidões!

Foi um espaço immenso! E a sorte dura
Jamais me fez sentir as vibrações
Da limpida alegria, e da ventura
Que engrandece os mais baixos corações.

Visitou-me no berço um mau destino;
Errei pois sempre — triste peregrino,
Ao sabor das paixões, dos vendavaes!

Foi um espaço immenso! Trinta annos
D'angustias bem crueis e desenganos:
— Uma epopeia de lagrimas e ais!

II

No passado, mau grado a desventura
Inda animava algumas illusões;
Por entre o véo da gelida tristura
Sorriam-me, ás vezes, dulcidas visões.

Eram meteóros, que, na noite escura,
Faziam brilhar ephemeros clarões;
Mas esgotando a taça da amargura
Não me pungiam tão cruas sensações.

É que hoje, d'alma, as crenças me baniram...
E as duvidas o peito me feriram
Como gumes de fúlgidas espadas!

Em derredor de mim só vejo um cahos!
E mudaram-se em sonhos negros, maus,
As minhas velhas illusões douradas!

III

Mas ai! se eu tive só magoas e dores
No meu passado doloroso, escuro,
E no presente amargos dissabores...
—Verei acaso um lucido futuro?

Se desde infante — ó maternaes amores!
Hei soffrido os baldões d'um fado impuro,
Poderei ver, ainda, as ternas flores.
D'um quieto oasis, d'um porto mais seguro?

Ai! não, não! Nada espero!... a alma cança!...
Como pode nutrir um qaê d'esp'rança
O fraco luctador que perde a fé?!

Vejo no porvir um tetrico Calvario...
E meu corpo envolvido n'um sudario:
—Porque é morto já o homem que descrê!

Dezembro—1877.

XAVIER DE PAIVA.

## Os Grandes Homens

O estudo dos grandes typos da Humanidade exerce uma poderosa influencia na elevação do caracter, por essa tendencia automatica, que actua no maior numero pela forma de *imitação*. O livro do philosopho Plutarcho, inspirando a concepção de uma grande parte dos caracteres de Shakespeare, tambem forneceu vultos de uma notavel altura moral aos homens superiores do seculo XVII e XVIII, que procuravam reproduzir as suas qualidades eminentes. Emquanto a vida de Jesus foi o ideal da *imitação*, a sociedade medieval reproduzia essa tristeza hallucinada, no isolamento e preoccupação exclusiva da morte: com a Renascença o livro de Plutarcho trouxe ao conhecimento dos homens cultos e de acção os typos de heroes e de instituidores da sociedade antiga, que vieram a influenciar directamente na elevação do caracter civico dos homens que fundaram a civilisação moderna. Porém, os estudos biographi

cos dos grandes homens foram encetados com o limitado criterio do ponto de vista moral; esses brilhantes phenomenos de heterogenia psychologica assumem uma importancia fundamental nos modernos trabalhos anthropologicos em que se determina o desenvolvimento evolutivo da rasão, a sua dependencia da passividade sensorial e o seu accordo sublime na vontade, manifestado nos estadios da civilisação humana. É por isso que hoje a ideia de Plutarcho deve ser ampliada em cada povo, pelo exame das individualidades mais distinctas de uma nação coordenadas segundo as épocas e os progressos historicos.

D'esta forma o fim moral não será exclusivo; a biographia é sempre a consideração de uma dada época historica pela relação do homem com o seu meio social. Cada litteratura deve cooperar com a Arte para a organisação de um Plutarcho nacional; é assim que se pode levar uma sociedade a interessar-se pela sua historia e a conhecer as condições em que pode confiar a um homem o seu destino. Assim como a historia se pode comprehender procurando a continuidade e encadeamento dos factos de modo a fazer sentir a transformação progressiva das instituições, pode-se, por outra via, chegar ao mesmo resultado discriminando a intervenção individual na marcha das sociedades, sobretudo para chegar-se á determinação de um elemento consciente na realisação da liberdade. Do primeiro caso temos uma bella tentativa em um estudo de Kant, considerando a humanidade como um sêr ideal e acompanhando os seus movimentos independentemente dos actos individuaes; é ao que se pode chamar com grande precisão uma *Historia sem nomes*. O livro de Condorcet, *Quadro dos progressos do Espirito humano*, é esta vista de conjuncto procurada nas instituições, sem se embaraçar com a incoherencia apparente da intervenção das pessoas.

É um processo de simplificação philosophica, que embora tenha os inconvenientes da abstracção, está de accordo com as descobertas sociologicas de um movimento proprio dos aggregados humanos, que progride apesar de todas as perturbações individuaes, e que por isso mesmo convem estudar na sua espontaneidade e automatismo: esta ideia, seguida pelo eminente Bukle, por Bastiat, por Quetelet, e servindo para Augusto Comte de base para a systematisação de uma physica social, é a primeira lei scientifica da Sociologia, á qual pertencem todos os phenomenos de natureza statica. A complexidade e variabilidade incalculavel dos phenomenos que se passam no meio social, exigem a necessidade constante da intervenção de vontades coordenadas, mais ou menos conscientes, e por isso mesmo impulsoras ou retrogradas, segundo a sua capacidade. Quem acompanhar nos differentes gráos da evolução humana esta necessidade pela qual os factos tendem a con-

formar-se com a rasão, tem de procurar a acção consciente da vontade sobre o automatismo tradicional e consuetudinario e para essa investigação todos os factos se agrupam por si mesmos em volta das altas individualidades que possuiram o instincto de uma intervenção opportuna É o que se chamaria uma *Historia com nomes;* é por este aspecto que o estudo e a comprehensão dos Grandes Homens forma um capitulo essencial da Sociologia, em volta do qual se agrupam os phenomenos dynamicos por uma coordenação racional, e d'onde se pode deduzir uma applicação pratica, mas ainda hoje profundamente ignorada: Por que modo se pode exercer a intervenção individual na marcha das sociedades? A vida dos Grandes Homens, que mereceram o nome de grandes por isso que actuaram sobre o meio social e o modificaram para melhor, contém os elementos para a resolução d'este problema, cuja importancia para o progresso humano é de um alcance incalculavel.

A evolução natural das sociedades na creação das suas formas nacionaes, da propriedade, das religiões, das industrias, das linguas, das litteraturas, da arte, é espontanea, instinctiva, e inconsciente; é uma grande força desconhecida, de que ninguem se sabe apropriar ainda, e que só casualmente ou accidentalmente é que algumas individualidades proeminentes poderam aproveitar-lhe a tendencia, ou lhe facilitarem a sua expansão. Seguir os Grandes Homens na sua acção é aproximarmo-nos do conhecimento d'essa força pondo-a ao serviço de uma transformação voluntaria e de um progresso consciente e capaz de ser previsto. Sem este ponto de vista positivo o Grande Homem é um mytho, uma entidade abstracta, uma monstruosidade, que em vez de nos elevar pelo exemplo e pela conformidade dos actos com as ideias, serve só para nos deslumbrar pelo prestigio esteril e para nos vincular a uma invencivel mediocridade. O reconhecimento da necessidade social da intervenção das individualidades preponderantes, manifesta-se no instincto popular pelos eponymos, os nomes que symbolisam uma época, tendencia que veiu a degenerar n'um servilismo falso n'esses titulos pomposos de *seculo de Augusto, seculo de Luiz XIV,* para representar todos os progressos sociaes como consequencia de uma coordenação individual. Por isto se vê, que desde os tempos mais remotos, em que os Grandes Homens eram deificados, até á época moderna, em que começam a receber a commemoração socialatrica dos Centenarios nacionaes, houve sempre o conhecimento de uma intervenção individual, explicada segundo os estados da mentalidade humana. Em uma época theologica o Grande Homem é um semi-deus, porque a sua acção só pode ser concebida como um poder extranho ao homem, derivando immediatamente da divindade omnipotente; em uma época metaphysica, é o orgão produzido pela

agitação de uma época, pelas aspirações de uma sociedade, que lhe insuflam as suas tendencias para vir a realisar as transformações presentidas.

Porém, em uma época positiva, isto é, em que todos os factos de ordem cosmologica, biologica e sociologica são submettidos ao criterio scientifico, e conseguintemente á verificação experimental e á previsão final, o Grande Homem não é um mytho, nem um prestigio, é uma consciencia, apoiado na mutua solidariedade entre a especulação e a acção. Por que é que, apesar do seu extraordinario poder, o imperador Juliano não conseguiu embaraçar a dissolução do polytheismo hellenico, e difficultar a propagação do Christianismo nascente?

Por que é que o imperador José II, possuido do mais extraordinario desejo de reformas radicaes, não poude pôr em pratica as doutrinas philosophicas dos Encyclopedistas, e foi victima das suas utopias? Um contou sómente com as forças staticas de conservação, mas foi vencido pela evolução progressiva; o outro contou sómente com a tendencia da progressão social, e succumbiu na lucta contra a força espontanea do conservantismo. O mesmo se deu com Napoleão I, lançando a Europa em um systema criminoso de retrogradação, mas não conseguindo, apesar de todas as violencias e perturbações de uma desvairada acção negativa, desviar o seculo XIX do caminho da realisação da liberdade restabelecendo os principios de 1789. A theoria dos Grandes Homens é simplesmente o systema de explicação da intervenção da individualidade na marcha da sociedade: esboçaremos essa comprehensão segundo as phases da mentalidade humana.

Nas épocas antigas, em que preponderava a ideia religiosa, os Grandes Homens eram objecto de um culto, como semi-deuses; o saber ou a força do heroe, como extraordinarios eram um dom da divindade. Na civilisação vedica, os *Rishi*, são uns sêres mythicos, analogos aos nossos Santos, que iniciaram a linguagem e o poder dos hymnos: são em numero de sete, como os *sete sabios da Grecia*. Entre os semitas nota se a mesma concepção. No Genesis, e portanto em um documento que reflecte as ideias e crenças da civilisação chaldeo-babylonica, os Grandes Homens são o producto do cruzamento dos Filhos de Deus com as filhas dos homens: «depois que os Filhos de Deus vieram para as filhas dos homens, e que estas tiveram filhos: *estes foram os heroes* (gibborim) *que pertencem á antiguidade, homens de fama.*» (cap. IV § 4) Ha aqui uma heterogenia como causa de Grande Homem, porque, segundo os commentarios modernos, os Filhos de Deus representam o facto anthropologico de uma raça superior. [1] A antiguidade

---

[1] *Filha da terra (*Miau-tze) é o nome dos autochtones da China; contra-

era tambem uma sancção moral, e por isso segundo a crença de uma perfeição primitiva, a antiguidade e a fama são a consagração do heróe. Platão seguia a mesma ideia, proveniente do fundo semita que influenciou no polytheismo e na epopêa hellenica: «Os heróes são semi-deuses, porque são nascidos do amor de um deus por uma mortal, ou de uma deusa por um mortal.» D'esta concepção primitiva dos povos nasceu o habito de fazer a apotheose dos poderosos, dos triumphadores, como Alexandre, que se inculcava por filho de Jupiter, ou os imperadores romanos sempre contados *inter divos*, ou ainda no seculo XIX. em que Napoleão maldizia o estado do espirito publico, porque depois de tantas batalhas sanguinarias já não se podia proclamar um Deus! O tremendo cannibal dizia: «Eu marcho acompanhado pelo deus da fortuna e pelo deus da guerra.» Assim firmava o seu prestigio; e depois de receber a sagração imperial, dizia a Decrés: «Vim muito tarde; Alexandre, depois de ter conquistado a Asia, e de se ter annunciado aos povos como filho de Jupiter, todo o Oriente o acreditou: hoje, se eu me declarasse filho do Padre Eterno, e annunciasse que lhe ia dar graças por este titulo, não haveria peixeira que me não apupasse. O povos têm hoje os olhos bem abertos: já não ha causa grande a fazer.»

O criminoso da historia presentia que estava na éra da positividade mental, cujo advento difficultou, fazendo retrogradar a Europa ao regimen das guerras de conquista. O pensamento de Evhemero explicando os deuses da antiguidade como grandes homens desificados tem um certo fundo de realidade, embora não sirva para interpretação das theogonias. A força, o saber, o genio artistico consideravam-se como manifestações de attributos divinos, como se infere da palavra *despota*, dos talentos industriaes dos Cabiras, ou do influxo das Musas. O poder da invenção era um caracteristico da divindade, como nas demiurgos Hephaestos ou Prometheo; nos fragmentos de Sanchoniaton, é um ser divino, Hypsioranios qne fabrica pela primeira vez cabanas de junco e canas. Usôos inventa as vestimentas de pelle, e os remos: «E quando elles foram mortos, os que lhes sobreviveram levantaram-lhes cippas, a que prestaram culto e instituiram festas que se celebravam cada anno.» Outros sêres divinos, como Ced que inventou a caça, inventaram tambem os muros das cidades feitos de tijolo, as ervas medicinaes, as imprecações, as letras do alphabeto, e as leis escriptas, como Manu, ou Orpheu. A lei da continuidade historica não era conhecida, e por isso todos os grandes phenomenos sociaes

põe-se ao de *Filho do céo*, ou raça invasora dominante, o que nos explica a concepção semita.

eram maravilhosos, e receberam a expressão peculiar d'este estado mental da humanidade.

No estado metaphysico, em que se attribuiam os phenomenos sociaes a forças immanentes, o Grande Homem era o instrumento passivo de um destino, obedecia a uma vocação, com que ainda se caracterisa os iniciadores; achava-se por isso acima da humanidade. Nas transformações de uma época, as sociedades agitavam-se á espera de quem surgisse para dar realidade á sua aspiração ou dar expressão a essa anciedade; a psychologia do grande homem nada tinha de commum com a nossa evolução cerebral, tirando de si toda a originalidade e o impulso da iniciativa: nasciam como Pallas, logo armados com o poder e a sabedoria á espera do momento da sua intervenção.

A concepção dos metaphysicos sobre as caracteristicas do Grande Homem, deriva de uma historia aprioristica e de uma psychologia innatista absolutamente separada dos dados experimentaes. O hegeliano Baur considerava a historia como a successão de uma fatalidade, e portanto a intervenção individual uma consequencia imposta pela urgencia do momento; assim para elle se Carlos Magno não apparecesse, se um Gregorio VII se não elevasse ao pontificado, nem por isso a sua missão historica deixaria de ser cumprida, sendo inevitavelmente suppridos por outros. Hegel considerando a historia como a realisação da ideia immanente nos factos, colloca-a em uma fatalidade divina, a que outros metaphysicos denominam plano providencial, e como tal fóra do julgamento e do criterio moral, arrastando o homem na sua corrente insondavel como instrumento inconsciente da sua exteriorisação; n'esta marcha fatidica mas divina o Grande Homem é aquelle que obedece por instincto ao destino das cousas de que tem um vago presentimento. O Grande Homem torna-se a expressão das tendencias indefinidas da multidão obscura, e é esta relação de passividade, que torna sympathico o vulto que a multidão adora, glorifica ou immortalisa como o seu representante.

Aqui a superioridade do Grande Homem não deriva do seu individualismo, nem da propria consciencia ou liberdade; mas sim da submissão á exigencia de um destino, feita com esse abandono de si proprio como um sacrificio. Nas crenças antigas o *heroe* significa o morto: é assim a fatalidade do hegelianismo, em que o Grande Homem deixa mesmo de ter responsabilidade moral, esse limitado criterio subjectivo incompativel com a comprehensão do que é objectivo e real como a historia. A theoria de Hegel é a justificação do facto consummado, e como tal acceita por todos os poderes abusivos que, como na Allemanha, procuram impedir o exame das manifestações da auctoridade. Em Saint-Simon apparece tambem o potimismo historico, mas com um aspecto scientifico da evolução

dos phenomenos sociaes e do encadeamento seriario dos factos para assim estabelecer a transição de uma para outra época. No estabelecimento da continuidade historica a approvação ou a censura dos factos deve ser eliminada como inutil, porque o criterio moral d'esse julgamento hade derivar-se do conhecimento da mesma continuidade: o Grande Homem é o que facilita as transições de uma para outra época da humanidade nas suas transformações constantes tornando-as por qualquer forma progressivas. N'esta doutrina estava o germen da theoria positiva, porque tem uma base moral na relação da solidariedade humana, e no facto scientifico da evolução historica a rasão de ser da intervenção individual consciente.

A doutrina de Hegel foi propagada na França em 1828 por Victor Cousin, que com a abundancia do seu estylo poetico exagerou a missão providencial do Grande Homem, tornando-se ora um agente da divindade cujo pensamento se revela pela historia, ora uma synthese da multidão obscura, ou o instrumento passivo de uma vocação absoluta; Cousin foi assim cahir n'um ridiculo optimismo historico, excellente thema para uma philosophia official de Universidade, sobretudo em um regimen de embustes liberaes e de conservantismo politico como n'esse periodo da Restauração do absolutismo acobertado com as fórmulas do regimen parlamentar.

Esta ideia absurda, que ainda persiste com relação á individualidade dos tribunos, a quem attribuem o poder magico de levantar as nações e de dispôr dos movimentos revolucionarios, foi fundamentalmente modificada pela historia das descobertas modernas, ainda as mais maravilhosas, resultantes de uma accumulação constante de tentativas anteriores. É por esta edificação sobre as bases antigas que os monumentos do genio se levantam; uma maior communicação social provoca uma maior troca de sentimentos, de ideias, e por isso uma multiplicação de forças pela collaboração de todas as capacidades. Diz Bastial: «Quando muitos homens communicam entre si, aquillo que um d'elles observou é immediatamente conhecido pelos outros todos, e basta que entre elles se encontre um bastante engenhoso, para que descobertas preciosas se tornem promptamente do dominio de todos.» Por este facto Bastiat foi levado á demonstração da lei economica, — que no estado social, as nossas faculdades ultrapassam as nossas necessidades. Nas sociedades antigas, o regimen das castas e o isolamento das classes embaraçaram o phenomeno da selecção, e o nivel geral das populações era o de uma rasa mediocridade; do moderno proletariado é que tem saido todas as forças vivas da civilisação europêa, reveladas na actividade industrial, scientifica, artistica e moral. Se para o mundo antigo o Grande Homem era uma mara-

vilha, um objecto de adoração, para a nossa sociedade é facto corrente, necessario, sem prestigio, consequencia do duplo effeito da selecção biologica e da continuidade historica. Ao passo que De Candelle, Wildemeister e Paul Jacoby, mostram como as familias confinadas n'um parentesco restricto, caem na imbecilidade, na epilepsia, nas neuropathias e na devassidão, como as dynastias reaes e as familias aristocraticas que se extinguem por uma fatalidade organica, é pelo contrario o proletariado que está alimentando a civilisação com a selecção que produz as manifestações da intelligencia, do talento e da iniciativa. A complexidade do trabalho leva a dividil-o, como se observa na natureza organica, em que á medida que os organismos são mais elevados se estabelece a especialisação das funcções. D'aqui resulta uma perfeição funccional, e um desenvolvimento de aptidões adquiridas. Quanto mais uma sociedade progride, tanto mais se estabelecem estas differenças, que chegam a formar uma desegualdade social. Comte observou esta consequencia da civilisação. «O progresso continuo da civilisação, longe de aproximar de uma egualdade, tende pelo contrario a estabelecer estas differenças fundamentaes, ao mesmo tempo que atenúa muito a importancia das distincções sociaes que então as tinha comprimidas.» (*Cours*, IV, 54.)

As distincções sociaes é facto que desapparecem perante o principio de unificação nacional da *egualdade perante a lei*, sobre que assenta a ordem moderna; mas as differenças, expressas pela phrase de *aristocracia de talento*, revelam que se reconhece espontaneamente um novo poder espiritual, que só pode subsistir pela conformidade das opiniões, isto é, universalisando as suas concepções, generalisando as suas descobertas, elevando as capacidades, alargando o bem estar, levantando o nivel geral das sociedades. Tal é a missão do Grande Homem, especialmente altruista; manifestando-se como uma desegualdade social, a sua acção é profundamente egualitaria nos effeitos; em quanto que as desegualdades exteriores das classes theocraticas e aristocraticas são ferozmente egoistas, a desegualdade do talento só coopera para a unificação social consciente pelo modo que produz menos perturbações, o impulso das ideias, a coordenação das vontades, a unanimidade das opiniões. É por este modo que se caracterisa a acção do Grande Homem, muitas vezes desconhecida pelo seu tempo, porque os effeitos não são immediatos. Exemplifiquemos; Mahaffy, estudando a vida de Descartes, refere-se á influencia que exerceu pelo seu *Discurso sobre o Methodo*: «O seu Methodo manifestou-se com um brilhante cortejo as descobertas mathematicas, trazendo a solução de problemas superiores ao alcance dos espiritos ordinarios.» Aqui vemos como essa enorme desegualdade de um genio, cujo nome synthetisa a historia do pensamento especulativo do se-

culo XVII, foi ao mesmo tempo elevador das capacidades vulgares.

São os factos d'esta ordem que nos revelam o modo da intervenção individual na marcha das sociedades humanas; as sociedades movem-se por interesses, por sentimentos, por ideias, e todo aquelle que podér pôr em jogo esses interesses, vibrar esses sentimentos, generalisar essas ideias, possue o segredo da força que alevanta uma raça, que estabelece uma nacionalidade, que funda uma civilisação; esse é verdadeiramente um Grande Homem, quer como inventor ou instituidor, quer como poeta e artista, como martyr de uma aspiração, como sabio ou philosopho. Os actos materiaes dos guerreiros e dos despotas cáem na impotencia, só as noções é que transformam sem ruido. É por isso que o Grande Homem imprime todo o esforço da sua superioridade sobre uma ideia dominante, exclusiva, e que ultrapassando ás vezes o limite da realidade, se torna uma acção ideal; uma grande vida, disse-o em um bello verso Alfred de Vigny, é um pensamento da mocidade realisado na edade madura. Tal é a divisa natural de todos os Grandes Homens; esse pensamento, pelo proprio effeito da ingenuidade adolescente, sem decepções, sem contrastes, pelo seu subjectivissimo torna-se um ideal, ou motivo da acção; tanta as acções, tanto os ideaes: o *bem*, na moral, a *justiça* no direito, a *liberdade* na politica, a *verdade* na sciencia, o *bello* na arte, pertencem a essa cathegoria de acções ideiaes, a que andam ligados os mais sublimes productos da actividade do homem e os progressos mais esplendidos da historia. Será preciso exemplifical-o? Tomaremos os factos ao acaso; em uma Historia universal, Ranke caracterisa Pericles por estas palavras: «No meio das mais vastas emprezas, sua alma visava sempre ao ideal e ao bello.» E retratando Alcibiades: e «é um exemplo deslumbrante da parte que a vontade e o acaso tem no destino humano.» Esta parte de acaso é um facto ainda não considerado, pelo qual se estabelece a relação do meio social com o Grande Homem; este acaso pode discriminar-se em um accidente biologico, como o que distingue um genio n'uma familia de mediocres, ou como uma resultante social que determina a intervenção immediata da individualidade, que nunca se revelaria sem essa circumstancia historica. Do primeiro caso, tomaremos ainda o exemplo no vulto extraordinario de Descartes: «Novo exemplo d'esta lei mysteriosa da producção do genio, que em uma série de filhos ordinarios, nascidos de paes ordinarios, escolheu um de preferencia a todos os outros, e faz que perguntemos com assombro, que subtil combinação, que variação momentanea nas condições physicas pode produzir um tão maravilhoso resultado. Pouco importa ao que parece, que elle seja mais velho ou mais novo ou um dos intermediarios: a força ou a fraqueza

physica da criança, a intelligencia ou a profissão dos paes não parecem menos indifferentes.—A descoberta d'este segredo poderia sem duvida mudar a historia futura da humanidade. Por ora é-nos forçoso esperar que um accidente, ou ao menos o que nos parece tal, produza um genio como Dercartes, Newton ou Kant.» (Mahaffi, Op. cit.) Vemos, é facto, o genio no homem herculeo como Leonardo de Vinci, e no valetudinario como Kant; vemos a liberdade do pensamento no discipulo dos jesuitas, como em Voltaire e D'Alembert, e em geral a falta de descendencia nos homens de genio, como Shakespeare, ou os filhos mediocres, como em Dante ou Cromwel. Todos estes factos extremos se explicam pela selecção natural; cada homem de genio, como notam Renan e Jacoby é um capital accumulado de muitas gerações personificado em um homem, da mesma forma que os traços physionomicos e os pigmentos se accumulam accidentalmente em um individuo; mas esta accumulação por isso que é fortuita não se transmitte de um modo directo, mas sim pela acção reflexa das ideias póstas em circulação; e o que é natural, é que esse excesso de accumulação de energia volte ás condições normaes pela mortalidade, ou que ultrapassando o justo equilibrio da organisação, caia na degeneração ou passe para uma manifestação pathologica da allucinação e da loucura. É sobretudo n'esta classe que se agrupam os grandes talentos militares, da devastação e da violencia: Ranke, traçando o caracter de Alexandre, diz: «unia ás ideias hellenicas, *a força da phantasia*. Alexandre é do pequeno numero d'aquelles homens cuja biographia se confunde com a historia do mundo.» Considerado em si, Alexandre era um allucinado, e sem o apoio pratico das ideias hellenicas, isto é, da supremacia do Occidente como centro da civilisação humana, teria sido um monstro, como qualquer despota da Persia. É o instincto d'esta relação opportuna da noção ideal com a aspiração social, o que melhor caracterisa o Grande Homem, como o orgão por meio do qual se estabelece a solidariedade humana.

THEOPHILO BRAGA.

---

# Costumes portuguezes do seculo XVII

NAS POESIAS *de Antonio de Villasboas e Sampaio, auctor da Nobiliarchia Portugueza* [1] (Coimbra, —Imprensa da Universidade,

---

[1] Senhor da torre de Airó, termo de Barcellos (n. 1629 ; m. 1701). Os vinho de Airó são muito celebrados, e até o dictado popular diz :

Vinho de Airó
Bebe-o tu só.

1841 —, xvi — 47 pag.) vem um pequeno poema intitulado *Auto da Lavradora de Ayró* (já impresso 1678), onde, ainda que rapidamente, se allude a alguns costumes populares portuguezes. Vamos aqui archivar esses versos:

1. Ao pé do monte Ayró
 onde, só de hũa pegada,
3. deu á fonte da Virtude,
 que ahi nasce vida, & fama.

5. Pelo caminho de cima
 com hũa talha apedrada,
7. pucarinho de Estremoz
 em prato de porcelana.

9. Hia Leonor pela sesta
 para a fonte a buscar agoa,
11. lauradora, que de todas
 he por fermosa enuejada

13. Leua o cabello em rolete,
 melenas dependuradas,
15. gargantilha de belorios,
 com relicario de prata.

17. Colete de serafina,
 figa de azebiche á banda,
19. ramal de coraes no braço,
 & camisa debuxada

21. A todos quantos encontra
 com seus olhos prende & matta,
23. & com ser escaça a moça
 dão seus olhos muitas dadas

25. Mais panos devo ás pedras
 do que á tua fermosura.
27. que as pedras duras não fogê
 tu foges, & mais és dura.

29. Se sabeis que vos adoro
 nam sejais esquina sempre,
31. que amor com amor se apaga,
 & só quem paga nom deue.

Commentario

*Versos 1--4.* Parece alludir-se aqui á crença vulgar no Minho de que certas fontes nasceram de uma pégada. (Vid. as minhas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 71, § 161.)

*Verso 7.* A louça de Extremoz é ainda hoje muito fallada.

*Verso 15.* Na Beira-Alta usavam-se outr'ora uns fólhos em volta do pescoço chamados *gargantilhas*. Tambem ha ainda hoje gargantilhas de ouro.

*Verso 16.* Os relicarios ainda hoje muita gente os traz ou ao pescoço ou n'um rosario, etc.

*Verso 18.* As figas de azeviche são egualmente vulgares. Ha-as até encastoadas em prata, etc.

*Verso 24.* São muito temidos os maus olhados de certas pessoas. Existe mesmo uma fórmula que se diz ás creanças quando se vêem pela primeira vez:

Benza-te Deus,
*Bons olhos* te vejam
E os máos quebrados sejam.

O A. emprega o termo *dada*. As *dadas* são certas doenças nos peitos das mulheres, para o que ha varios remedios (Vid. *Carmina*

*magica*, na *Era-Nova*, §§ 3.º e 37.º); mas a significação do termo n'este verso parece ser outra, ser até mais geral.

*Versos 25-31.* A menos que não houvesse coincidencia de pensamento, o que parece pouco provavel, o A, conheceu a poesia popular, ou pelo menos alguma tradição em que ella se funda:

| | |
|---|---|
| Eu heide amar uma pedra<br>Deixar o teu coração;<br>Uma pedra não me deixa,<br>Deixas-me tu sem rasão. | Amor com amor se paga,<br>Nunca vi coisa mais justa:<br>Paga-me comtigo mesma,<br>Meu amor, pouco te custa. |

Excavando nos nossos escriptores antigos, ás vezes até nos mais insignificantes, encontram-se frequentemente allusões ás crenças populares.

N'outra occasião continuarei estas excavações e commentarios.

J. Leite de Vasconcellos.

---

## A Miseria

Ao contemplarmos uma grande cidade, rica de tradições historicas, e a vemos povoada de numerosos e phantasticos edificios, onde a arte com a sua eloquencia prodigiosa reune tudo o que a imaginação pode crear de bello, não nos lembramos decerto que todo aquelle conjuncto maravilhoso esconde no seu seio muitas lagrimas e muita miseria!

Palacios soberbos, theatros magestosos, jardins enriquecidos das mais raras plantas, carruagens das mais luxuosas, cruzando-se em varias direcções, mulheres formosas cheias de adornos caprichosos e sorrindo com alegria e orgulho, vaidade e esplendor em tudo, um mundo emfim grande de quanto a nossa imaginação pode formar de bello, como um sonho de fadas!

Mas é este o mundo real, o mundo positivo!? Não. É o panno de bocca de um theatro, que nos apresenta varios quadros, pinturas caprichosas, fazendo-nos suppôr que lá dentro esconde maravilhas, não encobrindo mais do que phantasias, que hão de entreter e illudir um momento a imaginação do espectador.

A par do luxo e do orgulho ha a miseria e a humildade; a par do rico ha o pobre, a par do trabalhador ha o occioso; junto do palacio esconde-se o albergue do miseravel; emquanto uns vivem no fausto e na abundancia outros gemem de fome e de frio: o mundo tem duas faces, uma alegre outra triste; trevas e luz.

Como se organisou tudo isto!
É um problema assombroso.
Houve duas humanidades?
Não! Protesta por um lado as tradições, por outro a razão despreoccupada.
Mas o facto existe; ha miseraveis e ha poderosos. Como poderemos estabelecer o equilibrio social? Esta desegualdade ha-de sempre existir, não ha remedios para estas causas, para estas grandes calamidades?
A cabeça e o coração nada hão de poder, todos os seus esforços hão de ser inuteis?
Não, mil vezes não. Esta injusta desorganisação social tem a sua origem na ignorancia do homem; é uma aberração da sua propria natureza; a causa é sua; é o mesmo homem que hade pela sua intelligencia dar uma nova direcção á sua vida, emendando e corrigindo todos os erros, que o levaram a constituir uma sociedade imperfeita, dividindo uma mesma raça em dois ramos, convertendo uns em escravos, outros em senhores; collocando o trabalho e a occiosidade como dois elementos sociaes.
A miseria tem existido sempre; tem por berço a ignorancia: vae lenta e gradualmente desapparecendo á proporção que a intelligencia do homem se cultiva.
O que é a miseria? É por ventura uma raça especial?
Um producto expontaneo da natureza? Não. D'onde vem?
De todas as classes.
Qual a sua causa? a imprevidencia; a defficiencia das leis.
Como se tem querido obstar á miseria?
Os povos antigos, sem direcção economica, buscavam mitigar a fome do povo, construindo as Pyramides do Egypto e organisando grandes trabalhos publicos. A Grecia alimentava os seus pobres, distribuindo-lhes comestiveis.
Mas tudo isto não fazia senão augmentar o pauperismo.
Roma no tempo de Cesar tinha 320:000 pobres sobre 440:000 habitantes.
A miseria antiga é assombrosa, é medonha! O pobre trabalhava até morrer, sem ter na vida senão lagrimas e humilhações!
Era elle que produzia tudo quanto o mundo antigo nos legou de grandioso, mas como recompensa não encontrou mais do que as taboas d'um ergastulo. Na qualidade de escravo era o escarneo e irrisão da humanidade, e bastava um louco capricho dos seus senhores para servir de pasto ás feras, expirando a vida para recreio d'uma multidão sem consciencia.
Nos primeiros seculos do christianismo, a Gaulia era ainda um estado mais miseravel do que o Imperio romano.
Mas ainda assim o preceito de Jesus — *amarás o teu proximo*

*como a ti mesmo*, veiu lançar umas novas bases sociaes, porque os bispos erguendo os conventos e os hospitaes, abriam aos pobres uns estabelecimentos, aonde encontravam quem lhes mitigasse a fome.

A Revolução de 1789 baseando-se sob as formulas da egualdade e liberdade, traçava mais largos horisontes ao trabalho, e julgava por este meio attenuar as desgraças publicas.

Alem d'isto, por um decreto de 1793 votava annualmente uma verba importante para minorar a miseria do povo, soccorrendo os invalidos do trabalho, os enfermos nos seus domicilios e estabelecendo hospitaes e asylos para creanças.

Em cada departamento estabelecia casas de detenção.

O que a Revolução não poude realisar approveitou-o Napoleão, que pelo decreto de 5 de julho de 1808 estabelece os Depositos de mendicidade, afim de acabar quanto possivel com a vida occiosa dos mendigos das ruas.

Estas medidas porém não foram sufficientes, porque não se inspiravam nos verdadeiros principios economicos; fundavam-se na caridade, que é a consequencia da desgraça, e não no trabalho, que é a lei suprema das sociedades.

São muitas e variadas as causas da miseria: umas independentes da vontade do individuo, outras de que elle é unicamente a origem.

Pode extinguir-se completamente a miseria?

Não é possivel.

Hade existir sempre, porque ha causas permanentes, que nenhum governo pode derrubar; mas o que se pode é fazer que o numero de desvalidos seja menor, e por consequencia para com estes já a sociedade terá meios mais faceis para lhe attenuar os soffrimentos.

D'onde provém a miseria?

Da morte do operario que deixa a familia na desgraça; das crizes do trabalho, das oscillações da industria, d'um anno nefasto para a agricultura, das doenças, dos tributos onerosos, da edade, que invalida o braço do operario, e acima d'isto tudo, da imprevidencia de todas as classes.

A miseria como já dissemos não é uma classe privilegiada, é um producto de todas as classes.

E' o homem que desbarata a fortuna e deixa a familia na miseria sem educação nem aptidão para luctar com a adversidade; é o operario que despresa o trabalho e não se importa andar coberto de farrapos pelas praças pedindo esmolla, mas vivendo em completa occiosidade; é o vadio a quem nunca obrigaram a frequentar a escola, nem a aprender um officio, e que assim vae passando a vida sempre ás portas do crime.

Outras provêem de causas fataes e accidentaes, verdadeiramente dignas da caridade publica.

Como se podem attenuar estas causas? E' organisando hospitaes, estabelecendo numerosos asylos?

Não; isto não basta.

E' abrindo escolas e officinas.

Nos campos estabelecendo colonias agricolas, nas cidades escolas profissionaes; obrigando todos a estudar e a trabalhar.

Os velhos e as creanças são os unicos que precisam da protecção do estado.

O grande numero de asylos, que por toda a parte tem sido necessario estabelecer, mostram que se a caridade é muita a desgraça tem augmentado tambem de um modo espantoso.

Nos povos antigos as raças privilegiadas pela fortuna, precisavam que as classes trabalhadoras vivessem na escravidão, porque assim garantiam o seu bem estar; na actualidade, como já não ha escravos nem servos, pretende-se pela caridade esmagar os que teem fome, não se lembrando os poderosos de hoje de que nem sempre o estado social ha-de ser o mesmo. Lucano dizia: *humanum paucis vivit genus;* mas o futuro ha-de escrever sómente, trabalho e fraternidade no labaro grandioso da festa universal.

É necessario combater a miseria, porque uma sociedade não pode considerar-se justa quando no seu seio a par do rico desfructando todos os bens e confortos, apresenta o miseravel sem pão, sem lar; os filhos cobertos de farrapos vagueando nas praças sem direcção moral nem intellectual.

É necessario procurar os meios de attenuar a desgraça; se a causa está principalmente na falta de previdencia de todas as classes, procure-se innocular no espirito da nova geração estas ideias proficuas e grandiosas; o estimulo ao trabalho; a comprehensão perfeita e util do poder da cooperação.

Ao estado cumpre velar pelos interesses geraes de todas as classes; pode muitas vezes uma lei ser justa para uma classe, para uns determinados interesses, mas tornar-se injusta sob o ponto de vista do seu plano vasto. É necessario que um governo tenha a comprehensão perfeita da justiça, e de que o bem estar dos povos deve ser a lei suprema, *salus reipublicae suprema lex esto.*

Emquanto a sociedade não pode attingir o verdadeiro equilibrio economico, o supremo ideal de todos os pensadores da causa do bem da humanidade, torna-se necessario fundar instituições, umas que sirvam de amparo, outras que desenvolvam a industria e a agricultura, e finalmente outras tambem que combatam de frente os vicios e industrias criminosas, que a lei consente, mas que servem para a ruina e desmoralisação.

Entre as primeiras temos os asylos, os hospitaes, as creches,

os albergues de invalidos, e são tambem de summa utilidade os depositos de mendicidade, não para serem um viveiro de miseraveis, mas sim um meio de que se pode servir a sociedade para obrigar ao trabalho, muitos braços validos, que a occiosidade colloca ás portas do crime.

Entre as segundas, temos as escolas em todos os ramos, e as instituições de previdencia; a associação do soccorro na doença; na inhabilidade e as caixas economicas. O terceiro grupo pertence a um governo justo e energico, que combate a usura, a especulação desenfreada do capital, o monopolio das industrias, a protecção dos occiosos.

Para esta regeneração social devem todos cooperar; nem o individuo só a pode conquistar, nem o Estado isoladamente a conquistará. A felicidade publica é um producto; precisa de dois factores. E' um grande edificio, a base é a instrucção.

COSTA GOOLDOLPHIM.

## Do Intermezzo

(H. HEINE)

I

Quando os meus olhos tristes vertem lagrimas,
Nascem flores no pranto
Quando suspiro, nos suspiros ouve-se
De rouxinoes um canto...

E tu se me attendesses
Do meu amor as preces,

Todas para ti eram, rosa mystica,
As lacrimosas flores;
E na varanda os rouxinoes dulcissimos
Te cantavam amores!

II

Dos meus prantos compuz uma canção
Sonora, delicada,
Que voasse direita ao coração
Da minha doce amada;

Partiu; porém voltou logo a gemer...
E, misero que eu sou!,
Ella, a triste canção, nem quiz dizer
O que lá dentro achou!

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

# O enterro do Bernardo Repolho

(Do III volume da Comedia do Campo por Bento Moreno)

N'essa mesma tarde foram as confrarias buscar os defuntos. Era uma consideração pelo nome de Bernardo que era *irmão remido!* Adiante de todas vinha a do *Santissimo Sacramento*, de opas vermelhas e a cruz de prata alçada reluzindo ao sol. Em seguida desfilava a de *Nossa Senhora do Carmo*, de opas brancas com murças azues, da côr do ceu desbotado de agosto. Na bandeira que a distinguia estava pintada a Virgem, com a sua ridente face menineira, tendo pendente de uma das mãos um rosario, e da outra uns bentinhos! Por fim seguia-se a confraria das *Almas*, com a sua bandeira dolorosa na frente! Era ali representado o quadro terrificante do purgatorio: — um rei de corôa poderosa e de longas barbas patriarchaes, apoiava a sua mão sobre o hombro de um bispo mitrado, coberto de uma rica capa de ouro, o qual estava mais no fundo das chammas, soffrendo, talvez sem bastante resignação, que o monarcha chegasse primeiro á bemaventurança! Ao lado d'este augusto personagem, uma peccadora, com as longas madeixas de Magdalena, dando a mão a um homem lubricamente calvo e de bigode e pera, trepavam por entre linguas de fogo, de uma iracundia terrivel, em ôca e vermelhão! Todos estes condemnados, e ainda outros *sem distincção*, erguiam olhos supplicantes e estendiam as mãos abertas a um anjo, que estava no alto, pesando serenamente as culpas e os soffrimentos de cada um, para lhes outorgar a remissão promettida!...

Da confraria da Senhora do Carmo, destacaram-se quatro irmãos para tomarem conta do cadaver de Bernardo Repolho, e outros quatro da confraria das Almas que, por caridade, se encarregaram de conduzir o do engeitado... E, quando tinham tomado sobre os seus hombros valentes os dois esquifes, partiram pelo caminho adiante, para a igreja, conduzindo os defuntos. Atraz, na casa da viuva, ficou o chôro alarmante de Engracia, e das visinhas que a acompanhavam, misturando-se, na larga amplidão ao triste dobre dos sinos que echoavam de quebrada, em quebrada, com a sua nota plangente e de uma harmonia rebelde!

No instante em que o funebre acompanhamento subia pela encosta da igreja, o Antonio Fogueira entrava na freguezia! Havia mais de oito dias que andava por fóra, na sua vida vagabunda de torquilha... D'esta vez trazia uma egua nova, muito fugideira, que lhe vendera o Rio-Tinto.

O toque funerario dos sinos e o acompanhamento que elle viu logo de longe, surprehendeu-o, fazendo-o parar, e teve um baque no coração! O primeiro esclarecimento ácerca do occorrido, foi-lhe dado por uma mulher velha que vinha pelo caminho para o lado d'elle, vergada sob o peso de um grande mólho de herva e que, antes de ser interrogada, lhe disse encostando-se com o feixe a um muro para descançar:

— Aquelle agora, meu rico, do que precisa, é de muita fartura de missa, por aquella alma! — observou-lhe depois de um «ah!» de estafada a velha Vicencia.

— Mas quem foi que morreu? — indagou o Fogueira.

— Ah! sim, tu não sabes! — completou a velha depois de expellir o seu cançaço asmatico! Andas sempre lá pelas feiras, não admira. Pois toca-te pela vestia... Foi teu pae Bernardo, de uma grande desgraça!

O adoptivo do Repolho impallideceu rapidamente, deixando cair as redeas no pescoço da egua! Vicencia concluiu:

— ... Uma grande desgraça, sim senhor, é como te digo. Caiu-lhe honte em cima da cabeça, a elle e ao vosso rapaz, o Chico, o monte da Cham, quando lá foram ao barro! Se tu não andasses sempre por essas feiras, em jogatina, talvez que o pobre home não fosse lá, com esse tempo!

E depois, voltando-se salientemente para o Fogueira, exclamou de um modo reprehensivo:

— Ora tu não mudarás de rumo! Vê se te confessas, que andas n'uma vida de home perdido. Tem vergonha n'essa cara! Faz uma confissão *jaral*, que vem ahi os missionarios, grande maroto!

O Fogueira, que era naturalmente irritavel, sentiu subir por elle acima uma forte ira contra a velha Vicencia. Porém, refreando-se, respondeu-lhe com uma indignação latente:

— Você que lhe importa o que eu faço, seu diabo de coruja! Vou-lhe lá pedir alguma cousa?! Se não fosse, não sei porquê, se não fosse por causa d'aquelle que acolá vae (alludia ao enterro que subia a encosta), eu lh'o diria, seu grande diabo!...

Uma colera viva apoderou-se rapidamente da velha, que deixando cair o feixe da herva no chão, principiou a gesticular, sem encontrar no momento as verdadeiras palavras indignadas, com que desejava aggredir o Fogueira! Como é que um homem, tão culpado como este maroto, que só andava pelas feiras em jogatina e com más mulheres, se atrevia a ter arrogancias diante dos que o reprehendiam?! Por isso ella, com uma voz gritada e com os punhos ameaçadores, o increpou, com uma pedra na mão:

— Ah! grandissimo ladrão, o que tu precisavas era de uma cadeia. Talvez me queiras bater, excommungado! Ora vem para cá, que te prego com esta na testa! Cuidas que eu tenho medo,

stafermo ?! Um ladrão, que não faz senão gastar o que aquelle bruto (alludia tambem ao morto que ia no esquife) andou por ahi a ganhar no trabalho. Foi elle bem tolo em mourejar p'ra ti! Mas deixa, meu condemnado do inferno, que o senhor regedor e o senhor padre Beiral te ensinarão! Já está prompta a farda que has de ter ás costas!... Eu vou dizer já ao tio Antonio Capatrás, que te vá prender.

Porém esta indignação palavrosa de Vicencia, perdeu-se no ar. O Fogueira só lhe percebeu que ia ser preso; mas a este tempo já tinha picado a egua pelo atalho acima, para entrar em casa, pela matta, com o fim de ninguem o ver. E quando se viu só no caminho, a distancia da velha, cuja voz ainda lhe chegava aos ouvidos n'uma gritaria de furia, o filho adoptivo do Bernardo Repolho considerou com a reflexão propria dos momentos responsaveis:

— Mas para que diabo foi elle buscar o barro, com um dia como esteve honte? Para que se foi aquelle maluço metter ao perigo?! — exclamava sem comprehender, voltado mentalmente para si mesmo!

E, considerando n'isto alguns segundos, parado, a olhar fixamente para um muro musgoso, concluiu:

— É uma de mil diabos! Que grande bucha!

Dispunha-se a dirigir-se á cancella da matta, quando o susteve a voz conhecida do João do Rego, que lhe appareceu de cima do muro do caminho:

— Espera ahi, ó Tone! Ó rapaz, espera!

E aproximando-se accrescentou:

— Então teu pae lá ficou arrebentado debaixo do barro e o rapaz tamem!

— O rapaz tamem ... — repetiu o Fogueira absorvido, mas sem commoção.

— Tamem. Pois tu não sabes nada?

— Sei, disse-me ali em baixo a Vicencia, aquelle diabo que me metteu cá umas cousas por dentro, que ...! Valha-a mil demonios!

O do Rego continuou esclarecendo:

— Isso não faz monta. Ella é tola, tu bem sabes. Mas honte foi ahi na freguezia o dia de juizo! Juntou-se povo, que povo! — o Capatrás, o Manco, o çurgião ... o poder do mundo! Desenterraram-n'os; porque elles ficaram debaixo de um monte de barro, da altura d'este muro. Depois, quando os trouxeram para casa em charola, em cima de duas tabuas, *lá a tua velha* fez ahi uma berraria de deitar a casa abaixo. Fazes lá idéa! Era muita gente a querer agarrar n'ella; mas principiou a estrabuchar e a morder, por não a deixarem *ir abraçar o seu home!*,.. Ora tu bem sabes que a gente não a devia deixar, e mesmo o senhor padre Beiral e o

Pandega disseram que não deixassem; porque lhe podia dar algum stupor! Hoje tem custado a ter mão n'ella, quer-se ir deitar a afogar; mas a minha mãe, que lá está, e outra gente não deixam. Quando a seguram, principia a chorar aos gritos, como se tivesse o diabo e chama muito por ti! Já dizem que a alma de teu pae lhe entrou por algum sitio... Se é verdade temos que rir; porque ha de custar a pôr-lh'a fóra! Isso de entrar uma alma no corpo da gente é peior que maleitas. Safa!

O Fogueira ficou mais triste, mais acabrunhado com estas revelações. Principiou a apoderar-se d'elle um terror, um medo... — o medo de que a alma de seu pae adoptivo tivesse realmente entrado no corpo de sua mãe Engracia! E com um ar scismatico, de homem abatido, puchava pela longa barba, arrepelando-a, e considerando-se infeliz!

O João do Rego, no mesmo tom de confidencia, rematou:

— É o diabo! Trazes tu por ahi cigarros? Como vens da villa has de trazer. Agora foi a feira dos nove. Vens de lá? Trazes uma burra chibante!

O Antonio, passando-lhe automaticamente o cigarro disse: «estive... comprei...» Depois perguntou-lhe:

— Mas diz que me querem prender!?

— Qual prender! deixa fallar! Está um papel na porta da igreja; mas é p'ra gente ir a Vianna, por causa d'essa cousa da tropa. Meu pae arranjou cartas de fidalgos da villa p'ra me livrarem, cá a mim, em Vianna: porque *botou* com elles no deputado! Eu vou e mais elle, domingo, por ahi a baixo, á *speção*. Vem co'a gente, que faremos pandega!? O Capatrás disse que tu tamem has de ir. Ainda honte fallou no adro, que se tua mãe não vender um campo p'ra te livrar, tens de andar com a muchila ás costas.

E concluiu n'um tom de voz convidativo:

— Mas a tua velha que venda o campo. Ella p'ra que o quer senão p'ra ti?! Diz-lhe que venda e vamos todos lá a *essa* Vianna!

Despediram-se. O Fogueira picou a egua, explicando ao do Rego, que queria entrar pelo lado da matta, para se não encontrar com o enterro que ia no caminho. Depois, quando chegou á cancella, a egua transpol-a, mas entrou desconfiada, reparando em tudo, olhando de travez para os objectos!... O Antonio forçou-a a caminhar dizendo lhe: «Chó diabo anda p'ra diante!» E assentando-lhe duas lambadas nas ancas, esporeou-a com força!...

Porém, logo adiante, o animal estacou com mais teimosia, encarando excentricamente com um velho carvalho nodoso O Fogueira, como a egua era nova e como o momento não era proprio para lhe tirar as teimas, desceu cordatamente, pensando em a levar á redea. Para isso principiou a puchal-a, com brandura, de um modo carinhoso, condescendente, fallando-lhe com moderação. Po-

rém ella fincou-se nas mãos, levantou a cabeça, encostou-se á retranca e principiou a recuar resfolgando estrondosamente pelas ventas dilatadas, olhando esgazeada e com uma tremura nervosa nos beiços! O Antonio, conhecendo que á força a não faria transpor a matta povoada de carvalhos, que produziam sombras amedrontadoras, pensou em redobrar de carinhos e attenções, desejou familiarisal-a com a velha arvore nodosa que a espantára!... Para isso animava-a, fallando-lhe n'uma voz de cada vez mais convidativa, puchando-a moderadamente pelas redeas, para a aproximar do objecto suspeito... Porém ella, entendeu que devia recuar ainda mais e, n'um momento, principiou a levantar as mãos, a agitar mais freneticamente a cabeça, a espetar com mais desconfiança as orelhas, a curvetear... e terminou por atirar duas valentes e corajosas parelhas de couces á cancella, partindo-a.

O filho da Engracia teve n'este momento uma enorme colera e veiu-lhe rapidamente a idéa de tirar a sua comprida navalha e abrir a barriga da egua, como em outra occasião fizera a um cavallo! Porém, a reflexão aconselhou-o a não deixar apparecer as suas violencias naturaes... O momento não era opportuno — reconhecia-o elle perfeitamente!... Ouvia d'ali mesmo sua mãe, gritar com desespero, acompanhada pelo chôro cantado de todas as visinhas, que lhe faziam companhia n'este momento doloroso. Toda a sua idéa era metter, sem ser presentido, a egua na côrte do gado, e depois, quando em casa tudo estivesse mais tranquillo e a choradeira acabada, entraria pela porta dentro, inesperadamente e de supito!... «Afinal de contas — considerava — isto tem de ser e tem!» Por isso, para não augmentar mais a desordem que havia um quarto de hora se apoderara do seu espirito, a desordem que o cercava por todos os lados, optou por amansar a egua em vez de a matar, e para isso principiou a cofiar-lhe as crinas, passando-lhe pela anca tremula a mão benevolente e prodiga de afagos, com a brandura insuspeita da mão de um amigo! Conseguiu d'este modo acalmal-a, mostrar-lhe de perto o velho carvalho, chegar-lhe ás ventas, ainda tremulas, a casca gretada, que exhalava um forte cheiro de humidade e de bolor. Conseguiu o que desejava; mas a egua atravessou o caminho da matta, sempre desconfiada, olhando de soslaio, resfolgando e levantando a cabeça ao menor ruido. O Antonio chegou a mettel-a na côrte do gado, prendendo-a calculadamente á distancia dos toiros, que permaneceram a olhar vagamente, com os seus olhos redondos, como bogalhos e reluzentes como vidro.

Pelo barulho que tudo isto produziu, Engracia que já estava calada, ficou advertida da presença de seu filho!... Por isso, tanto ella como as visinhas que a acompanhavam, tornaram a desatar a sua dôr recente, em altos gritos cheios de mortificação e que se

estendiam pelos campos! Quando, instantes depois, o Antonio entrou na cosinha, a viuva do Bernardo agarrou-se-lhe ao pescoço, dizendo muitas vezes: «Meu rico home do meu coração, que te não torno mais a ver! Perdi o meu rico home! Um santo como elle era! uma desgraça assim!»

Esta paixão intensa e desgrenhada era communicante, e por isso o Antonio saiu dos braços de sua mãe, para se deitar de barriga sobre a caixa da brôa, com o rosto escondido entre as mãos, dando soluços affrontosos e dilacerantes!... As mulheres, que acompanhavam Engracia principiaram a dizer que elle era muito bom rapaz, muito amigo de Bernardo, tão amigo como se fôra filho verdadeiro! Gabavam muito este choro afflictivo de Antonio e, acercando-se d'elle, com as mãos escondidas nos aventaes, consolavam-n'o, lembrando-lhe que a *desgraça* acontecera por vontade de Deus Nosso Senhor, e confirmavam que todas ellas, que ali estavam a chorar pelo Bernardo, tambem haviam de morrer e talvez bem cedo!... E depois d'estas palavras sensatas aconselhavam-n'o a fazer uma confissão geral com os missionarios; porque era muito bom a gente andar sempre preparada para ir á presença do Senhor Todo Poderoso! Antonio parece que não gostou d'esta advertencia, em que presumia uma censura á sua vida desregrada, e disse-lhes com certo desabrimento, com modo brusco e mal creado, sempre deitado de barriga sobre o caixão da brôa:

— Callem-se! deixem-me cá. Ponham-se agora ahi com lôas e aquellas!...

E, desde este momento, o seu choro foi-se abrandando gradualmente, e um silencio, de vez em quando interrompido por um «ai Jesus!», restabeleceu-se na cosinha. Engracia, com os olhos enxutos, mas evidentemente abatida e mortificada, foi como um cão reprehendido, sentar-se ao canto da lareira, onde havia uma fogueira crepitante e viva, procurando o ponto mais escuro e modesto, d'onde atiçava o lume, continuando a dar ais lastimosos e suspiros. Passados alguns minutos, quando as brazas estavam bem vivas, bem mordentes, disse ella mesma, com uma voz serena e apasiguada, para Genoveva, a mãe do João do Rego:

— O' mulher, vê se lhe deitas aqui n'este lume uma posta de bacalhau. Esse moço ha de vir com fome.

E, como o Antonio ainda de bruços sobre a caixa do pão se remexeu, expellindo o ultimo suspiro da sua angustia, ella exclamou n'uma voz mais secca, mais sincera:

— Meu rico home que o não torno mais a ver até ao dia de juizo! Tomára eu que o dia de juizo fosse já hoje, para só tornar a vêr o meu rico home, que foi morrer de uma desgraça!... Uma cousa assim!...

Porém as outras pessoas ficaram caladas... Não tendo já mais la-

grimas para chorar, as mulheres visinhas principiaram a contar ao Antonio, como tudo se tinha passado, como acontecera aquillo! Elle, impellido por uma curiosidade inconsciente e com o fim de as escutar com mais attenção voltou-se de ilharga e olhava ... Depois, como a narrativa, vivamente colorida pelos commentarios e pela gesticulação, o interessava, sentou-se e escutou até ao fim, com as mãos apertadas entre os joelhos. A Genoveva, mãe do João do Rego, era quem o certificava de todo o acontecido, e apesar de ser muito difusa e de entremetter observações sem valor e rodeios pueris, o Antonio ouvia-a: O Bernardo era um homem sem esperteza nenhuma, um molanqueiro, um deixa-te ir ... Muito bom homem, muito honrado, muito temente a Deus, de muito boas contas ... isso sim, senhor. Verdade, verdade ... não se contava outro na freguezia! Mas prestimo não tinha muito, não tinha mesmo nenhum. Todo o mundo o levava para onde queria, um grande cebolla é que era! Esta desgraça que lhe succedera tinha sido prevista pelo Joaquim da Moita, que lhe disse ao vel-o encostado á barreira, que tinha umas bôcas escancaradas, que mettiam medo: «Home, tu ahi não estás seguro! Vê lá no que te mettes, Bernardo». Elle não quiz fazer caso e respondeu: «Ora não ha de ter duvida ...». O pago foi o que se viu, ficar esborrachado.

O Fogueira, ouvia tudo isto com uma seriedade inconsciente e bronca. Que diabo de toleima, a de seu pae, de se ir metter debaixo da barreira que caiu! Realmente sempre era um banasola, que não tinha prestimo para nada!... E deixando-se n'esta corrente de pensamentos vagos, impulsionado pela palavra quente da tia Genoveva, e, como já lhe haviam posto o bacalhau sobre a caixa, principiou a comer de vagar, com uma apparente inappetencia ... Tinha o olhar vagaroso e a mastigação demorada, apesar de ter fome. De vez em quando, Engracia, exclamava pelo «seu rico home», que não tornaria mais a ver, até ao dia de juizo!... Genoveva, que durante a narrativa se enchera de espirito hostil contra o fallecido Bernardo, disse reprehensivamente, para a viuva:

— Cala-te mulher! Tamem já é de mais! Já aborreces com tanto «meu rico home!» (E fez um esgar de troça.) Que se não fosse lá metter! Que não fosse pascacio!

Depois concluiu voltada para o Antonio:

— Olha, elle se morreu é porque quiz! era um bô home, um bô serás; mas teimoso até ali! Deus o tenha no céu, que todo o mal foi d'elle; mas verdade, verdade, para onde lhe désse o toutiço, era para lá, como um casmurro. Agora que está na outra vida, Deus o tenha em bô logar. Um Padre Nosso por sua alma é que devemos resar ... Do que Bernardo precisa é de muito re-

sario e de muitas missas, que quantas mais, melhor. «Padre Nosso que estaes no céu, santificado seja o vosso nome, etc...»

Todos a acompanhavam n'uma voz ciciada, e com as palpebras meio cerradas. N'este momento ouviu-se o dobre funerario e lamentoso dos sinos. Era o signal de que os officios tinham acabado e de que o corpo ia ser dado á sepultura! Uma das amigas de Engracia observou:

— Elle lá vae pr'a cova, coitado! Olhem que ninguem sabe onde as tem armadas!... Ainda honte, ia em cima do carro, muito socegado, e já hoje dorme na greja pr'a toda a vida! Ah! morte negra, morte negra que assim os vaes levando a um e um!

Engracia tornou a chorar alto e o Antonio atirou-se novamente de bruços sobre a caixa do pão, conservando-se muito tempo sem se mexer... N'aquelle posição adormeceu de fatigado pela jornada!

BENTO MORENO.

---

## A civilisação grega

É na Grecia que começa o dominio das sciencias positivas. Pelo seu clima, pelo genio de seu povo, pela sua situação geographica, por todas as condições mesologicas emfim, foi a Grecia a mais brilhante civilisação da antiguidade. O desenvolvimento scientifico começou em Mileto, colonia grega da Asia Menor, com a escola jonica, passou depois a Athenas e por ultimo a Alexandria. A causa de terem principiado em Mileto os progressos scientificos da Grecia está na situação respectiva das colonias com relação á metropole. A Grecia pela sua configuração, formada de pequenas ilhas e dividida em pequenos reinos era essencialmente guerreira e conquistadora e por tanto pouco apropriada ao estudo das sciencias; as luctas constantes entre os estados Helenicos, as rivalidades entre Athenas e Sparta, occupavam as principaes forças em prejuiso do maior desenvolvimento humano. Já não succedia o mesmo com as colonias gregas onde a paz era quasi permanente, o que dava logar muitas vezes a uma civilisação precoce, como a de Mileto, Epheso, etc. Foi em Mileto que nasceu Thales, um dos sete sabios tão decantados e que foi o fundador da philosophia grega e um dos primeiros cultivadores das sciencias na Grecia. A este seguiram-se Anaximandro e Anaximenes, ambos mathematicos e astronomos de merito.

A situação maritima da Grecia, levando o povo a aventurar-se a viagens e descobertas, fez com que elle observasse attentamente a natureza e adquirisse assim um maior numero de noções reaes

das cousas, abandonando pouco a pouco as concepções maravilhosas dos seus deuses olympicos. Os gregos, percorrendo em seus navios o Mediterraneo e o Mar Negro, estabelecendo colonias á beira mar e expondo-se aos contratempos das ondas, poderam contemplar o céo sem ser através da cortina luminosa, mas falsa do polytheismo. Começou então a prevalecer a experiencia. A poesia, e em geral a arte grega, é um exemplo frisante do poder e da influencia que a natureza exerceu directamente sobre o genio da Grecia. Toda a poesia helenica, e quando digo toda, refiro-me áquella que ainda hoje chama a attenção das intelligencias cultas, toda a poesia grega é a descripção fiel ou — deixae-me exprimir assim — *realista* do meio em que viveram os poetas. Ampere, quando percorreu a Grecia, teve occasião de ver que os poetas gregos beberam a inspiração na natureza que os rodeava e que elles descreveram com a maior verdade e precisão artistica. É esta a causa da superioridade poetica da Grecia.

Esta contemplação rigorosa da natureza que produziu os bellos poemas de Homero, as admiraveis poesias de Hesiodo, nota-se do mesmo modo nos seus historiadores, que descreveram tudo o que observaram nas suas viagens com umas côres tão vivas de verdade e com uma simplicidade tão magestosa, que foi preciso passarem muitos seculos e virem as modernas descobertas archeologicas, para que trabalhos importantes como os de Herodoto adquirissem fóros de fontes historicas, perdendo os visos de imaginação, que lhes attribuiam.

No meio d'esta observação rigorosa da natureza não podiam as sciencias deixar de desenvolver-se, e de facto receberam um grande impulso nas mãos dos philosophos. Nas mathematicas Euclides e Archimedes, na astronomia Aristarco de Samos e Hipparco, bastam para mostrar o grande adiantamento a que chegaram estas sciencias na antiguidade.

Aristarco foi accusado de impiedade e denunciado aos orthodoxos por fazer mover a terra, como dezoito seculos depois havia de ser accusado do mesmo crime contra a divindade o grande Galileu. Os fanaticos sempre foram o mesmo em todos os tempos, sempre procuraram impedir o progresso das sciencias, e ainda hoje nós vemos como elles procuram atravessar-se diante da onda luminosa que cresce de dia para dia. E o mais curioso é que o processo empregado é sempre o mesmo, sempre a denuncia, sempre a accusação mesquinha e baixa. Nós temos progredido muito, os nossos processos de observação e de experiencia são muito variados e cada vez mais perfeitos, o processo que elles nos oppõem é que ainda é o mesmo; eis mais uma prova a nosso favor: em dois mil annos não avançaram um passo, e quantos têm recuado!

Na Grecia o melhor representante das outras sciencias é incontestavelmente o immortal Aristoteles, que como todos os Gregos em geral foi um observador da natureza; estudou meteorologia, estudou acustica, estudou varios phenomenos physicos, como as côres, os ventos, etc. Os seus principaes trabalhos são os ensaios de historia natural, em que se pode dizer que elle inaugurou a sciencia experimental, pois são filhos da comparação e do estudo de muitos exemplares da flora e da fauna asiaticas.

A Grecia é de todas as civilisações antigas a que mais contribuiu para o engrandecimento da humanidade e é portanto a que mais deve chamar a attenção dos estudiosos.

TEIXEIRA BASTOS.

---

# O Prisioneiro

## (DIANTE DE UMA CABEÇA DE MIGUEL ANGELO)

Uma palavra diz toda a desgraça :
— Ter por si a razão, eis o seu crime ! —
O despota o conhece ; busca traça
Para esconder a victima que opprime.

Ferros ! vossos anneis encadeados
Venham soldal-o para sempre ao muro ;
Abobadas ! calae-lhe ardentes brados,
Trevas ! summi-o no estertor do escuro.

Mas tudo é pouco. O prisioneiro pensa
No rancor do tyranno e adormece ;
A natureza é mãe : na dor immensa
Accolhe o que nas ancias desfallece.

Então, em somno longo e descuidoso
Aos sitios mais queridos d'outras éras,
A mente vôa e aviva com repouso
Passadas illusões, doces chimeras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro
Esquecido do peso das algemas
Ouve os colloquios do amor primeiro ?
Do adeus final as expressões extremas ?

Ali lhe transparece sobre os labios
O arpejo ignoto de suave riso,
Sereno como a profundez dos sabios,
Triste como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre! o somno é liberdade
Para esse a quem nenhum consolo reste;
Qual será mais feliz? a auctoridade
Nunca logrou um instante como este.

Vela o tyranno, tendo álerta os guardas,
Entre canhões, muralhas, torres, fossos;
Lá quando o somno chega em horas tardas,
Ouve ais, vê sangue, estrepitos, destroços:

Escuta os gritos surdos da revolta
Do povo que a si mesmo faz justiça;
É negro o pezadello, o horror o escolta,
Quer despertar, remorso o enfeitiça.

Este, dormindo, já se sente escravo,
Arrastado por praças, com vergonha;
Mas quem jaz mudo sob o iniquo aggravo
Que é livre, livre, ai prisioneiro, sonha.

Qual será mais feliz? um quando dorme,
E' só para sentir terror, fraqueza;
E áquelle que succumbe ao peso enorme
Diz-lhe ser livre, a santa natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras
Que não conhece algemas — a vontade!
Prepotentes! quebrae ante ella as iras,
Embalem-nos os sonhos da verdade.

Junho, 25 — 1872.

THEOPHILO BRAGA.

# A questão das vivisecções[1]

No n.º 23 de 4 de junho do anno passado da *Revue Scientifique* vem publicada uma carta do eminente naturalista inglez Carlos Darwin, dirigida ao professor Kolmgren, de Elpsal, em que o sabio criador da moderna theoria do transformismo expende a sua opinião, adversa á lei, votada pelo parlamento da Grã-Bretanha, em que se prohibem as vivisecções, ou as experiencias physiologicas em animaes vivos.

---

[1] Como n'uma das folhas precedentes publicamos um artigo do sr. Arruda Furtado em resposta a um outro do sr. Alexandre da Conceição, que saiu na *Era Nova* sob o titulo de *John Bull*, cremos do nosso dever dar tambem publicidade n'estas paginas á réplica do brilhante escriptor e nosso correligionario de Figueira da Foz.

NOTA DA EMPREZA.

A redacção da *Revue Scientifique* precede essa carta de palavras severas contra o *pietismo* inglez, que consegue, por uma agitação pueril e ridicula, fazer votar pelo parlamento uma lei de protecção a favor dos porcos da India e dos cães vadios, contra os mais altos interesses da humanidade e da sciencia.

Indignado pela leitura d'essa carta e das palavras com que a redacção da *Revue* a acompanha, escrevi sobre o assumpto um pequeno artigo, que foi publicado a paginas 443 da excellente revista a *Era Nova* com o titulo de *John Bull*.

N'esse artigo, produzido ao correr das impressões de momento e sem as minimas preoccupações academicas, ha estas palavras, que resumem toda a substancia do escripto:

«O que torna particularmente repugnante este *pietismo* britannico é que ao passo que o parlamento, impellido pelas reclamações sentimentaes de uma opinião publica pueril e beata, vota penalidades ao trabalho scientifico, esse parlamento e essa opinião applaudem e consentem ao governo inglez os maiores attentados contra a vida dos homens, contra a independencia e dignidade dos povos e contra a fé dos contractos, tolerando e explorando as violencias sem nome do governo da India e em geral de toda a administração colonial da Inglaterra, as vexações autocraticas da Irlanda, a infamissima guerra contra os Boers e mil outras proezas sanguinarias e brutaes, em que Portugal tem como victima um papel de protogonista.»

Modesto divulgador do espirito scientifico do meu tempo, que procuro seguir de longe na sua gloriosa ascensão para a verdade, eu erguia, d'entre a multidão confusa dos anonymos, o meu braço para protestar contra uma medida que considero obscurante e indigna de uma nação civilisada, e, juntando a nulidade da minha opinião ás vozes auctorisadas dos primeiros homens da sciencia contemporânea, tinha por fim apenas tornar conhecido do publico para quem escrevo, um facto que julgo digno de ser conhecido, já pela importancia do assumpto, já por ser revelador do caracter inglez, que cordealmente abomino.

O meu artigo, porém, apesar de toda a sua pequenez e de toda a sua modestia, mereceu do sr. Arruda Furtado, de Ponta Delgada, um severo correctivo, em fórma de dissertação academica, publicado n'um dos ultimos numeros do jornal lisbonense *Encyclopedia Republicana*.

O sr. Arruda Furtado fez-me a immerecida honra de concordar comigo em todos os pontos da questão, diz que o procedimento do parlamento inglez, «para todos pouco conciliador, é para muitos revoltante, entende que o facto carece de um protesto severis-

simo», mas não me permitte que eu me «revolte» nem que «proteste severamente», assevera que, de todos os «pontos» civilisados do globo eu serei o unico positivista que trate esta questão por uma tal fórma, e chega a supplicar «á mocidade portugueza, que aprende comigo e com os directores litterarios coniventes na publicação da minha maneira de apreciar, que não acceite similhante exemplo.»

Sou extremamente sensivel á classificação de «ponto civilisado» e de mais a mais «ponto positivista» que me dá o sr. Arruda Furtado e particularmente lhe agradeço o diploma que me passa de instructor da mocidade portugueza; mas peço licença para declinar ambas as honras, tanto a de instructor como a de «ponto», embora civilisado e embora positivista. Embirro com todos os «pontos».

O que não chego a perceber é a razão porque o sr. Arruda Furtado, julgando merecedora dos mais severos protestos a lei ingleza que prohibe as vivisecções e digno da mais aspera correcção o parlamento que a votou e portanto o publico que a exigiu e o publico que a tolera sem reclamações, se insurge contra a fórma desabrida com que eu apreciei este assumpto.

Eu concedo facilmente ao sr. Arruda Furtado que o meu estylo tem por vezes liberdades de adjectivação pouco parlamentares e menos academicas, e para lh'o conceder peço-lhe que me poupe á mais vergonhosa recordação da minha obscura vida litteraria; mas, se me é licito avançar uma observação em fórma de attenuante, direi que poucas vezes terei escripto sobre assumpto que melhor se prestasse á troça e á descompostura do que este.

Pois póde lá tolerar-se hoje, em plena Europa civilisada, que um parlamento qualquer se permitta vedar ao trabalho scientifico as suas mais legitimas e importantes investigações, a pretexto de sensibilidade feminina ou de ridiculos preconceitos de piedade religiosa? Pois ha-de consentir-se, sem os mais vivos e energicos protestos, que uma nação collocada á frente da civilisação do mundo e representada no que uma nação tem de mais legitimo e soberano, o seu parlamento e a sua opinião publica, ouse, em fins do seculo XIX prohibir aos homens de sciencia que não estudem, que não experimentem, que não investiguem, a pretexto do soffrimento physico de alguns animaes inuteis, quando taes estudos e investigações tem justamente por fim aliviar a humanidade, e mesmo os outros seres da criação, dos flagellos que a desimam e torturam?

Pois os interesses da sciencia, os primeiros e mais instantes interesses humanos, podem lá estar por mais tempo chumbados á lousa sepulchral da theologia e humildemente curvados perante a ferula do supranaturalismo?

E o sr. Arruda Furtado, que se revela um espirito despreoccu-

pado e instruido, estranha que os que procuram sincéramente, embora obscuramente, collocar-se na corrente dos grandes interesses do saber contemporaneo, verberem com todo o vigor de uma legitima indignação essas pretensões atrazadas, pueris e ridiculas da intolerancia religiosa?

Eu não sei ser tolerante com a intolerancia nem delicado com a brutalidade, e o procedimento do parlamento inglez e da nação que elle representa é, n'este ponto, intolerante e brutal.

Não desconheço o valor dos titulos que a sciencia ingleza tem á consideração do mundo; mas é justamente por isso que o facto em questão se torna tanto mais estranho e censuravel. Se a prohibição das vivisecções fosse decretada pelo governo da Turquia ou do Haiti, o caso não seria imprevisto, mas apenas lastimavel; decretada porém pelo governo da Inglaterra, a reclamações da opinião publica e com a sancção do parlamento, tal prohibição é perfeitamente uma tolice violenta, ridicula e bestial.

De todas as surprezas que me destinava este curioso artigo do sr. Arruda Furtado a melhor e a mais imprevista reservou-a elle para o fim. Considerando que a lei ingleza que prohibe as vivisecções vae *redobrar o interesse dos physiologistas* e desacreditar as sociedades protectoras de animaes, o sr. Arruda Furtado termina com estas palavras:

«Concluimos mudando um pouco a nossa opinião; — nós teremos algum dia muito que agradecer ao parlamento inglez a lei que elle acaba de votar!»

Por este singular processo de apurar merecimentos póde chegar-se aos mais extraordinarios e imprevistos resultados; podemos concluir, por exemplo, que a melhor cousa que se conhece é o mal, porque provoca as reacções do bem, que o maior beneficio que devemos á monarchia é o despotismo, porque provocou as reivindicações da liberdade, que a inquisição foi uma verdadeira fortuna, porque apressou o descredito da theocracia catholica... É a theoria dos revolucivos applicada ás doenças sociaes; a miseria cura-se com a fome, a prostituição com o deboche, a ignorancia com o analphabetismo, o proletariado com a usura, etc.

É uma theoria moral inteiramente nova, uma verdadeira theoria de ponta e mola applicada ao ventre da humanidade...

O sr. Arruda Furtado ha-de permittir-me que lhe não tome a sério esta ultima parte do seu artigo, a qual me parece inferior aos muitos recursos intellectuaes e solida illustração de s. ex.ª

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

# Scepticismo

(NO TUMULO DE MEU FILHO AFFONSO)

I

Dividiu-se a minh'alma em tres pedaços,
Dois ficaram na terra suspirando
E o terceiro, o mais timido, adejando,
Escondeu-se na bruma dos espaços.

Debalde eu ergo á luz os olhos baços,
Debalde pelo ceu vou procurando
O rasto d'esse sol que, fulgurando,
Orgulhoso estreitei entre meus braços.

Sumiu-se para sempre o ethereo brilho,
A estrella que guiava os passos meus,
Atravez d'escabroso e duro trilho,

Eu penso como vós, grandes atheus,
A fé d'um pae que vê morrer um filho
Em tudo o leva a crêr menos em Deus.

II

Eu rojei-me de bruços, emplorando
A Deus a vida do ente estremecido;
Podendo elle talvez, não ha querido
E um pedaço d'esta alma foi roubando.

Ó crentes, pensae bem quanto é nefando
Arrancar ao arbusto enverdecido
O renovo mais tenro, mais florido
De todos quantos elle está creando.

E depois julgae, vós, se é justiceiro,
Se é grandioso, forte e omnipotente
Quem assim se demonstra sobranceiro.

Sacrificar no berço um innocente!
Se ha Deus, elle tornou-se carniceiro,
De meu filho o assassino consciente.

Vilar do Senhor. ERNESTO PIRES.

# Movimento litterario

As delicadas offertas d'alguns escriptores e editores obrigam-nos a uma revista, só com o fim de pôr os nossos poucos leitores

ao facto das publicações portuguezas e do desenvolvimento intellectual moderno.

Não é um trabalho critico e sim uma analyse rapida.

D'essas obras passemos a inventariar as mais recentes que temos n'este momento sobre a nossa mesa de trabalho: *A Morte do Atheu*, por Jayme Seguier, uma publicação nitida de que a imprensa do elogio-mutuo se tem occupado com louvor, mas sem uma phrase que revele a ideia mais simples sobre a arte moderna. Qual é o fim d'esta composição poetica que se impõe ao publico pela nitidez da impressão? Se houver um critico capaz de descobrir alguma cousa de novo, a não ser umas imagens rhetoricas, impossiveis mesmo nos versos dos parnesianos francezes, de que Seguier é representante em Portugal, então faremos a critica d'este poemeto que apenas consideramos mais uma banalidade no mercado.

A Republica federal por Assis Brazil. É um trabalho admiravél, consciencioso, dividido em quatro livros e comprehendendo cada um d'elles diversos capitulos. Daremos aqui os seus titulos para que se possa fazer uma ideia do valor da obra do illustre publicista brazileiro: — I *As Fórmas de Governo* — II *Relatividade das Fórmas de Governo* — III *Legitimidade da Republica* — IV *Superioridade da Republica* — V *Preferencia do paiz pela Republica* — VI *Theoria do opportunismo* — VII *Objecções impiricas dos monarchistas* — VIII *Justificação da opportunidade da Republica* — IX *Ideal da democracia na America* — X *Fundamento racional do Suffragio Universal* — XI *Falsidade dos Systemas Restrictivos* — XII *Extensão e effeitos do suffragio universal.*

O sr. Assis Brazil possue uma orientação scientifica, e tem pontos de vista verdadeiros.

As suas opiniões sobre o *federalismo* e *unitarismo*, parece-nos serem as mais completas quando diz a pag. 215: «o federalismo é a maior simplicidade, e o unitarismo a maior complicação. Tudo se simplifica no regimen federal: simplifica-se e facilita-se a administração geral, o regimen financeiro, pela ausencia de duplas repartições, cujo costeio fica reduzido á metade; simplifica-se a missão do governo geral, porque elle não tem de gerir o conjuncto inteiro dos negocios do paiz, porém unicamente o que interessa á communhão; simplifica-se, finalmente, a missão dos poderes locaes, porque elles não têem de moldar-se pelas imposições do centro ou de pedir-lhe venia, mesmo n'aquillo em que a sua autonomia seja reconhecida e inegavel. Exactamente o contrario dá-se com o unitarismo: repartições provinciaes e geraes; imposto duplo; governo geral sobrecarregado de trabalho, resumindo em si toda a vida nacional; governo local escravisado ao centro, nullo por falta de autonomia. Só uma cousa se torna simples e facil no unitarismo: são os golpes de estado e as revoluções.»

Estas e outras ideias expendidas n'este volume, revelam o bom senso do seu autor.

Padres e reis ou a inquisição moderna, por Agnus pseudonimo d'um sincero republicano, conhecido no partido por F. Cordeiro. É um folheto de propaganda contra o clero e a realeza, e cheio de comparações curiosas entre os modernos e antigos tempos. Agnus, n'este seu trabalho demolidor e eloquente, ao alcance do povo, pretende demonstrar que a sociedade moderna vive ainda debaixo da pressão inquisitorial dos tempos medievaes, e que todos os nossos males, o nosso atrazo, provêem unicamente de duas classes poderosas, nobreza e clero, que se afundam a passos largos.

Ha n'este folheto algumas contradicções e exageros verdadeiramente romanticos, e mesmo, pontos de vista falsos, phrases rhetoricas que revelam a instrucção ainda methaphisica do seu auctor; mas em compensação d'esses erros, que são tambem os da maioria dos nossos escriptores (embora alguns d'elles sejam reputados como os principaes), existem ideias alevantadas, e conclusões revolucionarias. O estylo é vigoroso, quente, o dos grandes agitadores e ainda o dos revolucionarios methaphisicos e sentimentaes. Cremos que este nosso intelligente correligionario se tiver mais estudo e applicação, poderá dar-nos de futuro obras menos apaixonadas, porque tem aptidões e vontade. Este seu ultimo trabalho, que aliás revela talento, resente-se d'essa falta de estudo e reflexão.

Todavia torna-se recommendavel pelos factos curiosos que aponta, muitos de boa fonte, por algumas comparações verdadeiras, e sobretudo pelo assumpto e ponto de vista demolidor. Não se póde ser mais energico para um povo ainda cheio de preconceitos religiosos, na maior parte ignorante, embrutecido pelo clero, nem tão pouco ser mais enthusiasta dos modernos principios.

O homem quaternario e as civilisações prehistoricas na America (traços d'uma impressão scientifica) pelo doutor F. Ferraz de Macedo. É um volume de 50 pag., formato in-quarto, edição primorosa.

O sr. Francisco Ferraz de Macedo, é uma illustração reconhecida por todos os homens que estudam, e um trabalhador incansavel. Este seu ultimo trabalho que é um estudo critico, fundamentado em factos geologicos e em concepções philosophicas, bem o demonstram. Depois que foi comprovada a existencia do homem plioceno na California, torna-se já impossivel contestar as ideias n'este livro expendidas.

O illustre escriptor prova evidentemente que a America teve grandes relações com a Asia e mui particularmente com o Egypto; não duvida que as raças da Europa em geral sejam oriundas da

Asia, mas, que não estando ainda estudado o vasto territorio do velho continente americano, como admittir sem uma discussão seria e importante que para ali fosse a Asia lançar a semente de tão differentes raças, como se tem julgado? Assim fica desfeita a hypothese de que a Asia fosse o unico berço da humanidade: não cremos que ella tivesse um unico berço. Este trabalho é importantissimo, e foi escripto a proposito da obra de Florentino Ameghino *A antiguidade do homem no Prata*. Este illustre homem de sciencia depois de muitas investigações «poude chegar á conclusão de que a fauna americana antiga nenhuma relação teve de continuidade e de similhança com a fauna do velho-mundo». Sobre esta opinião é que o doutor Ferraz de Macedo, baseou o seu bello estudo anthropologico, dando-nos uma serie de novidades que muito interessam á sciencia moderna. Ameghino pensou assim porque alguns dos animaes fosseis que encontrou n'aquellas regiões e que outros exploradores audazes têem descoberto, não tinham n'aquelle tempo, nem o têm até hoje, congeneres no antigo mundo, embora houvesse alguns d'entre elles com apparencias e pontos de contacto anatomo-physiologicos?

«As cidades e grandes destroços de edificios esparsos, (diz o doutor Macedo pag. 12) encontrados em profundas camadas geologicas, ou jazendo em florestas seculares e intransitaveis, a occultas da vista e communicação do homem, arrancados do tumulo da insciencia, ora pelo proprio testemunho de Florentino, ora pelas dezenas de outros testemunhos respeitaveis, nenhuma similhança architectonica e artistica têem com as velhas e derrocadas cidades e edificios da India, do Egypto, da Etruria, etc.» Além d'estes, outros muitos factos provam evidentemente que o homem americano é *originario da propria America*.

É-nos impossivel n'esta revista uma analyse completa do *Homem Quaternario* do doutor F. Ferraz de Macedo. Concluindo, diremos que é um livro que precisa ser consultado pelos que se dedicam a este genero de trabalhos, e com o qual a sciencia muito lucrou. A linguagem é primorosa, fluente, a exposição clara, notando-se em algumas paginas, puramente descriptivas, uns toques verdadeiramente artisticos. As palavras dos primeiros vultos da sciencia moderna, taes como Topinard, Le Bon, e outros, consagradas a este livro, bastam para definir o seu valor scientifico e o apreciarmos como um dos trabalhos recentes de maior importancia.

REIS DAMASO.

# A poesia das aldeias

## I

### As Janeiras

No dia 31 de dezembro, e ainda no 1.º de janeiro de manhã, é costume em muitas terras de Portugal andarem bandos de rapazes, raparigas, etc. a cantarem pelas portas, *pedindo as Janeiras*. Eis uns versos que se cantam n'uma aldeia do concelho de Sinfães, e eu os dou ao mesmo tempo como especimen de linguagem popular:

As Janeiras num se canto
Nem aos reis, nem aos fidalgos:
Canto-se a estes sinhores,
Por ser anno milhorano,
Milhorano na saude,
Descontado nos peccados [1]
Vós que estaes na vossa cama,
Entre dois lançoes lavrados,
Mandae-nos dá-las Janeiras
Em louvor de S. Gonsalo:
Elle vos manda pedir
Que as deis com devoçom,
Que elle vos tem promettido
De vos dar a salvaçom.
Qué-las deis, qué-las num déis, [2]
Sempre co'os anjos fiqueis;
E qué-las daes, qué-las num daes,
Sempre co'os anjos ficaes.
— Quem dirêmos nós que viva
No cópinho d'auga-ardente?
— Viva o patrão d'esta casa
E mais toda a sua gente.
— Quem dirêmos nós mais que viva
Na casquinha da cebola?
— Viva o patrão d'esta casa
E a sua senhora.

---

## II

### Os Reis

O mesmo costume das Janeiras repete-se na vespera á tarde e á noite do dia 6 de janeiro, e mesmo no proprio dia de manhã. As seguintes cantigas são do mesmo concelho:

---

[1] Versões d'outras partes dizem *por ser anno melhorado*. Na Beira Alta é costume, quando se come uma cousa pela primeira vez, dizer:

Anno,
Milhorano.
Deus nos deixe chegar ao anno (anno seguinte).

[2] *Quer as deis, etc.*

— Que pastores som aquelles
Que vem á beira do rio?
— Som aquelles santos Reis-Magos [1]
Que vem adorar o menino.

O menino stá na neve
E a neve o faz tremer:
Ó meu menino Jâsus,
Quem vos pudéra valer!

Entrae, pastores, entrae
Por esse portal sagrado:
Lá vereis star o menino
Nûas palhinhas deitado.

As palhinhas déitom lirios,
Oh que bellos tres martyrios!

As palhinhas déitom rosas,
Oh que bellas tres formosas!

Lá vem na pombinha branca
Á ponta da oliveira:
Viva o senhor d'esta casa
A [2] mai-la sua companheira.

Sobreirinho ramalhudo,
Já le cahiu a belota:
Se nos hom-de dá-los *Reis*,
Mande-nos abri-la porta:

Qué-los deis, qué-los num deis,
Co'a graça de Jâsus fiqueis.

Este final de boa resignação é substituido no Minho (e creio que n'outras partes), pela seguinte imprecação, quando as pessoas da casa não dão nada.

Esta casa é de barro,
Aqui mora algum diabo! etc.

Porto, Março 82.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] Variante: *Reisnados*.
[2] Sobre este *a* publicaremos, talvez breve, um artigo.

# Suissa

Todos quantos em Portugal tratam de vulgarisar as instituições republicanas, usam de ordinario apresentar-nos a França como o modelo das democracias. Os jornaes de todos os matizes encarecem á uma a republica franceza, extasiam-se perante os seus grandes homens, Gambetta e Grevy tomam as proporções de semi-deuses, tão inviolaveis, infalliveis e indiscutiveis como os chefes das monarchias.

Assim pensam e escrevem os que ignoram as leis organicas da Suissa.

Os que passaram a juventude mettidos nas sacristias, nas procissões, nas touradas ou philarmonicas, nos salões da aristocracia decrepita ou faminta ou nas salas da burguesia ignara e egoista não tem capacidade para comprehender o ideal moderno de progresso e justiça e precisam de substituir na mente os idolos que deixaram por outros cujo papel se coadune mais com as suas aspirações de deslumbramento alvar e futil.

Chegam a esquecer que ha em França uma formidavel phalange de caracteres de *élite*, apostolos fervorosos da ideia, sempre promptos a arrostarem com todos os sacrificios, não transigindo nunca, porque nada mais ambicionam que a victoria dos seus principios e essa phalange de homens eminentes, na industria, na sciencia, no commercio e nas artes, depois de soffrerem o desterro, a emigração e o carcere, veem debalde, ha onze annos, reclamando reformas que ponham em vigor uma parte das leis já decretadas, ha cerca de um seculo pela Convenção, garantindo os direitos individuaes, augustos e inauferiveis. Hoje mesmo que a França expulsa do seu solo os illustres emigrados russos, a Inglaterra offerece-lhes um asylo seguro. Pouco importa aos que governam que os republicanos historicos protestem. Nos decretos da reacção lá vão encontrar qualquer disposição para justificarem o arbitrio e só assim, sustentando a Concordata, que reconciliou o Papa com o primeiro imperador e com que o ultimo enfeudou a França ao papismo, só assim é que os republicanos de hontem, os Gambettas, os Ferrys preterem os homens da experiencia e dos sacrificios, e captam a estima e a benevolencia dos principes e imperadores, que os sustentam, em vão esperando ensejo de poderem asphixiar a Republica.

É por isto que um resumo das instituições politicas da Suissa se tórna extremamente preciso e util. Vamos por isso esboçal-o, soccorrendo-nos principalmente a Charbounier por ser o mais resumido e adequado ao fim que temos em vista.

Para nós é até de um conforte extraordinario o fallar d'este heroico e pequeno povo, que vive independente ha cerca de cinco seculos, sempre livre e progredindo. Sem a intervenção dos grandes homens e dos milagres soube consolidar a sua autonomia, n'um periodo em que o despotismo era omnipotente na Europa, e a ignorancia profunda. Bastou-lhes o quererem para fundarem a *communa* e o *cantão*, as duas agrupações naturaes e mais legitimas dos povos, que fazem estremecer de horror todos os elementos reaccionarios e que finalmente constituem a felicidade da Suissa, unindo n'uma nacionalidade admiravel dois milhões e setecentos mil homens, allemães, franceses e italianos, fallando cada um a sua lingua e professando cada um o seu culto. É que só a Federação faz d'estes prodigios!

*
* *

A historia da Suissa é poetica e heroica como a de quasi todos os pequenos estados. É a lucta da consciencia contra o privilegio e o abuso, e o mais frisante e feracissimo exemplo de quanto pode o povo que se apoia na razão e na verdade. Rudes montanhezes, durante mais de dois seculos luctaram contra os exercitos do imperador da Austria, derrotando-os successiva e constantemente, sem surgir o nome de nenhum general ou grande sabio.

Os tres cantões da Uri, Schwitz e Unterwald, para se subtrahirem á oppressão dos pequenos senhores, sollicitaram a protecção da casa de Habsbourg, em 1273, a qual reconhecendo-lhe ao principio as suas franquias em breve tentou converter em soberania os direitos de simples patronage. Os agentes do duque Alberto, sobretudo Gessler que figura na lenda de Guilherme Tell com as cores sinistras de um conde Andeiro, de dia para dia tornavam-se mais despotas e implacaveis. Foi contra a tyrannia da casa d'Austria, que os tres referidos cantões decidiram revoltar-se, estabelecendo entre si uma alliança, pactuada pelos delegados dos tres pequenos estados, no valle de Grutli, n'um golpho do lago dos Quatro-Cantões, a 7 de novembro de 1307, jurando Werner, Stauffacher, Walter Furst e Arnold de Melchthal, libertarem para sempre a sua patria.

No primeiro de janeiro de 1308 rebentou a revolução, que veiu a concluir só em 15 de novembro de 1313, com a batalha de Morgaten, um prodigio de varonil heroismo, em que um exercito aguerrido foi aniquilado por um bando de valentes e rudes pastores, quasi que não tendo por armas mais do que paus e pedras e por muros as alcantiladas penedias da sua patria. Unidos pela augusta aspiração de liberdade e pelo perigo commum os tres can-

tões renovaram a liga de 1291, em Brunnen, a 9 de dezembro de 1315, proseguindo victoriosos na lucta e alcançando a adhesão de outros cantões, Lucerna em 1332, Zurich em 1351, Zug e Glaris em 1352 e Berne em 1353, não podendo algum cantão reconhecer um senhor, nem emprehender negociações ou tratados sem o consentimento dos demais.

Constantemente em guerra com os potentados visinhos e suffocando muitas vezes as insurreições internas que lhes fomentavam os inimigos, depois das batalhas de Granson e de Morat, as Termopilas da Suissa, a bravura d'este povo tornou-se proverbial na Europa, com a derrota que infligiu a Carlos, o temerario, duque de Borgonha, em 1476, e o imperio pelo tratado de Bale, em 1499, teve de renunciar ás suas pretenções de conquista, reconhecendo a autonomia da Suissa.

Os cantões de Fribourg e Saleure em 1481, Bale e Schaffhouse em 1501, Appenzell em 1513 adheriram á liga, elevando-se a 13 o numero dos cantões.

Durante a guerra dos trinta annos a Suissa teve de repellir as aggressões da Hespanha, vindo finalmente a Europa a reconhecer, de facto e de direito, a autonomia da Helvecia pelo tratado de Westphalia em 1648.

Desde então só as questões religiosas perturbaram o paiz, introduzindo Zwingle o protestantismo em Zurich em 1519, e Calvino em Genebra, adherindo á Reforma a maior parte dos 13 cantões.

A Revolução Franceza que foi uma almenara de luz que veiu illuminar os espiritos, agitou a Suissa, e começou então ali a organisar-se o partido liberal, cujo programma exigia a egualdade de direitos para todos, a unidade da Suissa, acabando de vez a distincção de cantões soberanos e cantões vassalos. Bonaparte interveiu em favor dos liberaes e a Republica Helvetica, una e indivisivel, foi confirmada com a victoria de Stanz, em 9 de setembro de 1798. O genio da guerra e do exterminio foi n'este paiz um impulsor efficaz, e por certo inconsciente, das ideias liberaes. Os principios democraticos germinavam na mente do povo, ao qual faltava a capacidade de estabelecer a fórma de os tornar praticos, e por isso a intervenção de Bonaparte, dando á Suissa uma constituição federal, mas centralisadora, acabando com as desegualdades anteriores e dividindo o territorio em 19 cantões, foi um beneficio politico, porqne em vez de matar a questão, os animos agitaram-se, os principios debateram-se e a luz fez-se nos espiritos, chegando-se á conclusão de que a unica fórma de consolidar a liberdade e fundar a egualdade civil é a descentralisação ou o federalismo.

Desde a Revolução Franceza até hoje teve a Suissa de passar

por periodos agitadissimos e crises difficeis. Os sinceros liberaes e velhos patriotas por vezes tiveram de pedir o auxilio do estrangeiro para fazerem pela violencia triumphar os seus principios. Laharpe e Ochs tiveram de recorrer á protecção da França, para fazerem a unificação e acabar de vez com os senhores feudaes que os opprimiam. Este predominio da França foi vergonhoso e crudelissimo, a verdadeira prostituição dos principios que as bayonetas iam defender ali. Entretanto deu aso a que Stapfer, ministro das artes e das sciencias, decretasse a reforma do ensino, como base de todo o progresso e da felicidade publica. Em cada capital de cantão organisou um conselho de educação, composto de sete membros e um inspector de instrucção publica, para fiscalisar as escolas e nomeiar professores competentes e aptos para o ensino. Foi a instancias de Stapfer que o grande Pestalozzi e os seus dois discipulos Fellenberg e Wehrli se dedicaram a reformar o antigo systema de ensino, publicando um jornal em que vulgarisava as suas theorias de pedagogia, e montando em Stanz uma escola para as crianças pobres, que elle pessoalmente regia.

A instrucção superior soffreu o mesmo impulso reformador. Com os escassos capitaes do poder centralisado fundaram-se gymnasios e delineou-se a fundação da primeira escola polytechnica suissa, crearam-se sociedades litterarias e artisticas, fundaram-se jornaes, revistas e bibliothecas populares publicas. Os exforços heroicos d'este homem, que tanta luz diffundiu sobre o seu paiz e que não fez reformas á Pombal, mas sim segundo os principios da liberdade e justiça, por vezes foram contrariados. Pestalozzi e elle viram-se ridiculisados e calumniados, porque a aristhocracia ferida nos seus privilegios e o clero nas suas especulações trataram de attrahir a si as massas ignaras e contra a França que os roubava, mas illustrava, pediram o auxilio da Austria. Deu-se aqui um phenomeno extraordinario: os unitaristas ou centralistas eram os democratas protegidos pela França, os federalistas ou partidarios da antiga constituição que não era submettida á sancção geral do povo, reunido em plebescito, eram os retrogados religiosos, secundados pela Austria christianissima.

Este periodo, que iniciou a resurreição de um povo heroico, é em extremo curioso, e por isso antes de entrarmos no assumpto principal d'estes artigos, que vem a ser o actual mechanismo politico da Suissa, exporemos, o mais concisamente possivel, as frequentes vicissitudes, a enorme fermentação politica por que passou a Suissa até chegar nos nossos dias á prosperidade que nenhum outro povo ainda attingiu.

(Segue).

# O casamento civil

Acabava de soar a ultima badalada do meio dia.

A noiva impaciente andava agitada pela casa chegando repetidas vezes á janella. Eram já horas, e a senhora que a devia acompanhar á administração ainda não apparecera.

Um trem da *Companhia* esperava á porta. O cocheiro encostado á almofada tinha adormecido.

Era um casamento civil.

A visinhança, que sempre apparece n'estas occasiões para não jurar falso, chegava ás janellas cochichando e entremeiando a palestra com risinhos ironicos. Duas visinhas fallavam indignadas do casamento. Era um gosto ouvil-as!

— O' visinha, viu-se já uma coisa assim! dizia uma velha solteirona despeitada por não se ter casado.

— Não, que na minha vida nunca julguei chegar a ver tal!

— Foi preciso virem aquelles malditos *americanos*...

— Republicanos, emendou a visinha que era um pouco mais illustrada.

— Pois seja! Republicanos ou americanos é tudo a mesma coisa.

— Não visinha, isso não, replicou a outra, que não deixava passar occasião alguma de mostrar o seu saber. E preparou-se para explicar.

Tossiu duas ou tres vezes, escarrou e depois de se ter convenientemente assoado começou assim:

— Americanos são os habitantes lá d'esses Brazis que, por signal, são muito ricos. Sempre me lembro d'aquelle meu compadre, que Deus haja, que sempre tinha coisas mais lindas! Elle era um papagaio, elle era um periquito, elle era um macaco... Sempre tinha coisas! aquillo só visto...

«E republicanos, esses são... são...» e ficou atrapalhada.

— Até dizem que querem matar a rainha! disse por fim sahindo dos apuros em que estava.

— Ora vejam vocês! Disse a velha escandalisada.

— Pois é preciso serem muito malvados! A pobre senhora tão boa! coitadinha... que não faz mal a ninguem... accrescentou a outra em tom de lamuria.

—Pois esses excommungados, Nosso Senhor me perdôe, não lhes posso dar outro nome, esses excommungados é que trouxeram cá essa ideia.

— Qual ideia?

— A do casamento civil. E chamam elles a isto um casamento! Não, eu...

— Não está mau casamento! exclamou a outra. Cá na minha não passa d'uma mancebia.

— Diz muito bem, visinha, applaudiu a velha. Aquillo é como os cães...

— De certo. Sem receberem as bençãos do padre! É mesmo uma consciencia!...

— E aquella menina... disse a velha referindo-se á noiva. Nunca esperei tal!

— Nem eu! Quando me lembro que ella assistia á missa com muita attenção, com o seu livrinho...

— É verdade, confirmou a velha. Sempre se vê coisas! Quem havia de dizer?

— Aquella sonsinha enganou-me bem.

— A mocidade está perdida! exclamou a velha em tom sentencioso.

— Já não ha religião, accrescenta a outra.

— Tudo vae com a moda... disse a velha com um suspiro.

— Olha, grita de repente uma visinha do lado, lá vem dois trens.

— Agora devem ser elles, disse uma para a outra.

Eram effectivamente *elles.*

Pararam á porta da casa ao pé do da *Companhia* e sahiram de dentro tres sujeitos todos de preto com gravata e luvas brancas e uma senhora, já de edade, com um vestido escuro e um chapéo preto enfeitado de rosas escarlates.

Uma rapariga travessa debruçava-se da janella dizendo que queria ver o noivo.

Mostraram-lhe e ella exclamou desconsolada:

— É um pausinho!

As visinhas fizeram côro, ainda que bastante desafinado, ás gargalhadas.

— Olha a tola! Tomaral-o tu assim, disse outra rapariga com voz esganiçada.

— Cala-te Francisca, retorquiu a outra, tu fallas assim porque o teu Anastacio é tambem um *magricella*...

— Melhor! Meu proveito... exclamou a rapariga despeitada.

Pouco depois dizia uma das *Marias-visinhas:*

— Olha, lá sahem agora.

Saltava n'este momento para o trem da *Companhia*, deixando ver o pequenino pé calçado n'umas botinas brancas, uma menina trigueira d'olhos castanhos e cabellos da mesma côr, toda vestida de branco e com flores de larangeira. Ao lado d'ella sentava-se a senhora já d'edade que acabara de chegar. Em cada um dos outros trens metteram-se dois individuos, e em seguida as carruagens pozeram-se em movimento parando na administração.

Escusado será dizer que as visinhas continuavam tocando admiravelmente rebeca sem necessitarem d'arco, á espera da volta dos noivos.

.....................................................

Entretanto a mãe da noiva conservava-se no seu quarto em companhia d'uma creada antiga da casa.

Era uma senhora de quarenta e tantos annos, magra e ainda bastante formosa. No seu rosto viam-se vestigios de lagrimas recentes.

A boa da creada olhava para sua ama com compaixão.

Porque estaria triste a mãe no dia do casamento da filha?

Tentemos explical-o.

A filha tinha tido durante alguns mezes namoro com um rapaz que se decidiu a pedil-a em casamento. Assim foi, e a mão da menina Laura não lhe foi recusada, porque por informações obtidas era um bom rapaz.

Mas quando este declarou que só se casaria civilmente as scenas mudaram.

Foi um inferno lá em casa! A mãe determinou formalmente que d'esse modo recusava.

Houve discussão, deu um faniquito á menina e por fim o papá declarou que tudo vinha a ser o mesmo, tanto fazia ir á egreja como á administração, e disse para os rapazes «que se casassem que a mãe havia de se convencer.» Mas não se convencia, não. A mãe «detestava as ideias novas» e «queria seguir a religião de seus paes.»

Eis a razão porque ella estava triste no dia do casamento da filha.

Reinava, havia um momento, o silencio no quarto, quando a senhora rompendo-o disse para a creada:

— Minha boa Anna, já se foram?

— Sim minha senhora. Partiram agora.

— Ah! A minha filha... soluçou ella.

— Não se apoquente assim que lhe faz mal.

— Tens rasão, de mais me tenho eu ralado! E acrescentou suspirando:

— Não posso ver aquillo! Para mim minha filha não fica casada.

— De certo, de certo, confirmou a Anna. E se vem os filhos?

— É de quem eu tenho pena. Sem serem baptisados...

— Ficam uns irracionaes; disse a Anna com convicção.

— Pobres anginhos! Pode-se ter compaixão... Pouco depois accrescentava com amargura:

— Casamento! Ora não ha!... É um contracto, uma escriptura como se fosse uma renda de casa.

— Depois d'aborrecidos, cada um vae para seu lado e acabou-se... accrescentou a Anna.

— É commodo! disse a senhora com um riso nervoso que incommodava ouvir.

— Infelizmente sua filha segue as ideias modernas...

— Quem tem a culpa é o pae. E diz-me elle que me hade convencer. Nunca, nunca!

— Estou certa que a senhora nunca mudará d'ideias.

— Oh! seguirei sempre a religião de meus paes, embora se riam de mim. Nunca admittirei o casamento civil.

N'isto ouviu-se o rodar dos trens que pararam á porta. Eram os noivos que chegavam.

.......................................................

Dois annos depois, á porta da mesma casa estavam parados dois trens.

A visinhança estava alvoroçada, havia grande novidade n'aquella rua.

O que seria? A coisa mais natural—um casamento.

A mãe de Laura, que tinha enviuvado, estava ainda bastante conservada, e depois d'enterrar o marido tratou d'arranjar substituto. «Precisava d'uma companhia» dizia ella.

Era pois uma coisa tão natural que preoccupava a visinhança? De certo.

Um casamento d'uma viuva não era para menos. Mas não era só isto, o casamento era... civil.

A' sahida da administração, quando a mãe de Laura subia para a carruagem, sentando-se ao lado do esposo, disse baixinho:

— Bem me dizia meu marido que me havia de convencer. Ao menos dou graças a Deus por poder provar-lhe que as suas palavras não foram em vão.

E accrescentou em seguida:

— Egreja... administração... tudo serve. O fim é o mesmo.

E recostou-se na carruagem apertando nas suas as mãos do segundo marido.

ALBERTO BASTOS.

---

## Conferencias preliminares do Centenario de Camões

I Camões e a Nacionalidade portugueza, por Theophilo Braga. (Salão da Trindade, em 3 de Maio de 1880.)

II Leitura, de Vasconcellos Abreu, sobre lendas buddicas no poema de Camões. (Sociedade de Geographia.)

III A lingua portugueza e a unidade nacional, por Adolpho Coelho. (Sociedade de Geographia.)
IV A Odyssea Camoniana, por Pedro Gastão Moreira. (Salão da Trindade.)
V Camões e a Nacionalidade portugueza, leitura de Teixeira Bastos. (Salão dos Empregados do Commercio.)
VI Camões e a Renascença, leitura de Ramalho Ortigão. (Salão da Sociedade de Artistas Lisbonenses.)
VII A vida intima de Camões, conferencia por Theophilo Braga. (Salão da Trindade.)
VIII Camões, sua vida, sua época e Obras, conferencia de Antonio José Lourinho, (Instituto agricola e industrial.)
IX A Renascença, conferencia de Sertorio do Monte Pereira. (Idem.)
X Camões e a Patria, conferencia por Pinheiro Chagas. (Salão da Trindade.)
XI Camões e o espirito popular, conferencia por Theophilo Braga. (Salão da Associação Pelicano.)
XII A mythologia dos Lusiadas, conferencia por F. Adolpho Coelho. (Salão da Trindade.)
XIII Camões e a India, leitura de Christovão Ayres, (Sociedade de Geographia.)
XIV Camões e a integridade nacional, conferencia de Manoel de Arriaga. (Salão da Trindade.)
XV Camões e a Renascença em Portugal, conferencia de Adolpho Coelho. (Curso Superior de Letras.)
XVI Camões é uma litteratura inteira, conferencia de Theophilo Braga. (Curso Superior de Letras.)
XVII Camões e o seculo XIX, conferencia de Hugo Leal. (Centro republicano federal.)
XVIII Camões, a sua época e a sua ideia, por Affonso Vargas. (Na rua dos Douradores.)
XIX Sobre as Descobertas dos Portuguezes, conferencia de Egberto de Mesquita. (No Instituto Agricola.)
XX Camões e o Jesuitismo, conferencia por C. de Salamonde. (No Collegio Lusitano.)
XXI Camões e o Algarve, conferencia por Martins Contreiras. (Centro republicano democratico).
XXII Camões, a Typographia e as Sciencias do seculo XVI, conferencia de Theophilo Braga. (Associação typographica lisbonense.)
XXIII Camões e Gil Vicente, conferencia de Theophilo Braga. (Na Associação dos Ourives da Prata lisbonenses.)
XXIV Camões e o Federalismo peninsular, conferencia de Theophilo Braga. (Centro republicano federal.)

XXV Camões e as Mulheres portuguezas, por D. Margarida Victor. (Sociedade de Geographia.)

XXVI Camões e a Sociedade portugueza, por D. Angelina Vidal. (Salão da Trindade.)

XXVII Camões e o ideal da Humanidade, conferencia de Manuel de Arriaga. (Centro republicano federal )

XXVIII Bernardes Branco, conferencia.

XXIX Brito Aranha, conferencia. (Na Associação promotora das Classes laboriosas.)

XXX Silvestre Ribeiro. (Idem, idem.)

XXXI Camões e as tradições portuguezas, conferencia de Theophilo Braga. (Sala da Associação promotora das Classes laboriosas.)

XXXII Pedro de Oliveira Pires, conferencia.

XXXIII Baptista Ferreira, idem.

XXXIV Alves Corrêa, Leitura: Camões e os protestos contra a decadencia nacional. (Centro republicano federal.)

XXXV Leitura de João José de Sousa Telles. (Na Associação promotora das Classes laboriosas.)

XXXVI Leitura de Brito Aranha. (Idem.)

XXXVII Antonio Augusto Pessoa. Camões, a Litteratura e a Nacionalidade portugueza. (Quartel de caçadores 2, em 9 de maio.)

XXXVIII Magalhães Lima, Influencia do Centenario de Camões na sociedade portugueza. (Cooperativa de Instrucção.)

De quasi todas estas conferencias existem noticias nos jornaes, d'onde extrahimos os seus titulos; algumas foram publicadas em opusculos. Seria um magnifico trabalho o reunil-as em volume, obtendo dos seus auctores quando não o proprio texto da conferencia, pelo menos uma summa que désse uma clara ideia. Erguia-se assim um monumento, que sendo uma das mais bellas glorificações do grande epico nacional, nos ensinaria que se as sociedades antigas se moviam por interesses e paixões, modernamente os povos só se levantam pela unanimidade das ideias.

THEOPHILO BRAGA.

---

## Mysterios da noite

Ao inspirado e mimoso poeta do Atheu, o ex.^mo sr. José Joaquim Vieira,
como testemunho de respeitosa gratidão,
dedica o auctor

Da noite o véo espesso, immenso e tenebroso,
D'ignotas regiões ha muito já desceu
Sobre a terra prostrada em morbido repouso.

Não brilha um astro, um só, nas amplidões do Céo.
E as aves do Terror, piam funebremente
Das velhas cathedraes no agudo coruchéo.

No vasto leito o Mar resfolegar se sente,
E quebram o silencio as brisas gemebundas
Dedilhando no espaço o seu queixar dolente.

Parecem escutar-se as vozes moribundas
Dos negros cyprestaes, onde uma crença erronea
Nos diz a Morte erguer-se em commoções profundas.

Dorme apparentemente a grande Babylonia.
Mas parte d'esse monstro abjecto pustuloso,
Entrega-se com ancia á bestial insomnia.

Não chega o somno, não, ás regiões do goso,
A's espeluncas vis, ou, aos antros temiveis
Onde inda tripudia o Vicio criminoso.

A desolada noite abysmos tem horriveis.
— No coração da treva, os ruivos miseraveis
Commettem por prazer delictos bem puniveis!

Nos salões do *grand monde*, esposas muito *amaveis*,
Adulteras gentis! conversam co'os amantes
Bem perto dos barões — maridos execraveis!...

Austeros ordeirões, censores petulantes,
Catões á luz do sol, extenuados da orgia
Fumam o seu *brevê* nos seios das bacchantes.

Um fulvo conselheiro e a mulher sêcca e fria,
No remanso do lar, tratam vender a filha,
— Figurino animado, uma flor da anemia.

Na alcova sensual e que a morna baunilha
Incandesce e perfuma, a lubrica hespanhola
Prende o Creso burguez nas malhas da mantilha.

Em doida saturnal o homem ebrio róla
No atapetado chão... esquecido de todos...
Lembrado só da mãe, que a magoa desconsola!

Os filhos dos *Heroes*, debatem-se nos lodos
Das baixas corrupções, co'as gastas Messalinas
D'alma enfrascada em vinho e fementidos modos!

Votando á fome a esposa a as filhas pequeninas
Um miseravel entra em sordida espelunca
E aos bons punhados joga as libras sterlinas!!...

— O jogo, tentador, esconde a garra adunca
Em montes de metal aurifero, ardiloso,
E aquelle que empolgou não torna a soltar nunca! —

O sybarita sorna, immundo, esguio, gotoso,
Fareja aqui, ali, qual lobo esfomeado,
As frouxas sensações d'um vicio crapuloso!

Um vulto feminil — quem sabe? *ente adorado* —
Arremessa ao monturo um tenro corposinho,
Que ha pouco inda nasceu, em trapos embrulhado...

Transforma, outra, em alcouce o thalamo, o almo ninho,
O quarto conjugal, e mata o amor mais puro
Na turva embriaguez d'um doido torvelinho!

Romantica Julieta, um pomo azedo, impuro,
Olvida os paes e foge em rapto singular
Co'um Romeu que possue... a cadeia por futuro.

N'um albergue sem luz escuta-se o chorar,
O pranto de mulher... É o *noivo* em desvario
De vinho ardente e mau, que a tenta estrangular!

Na rua o commensal d'um *pandigar* sombrio
Insulta sem pudor com chufas immoraes
Um velho triste e só, que esmola lhe pediu!

Nas mesas dos festins brilhantes de crystaes,
Reboam do tripudio os *ditos* vis, profanos,
As lubricas canções das velhas saturnaes.

É tudo podridão! E os fetidos arcanos
Inda não descerrei!... Mas ai! os criminosos
São todos bons christãos catholicos romanos...

Amantes são dos reis, são crentes fervorosos;
Com mui devota unção, confessam-se, ouvem missa,
Deprecam sempre a Deus nos psalmos lacrymosos...

Detestam a Razão por mystica perguiça:
Newton, Kléper e Bruno — os limpidos clarões.
E á luz do Saber na magestosa liça
Oppõem o declamar dos gastos histriões.

Lisboa 21 de setembro de 1879.

XAVIER DE PAIVA

---

# Ainda a proposito da questão das vivisecções

O artigo que eu tive a honra de publicar na *Encyclopedia Republicana* e que motivou o folhetim do sr. Alexandre da Conceição no numero 349 do *Seculo*, está bem visto, não tem nada que ver com a questão pessoal. O sr. Alexandre da Conceição dignou-se de me responder, nos mais delicados termos é verdade; mas com certas *piadas* e trocadilhos que eu receio que reduzam a altura da

sua resposta. Cabe-me pois dizer mais alguma coisa, apezar de suppôr que a minha melhor resposta seria pedir ao sr. Alexandre da Conceição que considerasse seriamente na sua.

S. ex.ª, no seu folhetim, apresenta-nos o artigo *Jonh Bull* como a unica cousa que se poderia escrever depois da leitura da carta de Darwin ao professor Holmgren e das palavras da redacção da *Revue Scientifique* que precedem essa carta. Não tanto a proposito d'este incidente entre mim e o sr. Conceição, como para tornar bem conhecida entre nós a maneira delicada e prudente d'ella qual costuma a emittir a sua opinião a gente que se não dedigna de ser *instructor da mocidade*, traduzo aqui a carta do sabio Darwin.

Down Beckenham, 14, de abril de 1881.

*Caro sr.*

Respondo á vossa amavel carta de 7 de abril, e nenhum embaraço me causa o dizer-vos o que penso do direito que têem os sabios de fazerem experiencias sobre animaes vivos. Sirvo-me d'esta expressão porque a julgo mais correcta e mais facil de comprehender do que a palavra *vivisecção*. Vós podeis fazer da minha carta o que melhor vos parecer; mas se a publicardes, desejo que seja por inteiro.

Fui sempre partidario da doçura para com os animaes, e, nos meus escriptos, esforcei-me por espalhar esta idéa que considero como um dever. Quando o movimento contra os physiologistas começou na Inglaterra, ha já muitos annos, affirmou-se que se praticava actos de crueldade contra os animaes e que se lhes infligia soffrimentos inuteis; eu pensei então que o parlamento devia intervir a favor dos animaes. Tomei activa parte no movimento e reclamei uma lei que supprimisse toda a razão de queixa, deixando comtudo aos physiologistas a liberdade das suas indagações; e o meu projecto era bem differente da lei que foi depois votada.

Devo ajuntar que a inspecção feita por uma commissão real provou a falsidade das accusações feitas aos physiologistas inglezas.

Comtudo, pelo que ouço dizer, creio que em certos paizes da Europa não se faz muito caso dos soffrimentos dos animaes. Se assim é, ser-me-hia agradavel saber que se tomava medidas para impedir estes actos de crueldade.

Por outro lado, sei que a physiologia não pode fazer nenhum progresso supprimidas as experiencias nos animaes vivos, e tenho a intima convicção de que retardar os progressos da physiologia é commetter um crime contra o genero humano. Quem, como eu, se lembra do estado d'esta sciencia ha cincoenta annos, deve reconhecer que ella tem feito immensos progressos e que avança cada dia com uma rapidez crescente.

Quaes são, na pratica da medicina, os progressos que se pode attribuir directamente á physiologia, é o que só os medicos e os physiologistas podem discutir com competencia: mas, tanto quanto eu posso julgar, os beneficios recebidos são já consideraveis.

A não se ignorar absolutamente tudo o que a sciencia tem feito pela humanidade, deve-se estar convencido de que a physiologia é chamada a prestar no futuro ao homem e mesmo aos animaes incalculaveis beneficios. Veja-se os resultados dos trabalhos de M. Pasteur sobre os germens das doenças contagiosas: os animaes não serão os primeiros a utilisar esses resultados? Quantas vidas se tem salvado, quantos soffrimentos poupados, com a descoberta dos vermes parasitas, devida ás experiencias de Wirchow e outros sobre os animaes vivos!

Causará admiração, mais tarde, a ingratidão que a Inglaterra mostrou para com estes bemfeitores da humanidade.

Quanto a mim, deixai-me assegurar-vos que honro e que honrarei sempre todo aquelle que contribuir para o progresso d'esta nobre sciencia — a physiologia.

Sinceramente vosso.

*Carlos Darwin.*

N'esta carta, como se vê, faltam as expressões: — «caixeiros carolas e brutos; tolice violenta, ridicula e bestial.» O sr. Alexandre da Conceição, não obstante considerar a phrase de Darwin particular «d'aquelle espirito ordeiro e caracteristico dos seus livros mais revolucionarios», quiz remediar essa falta, e o seu artigo, inspirado pela carta do auctor da *Origin of species*, como s. ex.ª diz que é, é tudo menos a inspiração d'um «modesto divulgador do espirito scientifico do seu tempo, que junta a nullidade da sua opinião ás vozes auctorisadas dos primeiros homens da sciencia contemporanea». O sr. Alexandre da Conceição entendeu que, sem aquelles epithetos formosos, o caracter inglez não podia ser «cordealmente abominado» e fez mais alguma cousa: — escreveu-os, sobre aquelle assumpto que ainda lhe parece sem rival para uma «troça» e para uma «descompostura» com todo o pezo da auctoridade portugueza!

Ao ver isto, eu pensei em que era dever de nós todos irmo-nos revoltando contra as «liberdades de adjectivação pouco parlamentares e menos academicas.»

A phrase polluida que a todos custa a ouvir da bocca da plebe, não pode continuar a figurar na nossa litteratura como elemento indispensavel de uma linguagem expressiva. D'outro modo, o realismo e toda a litteratura que d'elle se alimenta podem preoccupar-se do setimo volume de Bocage e suppôr que somos todos uns

ignorantes que carecemos de ouvir «a palavra» para sabermos que se trata de mulher publica, e que nos não desviamos das immundicies da estrada se lá não estiver um rotulo bem claro.

Condemnar as nossas mulheres e as nossas filhas a não terem na lingua patria um romance que melhor se chamaria verdadeiramente moderno e scientifico, austero como a linguagem da sciencia que tudo sabe dizer sem ser erotica, parece-me uma falta grave; querer vulgarisar as mais elevadas questões scientificas e attrahir sobre ellas a attenção serena e firme do publico, misturando-lhes um phraseado contrario e dando o exemplo de imprecações populares e improprias, pareceu-nos uma falta maior ainda.

Notando as palavras do sr. Alexandre da Conceição, nós não quizemos de modo algum censural-o na sua pessoa, mas apenas defumar-nos d'esta epidemia litteraria que nos obriga, homens cortezes com toda a gente na conversação, a fallarmos em *fórma desabrida*, como s. ex.ª chama ao systema, nos escriptos que produzimos.

Que a exemplo de Holmgren, Darwin, Wirchow... seja a questão tratada serenamente, promovendo os protestos de verdadeiro pezo, ou apresentando os nossos na linguagem moderada e humilhante da critica sabia. Que, em vez de meras noticias em fórma de desabafo *de ponta e mola* (é aqui que vem de molde a classificação) se tornasse bem patente a indifferença dos homens competentes de Portugal; isto seria para a historia dos nossos costumes um documento mais precioso.

A insistencia em considerar universalmente o procedimento do parlamentô inglez e da nação que elle representa como *intolerante e brutal*, faz-me insistir pela interpretação que consegui dar-lhe. Mas, ainda que o acto fosse brutal, *ser delicado com a brutalidade* nunca deshonrou ninguem.

Quando eu comparei a linguagem de *Jonh Bull* ás *camilladas* da Revista bibliographica de Chardron, não intentei corrigir a opinião do illustre auctor d'aquelle artigo, por meio d'uma recordação pungente de parte da sua vida litteraria que eu nunca deixarei tratar de *obscura*. Respeito a infelicidade que acompanhou o sr. Conceição n'aquellas polemicas e foi por isso mesmo; mas não sei que esta se revelasse senão no abuso dos termos. *Jonh Bull* e folhetim não são porém ainda provas de arrependimento, e eu não posso poupar s. ex.ª a essa recordação... *vergonhosa*, (já que agora se honra chamando-lhe assim) emquanto o não vir arrependido do motivo que apenas sinto para a vergonha.

Quanto á *dissertação* que o sr. Alexandre da Conceição faz sobre o ultimo periodo do meu artigo, visto que s. ex.ª carece de explicação, eu tomo a liberdade de lhe lembrar (e privo-me de commentarios graciosos) que o dictado *à quelque chose malheur*

*est bon*, ainda não está condemnado, e que, se *a melhor cousa que se conhece, não é o mal, embora possa provocar as reacções do bem*, a *descompostura* em cousas sérias é ainda mais abominavel do que o mal, porque é pelo contrario esteril para tudo.

Depois que o dr. Pinel aboliu as chicotadas nas alienações, está reconhecido scientificamente que o azorrague, è contraproducente e que todos devemos deixal-o na mão d'aquelles a quem por officio pertence.

Julgo ter dado por uma vez os meus motivos, sem esquecer mesmo a satisfação particular que porventura devesse ao sr. Alexandre da Conceição.

Ponta Delgada (Açores), 8 de março de 1882.

ARRUDA FURTADO.

---

John William Draper, distinctissimo professor da Universidade de New-York, é um dos publicistas contemporaneos mais eruditos e arrojados, e talvez o escriptor de mais imparcialidade historica e scientifica da escola positivista.

Possuidor de muitos e variados conhecimentos, colhidos no estudo aturado e disciplinado de toda a vida, e reforçado com as investigações e cogitações do seu espirito alevantado e culto, tem enriquecido a litteratura moderna com obras de verdadeiro quilate, que são outros tantos subsidios assás valiosos para as pessoas que pretendam estudar os grandes problemas historico-scientificos e politico-sociaes, que mais interessam aos povos e á civilisação.

Draper, que tão notavel se tem tornado pela tenacidade com que procura illuminar com os reflexos da sua brilhante intelligencia os mais escuros recessos da Historia, fazendo luz onde só tem existido a treva, substituindo a verdade ao erro, o real ao ideal, é, dos historiadores modernos o de mais atrevidas concepções, mas sem nunca se deixar arrastar pela parcialidade que tanto desauctorisa muitos outros, aliás distinctos.

A sua *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa*, que além do grande numero de edições que tem tido na America, já foi traduzida em francez, allemão, russo, polaco, servio, etc., disfructa de grande reputação no mundo illustrado.

Porém, acima d'essa obra eminente e da *Historia da guerra civil da America*, devemos collocar os *Confllictos entre a sciencia e a religião* em que Draper se revela não só historiador consummado, mas critico superior, e um athleta infatigavel da sciencia positiva que teve a Augusto Comte por fundador, e por adeptos e cultores as mais privilegiadas intelligencias da moderna geração.

*Os Conflictos entre a sciencia e a religião*, é um livro de combate

que illustra, attrahe e encanta, pelos delicados problemas que apresenta e desenvolve n'uma fórma artistica e n'um estylo vigoroso e cheio de bellezas.

Não podemos resistir ao desejo de darmos aqui alguns trechos do magnifico livro do illustre historiador americano. Os leitores que nos revelem a ousadia do emprehendimento de transplantar para a nossa lingua um escripto de tão vasto alcance. O que a tanto nos anima é a boa vontade, e não a vaidosa intenção de inculcarmos forças e conhecimentos que não temos.

Damos em seguida o primeiro capitulo, por ser um dos mais encantados na fórma e no estylo.

Xavier de Paiva.

---

# A origem da Sciencia

Situação religiosa dos gregos no seculo IV antes de Jesus Christo. — Suas invasões na Persia põe-n'os em contacto com aspectos novos da natureza e com novos systemas religiosos. — A actividade militar, industrial e scientifica produzida pelas campanhas macedonicas dá origem ao estabelecimento do Museu de Alexandria, instituido para o estudo das sciencias por meio da experiencia, da observação e do raciocinio exacto. — O Museu é o creador da sciencia.

Não ha no mundo espectaculo mais triste, mais solemne que o de uma religião velha que morre depois de ter sido durante seculos o consolo de muitas gerações.

Quatrocentos annos antes do nascimento de Jesus Christo, começava a Grecia a adiantar-se á sua antiga theologia.

Seus philosophos, que tinham estudado a natureza, estavam já profundamente impressionados com o contraste entre a magestade de suas operações e a miseria dos deuses do Olympo.

Seus historiadores, que haviam contemplado o curso regular dos negocios humanos, a permanencia da acção do homem, e que viam que nenhum successo se produzia á sua vista, cuja causa não lhes fôra facil descobrir em algum outro anterior, começavam a suspeitar que os milagres e intervenções dos céos que chamavam os *velhos annaes*, bem podiam não ser mais que ficções. Perguntavam porque tinham emmudecido os oraculos e cessado os seus prodigios, e em que tempo findara a era do predominio do sobrenatural.

Tradições de uma antiguidade immemorial, acceites n'outro tempo pela gente piedosa como verdades incontestaveis, haviam povoado as ilhas do Mediterraneo e os paizes lemitrophes de maravilhas sobrenaturaes, de fadas, feiticeiras, drasgos, harpias,

gigantes, centauros, cyclopes, etc. A abodada azulada era o céo. Ali. Zeus, rodeiado dos deuses inferiores com suas mulheres e suas amantes, tinha a sua côrte, e occupava-se em assumptos similhantes aos dos homens, e entregava-se como elles á paixão e ao crime.

Costas accidentadas, um archipelago formado das ilhas mais deliciosas que ha no mundo, inspiravam aos gregos o gosto pela vida maritima, pelos descobrimentos geographicos e pela colonisação. Os seus navios cortavam as aguas do mar Negro e do Mediterraneo. Reconheceu-se que as maravilhas em que se acreditava desde seculos e que estavam inscriptas na religião do Estado, não existiam. Aprendeu-se a conhecer a natureza, comprehendeu-se que a abobada azulada era um effeito de optica; que não havia Olympo sobre nossas cabeças, e tão sómente o espaço e as estrellas. Quando os deuses já não tiveram morada, desvaneceram-se, ao mesmo tempo os do typo jonico de Homero que os do typo dórico de Hesiodo.

Sem embargo, isto não se realisou sem resistencia. Desde logo o povo, e em particular a parte piedosa, interpretou as duvidas que surgiam como uma invasão do etheismo. Foram os culpados privados de seus bens, desterrados, e até condemnados á morte. O publico ficou convencido de que cousas que tinham sido creadas por os espiritos religiosos desde tempo remoto. e que haviam resistido á prova de tantos seculos, não podiam deixar de ser verdadeiras. Depois, quando a prova do contrario se fez irrefutavel, contentou-se com admittir que estas maravilhas eram allegorias sob as quaes a prudencia dos antigos havia occultado verdades sagradas e mysteriosas. Cuidou-se de reconciliar os dogmas — que se temia entretanto não ser outra cousa mais do que mythos — com o progresso intellectual. Porém, os esforços foram baldados, vãos; porque ha phases necessarias pelas quaes deve passar fatalmente a opinião publica, em taes casos. Ao principio a duvida substitue a veneração, em seguida vêm as interpretações novas, depois cae-se em dissidencia, e finalmente se deseja por pura fabula todo o conjuncto das velhas crenças.

Aos historiadores e philosophos seguiram-se os poetas. Euripides incorreu no delicto de heresia; Esquilo, a ponto de ser castigado por blasphemo. Porém, os esforços desesperados dos interessados em defender o erro acabam sempre por ser vencidos. A desmoralisação estendeu-se de uma maneira irresistivel em todos os ramos da litteratura e acabou por penetrar nas proprias camadas populares.

Na Grecia tinha-se unido a critica philosophica á scientifica para derrubar a religião nacional. Susteve com seus argumentos a incredulidade que se espalhava e confundia. Comparou as doutrinas

das differentes escolas, e demonstrou em suas contradicções que o homem não possue um criterio de verdade; que desde o momento em que as noções d'elle sobre o bem e o mal variam com os tempos e os logares, é porque não estão fundadas na natureza das cousas, senão creadas pela educação; que o bem e o mal são duas ficções que a sociedade faz servir para seu objecto.

Em Athenas, as classes intelligentes tinham chegado, não sómente a negar o sobrenatural e tudo que dependia dos sentidos, senão a pensar que o mundo podia muito bem ser um sonho, uma phantasmagoria, e levaram a duvida a ponto de não crerem em cousa alguma.

A configuração topographica da Grecia determinava a fórma da sua constituição politica. Estava repartida em communidades distinctas, divididas por interesses, e portanto improprias para a centralisação. Guerras continuas entre os estados, obstavam ao seu progresso. Era pobre, e seus chefes estavam corrompidos e sempre promptos a vender os interesses sagrados do seu paiz a troco do ouro offerecido pela Persia. Os gregos mais accessiveis á idéa do bello plastico, como nol-o mostram bastante a sua architectura e a sua estatuaria, como nunca o foram nenhum povo nem antes nem depois d'elles, tinham perdido nas cousas moraes o discernimento do verdadeiro e do bem.

Emquanto que os gregos da Europa, replectos das idéas de liberdade e independencia, repelliam a soberania da Persia, os gregos da Asia acolhiam-n'a sem resistencia. O imperio persa, n'esta época, egualava em extensão a metade da Europa moderna. Confinava com o Mediterraneo, com o mar Negro, com o mar Egeo, com o mar Caspio, com o mar das Indias e com o mar Rôxo. Seis dos maiores rios do mundo, o Eufrates, o Tigre, o Indo, o Oxus, o Jaxardes e o Nilo, cada um dos quaes tinha um curso de mais de mil milhas, sulcavam o seu territorio. Uma parte da sua superficie descia a mil e trezentos pés abaixo do nivel do mar, e outra elevava-se a vinte mil pés acima do mesmo. O seu solo era portanto azado para todo o genero de cultura. As suas riquezas mineraes não tinham limites. E demais, havia herdado todo o prestigio dos velhos imperios: medo, babylonio, assyrio, e chaldeo, cujos annaes occupavam vinte seculos transcorridos.

A Persia contemplara sempre a Grecia da Europa como um paiz de pouca importancia sob o ponto de vista politico. Apenas tinha a extensão da metade de uma satrapia. Sem embargo, as expedições que emprehendera para reduzil-a á escravidão, mais lhe tinham demonstrado as qualidades militares de seus habitantes. Tambem encorporou no exercito persa mercenarios gregos, e estes eram considerados como os melhores soldados. Não duvidou até algumas vezes em dispensar o commando dos seus exercitos

a generaes gregos, e entregar as suas flotas a capitães da mesma nacionalidade. Os resultados d'esta falta foram consideraveis. Os mercenarios estrangeiros estudaram attentamente a situação do Imperio. Conheceram a sua debilidade real e viram que nada era mais facil que penetrar até á capital. Depois da morte de Cyro, no campo da batalha de Cunava, a retirada immortal dos dez mil provou que um exercito grego podia abrir passo atravez da Persia.

A alta opinião que das obras dos engenheiros militares, taes como a ponte estendida sobre o Hellesponto, por Xerxes, e a perfuração do isthmo junto ao monte Athos, tinham feito conceber aos gregos que a habilidade dos generaes persas se enganára em Salamina, em Prateo, em Mycala. Saquear as ricas provincias da Persia chegara a ser tentação irresistivel. Com este intento emprehendeu Agesiláo, rei de Esparta, a expedição que se iniciou com um brilhante triumpho, mas que foi mui de prompto interrompida, graças á politica dos persas que subornavam sempre os visinhos de Esparta quando necessitava que fosse atacada : «Hei sido vencido por trinta mil archeiros persas,» exclamou amargamente Agesiláo ao reembarcar, fazendo allusão ás moedas persas, os daricos que tinham no anverso a effigie de um archeiro.

Por fim, Filippe de Macedonia meditou envidar novos esforços ; porém d'esta vez com mais consideraveis meios e com uma intenção mais nobre. Diligenciou fazer-se eleger generalissimo de toda a Grecia, não já para fazer uma incursão pelas satrapias da Persia, senão para derrubar a dynastia persa no proprio coração do imperio. Assassinado antes de concluidos os preparativos da expedição, teve por successor a seu filho Alexandre, ainda adolescente. Uma Assembléa Geral de gregos, celebrada em Corintho, tinham-n'o eleito por unanimidade para substituir a seu pae. Houveram alguns disturbios na Illiria e Alexandre viu-se forçado a marchar para o Norte do Danubio com o objectivo de suffocal-os. Durante a sua ausencia, conspiraram contra elle os thebanos e alguns outros. No seu regresso tomou Thebas de assalto, fez uma matança de seis mil de seus habitantes, vendeu outros trinta mil como escravos, demoliu os muros e arrasou as casas.

A prudencia que tinha dictado estes rigores, ficou provada durante as suas campanhas na Asia, pois não foi jamais incommodado por revolta alguma na sua rectaguarda.

Na primavera do anno 334, antes de Jesus-Christo, atravesou Alexandre o Hellesponto e entrou na Asia. Compunha-se o seu exercito de trinta e quatro mil infantes e quatro mil de cavallaria. Em dinheiro não levava comsigo mais que setenta talentos. Marchou direito ao exercito persa, que, mui superior em numero, estava intrincheirado nas ribas do Granico : passou o rio, derrotou o inimigo, e a conquista da Asia Menor com todos os seus the-

souros, foi o premio da sua victoria. Empregou o resto do anno na organisação militar das provincias conquistadas.

Durante este tempo, Dario, rei da Persia, avançava com um exercito de seiscentos mil homens para impedir a entrada dos macedonios na Syria. N'uma batalha dada no meio dos desfilladeiros d'Issus, os persas foram vencidos. Foi tão grande a matança, que Alexandre e Ptolomeu, um dos seus logar-tenentes, conseguiram atravessar a pé enchuto uma torrente profunda, por estar replecta de cadaveres inimigos.

Foram avaliadas as perdas em oitenta mil homens de infanteria e dez mil cavalleiros. O estandarte real caiu em poder do vencedor, e além do estandarte, a mulher e alguns filhos de Dario.

Assim entrou a Syria no numero das conquistas dos gregos.

Na cidade de Damasco encontraram-se as concubinas do rei, varios officiaes do seu exercito, e consideraveis thesouros.

(Segue.)

---

# Bibliographia do Folklore

## I

*Almanach des traditions populaires*, — première année — 1882, — Paris, Maisonneuve et c.ie. éditeurs, 1882, — pr. 4 fr.

Ao grande numero de folkloristas que estão espalhados pelos differentes paizes faltava um orgão pelo meio do qual soubessem as moradas e publicações uns dos outros, para mais facilmente poderem communicar. Esse orgão estabeleceu-o no *Almanach des traditions populaires* o sr. E. Rolland, benemerito auctor da *Faune populaire de la France*. O 1.° vol. do *Almanach* compõe-se do seguinte:

*Introducção.*

*Calendrier populaire pour 1882*, onde se referem as invocações populares de muitos santos, como S. Simplicio, advogado contra as dores de cabeça, etc, Estas invocações são, ao que parece, puramente francezas.

*Adresses des folkloristes, avec indication de leurs études spéciales.* O sr. Rolland pede em nota a todos aquelles, cujos nomes ahi não figurem, se lhe dirijam antes da publicação do *Almanach* do 2.°. anno. A lista é necessariamente incompleta; assim, a respeito de Portugal faltam os nomes dos srs. Theophilo Braga e Estacio da Veiga.

*Nécrologie.* Lista de alguns folkloristas fallecidos em 1880 e 1881.

*Bibliographie.* Mencionam-se as obras sobre *Folklore* publicadas nos ultimos tempos; com a indicação das apreciações criticas feitas em varios jornaes a respeito de muitas d'ellas. O sr. E. Rolland não deixa de declarar a data, numero de paginas e até ás vezes os preços. Portugal entra ahi com as publicações dos meus amigos os srs. Ad. Coelho e Consiglieri Pedroso, e a *Era-nova.*

*Le diner du folklore.* É um pequeno artigo destinado a dar conta de um costume tão interessante como original. Os folkloristas de Paris, e os provincianos ou estrangeiros que lá estiverem, juntar-se-hão n'uma refeição intima, na segunda 3.ª feira dos mezes de Novembro a Maio; á sobremeza ouvir-se-hão canções e contos populares, e far-se-hão passar de mão em mão amuletos curiosos. A escolha de 3.ª feira provém acaso de este dia gosar de certo respeito nas superstições:

Á 3.ª feira
Não cases a filha,
Nem urdas a teia?

*Canções populares* de França, algumas acompanhadas de musica e de notas comparativas.

*Une devinette irlandaise*, ou antes uma pequena poesia a respeito das primeiras missões christãs na Irlanda, — publicada e traduzida pelo sr. H. Gaidoz, illustre director da *Revue celtique.*

*Sur les contes de Charles Deulin*, — pelo sr. Loys Brueyre, auctor de um bom volume de *contes populaires de la Grande Bretagne*, com muitas notas comparativas. N'este artigo o sr. Brueyre diz que os contos, alguns dos quaes muito bellos, que Ch. Deulin escreveu *dans la langage et avec les pittoresques expressions de ce pays de Flandre qu'il aimait tant*, não são senão reproducção de contos de diversos paizes, — devendo portanto os folkloristas precaver-se contra o uso d'elles para o estudo comparativo.

*La photographie appliquée a la description des jeux d'enfants et des danses populaires* — O sr. Machado y Alvarez (Demofilo), prestante auctor de uma *colleccion de enigmas y adivinanzas en forma de diccionario*, propoz o emprego da photographia para a representação fiel dos jogos infantis; o sr. E. Rolland accrescenta n'este artigo que tal emprego se deve estender á representação das danças. A photographia não só é util nos dois casos que os distinctos folkloristas apontaram, mas sempre que se quizer dar uma descripção precisa dos amulettos, armadilhas populares para passaros e aves, instrumentos de lavoura, etc. etc. Aproveito a occasião para tambem lembrar, se ainda não foi lembrada a intervenção da tachygraphia na colheita dos contos populares e ainda de outras peças; por meio d'ella apanha-se em flagrante a narração do povo, e será esta muito mais genuina a respeito da linguagem.

Como appendice ao *Almanach*, vem um catalogo das publicações da casa *Maisonneuve* sobre *litteraturas populares*, etc.

Seja-me permittido fechar esta singela noticia com um voto de louvor ao sr. E. Rolland pela formosa publicação que nos deu a todos nós os que recolhemos e estudamos as tradições populares.

Porto, abril de 1882.

J. Leite de Vasconcellos.

---

# Biographias

## Manoel Fernandes Thomaz [1]

### I

Manoel Fernandes Thomaz, o patriarcha da liberdade portugueza, o rei da revolução de 1820, como ingenuamente lhe chamava o povo, é um dos vultos mais sympathicos e notaveis que têm presidido ás transformações politicas e sociaes da nossa nacionalidade. Elle, encarnou em si uma época, synthetisou um periodo memoravel da historia patria, representou uma aspiração generosa e bella de um povo vilipendiado, de uma nação escravisada, morta, que necessita respirar o ar puro e revivificador da liberdade; e no emtanto o seu nome foi esquecido e a lembrança da sua obra apagou-se inteiramente da memoria das gerações que lhe succederam. É porque os esforços sinceros do patriota não foram comprehendidos, nem a sua voz austera encontrou ecco na consciencia adormecida da multidão, n'essa consciencia embotada por mais de dois seculos de regimen inquisitorial e despotico.

A revolução de 1820, como a de 1789 em França, foi uma necessidade, urgente, impreterivel, decerto, no estado de miseria e decadencia, a que o paiz tinha descido; mas as suas consequencias foram muito além do desenvolvimento intellectual das classes populares; os animos. embrutecidos pela educação jesuitica e pelo espectaculo repugnante dos autos-de-fé e da forca, não podiam acei-

---

[1] Não podendo o sr. Feio Terenas escrever a biographia de Fernandes Thomaz, como nos promettera, em consequencia dos seus innumeros trabalhos actuaes e da falta de tempo com que sempre lucta, pedimos a outro correligionario o presente estudo biographico do grande revolucionario de 1820.

A Empresa.

tar ainda, em opposição aos privilegios da nobreza, do clero e do rei, os Direitos do Homem. Era cedo para as theorias revolucionarias dos legisladores de 1821 e 1822 entrarem na pratica. A revolução intellectual, inteiramente metaphysica, que se dava nos cerebros mais illustrados d'aquella época, não descêra ainda a estender-se á grande massa ignorante e fanatisada, que se ajoelhava humildemente aos pés da realeza e esmolava sem dignidade ás portarias dos conventos. A Constituição foi obra dos espiritos mais intelligentes do paiz, de homens distinctos e independentes, como Borges Carneiro, Ferreira Borges, general Sepulveda, e outros, os quaes Fernandes Thomaz aggrupara ao redor de si para levar a effeito a revolução, como de facto o conseguiu em 24 de agosto de 1820.

Fernandes Thomaz, segundo o testemunho de um seu contemporaneo e companheiro nos trabalhos de conspiração e do congresso, «era um jurisconsulto profundo, muito inteiro no seu officio de juiz, e dotado pela natureza de uma rectidão de juizo singular: é esta mais eminente qualidade que o distinguia de todos: foi ella quem lhe fez divisar os elementos da revolução, que existiam no paiz, quando tudo estava aterrado com a carniçaria judicial do Campo de Sant'Anna.» [1] E mais adiante acrescenta o mesmo auctor: «feita a revolução em 24 de agosto, Fernandes Thomaz, foi um modelo acabado de presença de espirito e de vigilancia: a sua sahida do Porto, a sua marcha sobre a capital, unico fito da empresa, e complemento d'ella; sem se deixar desviar d'este grande fim por obstaculo algum, nem proposta de treguas, ou transacção, tudo isto mostra não só juizo claro, mas recto em summo gráu.» [2]

E realmente Fernandes Thomaz era um homem superior pela sua illustração, pela sua energia, pelo seu caracter firme e arrojado, como o provou sempre em todo o curso da sua carreira social, muito principalmente nos cinco annos que decorrem entre a fundação do *Sinedrio* ou junta revolucionaria e o seu fallecimento. N'estes cinco annos o grande patriota representa o principal papel no drama esplendido da nossa revolução. É elle a alma do movimento de 1820 e do congresso notavel que elaborou a Constituição de 1822.

Este periodo tão curto, mas tão fertil de acontecimentos, encerra a parte mais brilhante da vida de Fernandes Thomaz, aquella que é exactamente a sua gloria.

---

[1] *Revelações e memorias para a historia da revolução de 24 de agosto de 1820*, etc., por José Maria Xavier d'Araujo.—Lisboa, 1846.—pag. 77.

[2] Idem, pag. 78.

## II

Desde longos annos que a inepcia dos homens, que as circumstancias historicas callocavam á frente das cousas publicas, ia arrastando o paiz para uma crise grave e difficil, sem solução possivel de prever. A invasão franceza e a fuga vergonhosa da côrte para o Rio de Janeiro, em novembro de 1807, aggravaram ainda a situação, precipitando o esphacelamento geral da velha monarchia. O principe regente, embarcando á pressa com a familia real e muitas pessoas de todas as classes e condições, para fugir ao exercito de Junot, recommendava irrisoriamente ao misero povo que recebesse os francezes como amigos, ao passo que elle se acolhia á protecção da esquadra ingleza. Assim, criminosa e cobardemente, a casa de Bragança abandonou o reino ao azar da invasão estrangeira, transportando para o Brasil a séde do governo e reduzindo a patria á maior miseria. Só á custa de muito sangue e de enormes sacrificios poude a nação expulsar o exercito de Junot e resistir heroicamente a duas novas invasões, indo ajudar ainda os nossos visinhos na dura empresa de acossarem as tropas aguerridas de Napoleão até ao seio da propria França. N'estas luctas fomos auxiliados pelos soldados inglezes, e os cargos mais importantes do exercito haviam sido confiados a officiaes da mesma nacionalidade. Esta coadjuvação, pagámol-a bem cara! Os nossos alliados vieram terminar a obra de devastação e de ruina, excedendo muito os inimigos nos seus desvarios e rapinas; tratavam Portugal como paiz conquistado; para elles não havia cousa alguma digna de respeito no sólo que vinham defender. E D. João VI, *carissimo pae* dos portuguezes, entregava-os agora *amorosamente* a Wellesley e a Beresford, como já os entregara a Junot.

Ao terminar a guerra com os francezes o estado de Portugal era realmente lamentavel; o paiz apresentava um espectaculo desolador; campos desertos, casaes abandonados, pontes abatidas, villas e aldêas arrasadas, fortalezas destruidas, todas as familias cobertas de lucto; as cidades atulhadas de mendigos, de operarios inutilisados pela guerra, que pediam pão, porque não o podiam ganhar; searas inteiramente perdidas; faltavam os braços para arrotearem as terras, faltavam os recursos para reconstruirem as habitações, faltava tudo quanto era indispensavel. O commercio, a industria, a agricultura estavam no maior gráu de aniquilamento; a fazenda publica achava-se exhausta e não havia meio de se recorrer a emprestimos. A fome ameaçava estender-se a todo o paiz.

No meio d'esta situação desesperada o governo da nação estava confiado pelo principe regente a homens ambiciosos e ignorantes, ecclesiasticos ou titulares, que se submettiam cegamente aos caprichos dos estrangeiros, em especial a Beresford, elevado, pelo favor da realeza, a marechal general e a chefe absoluto das tropas por-

tuguezas. Entretanto D. João VI, no Brasil, indolente e indeciso, quasi que se esquecera do seu reino; se uma ou outra vez fallou no regresso a Portugal, em breve mudava de tenção e tornava-se até impaciente quando alguem ousava mostrar-lhe a necessidade de voltar para a Europa. E' o que se conclue dos despachos de Lord Strangford, embaixador inglez, mandados do Rio para o seu governo. A morte de Maria I, em 20 de março de 1816, e a acclamação de João VI, em nada alterou a marcha dos negocios de Portugal.

O descontentamento publico manifestava-se a cada momento, e a desconfiança ou o receio, de que as auctoridades estavam possuidas, enchia as prisões de individuos suspeitos. O intendente da policia, João de Mattos Vasconcellos Barbosa de Magalhães, seguia as tradições do famoso Manique. Effectuavam-se as prisões arbitrariamente, sendo muitos assaltados em suas proprias camas por alta noite e levados para a cadeia, sem que soubessem o crime de que eram accusados. N'estas proezas distinguia-se, entre outros, o malvadio José Ignacio de Mendonça Furtado, corregedor de Belem. As sociedades secretas tinham-se espalhado por todo o paiz, depois das invasões dos francezes, e principalmente em seguida ao regresso da legião portugueza que militou na Russia sob as ordens de Napoleão. A *maçonaria*, estabelecendo-se em Portugal, fazia sorrir Beresford, mas inspirava serios cuidados ao intendente de policia. Este, por todos os paquetes, mandava para o Rio de Janeiro noticias circumstanciadas dos perigos enormes, que ameaçavam o governo, pela aprehensão de panos talhados em fórma *não ordinaria*, de *lettras mysteriosas*, de pinturas maçonicas, de balaustradas e outras muitas cousas extravagantes e ridiculas. Appareciam tambem com frequencia pasquins contra o governo e contra Beresford, em que os insultos e as ameaças não se poupavam. Tal era por exemplo:

Quem perde Portugal? o marechal;
Quem sancciona as leis? o rei;
Quem são os executores? os governadores.

Para o marechal, um punhal.
Para o rei, a lei.
Para os governadores, os executores.

O marechal, que ao principio despresara as associações secretas, começou a mostrar-se receioso pela sua segurança individual e a dirigir queixas aos governantes. Estes, em virtude de uma denuncia feita por Beresford, ordenaram, em 11 de janeiro de 1817, ao intendente de policia que procedesse a investigações minuciosas sobre uma conspiração projectada; e em 21 de maio publicaram

uma portaria na qual, affirmando a existencia de uma conjuração preparada por alguns traidores com o *detestavel projecto de estabelecer um governo revolucionario*, ordenavam que se terminassem as averiguações e depois de concluido o processo fosse sentenciado pelo juiz da Inconfidencia e seus adjuntos. Correu secretamente o processo, do modo mais inquisitorial, durante quatro mezes e meio; e em 15 de outubro foram em fim condemnados os réus por crime de lesa-magestade. Eram 18 os accusados, entre os quaes figurava o valente general Gomes Freire de Andrade; apenas dois foram absolvidos e um, o Barão de Eben, official hanoveriano, expulso do reino; todos os mais foram condemnados, tres em degredo para Africa, quatro a serem enforcados e os restantes a morte de garrote, sendo em seguida reduzidos a cinzas e estas lançadas ao mar. O processo nunca saiu a publico, mas pela sentença vê-se que a conspiração era só contra a influencia estrangeira e o predominio despotico de Beresford; a fome e o atrazo de soldos eram a causa principal d'esta tentativa revolucionaria; a um dos réus, ao coronel Monteiro, chefe de familia, tendo de sustentar mulher e filhos menores, devia o estado trinta mezes de soldo! Gomes Freire, esse então, nem promovera, nem tomara parte alguma nos trabalhos da conspiração; sabia só que andava em projecto e tinha promettido, no caso d'ella se realisar, tomar a direcção do movimento para impedir os desregramentos e crear um governo interino. Infelizmente o orgulhoso marechal via no general portuguez um rival temivel, porque gosava de geraes sympathias, tanto no exercito, como no publico, e determinou desfazer-se d'elle, o que conseguiu de uma maneira tão barbara e tão revoltante. As pobres victimas tentaram ainda pôr embargos, mas não foram attendidos; e no dia 18 de outubro effectuou-se a execução. Como se receiasse algum tumulto do povo e da tropa se trouxessem Gomes Freire para Lisboa, assassinaram-no affrontosamente, pelas 7 horas da manhã, na propria fortaleza de S. Julião da barra, onde estava encarcerado. Os outros réus foram executados no mesmo dia no campo de Sant'Anna, — hoje justamente denominado campo dos Martyres da Patria — com todo o apparato e ostentação dos antigos autos-de-fé, prolongando-se o supplicio até á noite com bastante satisfação dos membros do governo, um dos quaes, D. Miguel Pereira Forjaz, ás 3 horas da tarde escrevia ao intendente da policia: «...é verdade que a execução se prolongará pela noite, *mas felizmente ha luar e parece-me tudo tão socegado que espero não cause isso prejuizo algum...*»

É simplesmente horroroso!

Este espectaculo cruento e infame, em vez de atemorisar os animos e de espalhar o terror de um a outro extremo do paiz, ainda exacerbou mais o geral descontentamento e levantou maiores murmurios. Manoel Fernandes Thomaz, desembargador da Relação do

Porto, era um dos que se mostrava mais indignado nas conversas particulares com os seus amigos, especialmente com José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho, aquelle advogado da Relação e secretario da companhia dos vinhos, e este juiz dos orphãos da mesma cidade.[1] Frequentes vezes dizia:—«Este estado de cousas é impossivel que persista; ha de haver por força revolta, e não se achando nada preparado degenera em anarchia; forme-se um corpo compacto e dirigente, que appareça no momento opportuno e guie o movimento a prol do paiz e da sua liberdade.»

N'uma noite de janeiro de 1818 reuniram-se em casa do acreditado commerciante João Ferreira Vianna, na cidade do Porto, Silva Carvalho, Ferreira Borges e Fernandes Thomaz; e versando a conversação sobre o estado geral do paiz, insistiu este ultimo na sua ideia dominante e convenceu os seus tres amigos da necessidade de se fundar um nucleo revolucionario para observar a opinião publica, seguir a marcha dos acontecimentos internos e colher noticias do estrangeiro, em especial da nossa visinha Hespanha. Concordando todos, resolveram pôr em execução immediatamente a ideia de Fernandes Thomaz e começaram a formular os estatutos, dando á sociedade o nome de *Sinedrio*. Juraram guardar entre si a maior lealdade e o mais inviolavel segredo para com os estranhos, e combinaram para não despertarem suspeitas, reunirem-se, no dia 22 de cada mez, em um jantar na Foz, onde participariam uns aos outros os successos do mez antecedente, e discutiriam a sua linha de conducta e o que conviria fazer no mez seguinte.

Assim se fundou o *Sinedrio* pelos esforços perseverantes do benemerito cidadão Manoel Fernandes Thomaz. Foi d'este nucleo modesto e quasi insignificante, na sua origem, que surgiu o famoso movimento de 1820. Mas antes de proseguirmos na relação d'estes acontecimentos tão memoraveis, digamos duas palavras sobre o passado do grande patriota.

(Segue.) TEIXEIRA BASTOS.

---

# Tradições populares

(Collecção do Algarve)

## ROMANCES

As variantes que hoje começamos a publicar, fazem parte d'uma collecção de tradições d'aquelle povo, que ha tempo possuimos.

---

[1] Vid. *Revelações e memorias*, etc., por Xavier d'Araujo, pag. 10 e *Annual historico e politico de Portugal e Brasil*, etc. Lisboa, 1854, pag. 52.

Dâmol-as á publicidade não por as julgarmos de grande importancia, mas porque havendo um *Romanceiro do Algarve*, publicado pelo sr. Estacio da Veiga, uns, deixaram de ser ali incluidos, e outros, sendo-o, foram impiamente maltratados pelo artificio; e tambem porque entre as diversas lições publicadas nos outros romanceiros que conhecemos, não vemos nenhuma d'aquella provincia.

Ellas ahi vão tal como as ouvimos da bocca do povo para que os estudiosos as apreciem.

Se n'ellas ha ou deixa de haver alguma cousa de novo, elles o dirão.

Que não deviamos deixal-as esquecidas e abandonadas no fundo d'uma gaveta, foi o que nos occorreu n'um momento. É justo darmos tudo o que sabemos d'aquella provincia. Por estas e outras tradições, que mais tarde publicaremos, se avaliará o material, por tanto tempo ignorado, que o Algarve possue.

Pondo pois, á disposição dos collectores, que poderão comparal-as e estudal-as, as variantes algarvias que seguem, julgamos cumprir com um dever.

Algumas d'ellas, é forçoso confessar, nada apresentam de notavel, segundo o nosso modo de ver; outras ha, porém, que nos parecem um tanto dignas de attenção e estudo. Aquelles a quem interessam estas cousas decidirão.

---

## BERNAL FRANCEZ

—Oila, oila! — Quem está ahi?
—É Bernal Francez, senhora.
—A porta vou abrir.
*(Vindo a senhora pelos ladrilhos descalça:)*
—Apagaste o meu candim
Pelo canudo de prata.
—Que me importa a mim senhora
Se a luz dos seus olhos basta.
Levou-o para o seu jardim
Lavou-o de mãos e pés
Em agoas d'alecrim.
Fez-lhe uma cama de rosas
Deitou-o em par de si.
Era meia noite em pino
E elle sem se virar para si.
—Que tens, Bernal Francez,
Que não te viras para mim?
Se tens medo de meus filhos
Elles estão dormindo.
Se tens medo de meus criados
Elles não estão por ahi.
Se tens medo de meu marido

Longes terras está de mim.
Os mouros o captivem lá
E más novas me venham aqui.
—Não tenho medo de meus filhos
Que elles filhos são de mim.
Não tenho medo de seus criados
Que elles criados são de mim.
Não tenho medo de seu marido
Que aqui o tem em par de si.
—Matai-me, senhor, matai-me,
Que isto foi sonho que eu sonhei.
—Que te mate Deus do céo
Que para isso te creou,
Mas deixa vir a manhã
Que eu te darei de vestir,
Bom sapato, boa meia,
Gregantilha acalorada
E sáia de carmezim.
Manhã que era chegada
Elle que a degolava.
Montando no seu cavallo
A toda a brida partio.
Indo lá mais adiante
Um lanceiro que encontrava.
—Adonde vás, ó lanceiro,
Que vás tão cuidadoso em ti ?
—Vou vêr a minha amada
Que ha muito a não vejo.
—Tua amada já é morta
E morta que eu a matei.
Se para isso viesse preparado
O mesmo te dera a ti.
—Anda, anda, meu cavallo,
Vâmos vêr se isto é assim.
Indo lá mais adiante
Um alvisão que encontrava.
Elle teve tanto medo
Que fez modos de fugir.
—Não fujas, Bernal Francez,
Não fujas tu já de mim.
Os olhos com que te olhava
Já de nevoa os cobri,
Bocca com que te beijava
Já de terra a cobri.
Braços com que te abraçava
Já não têm força em si.
A mulher com quem casares
Que se chame Anna [1] como a mim,
Para quando chamares por ella
Te lembrares de mim.

(Lagôa). REIS DAMASO.

---

[1] O povo diz que esta dama era irmã da *Morena*, romance que publicaremos.

# A Companhia de Jesus

## CAPITULO I

### Origem e fins da instituição

*Vendit Alexander claves, altaria, Christum:*
*Emerat ille prius, vendere jure potest.*

No principio do seculo XVI, quando o catholicismo e o edificio pontifical começavam a ser fortemente abalados pelos progressos da Reforma, a despeito da confissão auricular e da Inquisição, e que muitos paizes arrastados pela palavra eloquente de Luthero, Melanchton, Zevingle, Calvino e outros reformadores, sacudiam o jugo de Roma, fundou-se uma nova associação ecclesiastica para obstar á emancipação intellectual da especie humana.

Esta sociedade, que em pouco tempo havia de invadir todo o mundo, impedir o progresso scientifico e moral da humanidade, promover horriveis e monstruosas carnificinas, preverter os povos com maximas perniciosas e fazer tremer os reis e os papas, que muitas vezes lhe sentiram o punhal e o veneno, era a Companhia de Jesus.

A egreja romana, cujo poder principiara a declinar no pontificado de Bonifacio VIII, successor e assassino de Celestino V, virtuoso pontifice, que abdicou o «officio de papa», como elle dizia na sua linguagem singella, cançado das intrigas dos cardeaes a que chamava inimigos da fé e sanguesugas dos christãos, tinha então chegado ao apogêo do desregramento, da immoralidade e do crime, transformada na mais requintada orgia.

A corrupção do clero lavrava profunda por toda a parte e a sua rapacidade só podia comparar-se com o cynismo do seu procedimento.

Os abbades, os frades, os prelados, amontoavam thesouros sobre thesouros, accumulavam as prebendas e não se envergonhavam de entrar, mesmo de dia, nas casas de devassidão. Os bispos davam os beneficios só por intervenção das mulheres, que tinham de sacrificar a honra para proteger os candidatos seus parentes! Os conventos, cujas cisternas se povoavam com os cadaveres dos recemnascidos, eram verdadeiros lupanares e as cousas sagradas objecto d'um trafico vergonhoso.

A simonia, o envenenamento, o incesto, o assassinato, o adulterio, as perseguições, eram moeda corrente na côrte de Roma, não duvidando os papas recorrer aos mais ignobeis meios e ao proprio crime para aniquilarem os seus inimigos, os seus competidores,

para confiscarem em seu proveito os bens dos ricos, conseguindo satisfazer assim uma ambição desmedida.

Calamitosos tempos em que se creavam empregos só para serem vendidos, chegando o papa Leão X a crear e vender dois mil cento e cincoenta cargos novos!

O homem da edade medea, ignorante e fanatisado, não era mais do que um servo da Egreja, e a sua consciencia como o seu corpo pertenciam ao senhor, que sobre elle tinha o direito de vida e de morte.

Alguns abbades possuiam, no dizer dos historiadores, mais de vinte mil escravos!

Os processos da Inquisição tornavam-se cada vez mais atrozes!

O accusado não conhecia o accusador, e os inquisidores, monstros, vergonha da especie humana, e que por si bastariam para desauthorisar uma religião, não permittiam que a victima do infame tribunal, que horrorisava o mundo com as suas atrocidades, tivesse sequer um defensor!

O desgraçado, cahindo n'aquelle antro de sangue, sabia d'antemão que em seguida á tortura e á morte lhe seriam confiscados os bens e os da familia.

Os papas recolhiam metade e os inquisidores outra metade!

Posto que a Egreja condemnasse a uzura, tinha estabelecido um completo systema de bancos pontificaes, em relações com a curia, para emprestar dinheiro, por exhorbitantes juros, aos prelados, sollicitadores e litigantes. Os bancos papaes eram privilegiados; todos os mais estavam sujeitos á censura.» [1]

A Egreja estava convertida n'uma fabrica de dinheiro. Sommas consideraveis eram levantadas na Italia; outras eram extorquidas sob differentes pretextos, aos diversos paizes da Europa. O mais funesto dos meios empregados foi a venda das indulgencias, isto é, o direito de peccar. A religião, tal como a comprehendiam na Italia, tinha-se transformado na arte de roubar os povos.» [2]

Leão X, attribuindo-se o monopolio da vergonhosa pratica da venda das indulgencias, introduzida pelos bispos, tirou lhes essa regalia, estabelecendo por toda a parte, até nas mais insignificantes aldeias, agentes e recebedores, com os cartorios nas egrejas, para receber o dinheiro extorquido aos fieis e de que o chefe do catholicismo carecia para sustentar o luxo asiatico da sua côrte, os seus projectos ambiciosos e para a edificação da Egreja de S. Pedro.

(Segue.)

ANSELMO XAVIER.

[1] Draper — Les conflits de la science et de la religion — pag. 199.
[2] Idem — pag. 187.

# Ainda a questão das vivisecções

Esta amavel controversia, levantada entre mim e o sr. Arruda Furtado a proposito da questão das vivisecções, que tanto cuidado está dando á medicina contemporanea, não pode pela minha parte, ser tratada senão no campo das vagas generalidades do *dilettantismo* scientifico, porque me falta inteiramente a competencia especial para discutir com proficiencia um assumpto d'esta importancia.

Além de que o sr. Arruda Furtado não impugna as vivisecções. Reconhece, com toda a sciencia contemporanea independente, que sem ellas a physiologia fica esbulhada do seu mais fecundo methodo de investigação experimental, e que sendo a physiologia a pedra angular da medicina moderna, a cruzada levantada contra aquella pelos preconceitos religiosos é uma verdadeira guerra de barbaros contra o mais inviolavel dos interesses da humanidade, o interesse da sua propria conservação.

Qual é pois a divergencia que nos separa n'este assumpto?

É uma questão de principios?

Não é.

É uma simples questão de fórma, é uma simples questão de estylo.

O sr. Arruda Furtado acha que eu tratei o assumpto com umas liberdades de adjectivação inteiramente descabidas n'uma questão d'esta ordem, e reforça os seus argumentos com os exemplos dos primeiros homens da sciencia contemporanea, os Darwin, os Virchow, os Forster, os Kolmgren, os quaes tendo defendido os direitos da sciencia contra os ataques do fanatismo religioso, souberam fazel-o sem se afastarem um momento da linha das mais severas conveniencias da linguagem, não empregando uma unica phrase desabrida.

Tem razão em these mas falta-lhe a justiça na hypothese. Invalidou a prova por ter provado de mais.

Se eu pretendesse tratar a questão das vivisecções na sua altura scientifica, expondo as razões que tornam esse methodo de investigação indispensavel aos progressos da physiologia e portanto da medicina; se eu trouxesse para a discussão um nome auctorisado por trabalhos d'aquelle genero ou sequer por titulos de habilitação profissional, o sr. Arruda Furtado teria motivos para estranhar que eu désse ao meu estylo o caracter ligeiro e apaixonado de uma polemica jornalistica e não o tom severo e composto que se exige n'uma exposição impessoal de doutrina.

Conscio porém da propria incompetencia, eu apenas quiz, no meu artigo da *Era Nova*, sob o titulo intencionalmente comico de

*John Bull*, fazer obra de vulgarisação, levando ao conhecimento do grande publico, afastado completamente de interesses scientificos, um facto que me parece digno das mais asperas censuras, e expondo-lh'o n'uma fórma pittoresca e viva, precisamente no intuito de o apaixonar por essa questão.

A sciencia está sendo ha dois mil annos martyrisada pelo fanatismo religioso, justamente porque este, tendo conseguido habilmente chamar á sua causa a grande massa do publico, dispunha de uma força com que aquella nunca contou.

É já tempo que estes papeis se invertam e que a sciencia occupe nas sympathias e no interesse do espirito publico o logar que a theologia ali tem desastrosamente usurpado ha tantos seculos.

Nós todos pois, os que conseguimos libertar-nos dos preconceitos religiosos, pelo baptismo purificador das verdades positivas, devemos auxiliar com todas as nossas forças, pequenas ou grandes, este glorioso trabalho de regeneração mental.

E isso o que eu procuro fazer na estreitissima esphera da minha acção sobre o publico para quem escrevo, que não é por certo o publico de *elite* dos homens de sciencia, mas sim o publico que commerceia, que trabalha, que se agita na faina material da vida, que lê por acaso um artigo de jornal ou de uma revista de vulgarisação, mas que não tem tempo nem educação intellectual para compulsar livros de sciencia ou memorias de academias. Para me fazer entender e estimar d'esse publico tratando de assumptos estranhos ás suas preoccupações e interesses quotidianos, preciso por isso de lhe fallar na linguagem adoptada pela litteratura de fantasia—unica por emquanto que elle comprehende e aprecia—no estylo imaginoso e pittoresco dos litteratos e dos jornalistas, dando a maxima luz e o maximo relevo ás idéas, para o chamar á minha causa, que julgo ser a causa da verdade. Não tenho ambições a fazer sciencia, tenho apenas desejos de levar para os dominios da litteratura e para as discussões do jornalismo diario as grandes questões que agitam o espirito contemporaneo, expondo-as tão clara e escrupulosamente quanto posso, embora nas vagas generalidades a que attinge a minha ignorancia, que orçará pela do publico que me lê.

Não ha absolutamente originalidade nenhuma n'este meu proposito. Em França particularmente desenvolve-se em todos os sentidos, por meio de conferencias, de livros e de revistas, um immenso trabalho de vulgarisação scientifica, que influe energicamente na elevação do nivel intellectual d'aquelle paiz. Mas sem ir buscar exemplos estranhos, entre nós mesmo este genero de propaganda está iniciado e começa a tomar um incremento promettedor.

E depois, eu, tratando nas suas generalidades a questão das vivisecções, não tinha por intuito apenas fazer propaganda em fa-

vor d'um assumpto, a que se prendem os mais graves interesses da civilisação, constantemente ameaçada pelas aggressões sacrilegas da intolerancia religiosa: propunha-me tambem fazer sentir o papel repugnante que a nação ingleza, cujas qualidades reconheço, mas cujos defeitos não tenho obrigação nenhuma de calar, estava representando por intermedio do seu parlamento n'esta cruzada idiota do fanatismo e da carolice contra os mais inviolaveis direitos do saber contemporaneo; e comparando essa sentimentalidade pueril do *pietismo* inglez com os processos summarios e brutaes da sua diplomacia sordidamente mercantil, da qual nós, os portuguezes, somos ha tres seculos victimas vergonhosamente resignadas e inertes, eu protestava, como homem educado na admiração da sciencia, contra as pretenções d'esse *pietismo*, e, como democrata e patriota, contra as violencias d'essa diplomacia.

É particularmente n'este segundo ponto que as divergencias entre mim e o sr. Arruda Furtado são insanaveis.

O sr. Arruda Furtado é anglomaniaco, e eu sinto-me com grandes tendencias para ser anglophobo. Elle considera a Inglaterra uma grande nação e os inglezes um grande povo; eu, sem contestar a grandeza material da Inglaterra nem pôr em duvida os serviços que ella tem prestado á causa da civilisação e da sciencia, acho o espirito inglez, em geral, abominavel pela completa ausencia de qualidades generosas e heroicas, pelo amor exclusivo no lucro, pela sordidez da paixão da usura, que o leva muitas vezes a sacrificar tudo, desde a dignidade nacional até á dignidade pessoal, á idolatria absorvente do bezerro de ouro.

Mas isto é um lado secundario da questão, que eu não pretendo tratar porque seria interminavel e fastidiosa. O sr. Arruda Furtado havia de encontrar nos fartos repositorios da sua erudição historica bom numero de argumentos para me demonstrar a sua these, como a mim me não faltariam exemplos para defender a minha opinião, apesar do cabedal dos meus conhecimentos em assumptos de historia ser de uma pobreza deploravel. E depois de uma grande massada de factos e de datas e de citações, d'um *dize-tu direi-eu* interminavel, o sr. Arruda Furtado com certeza não se convertia ás exhortações da minha prosa, e eu provavelmente não me penitenciava dos meus erros. O publico, esse indubitavelmente adormecia ao meu segundo folhetim e ahi ficavamos nós dois a prégar aos peixinhos n'um grande dispendio inutil de gestos oratorios, até que o sacristão do bom senso nos viesse pôr diques á facundia, avisando-nos de que estava deserta a egreja.

Não receio desastre por mim, que estou affeito a elles, mas pelo sr. Arruda Furtado, que se havia de arrepender mil vezes de ter distinguido immerecidamente um dos meus escriptos com as suas cavalheirosas impugnações.

Se as explicações que ahi ficam me não innocentam, no caso sugeito, do emprego de alguns adjectivos revolucionarios e pouco academicos, eu dar-me-hei facilmente por vencido, mas receio bem que, apparecendo egual ensejo, elles me não fujam da penna como foge um bando de rapazes inquietos e trocistas pela porta fóra da aula, terminada a hora da lição.

O estylo é o temperamento do escriptor, é a manifestação artistica do seu caracter; e a sabedoria popular diz ha muito que quem torto nasce tarde ou nunca se endireita.

Eu por mim creio que preciso de me resignar a viver toda a vida aleijado.

Alexandre da Conceição.

---

## Os reis passam

Os reis passam. Phrase que synthetisa o espirito consciente de um seculo immenso, positivo.

A onda levada a essa officina de sublimidades athleticas — a Convenção, ahi cimentada, retemperada, na garganta das tempestades cyclopeas d'essa gigante de ideias, e vomitada em cataractas germinadoras pelo corpo lethargico dos povos, que a educação jesuitica racheliquisou, hoje, convulsiona estes organismos marasmaticos, infiltrando-lhes o elemento de vitalidade que lhes dará a energia das supremas vontades.

Aos voltaireanos succedem os homens da sciencia; aos que eram uma descrença succedem os que são uma fé; aos que entravam na lucta com o ideal da destruição, como demolidores, como negativos, succedem os que trazem para o combate o espirito da organisação, a formula das construcções robustas, as tendencias da tenacidade positiva. Nós somos a lei de que ellas eram uma hypothese.

A philosophia moderna demonstra este facto complexo, eminentemente evolutivo.

É por isso que nós, republicanos federaes, quando repetimos o dizer universal — os reis passam,— affirmamos mais uma verdade fatal — ámanhã não existirão.

Ámanhã não existirão; dobre funebre que deve reboar lugubremente pelas abobadas solitarias d'estes palacios realengos, confortaveis, que se erguem, na volupia do seu poderio, das margens geladas do Neva, ás alturas ridentes das cercanias do Tejo. Que seus hospedes se distráhiam um momento de seus prazeres de rei, para escutarem este ecco, é o que pouco nos interessa. Sabemos

que são, ou uma immobilidade ou uma resistencia. Immobilidade, quando os toleramos por fraqueza, resistencia, quando os atacamos indisciplinados. E sabemos ainda, que a revolução, em nossa edade, é uma força explosiva aberta debaixo dos thronos. Hontem elles afogavam-n'a sob seus estrados, sob seus tapetes, sob a cerviz delambida de seus cortezãos cynicos; hoje, ella irrompe por frestas, tem rugidos de fera enjaulada, e dá abalos de feto crescido; ámanhã mergulhará, sob as suas linguas de chammas niveladoras, todo esse edificio velho, esboroado, convencional e sordido.

Os reis passam, quer dizer, a imbecilidade cretina de um, não esmagará mais, as vontades racionaes de muitos, as liberdades logicas da maior parte, o brio das consciencias livres de todos. Acabar-se-hão a arlequinada torpe das camarilhas, a tyrannia mesquinha dos creados de galão, as protecções escandalosas dos compadrescos infames, as batotas pyramidaes das commanditas, a prostituição cynica dos sentimentos, o aviltamento monstruoso das consciencias. O homem deixará de ser uma immoralidade.

E é por estes dias de redempção civica, de trabalho e honra, de virtudes altruistas e boa fé particulares, que combatemos conscientes, firmes, até esta firmeza rude do fanatico, á sombra da bandeira civilisadora da Republica Federal.

Nossa força está na firmeza d'estes homens de bem, a quem a honestidade da educação, ou a rijeza de caracter energico não deixaram mergulhar n'esse lodo degradante da cortezania e da vaidade, apanagio necessario das monarchias.

E por ultimo, os reis passam — é a verdade potente de uma demonstração que se realisa, desenrolando ás vistas acanhadas das mediocridades parlamentares do dia, estes pequeninos factos que, apezar da sua contrariedade apparente, se harmonisam na complexidade de um systema uniforme.

HUGO LEAL.

---

# A origem da Sciencia

(Continuado de pag. 147)

Antes de aventurar-se nas planicies da Mesopotamia, para n'ellas ferir a batalha decisiva, Alexandre, com o cuidado de assegurar a retirada e conservar livres as communicações com o mar, dirigiu-se para o Sul e submetteu todo o paiz até ás margens do Mediterraneo. No conselho de guerra que celebrou depois da ba-

talha d'Issus, expoz a seus generaes que não era necessario sonhar em perseguir a Dario, emquanto não fossem senhores de Tyro, e a Persia reinasse em Chypre e no Egypto tambem ; e continuou, dizendo que se o exercito persa alcançasse os portos do imperio, levaria a guerra á Grecia, emquanto que possuindo já os gregos o Egypto e Chypre, nenhum cuidado deviam ter pela segurança de seu paiz natal. O sitio de Tyro durou seis mezes. Diz-se que para vingar-se d'esta larga resistencia fez expirar na cruz a dois mil prisioneiros. Jerusalem rendeu-se á sua aproximação, motivo por que foi tratada com brandura ; porém, em Gaza, o governador, Bétis, obstinou-se na defeza, e os macedonios, para quem era esta praça a chave do Egypto, estiveram detidos pelo espaço de dois mezes. Quando alfim foi tomada de assalto, foram cruelmente assassinados dez mil habitantes, vendido o resto com mulheres e filhos como escravos, e o governador arrastado vivo em torno da cidade, amarrado ao carro do vencedor. Tinha caido o ultimo obstaculo. Os egypcios, que detestavam a dominação persa, receberam com jubilo os novos invasores. Alexandre, organisou o paiz como convinha a seus interesses ; confiou todos os empregos militares aos macedonios, entregando ao cuidado dos egypcios os assumptos civis.

Emquanto que se preparava a campanha decisiva, Alexandre emprehendeu uma viagem ao templo de Jupiter Ammon, umas duzentas milhas distante e situado n'um oasis no meio do deserto da Lybia. O oraculo declarou que Alexandre era filho d'este Deus, o qual, em fórma de serpente tinha seduzido Olympia sua mãe. As concepções immaculadas e os parentescos divinos admittiam-se tão correntemente n'esse tempo, que todo aquelle que se elevava acima dos outros homens, reputava-se logo de origem celestial. Na propria Roma, e muito depois da época de que nos occupâmos, ninguem ousaria contradizer que o nascimento de seu fundador, Romulo, não fôra devido ao encontro casual do Deus Marte com a virgem Rhea Silvia, n'um dia em que ella ia com o contaro buscar agua á fonte. Os discipulos egypcios de Platão receberiam com colera aquelles que condemnassem a lenda segundo a qual Perictione, mãe do grande philosopho, virgem pura, concebera sem mancha por influencia de Apolo, que o tinha feito saber a Aristono, esposo promettido de Perictione. Assim, pois, quando Alexandre enviava cartas, ordens e decretos, debaixo do titulo de «Alexandre, rei, filho de Jupiter Ammon», era tudo recebido pelos habitantes do Egypto e da Syria, com um respeito de que não podemos formar hoje uma ideia exacta. Comtudo, os livres pensadores da Grecia estimavam no seu justo valor esta origem sobrenatural. Olympia, que sabia melhor que ninguem o que havia de verdade n'aquella intervenção divina, dizia em voz alta : «que desejava que Alexan-

dre não a confundisse sempre com a mulher de Jupiter.» Arriano, historiador das conquistas macedonias, disse: «Não lhe cabe censura por ter pretendido imprimir nos seus subditos a crença em sua origem divina, nem considerar como um crime elle querer, como se póde acreditar razoavelmente, que com effeito queria augmentar tão sómente por esse meio a confiança de seus soldados.»

Tendo segura a retirada, regressou á Syria e dirigiu para Este a marcha do seu exercito, que se compunha de cincoenta mil veteranos. Depois de haver atravessado o Eufrates, torneou as collinas de Masia para evitar os calores intensos que reinam nas planicies meridionaes da Mesopotamia. Era, por outra razão mais facil obter-se d'este modo as forragens para a cavallaria. Na margem esquerda do Tigre, e perto de Arbela, encontrou um grande exercito de um milhão e cem mil homens que Dario conduzia de Babylonia. A morte do monarcha persa, que se seguiu após a sua derrota, deixou o general Macedonio senhor de todo o paiz que se estende desde o Danubio até ao Indo. Todavia levou as suas conquistas ás plagas do Ganges. Os thesouros de que se apoderou tocam as raias do impossivel. Só em Suza, segundo diz Arriano, encontrou elle cincoenta mil talentos de dinheiro.

O leitor moderno, e em particular o que fôr militar, não póde admirar nunca o bastante similhantes campanhas em tudo extraordinarias. A passagem do Helesponto e do Granico no fragor da batalha; o inverno consagrado á organisação politica da Asia Menor conquistada; os trabalhos do sitio, bastante temiveis, destruidos em Tyro; o assalto e tomada de Gaza; a Persia isolada da Grecia; sua marinha expulsa do Mediterraneo; a aniquilação de todos os seus esforços que ainda assim empregou, como os tinha empregado até então com excellente resultado, para corromper, na ausencia dos generaes, aos chefes politicos de Athenas e Esparta; o Egypto subjugado; um segundo inverno dedicado a organisar politicamente este paiz veneravel por sua antiguidade; o exercito reunido na primavera seguinte nas margens do mar Negro e do mar Roxo, e nas asperas planicies da Mesopotamia; a passagem do Eufrates, no sitio em que tinha sido destruida a ponte de Thapsacus; a passagem do Tigre; o reconhecimento nocturno antes da grande e memoravel batalha de Arbela; o movimento obliquo executado durante o combate; a divisão do centro inimigo—manobra reproduzida muitos seculos depois em Austerlitz;—a vigorosa perseguição ao monarcha persa; são feitos gloriosos que nenhum general tem ultrapassado em todos os tempos.

D'este modo deu-se um impulso prodigioso á actividade intellectual da Grecia. Haviam homens que tinham seguido os exercitos desde o Danubio ao Nilo, e do Nilo ao Ganges. Tinham sentido o sopro glacial dos paizes que se estendem ao norte do mar Negro,

o simoun e os furacões de areia dos desertos do Egypto; tinham visto as pyramides, em pé havia já vinte seculos; os obeliscos de Lugsor carregados de geroglyficos; largas fileiras de sfinges mudas e mysteriosas; as estatuas colossaes dos monarchas que tinham reinado nas primeiras epochas do mundo. Nas salas de Esar-Haddon, tinham-se sentado sobre os thronos dos velhos reis sombrios da Assyria, guardados por toiros com azas. Tinham contemplado as muralhas de Babylonia erectas sempre apesar dos destroços de tres conquistas e de tres seculos, e com uma elevação de oitenta pés ainda assim. Existiam ainda n'esta cidade as ruinas do templo de Bal, o Deus rodeado de museus, e no remate do edificio o observatorio, do qual os mysticos astronomos chaldeos haviam estado em communicação nocturna com as estrellas. E além d'isso os vestigios dos palacios, com seus jardins suspensos, nos quaes grandes arvores elevaram para a amplidão os seus troncos gigantescos, e os restos da machina hydraulica que lhes ministrava a agua do rio. No lago artificial formado por um vasto systema de aqueductos e assudes, as aguas das montanhas da Armenia chegavam a reunir-se e d'ali se espargiam pela cidade, encanadas pelas profundas ribas do Eufrates. Porém, mais maravilhoso do que tudo isto, era o tunel praticado por debaixo do leito do rio.

Se a Chaldêa, a Assyria, e Babylonia offereciam prodigiosas e verdadeiras antiguidades, cuja origem se perdia na noite dos tempos, tambem a Persia tinha as suas maravilhas mais modernas. As salas de Persepoles, sustidas por columnas, estavam repletas de obras artisticas que eram outros tantos prodigios, de gravados, de esculpturas, de esmaltes, de bibliothecas de alabastro, de obeliscos, de sfinges, de toiros gigantescos. Ecbatana, a suave residencia de verão dos monarchas persas, estava defendida por sete cercos de muralhas formadas de pedras talhadas e polidas, de côres variegadas, que se elevavam progressivamente ao centro, destinadas a figurar as orbitas dos sete planetas. O palacio estava coberto com telhas de prata, as vigas eram revestidas de ouro. A certas horas da noite allumiavam-se as salas com meias luas luminosas de nafta, que rivalisavam com a luz do dia. Havia um paraizo, este luxo favorito dos monarchas asiaticos, plantado no centro da cidade. O imperio persa, desde o Helesponto até ao Indus, era verdadeiramente o jardim do mundo.

Tenho consagrado algumas paginas á narração d'estas campanhas extraordinarias, porque, excitando grandemente o genio militar, conduziram o estabelecimento das escolas praticas e mathematicas de Alexandria, que foram a verdadeira creadora da sciencia. Podemos fazer remontar todos os nossos conhecimentos exactos ás campanhas macedonicas. Humboldt fez notar com muita

razão, que a vista dos aspectos novos e grandes da natureza expande o espirito humano. Os soldados de Alexandria, e mais pessoas que seguiam os seus exercitos, encontravam a cada passo scenas inesperadas e pittorescas. Os gregos eram um povo o mais impressionavel e o mais observador. Ali, havia planicies interminaveis de areia, n'outras partes, montanhas cujos cumes se perdiam entre as nuvens; o deserto apresentava os seus perigos e as suas ardentias; as collinas as sombras e vapores que resvalavam sobre os seus flancos. Estavam no paiz dos dálites doirados, dos cyprestes, dos tamarindos, dos myrthos verdes e dos leandros. Em Arbella tinham combatido contra os elephantes da India, e nos bosques caspios tinham feito sair o tigre real do seu covil.

Tinham visto animaes que, comparados com os da Europa, não eram sómente extranhos por suas fórmas extravagantes, senão mais ainda, por seu tamanho colossal—o rhinoceronte, o hippopotamo, o camello, e o corcodilo do Nilo e do Ganges—e tinham encontrado homens de todas as raças vestidos com os trajos mais variegados: o syrio tostado do sol, o bronzeado persa, o africano negro. Conta-se que o proprio Alexandre fez sentar o seu almirante Narco junto do seu leito de morte, e sentiu ainda bastante prazer em fazel-o referir suas aventuras nauticas no rio Indo e no golfo persico. O conquistador tinha observado com surpreza o fluxo e refluxo do mar. Fizera construir navios com o intento de explorar o mar Caspio, pensando que bem podia ser este mar o mesmo que o mar Negro, golfos de um grande Oceano, supposto que Narco tinha descoberto que não eram outra cousa os da Persia e Roxo. Tencionava que a sua frota emprehendesse uma viagem de circumnavegação ao redor de Africa e entrasse no Mediterraneo por o caminho das columnas de Hercules, empresa que se pretendia ter sido já levada a cabo n'outro tempo pelos Pharaós.

Não foram sómente os grandes soldados, se não tambem os grandes pensadores da Grecia que encontraram no imperio conquistado objectos dignos da sua admiração. Callisthenes encontrou em Babylonia uma serie de observações astronomicas feitas pelos chaldeos, que abraçava um transcurso de mil novecentos e tres annos: enviou-a a Aristoteles. Como estavam inscriptos em ladrilhos cozidos ao fogo, não é um impossivel que as excavações emprehendidas em nossos dias possam descobrir cousas similhantes n'estas bibliothecas dos reis de Assyria, compostos de laminas da argila. Ptolomeu, o astronomo egypcio, possuia em Babylonia observações de eclipses que remontavam a setecentos quarenta e sete annos antes da nossa era Teriam sido precisos largos e rigorosos estudos para chegar a este ponto. Os babylonios tinham determinado a duração d'um anno tropical, não se enganando senão em vinte minutos, menos da duração real. Do mesmo modo

só tinham errado dois minutos ao fixar o anno siderio. Tinham descoberto a precessão dos equinoccios; conheciam a causa dos eclipses, e com a ajuda dos seus cyclos podiam predizel-os. Só em dezenove minutos e meio se tinham enganado ao determinar a duração d'este cyclo, o qual abrange mais de seis mil quinhentos oitenta e cinco dias.

Similhantes resultados dão a prova irrecusavel da paciencia e habilidade com que se tinha feito o estudo da astronomia na Mesopotamia, pois que com instrumentos mui insufficientes alcançaram um grau tal de perfeição. Estes antigos observadores tinham formado um catalogo de estrellas e dividido o zodiaco em doze signos, o dia e a noite em doze horas.

Segundo Aristoteles, tinham observado ha muito tempo a desapparição das estrellas por detraz da lua. Possuiam noticias exactas sobre o systema solar e conheciam a ordem e posição dos planetas. Elles construiram os quadrantes solares, clepsidros, os astrolabios e os gnomones.

Será interessante recordar seus ensaios de imprensa. Gravaram suas memorias em caracteres cuneiformes sobre cylindros, e rodando estes por de cima d'uma capa de argilla plastica, obtinham provas indeleveis. Podemos esperar recolher em suas bibliothecas, formadas assim com laminas de terra cosida, uma verdadeira collecção historico-litteraria. Não deixavam tambem de conhecer a optica. As lentes convexas que teem sido encontradas em Nimrod, comprovam que tinham instrumentos de augmento. Em arithmetica tinham encontrado o valor da posição das cifras, ainda que lhes faltava a grande invenção india do zero.

Que surprehendente espectaculo para os conquistadores gregos, que até então não conheciam nem a experimentação nem a observação, e que sempre tinham vivido de meditações vãs e especulações inuteis!

Porém, o que mais poderosamente contribuiu para o desenvolvimento intellectual dos gregos, e ainda mais das novas ideias sobre a natureza, foi o conhecimento das religiões dos paizes conquistados. A idolatria que reinava na Grecia fôra sempre um objecto de horror para os persas, e nas suas invasões nunca deixaram de destruir os templos e insultar d'estes deuses immoraes. A impunidade que se seguira a estes sacrilegios assombrava profundamente o povo e contribuiu a minar a fé helenica. Agora o adorador das impuras divindades do Olympo aprendia a conhecer um vasto systema religioso, bello e solido, baseado em tudo na philosophia.

A Persia, como acontece a todos os velhos imperios, tinha soffrido muitas mudanças de religião. Seguira o monotheismo de Zoroastro; depois o dualismo, e mais tarde o magismo. No tempo

da conquista mecedonica reconhecia uma intelligencia universal, creadora, conservadora, soberana, essencia pura do verdadeiro, manancial do bem supremo; e do mesmo modo que vemos na terra resultar o movimento da opposição das forças, havia por baixo d'esta intelligencia dois principios eguaes, coeternos, representados pela imagem da luz e das trevas. Estes principios estão eternamente em lucta: o mundo é o seu campo de batalha, o homem a presa que disputam.

Na lenda antiga do dualismo estava dito que o espirito mau tinha enviado a sua serpente para destruir o Paraizo, obra do espirito bom. Esta lenda era conhecidissima dos judeus levados captivos para Babylonia.

A existencia de um principio do mal é a consequencia da existencia de um principio do bem, como a sombra é necessaria á percepção da luz. Assim se póde comprehender a apparição do mal n'um mundo creado e governado por um Deus soberanamente bom. Cada um dos dois principios, Ormuz genio da luz, e Ahriman genio das trevas, tem seus anjos que lhe obedecem, seus conselheiros e seus exercitos. O homem bom deve buscar a verdade, guardar a pureza, entregar-se ao trabalho. Póde esperar, quando lhe expirar a vida mortal, outra vida n'outro mundo e contar com a resurreição do corpo, a immortalidade da alma, e persistencia da sua individualidade.

Nos ultimos annos do imperio as ideias do magismo tinham prevalecido cada vez mais sobre as ideias de Zoroastro. O magismo era essencialmente o culto dos elementos, e entre estes reputava-se o fogo como a expressão mais viva do Ser Supremo. Sobre altares levantados, não nos templos, mas debaixo da abobada azulada, ardiam fogos perpetuos, e o sol nascente consideravam-n'o os magos como o mais nobre objecto da adoração dos homens. Nas sociedades asiaticas nada se eleva mais do que o monarcha; no espaço immenso todos os astros desapparecem com a presença do sol.

(Segue.)

---

# O catholicismo e a familia

Incapaz de praticar uma acção benefica e civilisadora, a familia catholica jaz n'uma especie de agrilhoamento espiritual, ao mesmo tempo que se dulcifica n'um goso intimo que lhe vem da moral egoista do catholicismo.

O pensamento sujeito a uma tutella rigorosa, a tutella d'uma infinidade de superstições idiotas, de preconceitos e scismas que

subjugam a razão, a consciencia, atrophiando-a, não póde ir além da esphera confusa e tumultuosa, do circulo menor traçado pela urgencia theologica. A phantasia n'este estado mental, restringe-se a ver continuamente através do mesmo prisma; a acção é paralysada pelas mesmas pêas de ferro; os movimentos, a vontade, depende d'uma lei incognita, d'um principio desconhecido, d'uma influencia indefinida, mas que se julga só possuir a noção vaga de superioridade.

As ideias do espirito religioso estão assim á mercê da vontade suprema, das influencias sacerdotaes, dos preceitos da egreja, da educação supersticiosa da infancia. São como as huris escravisadas cuja prostituição se harmonisa com a vontade absoluta do senhor.

Dizia Edgard Quinet, o fervoroso apostolo da emancipação religiosa, que o *catholicismo é o inimigo do genero humano.*

Na familia, e sobretudo na mulher, exerce elle ainda notavel influencia, entorpecendo-lhe os sentidos e suffocando-lhe o coração á voz dos sentimentos altruistas.

O catholicismo é como uma rêde traiçoeira que envolve mais covardemente o espirito do sexo affectivo pela sua fragilidade e superioridade de sentimento: é o seductor mystico, que se introduz na familia devassando-a e corrompendo-a, forçando-a a essas praticas irrisorias do culto, das crenças inconscientes e absurdas. Os segredos intimos da mulher, as acções, os pensamentos do homem, a ingenuidade das creanças, são obrigados a uma exposição immoral, vergonhosa e humilhante, perante os representantes de Christo na terra, exposição que os deleita, ao mesmo tempo que os inspira nos mysterios da divindade.

O catholicismo, longe de inspirar á familia um sentimento apreciavel, longe de os estimular á pratica do bem, a uma acção generosa e humanitaria, é, pelo contrario, o seu grande corruptor.

Como a *trimurti* indiana enroscada por serpentes medonhas que vomitam chammas abrasadoras, assim as ideias religiosas d'um espirito doente, d'um cerebro subjugado a uma pressão confusa, esterilisadora e atrophiante: a illustração não póde ir mais além, transpôr aquellas barreiras *impenetraveis;* a educação restringe-se á sabedoria de *bem viver para melhor morrer*, n'uns sonhos continuos, ás vezes pesados, do paraizo, ou do inferno. N'essas visões mysticas, celestes, n'esses mysterios incomprehensiveis de *além da campa*, na *gloria eterna* e *divina graça*, e outros tantos absurdos que amolecem o cerebro, que o desvairam, que o amesquinham produzindo pesadellos enormes, eis no que se resume a vida devota, toda a actividade pensante do fervoroso crente, toda a sapiencia do fiel servo catholico. O *eu* subjectivo é um bafejo de Deus, e portanto uma natureza toda divina: logo, conclue-se que as tres grandes faculdades da alma, que regulam todos os nossos

actos individuaes—*sensibilidade, intelligencia* e *actividade*, estão sempre subordinadas ao méro *principio creador*, sem licença do qual o individuo religioso não poderá sentir, pensar e obrar.

Assim, a moral catholica nunca poderá ser independente como a moral universal e philosophica, a moral consciente, só racional e logica, só verdadeiramente humana—a moral positiva.

E vêmos que a familia educada no catholicismo, debalde diligenceia a harmonia no lar, não podendo aspirar a um ideal de felicidade: as discordias são frequentes, motivadas quasi sempre por pequenas contrariedades em que os sentimentos se não fraternisam pelo egoismo da salvação da personalidade, pelo ascetismo que immobilisa, e outras tantas cousas. D'aqui, não obstante as mesmas noções vagas, observamos um facto curioso que assombra e que é o seguinte:—De 200 casamentos catholicos por trimestre, só em Lisboa, 100 se divorciam, cahindo, pouco mais ou menos, 50 em poder dos tribunaes a tentarem acções de separação judicial, sempre acompanhadas de allegações immoralissimas, e em que se descobrem, a maior parte das vezes, as influencias do clericalismo e educação religiosa. D'esta revelação se vê que a média de taes casamentos dissolvendo-se concorre para a desmoralisação social, dando depois um triste exemplo aos filhos innocentes.

Note-se que nenhum dos casamentos civis, não obstante serem muitos os que já se teem effectuado, foi ainda dissolvido.

REIS DAMASO.

---

# Tradições populares

(Collecção do Algarve)

## ROMANCES

---

### D. BOZO

—Levantae-vos, ó D. Bozo,
Se bem me quereis;
Ide chamar vossa mãe
Cá vos la chameis.
—Acordae, ó minha mãe,
Do dôce dormir;
Venha á Flor d'alma
Qu'está p'ra parir.
—S'ella parir que pára
Um rapaz varão,
Que arrebente, estale,
Pelo coração.

—Conservae vos, minh'alma,
Na Virgem Maria;
Minha mãe não está em casa
Foi a uma romaria.

—Levantae-vos, ó D. Bozo,
Se bem me quereis
Ide chamar vossa mana
Cá vos la chameis.
—Accordae, ó minha mana,
Do dôce dormir;
Venh'á Flor d alma
Qu'está p'ra parir.
—S'ella parir que pára
Uma rapariga,
Que arrebente, estale,
E acabe a vida.
—Conservae vos, minh'alma,
Na Virgem Maria;
Minha mana não está em casa
Foi á mesma romaria.

—Levantae-vos, ó D. Bozo,
Se bem me quereis;
Ide chamar a minha mãe
Cá vos la chameis.
—Accordae, ó minha sogra,
Do dô e dormir;
Venha á Flor d'alma
Qu'está p'ra parir.
—Subi, subi, meu genro,
Comei um bocado,
Emquanto eu ponho
Este negro toucado.
—Accordae, ó meus moços,
A sellar as minhas mulas,
Emquanto eu visto
Estas negras vestiduras.

—Pastorinha nobre
Que o gado guardaes,
A quem se dobra
Estes signaes?
—É pela Flor d'alma
Que morreu de parto.
—Ai, minha querida filha,
Filha da minha vida!
Se eu lá estivesse
Ainda eras viva.
—Ai, minha querida filha,
Filha do meu coração;
Se eu lá estivesse
Morrerias ou não.

A sogra cançava
Em accender os cyrios;

A mãe não cançava
Em dar suspiros.
A sogra cançava
Em accender as velias,
A mãe não cançava
Em chorar por ella.

---

### D. MARCOS

«Ámanhã parte D. Marcos
Para a guerra brigar.
—«Quando virás tu, meu conde.
Quando tornarás a voltar?
—Se aos seis annos não vier
Aos sete o mais tardar;
E vindo para os nove
Já te poderas casar.
Ainda os seis não eram vindos
Já a condessa era casada;
O D. Marcos que partia
Da sua guerra passada,
Encontrou umas vaquinhas
Forradas d'outro signal.
—De quem são essas vaquinhas, moiral.
Forradas d outro signal?
—Até agora eram de D. Marcos,
Deus lhe queira perdoar;
Agora são de D. Fernando,
Tirem-me d'este lugar.
—Dá-me os teus fatos, moiral,
Queiras tu os meus vestir,
Quero ir áquella porta,
Uma esmola pedir.
Uma esmola, senhora,
Para ajuda de passar.
Estando elle n'estas fallas
A condessa ao portal,
Deu-lhe uma, deu-lhe duas,
Ás tres cahiu no chão;
Aos gritos da condessa
Accudiu o D. Fernando.
—Que é isso que tens, condessa,
Que é isso que tens, minh'alma?
—São os olhos de D. Marcos,
Vêl os, vêl-os aqui estão.
—Não me chames D. Marcos
Nem D. Marcos me chamarão,
Que tiveste a desventura
D'esquecer o meu coração.

(Lagôa)

REIS DAMASO.

# Biographias

## Manoel Fernandes Thomaz

### III

Quem era Fernandes Thomaz?

Natural da Figueira da Foz, onde nasceu a 30 de junho de 1771, era filho de João Fernandes Thomaz e de Maria da Encarnação, segundo refere um de seus biographos [1]. Seu pae dedicava-se ao commercio maritimo, que lhe rendia bastante para viver bem e para dar uma educação liberal aos filhos.

Entrando aos 15 annos na universidade de Coimbra, mostrou pouco fervor pelo estudo, mas em breve conquistou verdadeira superioridade moral sobre os seus condiscipulos pela firmeza de caracter e pela lucidez de espirito que desenvolveu. Queria seguir a carreira ecclesiastica e tomar ordens, chegando a receber o gráu de bacharel na faculdade de Canones, em 1791; porém mudou de tenção e consagrou-se completamente aos estudos forenses, sendo, em 1801, despachado para Arganil a exercer as funcções de juiz de fóra, e quatro annos depois nomeado superintendente das alfandegas e tabacos nas comarcas de Aveiro, Coimbra e Leiria. Ambos estes cargos desempenhou com a inteireza e a rectidão que sempre o distinguiram no serviço publico e na vida particular.

A fuga do imbecil monarcha para o Brasil e os desastres que a politica inepta e falsa do gabinete portuguez, perante os interesses oppostos de Napoleão e da Inglaterra, arrastou sobre o paiz, desgostaram Fernandes Thomaz, como bom patriota que era, e levaram-no a abandonar a vida publica e a regressar á sua terra natal, onde se conservou por algum tempo no maior isolamento. Ahi o foi despertar a chegada das tropas inglezas, que vinham auxiliar-nos a expulsar os invasores e que desembarcaram perto da Figueira. Arthur Wellesley, mais tarde lord Wellington, commandante em chefe dos nossos alliados, mandou procurar Fernandes Thomaz, como primeira auctoridade do districto, para legalisar as requisições que tinha de fazer officialmente para o sustento e trans-

---

[1] Estes nomes vêm n'um artigo publicado no n.º 372 do jornal inglêz *Monthly Magazine* e transcripto no *Diario do Governo* n.º 238, de 9 de outubro de 1822, ainda em vida de Fernandes Thomaz, e segundo parece devido á penna de algum dos seus amigos politicos.

porte dos soldados inglezes. Fernandes Thomaz apressou-se a comparecer e desenvolveu immediatamente toda a sua energia em facilitar a alimentação e os materiaes indispensaveis para o começo da campanha contra o exercito francez. Sendo nomeado em 1808 provedor da comarca de Coimbra, interrompeu pouco depois o exercicio d'este cargo, para servir de intendente dos viveres ou deputado commissario do exercito no quartel general de Beresford, a instancias dos generaes inglezes, que tinham por elle a maxima estima. Em 10 de fevereiro de 1812 foi reintegrado nas funcções de provedor de Coimbra; tinha já o titulo de desembargador da relação do Porto, mas só entrou na effectividade em 1817. Em 1815 publicou dois pequenos volumes sobre *Direitos Dominicaes*, e desde os bancos da universidade que vinha formando uma collecção de todas as leis extravagantes, das quaes depois deu a lume um reportorio..

No meio d'este viver bastante agitado foram-se desenvolvendo e retemperando as eminentes qualidades, que fizeram de Fernandes Thomaz o principal heroe da revolução e o mais sensato dos legisladores do congresso constituinte. No exercicio dos seus empregos publicos teve occasião de observar de perto o estado de decadencia e de ruina, a que tinha descido o regimen monarchico-feudal, e conhecer a necessidade urgente de uma reforma, pela qual se abolissem os privilegios vexatorios e iniquos que abafavam o natural desenvolvimento da nação. As condições do paiz, difficeis no principio do seculo, aggravaram-se muito com os tristes acontecimentos que se seguiram. Fernandes Thomaz, patriota sincero, concebia esperanças de levantar a nacionalidade portugueza do seu abatimento, e para realisar a sua ideia generosa fundou o Sinedrio. Ao primeiro nucleo composto por Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, Silva Carvalho e João Ferreira Vianna, foram se juntando successivamente Duarte Lessa, José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Sotto-maior, José Maria Lopes Carneiro e José Gonçalves dos Santos e Silva. Os annos de 1818 e 1819 passaram-se em discussões verdadeiramente estereis e na observação dos acontecimentos da politica interna e externa.

## IV

Começou o anno de 1820, e o Sinedrio tornou se militante; todos os seus membros estavam animados dos melhores desejos de levarem a effeito a grandiosa empresa; ganharam a adhesão de muitos officiaes do exercito, dos principaes, dos que tinham maior influencia sobre os soldados ou que dispunham de maiores forças; assim conquistaram o coronel Cabreira, commandante da artilheria na cidade do Porto, e os tenente-coroneis Gil, Pamplona e Guedes,

cujos corpos estacionavam no Porto, em Villa da Feira, em Penafiel, etc.; contavam tambem com o corpo da policia e com as milicias da Maia, da Feira, etc.

O que determinou o Sinedrio a entrar em trabalhos activos para apressar a revolução?

Em primeiro logar e a causa mais immediata d'este movimento, foi decerto a noticia da sublevação da Galiza, que proclamou como bandeira de revolta a celebre constituição de Cadix. Mas além d'isso as proprias occorrencias interiores haviam de influir, e não pouco, nas resoluções tomadas por aquella associação revolucionaria.

Se em janeiro de 1818 a situação do paiz era pessima e muito grave, como procurámos mostrar, nos dois annos decorridos ainda se aggravou em extremo, e em 1820 o estado dos negocios publicos era desesperado.

Depois da condemnação de Gomes Freire e dos seus infelizes companheiros, D. João VI promulgou um alvará, em 30 de março de 1818, em que declara criminosas todas as associações que não tenham obtido auctorisação régia, prohibe-as e considera os seus membros, como réus de lesa-magestade. Esta lei, em vez de produzir o effeito desejado pelo monarcha, vinha ainda aggravar a situação.

O thesouro achava-se esgotado, porque o governo do Rio de Janeiro mandara ir para o Brasil todos os rendimentos de Portugal; e os governadores apressaram-se a cumprir estas ordens, apesar da fome reinar em alguns pontos do paiz e as tropas terem os soldos em grande atraso! A propria regencia viu-se forçada a alliviar os pescadores da Estremadura de metade dos tributos. A emigração para o Brasil crescia extraordinariamente; homens, mulheres e crianças dirigiam-se para ali em grupos a bordo dos navios que constantemente partiam. O roubo estava inaugurado em systema; as alfandegas, segundo a expressão de um escriptor bastante reaccionario, eram *verdadeiros covis de ladrões*; o tristemente celebre corregedor de Belem chegava a introduzir tabaco nos leitos, na occasião das buscas, para arranjar criminosos a quem roubar. Os tribunaes converteram-se em praças de leilões, onde a justiça se vendia a quem mais dava; os juizes não olhavam ás razões que militavam a favor de uma das partes, mas ao dinheiro que a outra lhes offerecia. A segurança pessoal não existia; uma suspeita, uma denuncia falsa, bastava para um cidadão ser arrancado dos braços carinhosos da esposa e atirado para uma masmorra humida e infecta, onde havia de passar annos sem conhecer ao menos o crime de que o acusavam. A propriedade tambem não era respeitada; os proprios ministros não se envergonhavam de expoliar torpemente os seus compatriotas indefensos. Os cargos davam-se a quem trazia mais empenhos, e o melhor dos empenhos era o ouro. O papel

moeda era um cancro devorador que augmentava a obra de destruição.

Emfim o estado interno da nação era tão grave, que por deliberação da regencia, Beresford partiu para o Rio de Janeiro, afim de expôr a D. João VI o estado de cousas e pedir-lhe providencias e dinheiro para pagar o atrazado aos soldados.

A sahida do marechal para o Brasil fez apressar os preparativos da revolução; o Sinedrio activava as adhesões e recebia em seu seio mais dois membros, José de Mello Castro e Abreu e João Maria Xavier d'Araujo. A recepção d'este ultimo vem contada pela seguinte fórma nas suas *Revelações e memorias:* «Sem embargo de ter presenciado muitos d'estes actos, devo confessar que fez sobre mim impressão profunda o discurso, que Fernandes Thomaz n'essa occasião me dirigiu. Presidia elle; e com a sua voz fortemente accentuada pintou o estado do paiz; sem rei que o governasse, um general estrangeiro senhor do exercito, estrangeiros tambem governando as provincias, nossa dependencia do Brasil, e emfim a revolução de Hespanha que acabava de terminar felizmente com o juramento de Fernando VII á constituição de Cadix. Ficaremos nós assim? Ou devemos continuar n'este aviltamento? Repetiu elle muitas vezes com força! A figura de Fernandes Thomaz, as suas cans respeitaveis, tudo o fazia sublime n'essa occasião. Sahi enthusiasmado e capaz de arrostar os maiores perigos!» Esta narração simples e despertenciosa de Xavier d'Araujo revella o ascendente moral, que Fernandes Thomaz exercia sobre todos que se approximavam d'elle, e o enthusiasmo e a tenacidade, com que proseguia na sua obra revolucionaria.

Fixou-se o dia 29 de junho para a empresa, mas alguns successos graves fizeram-na addiar e quasi que comprometteram o movimento. O coronel Barros, commandante da força militar do Minho, cujo concurso fôra promettido por Xavier d'Araujo, recusou-se formalmente a adherir e obrigou este a retirar-se sem demora de Braga. Ao mesmo tempo uma ordem do ministro da guerra para o coronel Cabreira mandar para Peniche um destacamento do seu corpo de artilheria fez desconfiar que estivesse descoberta a conspiração, e originou uma séria pendencia com o coronel Gil. O receio assaltou todos os chefes; o proprio Fernandes Thomaz occultou-se em sua casa, nas Caldas das Taipas, onde o foi encontrar, n'um quarto escuro, Xavier d'Araujo que sahira á pressa de Braga. Apenas o viu disse-lhe Fernandes Thomaz:

—Meu amigo, vem me achar no segredo. A nossa revolução mallogrou-se no Porto. Os chefes militares tomaram-se de razões uns com os outros, e é provavel que a esta hora estejamos descobertos e denunciados. Eu tenho horror aos segredos das prisões; por isso, e para me acostumar ao que é provavel nos aconteça, já me

fecho todos os dias tres ou quatro horas n'este aposento escuro, para não estranhar depois[1].

Os animos, porém, socegaram, e desapparecendo o receio infundado, Fernandes Thomaz voltou ao Porto e reuniu o Sinedrio. Mostrou aos seus collegas a necessidade de ir a Lisboa sondar a opinião publica e entender-se com os amigos para não ficarem depois isolados; todos approvaram esta ideia e pozeram á sua dispozição as sommas precisas para a viagem, mas o grande patriota recusou todo o auxilio e partiu para a capital em fins de julho.

Durante a sua ausencia, o Sinedrio recebeu um valioso apoio; foi o de Fr. Francisco de S. Luiz, que, passando para Ponte de Lima, offereceu o seu concurso para a revolução, promettendo decidir o coronel Barros a entrar no movimento.

Manoel Fernandes Thomaz demorou-se oito dias em Lisboa, correndo grandes perigos, porque já se suspeitava a existencia da conjuração, e mesmo segundo referem alguns auctores, escapando aos espiões da policia por não o conhecerem, e regressou ao Porto, onde encontrou já tudo preparado para a revolução. Esperaram que chegasse o coronel Bernardo Corrêa de Castro Sepulveda com o regimento de infanteria 18 e receberam-no no Sinedrio, fixando logo o dia 24 de agosto para a revolução. Ainda d'esta vez ia sendo mallograda a empresa por causa do manifesto que se deveria dirigir á nação. Antonio da Silveira não approvou a redacção de Fernandes Thomaz e pretendia que a Junta provisoria se chamasse dos Braganções e se limitasse a representar a D. João VI sobre o estado do paiz e lhe pedisse o regresso á Europa. Fernandes Thomaz em vão o procurou convencer com argumentos serios e racionaes. Convocou, portanto, o Sinedrio e contando-lhe a teima de Silveira, affirmou que estava tudo perdido, que era impossivel avançar-se um passo.

Lopes Carneiro, dando um murro sobre a mesa, exclamou:—Se um homem se oppõe á revolução, porque se não prescinde d'elle? porque não se sacrifica esse homem?

—Eu não venho aqui para disputar, disse serenamente Sepulveda desembainhando a espada, venho só para tratar dos meios e do dia da revolução. Offereceu-se para ir com dois collegas convencer Silveira. Ferreira Borges e João da Cunha prestaram-se a acompanhal-o. Fernandes Thomaz julgava inutil esta diligencia, mas exclamou por fim:

—Pois vão, mas não fazem nada; e voltando-se para Lopes Carneiro disse-lhe:—Eu convenço-me com razões e não com murros.

Foi prolongada a lucta que os tres delegados sustentaram com

[1] Ob. cit., pag. 17.

Antonio da Silveira, mas por fim levaram-no a assignar um manifesto que Ferreira Borges fez para substituir o primeiro.

Estando assim vencido o ultimo obstaculo, no dia 23, á noite, reuniu-se o Sinedrio em casa de Ferreira Borges para escreverem as proclamações e as cartas que tinham de ser publicadas e expedidas no seguinte dia, e prepararem-se para a revolução.

(Segue.) TEIXEIRA BASTOS.

---

## Suissa

(Continuado de pag. 130.)

Haviamos promettido historiar aqui, em resumo, as pertinazes luctas religiosas e politicas que se travaram nos cantões suissos, depois da morte da Helvecia e a descriminação dos partidos centralista e federalista (1802) até á ultima reforma da Constituição, realisada a 19 de abril de 1874. Faltando-nos porém espaço, por isso que se aproxima a conclusão do primeiro volume da *Encyclopedia*, adiamos este trabalho para mais tarde e passamos a descrever, segundo Charbonnier, o mechanismo das actuaes instituições politicas da Suissa, trabalho que muito servirá por certo para orientar o povo na fórma republicana que deve adoptar, abandonando a escola do sentimentalismo e das declamações banaes.

**Poderes.** — O poder supremo da Confederação suissa é exercido pela *Assembléa Federal*, que se compõe de duas Camaras: o *Conselho Nacional* e o *Conselho dos Estados.*

**Formação das leis.** — Cada um d'estes dois Conselhos delibera separadamente. As medidas legislativas devem successivamente ser adoptadas pelos dois Conselhos; mas a iniciativa pertence indistinctamente a um ou a outro. Em certos casos, o Conselho Nacional e o Conselho dos Estados reunem-se e deliberam em commum; é assim que procedem por commum accordo á eleição de sete delegados que formam o *Conselho Federal*, encarregado de exercer o poder executivo da Confederação e d'entre os quaes elles proprios escolhem o *Presidente da Confederação.*

**Censelho Federal.** — Os membros do Conselho Federal são nomeados por tres annos pelas duas secções da Assembléa federal reunidas, e escolhidos d'entre todos os cidadãos elegiveis; este conselho é renovado integralmente em seguida a cada renovação do Conselho Nacional.

**Presidente da Confederação.** — O presidente da Confederação e vice-presidente do Conselho Federal são nomeados, por um anno, pela Assembléa Federal reunida e ambos escolhidos d'entre

os membros do Conselho Federal; não podem porém desempenhar estes cargos durante dois annos consecutivos. O vice-presidente é chamado, no anno seguinte, á presidencia, em virtude d'um uso constante. O presidente da Confederação e os demais membros do Conselho Federal recebem uma remuneração annual paga pela caixa federal.

**Conselho dos Estados.** — O Conselho dos Estados compõe-se de quarenta e quatro deputados dos cantões. Cada Cantão, qualquer que seja a sua população, elege dois deputados; nos cantões subdivididos, cada semi-Estado elege um.

Os membros do Conselho dos Estados são eleitos pelos cantões e pela fórma prescita na lei cantonal. Em Uri, Glaris, Appenzel, etc., são estes eleitos pelo povo reunido na praça publica. Em Zurich os eleitores nomeiam-nos pelo suffragio universal directo. Na maior parte dos outros Estados são eleitos pelos *Grandes Conselhos*, ou assembléas cantonaes de cada Estado ou semi-Estado.

**Duração do Mandato.** — O mandato dos membros do Conselho dos Estados tem a duração que apraz a cada cantão. De ordinario é de um só anno, com reeleição.

**Presidencia.** — O Conselho dos Estados escolhe, no seu seio, para cada sessão ordinaria ou extraordinaria, um presidente e um vice-presidente. Estes altos dignatarios não podem ser eleitos d'entre os deputados do Cantão, onde foi escolhido o presidente para a sessão ordinaria que immediatamente a precedeu; os deputados do mesmo cantão não podem ser investidos do cargo de vice-presidente durante duas sessões consecutivas.

No caso de empate, a opinião do presidente é preponderante; nas eleições elle vota como qualquer outro membro.

**Remuneração.** — Os membros do Conselho dos Estados são pagos pelos seus respectivos cantões.

**Conselho Nacional.** — O Conselho Nacional compõe-se de deputados eleitos, por escrutinio directo e secreto, em cada cantão, na razão da sua população e na proporção de um membro por cada vinte mil habitantes.

Todo o cantão ou semi-cantão, até quando a sua população é inferior a esta cifra, nomeia pelo menos um deputado; as fracções de população superiores a dez mil almas têm direito a um deputado.

**Eleições.** — Cada Estado federal (Cantão ou semi-Cantão) procede ás eleições conforme as prescripções das leis que lhes são particulares, mas sob reserva das diversas disposições geraes, algumas das quaes, as mais importantes, passamos a mencionar:

Todo o cidadão suisso com vinte e um annos de edade tem direito a votar, logo que não esteja excluido do direito de cidadão activo pela legislação do cantão, onde tem o seu domicilio.

Os militares votam nas mãos do commandante do seu corpo,

acompanhado por uma mesa especial que envia as listas ao circulo a que pertence o soldado pelo seu domicilio habitual. Os votos dos militares são então adicionados aos votos do municipio ou assembléa eleitoral do seu domicilio.

O cidadão suisso exerce os seus direitos eleitoraes no local onde reside, quer como cidadão do cantão, quer como cidadão estabelecido ou com residencia temporaria. Seis mezes de permanencia na mesma communa são apenas necessarios para ser inscripto no recenseamento eleitoral.

**Listas eleitoraes.**—Todo o cidadão suisso domiciliado n'uma communa deve gratuitamente ser inscripto no registo eleitoral da sua communa, logo que a auctoridade competente não possua a prova de que elle está excluido do direito de cidadão activo pela legislação do cantão.

As prescripções relativas á organisação dos registos eleitoraes, são as mesmas para todas os cidadãos suissos.

As listas eleitoraes são permanentes; a sua revisão não tem logar senão uma vez por anno; as reclamações dos eleitores, por occasião d'esta revisão, são recebidas desde 15 de janeiro até 5 de fevereiro.

Antes de cada eleição, os registos eleitoraes devem ser expostos ao publico, pelo menos durante duas semanas, afim de que os eleitores possam tomar completo conhecimento d'elles; o mais cedo que podem retirar-se são tres dias antes da votação.

Os recursos contra as omissões ou eliminações illegaes, imputadas ao *maire*, são apresentados perante uma commissão municipal, com direito a appellarem para o juiz de paz, de cuja decisão, por violação da lei ou excesso de poderes, póde recorrer-se ao supremo tribunal de justiça.

Póde-se ainda recorrer ao Conselho Federal, contra as auctoridades cantonaes, pela recusa ou suppressão de inscripção ou por qualquer infracção da lei eleitoral.

**Escrutinios.**—As eleições fazem-se por escrutinio secreto; a acta de cada uma é redigida pelos membros da mesa respectiva e expedida ao governo do cantão, que apura o resultado das votações nas differentes assembléas e o transmitte ao publico.

As reclamações relativas a eleições devem ser enviadas, no praso de 6 dias, ao governo cantonal, que as transmitte ás auctoridades federaes; decorrido este praso não são admittidas. O governo cantonal transmitte, em seguida ao Conselho federal todos os documentos relativos ás eleições, excepto as listas, que não são expedidas senão a pedido e que são destruidas logo que a eleição está validada.

Ninguem é eleito no primeiro turno de escrutinio se não reune:

1.º A maioria absoluta de votos expressos;

2.º Um numero de votos egual á quarta parte dos eleitores inscriptos.

No segundo escrutinio a eleição é por maioria relativa, seja qual fôr o numero de votantes.

Se n'um escrutinio o numero de candidatos que obteve maioria absoluta excede o numero de deputados que ha a eleger, os que alcançaram o maior numero de votos são considerados eleitos.

Nos casos em que os candidatos obtêm egual numero de votos, è preferido o candidato mais velho.

(Segue.)

## Evolução; Revolução

A democracia contemporanea, por muito tempo servida no campo especulativo apenas pelas vagas aspirações do jacobinismo revolucionario, pela doutrina dos confrontos historicos e dos exemplos politicos, e pela incoercivel percepção de novos ideaes, recebe agora novas e mais seguras razões e argumentos com o advento e progressos do transformismo. A brilhante theoria que Darwin poude levar até á sua plena efflorescencia e universal expansão, constitue tambem o mais poderoso meio de analyse para os complexos factos sociologicos.

Na serie embryologica, synthese do trabalho organico que houve de produzir-se á superficie da terra para o apparecimento do homem, este é sô um organismo, cuja estructura elevada a um grão de differenciação mais completa, se acompanha por uma especialisação funccional parallelamente aperfeiçoada.

Na serie anthropologica, o homem, primeiramente troglodita, anthropoide, dotado de instinctos perfeitamente bestiaes, veiu subindo até lançar as bases e delineamentos das proto-civilisações elementares.

Na serie historica o homem sahiu gradualmente da fluctuação cega e insciente das suas raças sobre o globo para a posse plena e consciente d'esse mesmo globo por um grupo, em cujas mãos está agora condensada a hegemonia dos destinos humanos.

Na serie politica o homem partiu da concepção theologica e heroica da auctoridade, até rehavel-a e conquistal-a pela conclusão scientifica de que a auctoridade emanava do seu proprio ser e actividade..

De modo que abstractamente considerado, o homem, oriundo das mais humildes, rasteiras e confusas origens animaes, logrou attingir a comprehensão do seu ser, da sua omnipotencia racional, do seu destino messianico.

Tal é o ideal, o typo humano no momento presente. Este typo é o ponto convergente de todos os esforços individuaes e sociaes, e portanto o criterio superior do direito.

Definido este principio, conclue-se immediatamente que é incompativel com a generalisação do seu conhecimento a preponderancia de castas circumscriptas,— infimas, minorias no meio das populações e grupos nacionaes; bem como ha tambem incompatibilidade entre a aspiração juridica das massas e a persistencia de uma auctoridade, emanada das noções theologica e heroica, vagamente concebidas nos primordios da historia. Esta concepção da auctoridade é com effeito immensamente distante da actual concepção typica do direito humano; e o formalismo que praticamente a reveste torna-se, portanto, incompativel com as necessidades presentes de uma formula concreta apropriada, que só póde dar-nos um regimen differente,— o regimen democratico.

A conquista d'este regimen, pelas proprias condições da evolução, não se faz por egual no tempo e no espaço á superficie da terra. Ha uma tendencia constante e uma permanente aproximação para o ideal onde convergem n'este momento as attenções e esforços psycho-sociaes da especie humana. Este movimento de convergencia opera-se ininterruptamente e com tanta maior evidencia quanto menor é a distancia. A lei que o regula tem alguma cousa da lei da gravitação, se é apropriado comparar duas ordens de phenomenos, collocados a tamanha distancia na serie dos actos da vida universal.

Não é sereno e uniforme o processo por que se executa o movimento. Aqui se observam, do mesmo modo que em qualquer outro agrupamento de seres, as leis eternas, de cuja acção constante tem resultado a vida e o progresso dos organismos,— a lucta pela existencia, a selecção natural. A primeira tornará penoso e cheio de accidentes o advento da democracia, mas assegurar-lhe-ha o triumpho definitivo como á noção psychica mais bella, mais poderosa, mais resistente, que até agora o cerebro humano poude trabalhar. A segunda assegura o apuramento das conquistas humanas já effectuadas no sentido democratico, e bem assim a duração no tempo e a transmissão de paes a filhos d'esse regimen; e no conflicto de allianças entre varias doutrinas sociologicas regula o aperfeiçoamento das noções democraticas, e define-lhes os caracteres que hão de fixar-se, transmittir-se e durar.

De toda esta incessante elaboração resulta necessariamente eliminarem-se e desapparecerem as formulas correspondentes ás noções politicas retardatarias, enfezadas ou mortas. A maneira por que se ha de operar esta eliminação póde ser brusca, repentina e transitoria, ou continua, ininterrupta e duradoura. É isto o que na linguagem dos nossos jornaes corresponde respectivamente aos ter-

mos *revolução* e *evolução*. D'aquellas duas maneiras uma não exclue a outra, e o progresso das idéas, como o dos seres, faz-se de ordinario, por actos desordenados, na apparencia perturbadores, e instantaneos, ou por actos continuos, regulares e demorados, em varia e imprevista combinação. As chamadas *revolução* e *evolução* não constituem dois factores antagonicos, mas duas phases do mesmo processo natural.

AUGUSTO ROCHA.

## Tradições populares

(Collecção do Algarve)

ROMANCES

### D. ALBERTO

(Variante I)

— D. Alberto, D. Alberto,
O nosso somno foi sabido,
As armas d'El-rei meu pae
Entre nós estão mettidas:
Levanta-te e pede-lhe perdão
E chora-lhe como menino.
— Perdão vos peço, El-Rei
Meu senhor, perdão
Vos quero pedir.
Sou filho d'El-Rei de França,
Neto d'El-Rei de Cascaes;
Sobrinho do padre Santo
Diga o Rei qual seja mais.
— Levanta-te, D. Alberto,
Que foste muito atrevido;
Ate agora eras filho
D'hoje em diante genro querido.

Lagôa.

REIS DAMASO

A sciencia é a religião, o futuro; Comte e Littré são os seus prophetas; o positivismo é o seu dogma fundamental. Façam o que fizerem não póde subtrahir-se-lhe. DUMAS (filho).

A sciencia é para o homem o que o sol é para a terra.

E. DE GIRARDIN.

# Væ victis

Recitada palo auctor, no theatro de S. João, nas festas academicas do centenario do marquez de Pombal

Ha outro mundo, sim, ó padres de Jesus;
Mas não o cobre o vulto infausto de uma cruz,
Não lhe servem de esteira os pannos das batinas,
Rendilhados de unção e de bençãos divinas:

É o mundo da Sciencia, o Mundo da Verdade.

Vós que quereis tornar escrava a Liberdade.
Apagar a consciencia, algemar a razão,
Pondo-nos sem vigor p'ra a vida e para a acção,
E por onde passaes, monstros de togas pretas,
Nem os lirios dão flor, nem crescem as violetas,
Ou o jasmim levanta o calix branco e fino,

Fica esteril o chão como a alma do assassino.

Vós, é que não sabeis a entrada d'esse mundo,
Mais extenso que o Ceu, mais bello, mais fecundo!
Pois como poderá comprehender o amor,
Os segredos da luz, os tecidos da flôr,
Quem anda sempre immerso em trevas, macillento,
Orgulhoso de si, na morte o pensamento,
Rogando maldições á Natureza inteira?

Ó padres de Jesus, olhae: a aguia altaneira
Nunca se circumscreve ao ninho em que nasceu:
Escala os montes, desce ao val, percorre o ceu,
Domina o mar, encara o sol, tudo prescruta,
É num anceio immenso, e numa eterna lucta,
Depois de ter sondado as florestas bravias,
E os antros onde echoa a voz das ventanias
E o druida recitava as formulas sagradas,

Morre, cheia de ideal, nas rochas escarpadas.

O homem é maior que a propria aguia altiva.
E, ainda que surgiu tambem na rocha viva,
Sem amparo nenhum, selvagem, desgraçado,
Tendo, em vez de um palacio, um mattagal fechado,
E foi nu, ou envolto em misera roupagem,
Que os mythos concebeu e formou a linguagem,
As leis, as religiões, o governo, a familia,
Em horas de amargura e noites de vigilia,

Não descançou jámais na encarniçada lucta,
Com o silex na mão, atraz da fera bruta,
Errante, hallucinado... e, chaldeu ou egypcio,
Soldado da virtude, idolatra do vicio,
Cavou a terra toda e rasgou todo o mar.

Poeta na velha India, á sombra de um palmar,
Entre as murmurações santissimas do Ganges ;
Na Arabia manejando o ferro dos alfanges ;
Em Roma gladiador ; na Grecia heroe e artista,

Aonde lançou elle a sua larga vista
Que não colhesse logo as palmas da victoria
E désse mais um deus ao pantheon da Historia ?

Em vão arrojareis o hysope contra nós,
E fareis retumbar nos pulpitos a voz
Que annuncia o inferno á geração descrente !

Está comvosco em guerra a mocidade ardente ;
Ella tem dentro da alma a força do vulcão,
Que outra coisa não é a augusta aspiração
Do Direito, da Paz, da Justiça e do Amor !

E pode-se encadear o vento assolador,
Derrubar a montanha e o cedro omnipotente,
Subir pela atmosphera e voar livremente
Como a ave que canta e o raio que dá luz,
Pode-se pôr um dique ás ondas do oceano ..
Mas nunca podereis, ó padres de Jesus,
Reprimir e matar o pensamento humano !

O pensamento avança a passos magestosos,
Anhelante seguindo a estrada do seu rumo,
Derrubando da peanha os santos carunchosos,
Que se esvaem no ar, como ligeiro fumo:
Parece até que mostra um gosto indefinido
Em arrancar a um peito estoico e destemido
Uma crença de avós ou um sonho feliz
Como aquelle que arranca ao solo uma raiz !
E hoje, que elle cantou a gloria das nações
Nas festas immortaes de Pombal e Camões !
Hoje, que elle sustenta um sceptro tão brilhante,
A que se curva o espaço e a fera soluçante,
Como ante o seu rajah os servos do Indostão,
Não deve consentir nesta contradicção :

Que á luz do Sol supremo, o Jesuita obscuro
Vá sentar-se indolente ás portas do Futuro !

Porto, 8 de maio de 1882.

J. Leite de Vasconcellos.

---

O nivel moral e intellectual dos povos está na razão inversa da influencia dos padres. Jaculliot.

---

A religião catholica é contraria a todos os progressos que tentem realisar as sociedades humanas. L. Jourdan.

# Costumes da Beira-Alta

Limitada ao N. pelo rio Douro, que a separa de Tras-os-Montes, e ao S. pelo districto de Coimbra, a Beira-Alta é atravessada por tres grandes linhas de montanhas; a primeira composta do Caramello, a segunda das Serras de Leomil, Santa Helena, Montemuro e Gralheira, a terceira das serras de Ferreira de Aves, Cotta e Manhouce. N'essas montanhas, onde á vista se estendem terrenos e terrenos maninhos, silenciosos, vagos, sobre os quaes, quando o sol espreita por entre as nuvens, estas projectam uma sombra disforme, movediça, como o pensamento, ou quando o nevoeiro os envolve, se vêem errar os vultos phantasticos dos lobos; ahi, digo, nas margens de rios tortuosos, entre enormes massas graniticas e montões de neve, muito assumpto ha para o ethnographo, para o poeta e para o romancista. N'ellas habitam raças semi-barbaras, que ha seculos transmittem de geração em geração um inexhaurivel thesouro de tradições, conservado com o respeito por uma herança de avós.

Descendo da *serra* para a *ribeira*, a vida apresenta outra expansão, posto que presa á antiguidade pelos mesmos laços tradicionaes.

Vizeu e Lamego são as duas povoações principaes da provincia, a primeira, com as lendas heroicas de Viriato: a segunda, com a reminiscencia dos seus regulos arabes,—ambas ainda com os perfumes da Edade-Média.

As casarias dos conventos estendidas no meio dos povoados, os castellos arruinados no alto dos outeiros, os pelourinhos erguidos nos largos das velhas villas, os brazões de armas nos edificios nobres, as fontes e as encruzilhadas cheias de paineis e de cruzes, os templos carcomidos a negrejarem por toda a parte, as construcções antigas, as ruas povoadas de nichos,—tudo isto, á sombra veneravel dos grossos castanheiros, e dos pinheiraes verde-escuros espalhados nos montes, dá a uma grande parte da provincia o aspecto solemne e grave que nos faz olhar para ella como para o passado.

Nas paginas que se seguem vou descrever alguns dos costumes da Beira-Alta, parte lembrança dos tempos infantis. porque

> Esta é a ditosa patria, minha amada.

parte recolhidos no estudo geral que ando fazendo nas tradições populares portuguezas.

Começarei pelas serras da freguezia de Almofalla, hoje no con-

celho de Castro-Daire, limitrophe do de Mondim. As casas são geralmente terreas, paredes nuas, e telhados de colmo. Occupam ás vezes uma pequenissima área, como é vulgar nos povos antigos ou selvagens, dos quaes posso citar para exemplo a Citania no nosso Minho, [1] e os Australios. [2] N'um pequeno terreiro, que outra cousa não são muitas d'estas casas, nascem e desenvolvem-se uma poucas de gerações robustas. A um canto, uma lágea a servir de cosinha, a outro a cama ou camas, e a outro uma caixa, eis a mobilia dos mais pobres. Em volta da casa verdeja frequentemente uma pequena horta plantada de couves.

O trajo diario dos homens compõe-se da jaqueta de saragoça, calça do mesmo tecido ou de linho, chapeu de panno ou de palha, sócos ferrados ou sapatos muito grossos; usa-se tambem a *capucha*, especie de capa formada de uma simples saragoça, sem fôrro nem feitio nenhum, e no cimo, para cobrir a cabeça, uma especie de carapuça feita das dobras do panno. A capucha é trazida por mulheres e homens, e n'estes substitue a maior parte das vezes o chapeu.

No domingo, porém, o serrano despe a jaqueta e veste a *nisa*' semelhante a uma casaca, de botões lisos e amarellos, e tambem de saragoça. Mesmo fóra da serra tenho já visto este trajo domingueiro. Antigamente usavam-se calções cheios de botões pela perna abaixo e continuados por grandes meias escuras. Hoje raro se encontra, e a unica lembrança pessoal que conservo é a de um *bento* que nunca os largava. Este homem de virtude tinha chorado no ventre materno, porque ninguem é *bento* sem tal condição. Todas aquellas povoações por ali em volta, inclusivamente Lamego, o chamavam nas doenças. Elle tinha um ar grave, uma voz pausada e grossa como de propheta,—só gostava muito do liquido de S. Martinho. Quando o rogavam, montava na sua burrinha, punha os alforges adeante, lançava um santo Christo ao pescoço, o lá ia curar a humanidade enferma. As suas receitas não se afastavam das de todos os charlatães: uns chás de hervas seccas, umas bebidas de camizas queimadas dos doentes, umas rezas, e eis tudo. A justiça por varias vezes o tinha interrompido nas funcções sagradas, mas nem o olhar austero do juiz, nem as paredes negras do calabouço, o poderam affastar do caminho seguido. Elle chorára no ventre da mãe; recebia de toda a parte as provas evidentes da sua virtude; ao longe estendiam-lhe os braços: em casa, á porta,

---

[1] Vid. *Observações á Citania do sr. dr. E. Hübner*, por F. Martins Sarmento, Porto 1879, pag. 13.

[2] Vid. *O homem antes da Historia*, por Lubbock, Paris 1867 (trad. fr.), pag. 348.

sempre uma multidão de doentes, como eu presenceei: que mais queria elle? Não costumava receber dinheiro, recebia fructos, carnes. etc.; para isso levava sempre os alforges em cima da burrinha. Outras vezes tambem, os parochos das freguezias corriam-no, e elle, sempre firme na sua missão predestinada, o mais que lhes dizia, era:—*eu cá sou bento, e vós não!*

As serranas vestem egualmente de saragoça, umas saias curtas, umas polainas de lã, e ao pescoço uns largos gorgetes brancos e folhudos.

A riqueza dos serranos consiste nos gados, no centeio, nas castanhas e no carvão. O carvoeiro, com a sua cara rugosa a negra, a sua voz rude, é um typo legendario e entra nos contos populares.

Alguns serranos entregam se á caça e á pesca, indo longe vender os seus productos.

Nas casas ha sempre bom provimento de carnes de porco, mel e queijo.

Homens e mulheres trabalham no campo. Plinio já falla do trabalho domestico das mulheres luzitanas.

Nada ha mais triste do que passar uma d'essas serras da Beira-Alta, na occasião em que n'um lenteiro solitario, á beira de um rio cavernoso, em dias calmos de outomno, ao fim da tarde, pastam os bois e as vaccas. Reina o silencio em toda a redondeza, apenas quebrado pelas quedas d'agua e pelo som metallico dos grandes chocalhos pendentes dos pescoços dos animaes. É este som metallico que põe na paisagem uma tristeza profunda.

Nos maninhos das serras pasta o gado meudo,—carneiros, ovelhas, bodes e cabras. É um pastorinho que o guarda, ou uma mulher, que, em algumas partes da provincia, tem o nome de *doeira*. Parece ainda que estou a ver estas mulheres, de capucha pela cabeça, fiando linho, com a roca á cinta, sentadas, quasi immoveis, sobre um penedo, ou levantando-se a cada passo a pegar n'uma pedra, e *atirar uma lapada* [1] ao gado. *Chiba cá, chiba lá!* gritam ellas de vez em quando ás cabras mais impacientes. Quantas vezes alguma d'essas serraninhas, todas embrulhadas no seu grosso burel, e mal tendo um bocadito do coração aberto ao amor, cantaria a seguinte cantiga que, com outras já ha annos, ouvi nas montanhas da Beira-Alta?

> Ha silvas que dão amoras,
> Ha oitras que as num dão:
> Elle ha homes que são firmes. [2]
> Ha oitros que o num são.

---

[1] *Atirar uma pedrada* diz-se vulgarmente no meu concelho: *atirar uma lapada.*

[2] Nas orações impessoaes emprega-se popular e mesmo familiarmente o pronome elle: *elle chove, etc.*

Nos dias de trabalho não se vê viva alma em ociosidade na serra, as ruas estão solitarias,—e passar pelas povoações equivale a passar por um deserto: só ao domingo é que no adro da egreja, no fim da missa, ou á porta da venda [1] do logar, ha um *rendez-vous* das pessoas mais gradas.

Ninguem se deita sem ter resado em côro, com o resto da familia, o rosario de Nossa Senhora. Em pequeno assisti a uma d'estas rezas, no inverno, á lareira, em Almofalla. Depois da reza contou o *ti Jerómino* [2] alguns casos ultimamente succedidos com os lobos na visinhança. Os lobos ali são temiveis, com especialidade em occasião de grandes nevadas; atacam as casas,—e os povos vêem-se obrigados a fazer-lhes montarias. Tambem, aquelle que mata um lobo, tira-lhe a pelle, empalha-a, e vae com elle por esses mundos a pedir, como se tivesse commettido um acto de enorme heroicidade, o qual precisasse de remuneração.

Os serranos conservam sempre a porta aberta; porta fechada é signal de ausencia da familia,—salvo de noute. [3]

Os dias de festa são verdadeiros dias de gloria nacional. Os parochos exercem o profundo poder sobre aquella pobre gente da serra. Quando os influentes politicos querem os votos dos serranos, não se dirigem a estes, mas aos parochos. Os parochos mandam os parochianos, que, coitados! lá seguem para a eleição, armados do inseparavel vara-pao, sem saber para onde nem para que, como as rêzes para o matadouro.

É-me impossivel descrever todas as festas da serra: por isso vou apenas fallar das *fogaças* do dia da Senhora das Candeias, festividade que vi em Almofalla em 1874, quando eu tinha apenas os meus 15 para 16 annos.

Chamam-se fogaças a *pães de ló* que, em proveito do cofre da Senhora, são postos em leilão e arrematados a quem mais der. Os *pães de ló* são levados para o leilão por donzellas competentemente vestidas de branco e enfeitadas com fitas de côres. O leilão realisa-se no fim da festa, á porta do templo. O arrematante da fogaça

[1] Em vez de *taverna* o povo diz geralmente *a venda*, e em vez de *taverneiro* diz *vendeiro*.

[2] Na Beira Alta, especialmente na serra, o povo chama *tios* ou *tias* ás pessoas mais velhas. *Jerómino* é a fórma vulgar de *Jerónymo*. Na phrase, diz-se *ti* F. em vez de *tio F.*

[3] Cf. os seguintes versos do romance *D. Sylvana* (versão do Porto):

> Foi conde para palacio,
> Pensando no que faria:
> *Mandou fechar seu palacio*
> *Cousa que nunca fazia.*

tem obrigação de comprar no anno immediato outro pão. O leiloeiro veste uma opa vermelha, e, como em todos os leilões das festas d'aldeia, desempenha a sua missão entre chalaças e gargalhadas d'elle e dos circumstantes. Na minha terra, os homens que faziam o leilão, quando tinham de dizer que um objecto fôra arrematado por 25 réis, diziam sempre *vinte ciscos;* tambem chamavam a cada moeda de 5 réis um *babaú,* e em vez de dizerem, por exemplo, um pataco, diziam *oito bâbáus.*

Quem entrar nos templos das nossas aldeias beirãs [1] nota quasi sempre ao lado das imagens, sobre os altares, uma multidão de pernas e braços de cera ou de pau, cabeças, mãos, etc., que os devotos, seguindo ainda as ideias pagans, offerecem aos santos que os *livraram* de certas doenças.

Nos proprios cruzeiros que ha pelas estradas, ou nos nichos que estão nas paredes, longe dos povoados, abundam estas offerendas.

Em Peva, concelho da Moimenta, e nos logares visinhos, quando adoece algum animal, promettem, para elle sarar, conduzil-o em romaria á volta da capella de Santo Antão. Depois, não só cumprem isto, mas levam mesmo carne, etc., de presente ao santo, o que tudo é arrematado em leilão para o cofre da capella.

As ideias religiosas são em verdade um grande alimento dos cerebros das nossas populações.

Na Beira Alta, oito dias antes do dia da festa deitam morteiros, ás trindades da manhã, meio dia e noite; na vespera á tarde vem a musica (quando ella é de fóra) que é esperada pelos rapazes e pelos mordomos a pouca distancia da terra, dando-lhe geralmente vinho á entrada; á noite faz-se a illuminação.

As vesperas das festas, na occasião do fogo, constituem bellas horas de alegria. O local é ordinariamente um souto desviado da povoação. Improvisam-se logo botequins e doçarias em barracas de panno. Bandos de rapazes, armados de páo de choço, percorrem o terreno, tocando e cantando. As mulheres installam-se aos magotes sobre uma parede ou n'uma pedra alta para disfructarem os festejos. Retumba por toda a parte um sussurro confuso de vozes, como de um mar longinquo. Durante todo este tempo, o ceu ostenta-se como uma grande lamina polida, cheia das faiscações dos astros, e a lua vae arrastando pelos espaços estellares um olhar curioso e suave, que se infiltra através das ramagens dos castanheiros e faz que estas desenhem no chão os caracteres de uma hieroglyphica extraordinaria. N'isto sobe o primeiro balão a que o povo chama *mánica* (machina). Palmas, gargalhadas e gritos,

[1] Quando digo *beirãs,* não quero dizer que isto seja exclusivo d'ellas.

acompanham a ascensão aerea. Todos os olhos se voltam acto continuo para o ar, e seguem com toda a circumspecção as menores oscillações, os menores movimentos do humilde aerostato, até que, nas regiões elevadas da atmosphera, elle se confunde com o brilho apparentemente pequeno das estrellas. Começa então a musica, a foguetaria, e, para corôa de tudo, o fogo preso, ou, como o povo diz, as *árbes de fogo.* Entretanto, o rapazio espinoteia de banda para banda procurando cannas de foguetes, — e o espaço borrifa-se de um chuveiro de luz meuda e caprichosa, como lagrimas de alguma divindade de um olympo antigo. Depois que este movimento cessa, a aldeia cobre-se outra vez da sua paz e monotonia habitual. Nada perturba o silencio dos campos, excepto algum sapo chocalhando ao longe sobre as lameiras marginaes dos rios, ou algum cão ladrando nos portaes das eiras e das tapadas, para afugentar os ratoneiros nocturnos.

No dia da festa quasi todas as pessoas vestem um trage completo ou pelo menos um objecto novo, e assim se agglomeram nas janellas, varandas, peitoris, palanques, comoros, para verem desfilar a procissão.

Costuma-se em Mondim, n'uma festa annual que se ahi faz a Santa Barbara (*Santa Bárbura*), pendurar nos andores os primeiros cachos de uvas do anno, que ás vezes se vão buscar ao Douro. Este costume é identico ao de dispôr nos altares, em volta das imagens, muitos ramos de giesta com os primeiros casulos de seda. Temos aqui um vestigio evidente das primicias pagans ás divindades.

De tarde, depois dos andores estarem recolhidos, de se terem extinguido nos ambitos do templo as ultimas nuvens de incenso, de os senhores reverendos, com a camisa desabotoada e o peito ao léu, terem sorvido o ultimo golle e limpado a testa humedecida com o suor do sermão e da missa cantada — começa a festa profana do povo, o *descante.*

Duas alas parallelas de rapazes e raparigas dançam a chula; o rabequista mais afamado dos arredores faz gemer a rabeca, acompanhado da viola, dos *férrinhos,* do zabumba, das castanhetas, e das modas alegres e repenicadas do cantador.

Especialisando o assumpto, fallemos da romagem de Santa Combinha que se festeja no logar de Santa-Comba, em dia do Espirito-Santo[1]. Santa Combinha advoga o gado lanigero, e por isso lhe

---

[1] *Combinha,* deminutivo de *Comba* deriva do lat. *Columba* (cf. fr. *colombe*) e está ao lado de *pomba* e de *palomba* e *palombinha* (cf. castelh. *paloma*) num romance popular transmontano:

leva o povo um *guedêlho de lã*, cujo valor reverte, segundo me dizem, em favor do templo e do padre. Convem notar de passagem as coincidencias da festa de Santa Combinha com a do Espirito-Santo (uma pomba). Eis aqui algumas cantigas que se cantam por occasião da romaria, e que eu devo ao obsequio de um meu condiscipulo beirão:

— Senhora Santa Combinha,
Quem vos trouxe a Santa-Comba?
— As meninas de Mortagua
Numa barquinha redonda.

Senhora S. Combinha,
A vossa capella cae.
Ajuntae as moças todas,
Tirae-lhe a telha, tirae.

Senhora Santa Combinha.
Que lá mora no altinho,
Por maior que seja a calma,
Sempre lá corre ventinho.

Uma das romarias mais notaveis da Beira é a da Senhora-da-Lapa-de-Longe, á qual concorre gente de terras muito afastadas. Vão os parochos das respectivas freguezias com as cruzes e os parochianos, pelo menos uma pessoa de cada casa. Ainda me lembro muito bem de ver passar na minha aldeia batalhões de homens e mulheres, pressurosos, anhelantes, com uma fé viva em ir visitar o penedo debaixo do qual, segundo a lenda, appareceu a imagem da Senhora. Na volta, porém, é que estes adjunctos tem mais graça. Quando entram nas povoações que lhes ficam no caminho, vem sempre a dançar. Os romeiros, de calça clara, jaqueta ao hombro, lenço branco em volta do pescoço para enxugar o suor, um ramo artificial, e um papal, chamado *registro*, com a imagem, pregado no chapeu, fazem tremer as castanhetas com as mãos no ar; as romeirinhas, com as suas *veneras*, pregadas no peito, os dedos carregados de anneis de prata e de vidro vermelho, arfando-lhes os seios como duas ondas, e a face córada como uma rosa, ensaiam as gargantas sonoras em cantigas no gosto d'esta:

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa e da Lapinha:
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

A capital do meu concelho, Mondim da Beira, tem nas chorographias antigas (e é assim conhecida ao longe) o nome de *Mon-*

---

Ó palomba, ó palombinha,
Mal soubeste apalombar:
Hoje te cortam a lenha,
Ámanhã te vão queimar, etc.

*Palomba* e *pomba* são fórmas de *palumba*.

*dim das meias*, porque uma das industrias mais notaveis das mulheres de lá é o fabrico das meias. Quando passam os romeiros para a Lapa, as velhas da terra apresentam um estendal de meias e carpins ou cothurnos, que aquelles compram. Resulta sempre então um bello negocio para os mondinenses, que gastam o tempo *escarmeando*[1], cardando e fiando a lã, materia prima das meias. Raro se encontrará em Mondim uma mulher do povo que não esteja *fazendo na meia;* mas é nos *serões* que essa industria recebe um verdadeiro desenvolvimento. Quem quizer conhecer a litteratura popular, frequente os serões, porque ahi as historias, cantigas, romances, adivinhas constituem o encanto das noites. Eis, para amostra, uma oração ouvida n'um serão (Taboaço):

Estando eu á minha porta
Com tres horas de serão,
Vi passar Nossa Senhora
C'um cordão d'oiro na mão;
Eu pedi-le um bocadinho.
Ella dixe-me que não;
Eu tornei-l'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão;

Ó beato Sant'Antónho,
Binde bêr o meu cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora
Domingo da Surreição;
Dá-me tres voltas á cinta.
Oitras tres ó coração;
Dae-me mais um bocadinho,
P'ra chigar do ceu ao chão.[1]

As mulheres constituem o serão, formando uma roda sentadas, e tendo no meio, ou pendurada do tecto, se é n'uma loja (o mais vulgar), ou n'um velador, se é n'uma sala, a candeia, para cujo liquido cada mulher concorre com uma pequena quantia. O trabalho dos serões é muitas vezes interrompido por alguma tocata de rapazes divertidos.

Seja-me permittido este parenthesis a respeito dos serões e continuarei com as festas.

A procissão do Corpo de Deus era antigamente de um apparato extraordinario, e parece até que a apotheose da industria medieval. Em Briteande, extincta villa do concelho de Lamego, conservava-se ha annos, e não sei se ainda hoje, a tradição de que n'outros tempos, na procissão do Corpo de Deus que lá se fazia, iam umas mulheres da proxima povoação de Perafita, chamadas *pélleiras*, a dançar na frente, tocando pandeiretas. Este facto considerava-se como desprezo, e o tal emprego das *pélleiras* dizem que pertencia só a uma certa familia.

---

[1] *Carmeando.* O povo accrescenta *s* ou *es*, e assim diz mais *esfallecer*, *esconjurar*, etc.

[1] No verso 14, escrevi *ó* em vez de *ao* porque muitas pessoas illustradas dizem *au* = *ao*, em quanto que a pronuncia popular ordinaria é a primeira. Tanto nos antigos escriptores, como em gallego, se encontra *ó* = *ao* (corresponde a *á* = *aa*).

Já que fallei em Briteande convém referir-me aqui á grande tendencia que o povo tem para explicar tudo. A etymologia popular explica assim a origem de Briteande. Era uma vez um rei que passou por aquelle sitio na occasião em que um lavrador andava a varejar uma nogueira. O pobre homem offereceu nozes a um dos da comitiva real, e como este acceitasse. o rei disse-lhe :—«Conde, *brite e ande.*» D'aqui o nome da povoação.—Agora me occorre outra etymologia popular da povoação de Crescido, ao pé de Castro Daire. Um rei que visitou um certo fidalgo, exclamou ao reparar no desenvolvimento physico de um filho do fidalgo : — «Ah ! está *crescido !*»—Existem muitas lendas semelhantes em todo o paiz, e uma cousa curiosa é que n'ellas entram frequentemente reis e altos personagens.

A proposito de explicações, vem de geito esta conhecida phrase *noites de Lamego*, que se interpreta assim : Um viajante hospedou se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armario com queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armario era uma janella, abriu-o, e como não visse luz e elle lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse: «É muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.» E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia, se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por *as noites de Lamego serem tão compridas.*

(Segue.) J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

## A espada e o syllabus

Entre a espada. que representa a brutalidade, e o syllabus, que representa a treva, ha essa attracção rasteira, canibal, do que é criminoso. Servem-se na capula hedionda, confraternisam na cumplicidade suja.

Os dois algozes do espirito moderno são elles ; elles que o assassinam, que o vampirisam, que o esmagam. O soldado e o padre ; Allemanha e Roma ; Papa e Cesar. Um faz emmudecer ; o outro cega ; ambos attrophiam. Nossos eternos e insaciaveis inimigos, inimigos de todo o progresso e de toda a ordem consciente. Contra os seus accintosos e ultimos baluartes invistamos com tenacidade, com disciplina. A espada, espedacemol-a debaixo do malho da Industria, o syllabus affoguemol-o sob os raios vividos da Sciencia. Ataquemol-os em todos os campos, usemos das grandes

armas que trazem em seus lampejos a redempção e a paz. Em cada altura ganha, levantemos uma Exposição, abramos um Congresso e casemos estes dois focos sob a patronagem santa de um grande vulto humano. Tenhamos um Centenario.

Atacarmos porém a espada e o syllabus n'esse vago sentimentalismo doutrinario é derrubarmos o grande monolitho a balas de espuma. Precisamos de processos rapidos sem deixarem de ser racionaes, logicos, scientificos. Extirpemos o mal onde elle se localisa. Sabemos perfeitamente que ha uma fórma politica nociva, que derruida levará em seu naufragio as torpezas onde assenta. Essa fórma politica é a realeza; é seu representante, o rei. Dirijamos portanto nossas energias, directamente contra o inimigo que se apoia na espada e que se santifica no syllabus. Cahiâmos sobre a realeza, eliminemol-a. Morta ella, a espada não comprehenderá o syllabus, quebrarão esse laço que os fortifica, e que nos opprime. Sem o auxilio mutuo da corôa elles se pulverisarão ao primeiro embate. Faltar-lhes-ha o ponto de apoio.

O soldado será operario, industrial; o padre será professor, sabio. Ambos serão cidadãos; de parasitas, de sanguesugas transformar-se-hão em actividades, em nucleos productores. Não será um, o acido dissolvente na moral social; não será o outro, o principio negativo na moral intellectual. Teremos—trabalho, com o engrandecimento da industria; progresso, com o levantamento da sciencia; ordem, com a sagração dos centenarios, isto é, da paz realisada pela solidariedade. Humanisemo-nos para emanciparmonos.

Por isso, lutando frente a frente, tenazes e firmes contra a espada e contra o syllabus, para a completa solução da equação moderna, comecemos por eliminar-lhe esse termo —a realeza. Eliminemol-a já, hoje, que ámanhã succumbirão o soldado e o padre. A espada e o syllabus deixarão de ser uma affronta, para entrarem nos apontamentos pingues dos eruditos de gabinete.

Hugo Leal.

---

# Biographias

## Manoel Fernandes Thómaz

### V

Amanheceu o dia 24. Cabreira mandou formar a artilheria no campo de Santo Ovidio, e depois de ouvir missa annunciou á cidade a revolução por uma salva de 21 tiros. A' mesma hora Se-

pulveda e Gil chamavam ás armas os regimentos 6 e 18 para irem reunir-se a Cabreira. Infanteria 6 recusou-se por algum tempo a sair sem ver á sua frente o coronel Grant, que era muito estimado, mas resolveu-se por fim a acompanhar o tenente-coronel Gil. Chegando a tropa ao campo de Santo Ovidio, os commandantes formaram um conselho de guerra, dirigiram uma proclamação aos soldados e officiaram ao juiz de fóra do civel para convocar sem perda de tempo a camara municipal.

Ás 8 horas da manhã reuniram-se nos paços do concelho os quatro vereadores, o procurador do concelho, o escrivão. o syndico, o juiz e o procurador do povo e as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, tendo á sua frente o general Canavarro e o bispo do Porto. Os membros do conselho militar, expondo a situação critica em que se achava o paiz, sujeito a qualquer movimento anarchico, mostraram a necessidade de salvar a nação e propozeram que se formasse uma junta provisoria, «depositaria do supremo governo do reino,» a qual *governando em nome do senhor rei* e *mantendo a sagrada religião catholica romana*, convocasse côrtes representativas para «n'ellas formar uma constituição adequada á nossa santa religião, aos nossos bons usos e ás leis que na actualidade das cousas nos convêm.» Os bons revolucionarios receavam passar por inimigos do rei e da religião e apresentavam-se como salvadores da patria que se despenhava no abysmo da anarchia! Mantendo o *senhor rei* e a *santa religião*, tudo o mais se podia reformar, tudo era susceptivel de ser modificado pela constituição.

Os membros que deviam formar a junta eram: Antonio da Silveira Pinto, presidente, Deão Luiz Pedro de Andrade Brederode, Pedro Leite Ferreira de Mello, Francisco de Sousa Cirne de Madureira, Manoel Fernandes Thomaz, Fr. Francisco de S. Luiz, João da Cunha Sotto-maior, Xavier d'Araujo, Castro e Abreu. Roque Ribeiro d'Abranches Castello Branco, José Joaquim de Moura, José Manoel de Sousa Ferreira de Castro e Francisco José de Barros Lima. Secretarios com voto: Ferreira Borges, Silva Carvalho e Francisco Gomes da Silva. A camara officiou logo a todos estes individuos para que reunissem e formassem a junta. Entretanto na praça nova (hoje de D. Pedro), era enorme a concorrencia de povo, que soltava enthusiasticos vivas e acclamava a revolução.

Apenas os cavalheiros mencionados receberam as cartas de convite, reuniram-se n'uma das salas baixas dos paços do concelho e constituiram a junta provisoria do governo. dando começo aos seus trabalhos. Publicaram o manifesto á nação, remetteram circulares ás auctoridades civis e militares das provincias, participando o occorrido e convidando-as a prestarem obediencia ao novo governo, escreveram á regencia notificando-lhe a causa e os fins da revolução: decretaram a creação de um thesouro publico. no Porto,

para receber a receita do estado e satisfazer a todas as despezas. etc.

Os governadores do reino, ao receberem a noticia no dia 29, publicaram uma proclamação, em que protestavam contra os actos da junta, e qualificavam a revolução como *o resultado da conspiração de alguns mal intencionados e preversos*. Tres dias depois, dirigiram ao paiz novo manifesto em que annunciavam que «usando das faculdades extraordinarias que lhes eram concedidas por suas instrucções em casos urgentes,» iam convocar as côrtes. A regencia, vendo a sua causa perdida, começava assim a ceder o terreno aos revolucionarios, e em breve tentou entrar em negociações; primeiro participou á junta que mandara proceder á eleição de procuradores a côrtes e que a tornava responsavel de tudo o que podesse succeder; e em seguida mandou o general Povoas a Coimbra para contractar com ella, que vinha já em direcção de Lisboa. A junta, porém, não quiz recebel-o e ordenou-lhe que se retirasse da cidade.

Na manhã do dia 15 de setembro, infanteria 16 saiu do quartel e dirigindo-se ao Rocio proclamou a revolução, adherindo logo a este movimento todos os corpos da capital. Juntou-se gente e na presença do juiz do povo e do seu escrivão acclamou-se um governo provisorio.

Não entraremos em promenores sobre a vinda da junta provisoria, da cidade do Porto para Lisboa, e das dissenções que por duas vezes se levantaram por causa de Antonio da Silveira; nem nos occuparemos aqui da rivalidade que se estabeleceu entre o governo revolucionario da capital e o que vinha do Porto, rivalidade que terminou pela juncção d'ambos n'uma só junta suprema, dividida em duas secções.

Em 5 de outubro entraram em Lisboa as tropas que haviam proclamado a revolução na segunda cidade do reino e foram recebidas com geraes demonstrações de alegria. A junta participou immediatamente a D. João VI os acontecimentos ultimos e pediu-lhe para regressar á Europa. Poucos dias depois voltava Beresford do Rio de Janeiro, mas não lhe foi permittido desembarcar, nem ter qualquer communicação para terra, apesar de trazer poderes illimitados do monarcha; e foi obrigado a sair para Inglaterra, porque o povo amotinado queria lançar fogo ao palacio, onde suppunha estar elle escondido.

A junta provisoria proseguia entretanto nos seus trabalhos e discutia a fórma das eleições, ás vezes no meio do maior tumulto, resolvendo por fim, em 31 de outubro, que o suffragio fosse indirecto, escolhendo o povo os eleitores e estes os deputados em numero de cem, e quarenta substitutos. As primeiras eleições fixaram-se para o dia 26 de novembro, e as dos deputados para 3 de dezembro.

Os animos, porém, não estavam socegados e eram muitos os descontentes, principalmente no exercito. Antonio da Silveira ateiava o fogo. No dia 11 de novembro houve uma revolta militar, ás horas em que se deviam reunir os membros da junta; a tropa acclamou a constituição de Cadix como base para a constituição portugueza, elegeu seu commandante Gaspar Teixeira e impoz ao governo quatro novos membros. A junta curvou-se a todas as imposições, mas dois dias depois deram a sua demissão Fernandes Thomaz, Fr. Francisco de S. Luiz, Ferreira de Moura e Braamcamp de Sobral. Fernandes Thomaz tivera conhecimento do que se tramava, podia prender os chefes, mas não seria apressar a revolução? Preferiu esperar a reunião do congresso; mas os adversarios anticiparam-se. A sahida d'aquelles quatro homens dignos, e principalmente a de Fernandes Thomaz, muito estimado do povo, produziu impressão e desgosto em toda a cidade; ás 6 horas da manhã do dia 17 começou a juntar-se a multidão em frente da casa do grande patriota, dando-lhe vivas e pedindo-lhe para voltar para o governo; os mais insoffridos invadiram a escada. Fernandes Thomaz e Borges Carneiro, que estava em sua companhia, sahiram, levados quasi ao colo, e metteram-se n'uma carruagem; era enorme o enthusiasmo: muitos archotes illuminavam esta scena e os vivas atroavam os ares; quizeram tirar os tirantes da sege, mas Borges Carneiro não o consentiu, teve de fallar á turba, teve de lhe pedir que o não fizesse porque Fernandes Thomaz era muito doente e tantos obsequios populares mortificavam-o. Foram em marcha triumphal desde o Calhariz até ao Rocio. O ajuntamento aqui era numeroso; os vivas eram incessantes e vinham de todos os lados. Subiram para o palacio do governo nos braços do povo e tiveram de sair á varanda para agradecerem tão imponente manifestação. Todos os membros demittidos tornaram a occupar os seus logares, Gaspar Teixeira recebeu a demissão e o presidente da junta, Antonio da Silveira, teve ordem para sair em 24 horas para a sua quinta de Canellas.

(Segue.) TEIXEIRA BASTOS.

## As arvores e as abêlhas

(Conto oriental)

Um grande principe, que via afundar-se o seu reino sem atinar com a causa, viajava pelo mundo para estudar as diversas fórmas de governo.

Visitando todos os estados e interrogando sobre as suas insti-

tuições, que em tudo achava similhantes ás do seu reino, disse com certa magoa:

— Não valia a pena para isto deixar o meu sceptro nas mãos d'extranhos.

Ouvia sempre os mesmos queixumes dos povos opprimidos, afflictos, as mesmas invectivas contra os grandes e poderosos, contra os reis e imperadores.

Elle, que tinha uma grande alma e ouvia constantemente os gemidos do seu povo, desejava do intimo tornal-o feliz, livrando-o d'uma oppressão de seculos e modificando as barbaras leis do seu paiz.

Não encontrara em parte alguma um bom exemplo; nenhuma instituição lhe agradara para a imitar.

Já regressando á pátria, muito desconsolado e disposto a não mais abandonar o throno, teve de atravessar um deserto immenso.

Apeando-se para descançar á sombra d'uma arvore frondosa, ouviu uma voz dizer-lhe:

— Caminha e segue-me.

Uma cousa informe bolia no ar, e elle seguiu-a.

— Fica-te ahi e medita.

Haviam chegado a um sitio onde se ouvia o rumor dos vivos. Aqui, um jardim encantador, uma vegetação rica, que lhe poz a alma em adoração pantheista; acolá, umas ruinas funebres, umas arvores mirradas, tristes, proximo a definharem-se. D'um lado a vida, com todas as suas palpitações; do outro, a morte com a sua fealdade.

— Ah! como é bella a natureza quando a vida lhe sorri! — exclamara o principe, sentindo a alegria e a frescura das plantas.

— Mira aquellas arvores e aquellas colmêas — tornara a cousa informe.

E desappareceu.

O principe interrogou d'este modo as arvores que se definhavam:

— Qual a razão porque sendo vós visinhas fronteiras d'aquelle jardim encantador, pareceis morrer, ao passo que a vegetação d'elle parece querer subir ao céo n'uma vitalidade surprehendente?

As arvores responderam:

— De nós, que temos por senhor um descendente do propheta, ninguem faz caso, permittindo-se que estas malditas plantas parasitas que se enroscam no nosso corpo e nos nossos braços, nos suguem pouco a pouco o nosso sangue. Todos os organismos que alimentam parasitas, morrem. Somos como as nações que os conservam.

O principe abaixou a cabeça e poz-se a scismar.

Voltando-se para as arvores frondentes do jardim, fez egual pergunta.

Ellas responderam em voz fresca, saudavel:

— Nós temos por dono um homem laborioso que nos visita todos os dias, que nos rega, enchendo as nossas raizes de frescura, não consentindo que qualquer parasita galgue o nosso corpo e sugue a nossa seve. Se somos viçosas e admiradas pelos que passam, devemos essa felicidade ao nosso bom senhor, que nos trata a custo do suor do seu rosto. Podemos assimilhar-nos ás nações florescentes por uma sabia administração, livres dos parasitas sociaes.

O principe abaixou outra vez a cabeça e poz-se a scismar.

N'este tempo passou um enxame de abêlhas, zumbindo alegremente:

— Matemos, matemos os mandriões,— disseram, correndo para o cortiço.

O principe deteve-as.

— Olá! — disse elle.

— Que queres tu? — responderam ellas todas a uma voz.

— Quero a explicação d'essa grande matança que ides fazer.

— E' facil. Nós trabalhâmos como umas negras, ao passo que nas nossas colmêas vive na ociosidade uma sucia de individualidades. Matamol-os porque são inuteis, porque com elles não podemos prosperar.

O principe ficou ainda pensativo.

Caminhando sempre, passou por dois pequenos estados que se miravam.

Um mostrava-se florescente; não tinha exercito permanente, nem rei nem sacerdotes; era uma republica. O outro jazia na decadencia, arruinado por um poder despotico rodeado de aulicos e vivendo com todo o esplendor asiatico. O povo gemia, emquanto os grandes parasitas sociaes se regalavam na sua vitalidade: era um reino.

Então o principe, recordando-se das arvores e das abêlhas, achou em si mesmo a causa dos grandes soffrimentos do seu povo, tendo de calar no intimo d'alma esta grande lição que lhe não servia.

REIS DAMASO.

---

## Tradições populares do Algarve

### ROMANCES

#### A MORENA

— Abre a porta, morena,
Abre a porta, minh'alma.
— Como te'heide abrir a pôrta
Meu frei João da minh'almá,

Se tenho meus filhos ou peito
E meu marido á ilharga?
Levanta-te, marido meu,
Pega nos cães, vae á caça:
Não ha melhor caçada
Que a da madrugada.
Seu marido que saía
Morena que se aprompta va
Com sua meia de seda
Que na perna lh'estalava.
Com seu sapato de setim
Que no chão não lhe tocava.
Com seu vestido de seda
Que a todos invejava,
Com sua capa de *moirè*
Que o vento levava.
Chegando ao convento
Por frei João perguntava.
Frei João, que isto ouviu,
Se havia de correr, saltava;
Pegou-lhe na sua mão
Levou-a p'ra sua cella,
Dando-lhe beijos e abraços
E bocadinhos de marmellada.
— Vae-t'embora, Morena,
Vae-t'embora, minh'alma:
Pode teu marido vir
E achar a porta fechada.
Morena que saía
Seu marido que encontrava.
— Da onde vens, ó Morena,
Que vens tão orvalhada?
— Eu venho da missa nova
Com ella venho consolada.
— Anda lá mais para diante
Que uma facada levarás.
— Não se me dá de morrer
Nem tão pouco de acabar.
Só se me dá das contas
Que a Deus tenho que dar:
E tambem de meus filhos
Que outra mãe não hão-de ter.
— Toma lá esta facada
Ao lado do coração.
Para não dares beijos e abraços
Outra vez em frei João.

Faro.

O CEGO

— Fecha a tua porta
Abre o teu postigo.
Dá-me cá o teu lenço
Qu'eu venho ferido.

— Se tu vens ferido
Vinde muito embora;
Qual é o vadio
Que anda a est'hora!

— Levanta-te, Annica,
Mais um bocadinho,
A um pobre cego
Ensina o caminho.
S'elle te pedir pão
Dá-lhe pão e vinho.

— Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho,
Quero só que Anna
Me ensine o caminho.
— Eu já estou em anagoa
P'ra ir p'ra câma.
Qual é o vadio
Que a esta hora anda?

— Levanta-te Annica
Mais um bocadinho.
A um pobre cego
Ensina o caminho.

— Adeus minhas casas,
Adeus minhas janellas,
Adeus minha mãe
Que tam falsa me eras.
Por duques e marquezes
Me vi perseguida,
Por um pobre cego
Me vejo rendida.
Eu d'onde estou bem vejo
Os palacios d'El-Rei...
— Anda p'ra diante, Annica,
Qu'eu te coroarei.

Lagóa.

---

## D. CARLOS DE MONT'ALVAR

(Variante I)

Estando D. Galançua
Pela sua varanda a passeiar,
Por alli passou D. Carlos,
D. Carlos de Mont'Alvar.
—Que linda menina esta
Para commigo brincar!
—Brincaria toda a tarde
Se te não fosses gabar.
No outro dia pela manhã
Ao bilhar se foi gabar:
—Eu brinquei com uma menina
Que no mundo não ha tal.

Olharam uns para os outros:
—Quem será, quem não seria?
— É D. Galançua, filha d'El-rei Cardeal.
—Pelas minhas barbas juro
Que ao pae hei de ir contar.
Aqui venho, ó seôr rei,
Tristes novas lhe quero dar:
Sua filha Galançua
Com D. Carlos foi brincar.
—Se não tivesse lenha colhida
Já a mandava matar,
Como tenho lenha colhida
Já a mando queimar.
—Não se me dá de morrer
Nem tam pouco d'acabar.
Só se me dá do meu ventre
Que leva sangue real;
Tenho aqui uma carta,
Não tenho quem m'a vá levar.
Veio um anjo do céo á terra:
—Senhora, eu vou levar.
—Se o achares dormindo
Deixae-o accordar,
Se o achares jantando
Deixae-o acabar.
Em tam boa hora foi
Que o achou a passeiar.
Logo que pegou na carta
Logo se poz a chorar.
—Corram, corram, meus creados,
Os que estão aos meus mandados.
A ferrar os meus cavallos
Com ferraduras de bronze.
Que esta noute, toda a noute,
Quinze leguas teem que andar.
Chegando ao convento
Onde ella ia a queimar:
—Arreda, justiça, arreda,
Senão faço-a arredar,
Que essa menina que ahi vae
Inda vae por confessar.
—Se sois vós o confessor
Ide-a já a confessar.
No meio da confissão
Um beijo lhe quiz dar.
—Não permitta Deus d'Arcello
Nem a sua corôa real,
Que mais ninguem me ponha a bocca
Senão D. Carlos de Mont'Alvar
Que da morte me veio livrar.

Lagôa. REIS DAMASO.

---

A verdade suffoca-se quando aspira o ar da lisonja; por isso difficilmente atravessa as antecamaras dos monarchas.

# A origem da Sciencia

(Continuado de pag. 169.)

Assaltado pela morte no meio dos seus grandes projectos, Alexandre falleceu em Babylonia antes de ter completado trinta e tres annos (323 antes de J.-C.). Suppoz-se que tinha sido envenenado. Seu genio tornara-se tão insupportavel, suas paixões tão ferozes, que seus generaes e até os mais intimos amigos d'elle viviam em continuo temor; n'um momento de colera tinha dado a morte a Clito, que era um dos ultimos. Callisthenes, que servia habitualmente de intermediario entre elle e Aristoteles, assevera alguem bem informado e d'um modo positivo, que fôra por ordem sua exposto sobre a roda e depois crucificado. Talvez que os conspiradores não procurassem na sua morte senão a propria salvação. Seria portanto uma calumnia imputar a Aristoteles cumplicidade no crime; melhor do que associar-se áquelle assassinato, teria soffrido todos os tormentos que Alexandre houvesse por bem querer infligir-lhe.

Um quadro de anarchia e sangue derramado succede a este triste acontecimento. Não cessou o mal com a repartição do imperio. No meio de todas estas vicissitudes, prende-nos a attenção um incidente. Ptolomeu, filho de Philippe e de Arsinoe, sua formosa concubina, o qual em sua juventude compartilhára o desterro de Alexandre quando incorreram no desagrado de seu pae, e que tambem tinha sido mais tarde seu companheiro nos perigos das batalhas, foi nomeado governador e eventualmente rei do Egypto.

No sitio de Rhodas, Ptolomeu tinha prestado serviços tão assignalados a todos os habitantes, que estes no fervor do seu reconhecimento lhe prestaram as honras divinas. Tinham-lhe dado o sobrenome de Soter (Salvador); e por Ptolomeu Soter se distingue dos outros reis macedonios que lhe succederam no throno do Egypto. Não estabeleceu a côrte do seu governo nas antigas capitaes dos Pharaós, mas sim na nova cidade de Alexandria. Na época da sua viagem ao templo de Jupiter Ammon, o conquistador dera principio á fundação d'esta cidade, prevendo que chegaria um dia a ser o grande imporio commercial da Europa e da Asia.

E' mister notar, não sómente que Alexandre levou ali judeus da Palestina para formar o primeiro nucleo da sua população, que não sómente Ptolomeu Soter enviou cinco mil depois da tomada de Jerusalem, senão que Ptolomeu Filadelpho, seu successor, resgatou cento noventa e oito mil escravos judeus que pertenciam a egypcios, e lhes conferiu os mesmos privilegios que disfructavam os idadãos macedonios: este tratamento sobre modo favoravel attra-

biu os seus compatriotas dispersos, e muitos syrios acudiram ao Egypto; denominaram-os judeus-helenos. Tentados egualmente de viver debaixo do paternal governo de Soter, grande multidão de gregos buscou um asylo em seu paiz, e nas invasões de Perdiccas e de Antigone se viu os soldados desertar para se apresentarem no campo de Ptolomeu.

A população de Alexandria compunha-se, pois, de tres nacionalidades distinctas: os naturaes, isto é, os egypcios, os gregos e os judeus. Esta circumstancia tem influido profundamente na fórma que tem tomado a religião da Europa moderna.

Os architectos e os engenheiros da Grecia tinham feito de Alexandria a cidade mais formosa que houve no mundo Tinham-a povoado de templos, de palacios, de theatros magnificos; em seu centro, no ponto do cruzamento das duas vias principaes que se cortavam em angulo recto, no meio de jardins, de fontes e obeliscos, elevava-se o mausoleu onde repousava o corpo de Alexandre, embalsamado á egypcia. Fôra este trazido com a maxima magnificencia desde Babylonia, no meio d'um cortejo funebre que não se demorára menos de dois annos no seu trajecto. O feretro fez-se primeiramente de ouro de lei, mas depois fez-se de alabastro, temendo-se que o brilho do ouro fosse mo'ivo para violação da tumba. Porém, nem estas magnificencias, nem ainda a maravilha dos seus pharoes de marmore branco tão altos que as luzes n'elles collocadas se viam a uma distancia prodigiosa, merecem deter a nossa attenção. O verdadeiro e glorioso monumento dos reis egypcios é o Museu.

A influencia d'esta fundação far-se-ha sentir no mundo ainda quando as Pyramides se hajam reduzido já a pó.

Foi começado o Museu de Alexandria por Ptolomeu Soter, e continuado por seu filho Ptolomeu Filadelpho. Estava situado no Bruchião, o bairro aristocratico da cidade, contiguo ao palacio do rei, construido de marmore e no centro d'uma praça, na qual passeiavam os cidadãos, conversando. As suas salas esculpidas encerravam a bibliotheca filadelphiana com uma quantidade innumeravel de estatuas e quadros. Mais tarde, e sendo já minguado o espaço para o numero de volumes, estabeleceu-se outra bibliotheca no templo de Serapis, situado no bairro adjacente de Rhacotis; n'esta, que se chamava a filha do Museu, contavam-se quiçá 300:000 volumes. Havia, pois, cerca de 700:000 volumes n'estas duas reaes collecções.

Alexandria não era sómente a capital do Egypto: era a metropole intellectual do mundo. Ali, tem-se dito com verdade, tinha-se encontrado o genio do Oriente com o genio do Occidente. e este Paris da antiguidade chegou a ser um foco de dissipação, de luxo e de scepticismo. Entre as seducções da sua vida social os mes-

mos judeus se esqueceram da sua patria querida, abandonaram a lingua de seus paes e adoptaram a grega.

Tres foram as intenções de Ptolomeu Soter e Ptolomeu Filadelpho ao estabelecerem o Museu:—1.º, conservar os conhecimentos adquiridos; 2.º, accrescental-os; 3.º, divulgal-os.

1.º Para conservar os conhecimentos adquiridos, ordenou-se ao primeiro bibliothecario que comprasse sem distincção todos os livros existentes! Mantinha-se no Museu um corpo de copistas encarregados de reproduzir correctamente todas as obras de que seus proprietarios não se quizessem desfazer. Todo o livro que entrava no Egypto, devia em seguida ser levado ao Museu; fazia-se d'elle uma copia exacta, a qual se dava ao possuidor da obra, e guardava-se o original; juntava-se á copia uma indemnisação pecuniaria. Disse-se que Ptolomeu Evergetes, havendo obtido que lhe enviassem de Athenas as obras de Sofocles, de Euripedes e de Esquillo, deu ao proprietario dos manuscriptos originaes, cerca de quinze mil escudos e bellissimas copias. Ao regresso da expedição da Syria, levou em triumpho de Ecbatana e de Suza todos os monumentos egypcios que Cambises e outros conquistadores da Asia tinham arrebatado ao Egypto; estes objectos foram collocados nos seus antigos logares ou consagrados á ornamentação do Museu. Quando as obras, em vez de serem sómente copiadas eram traduzidas, pagavam-se sommas fabulosas, como aconteceu com a versão dos *Setenta*, feita por ordem de Ptolomeu Filadelpho.

2.º Para accrescentar os conhecimentos. Uma das principaes condições do Museu era servir de asylo a certo numero de homens consagrados ao estudo e que eram mantidos e alojados á custa do rei. Algumas vezes vinha elle mesmo sentar-se á sua mesa. Tem-se conservado mais de uma anecdota com relação a este assumpto. Na organisação primitiva, estavam divididos os residentes em quatro faculdades: bellas lettras, mathematicas, astronomia e medicina. Os ramos da sciencia que saiam d'estes quatro troncos ficavam unidos a elles. Um personagem publico importante, tinha a superintendencia do estabelecimento e o cuidado dos seus negocios. Demetrio de Falerio, talvez o homem mais sabio do seu tempo, e que tinha sido durante muitos annos o governador de Athenas, foi o que primeiro teve aquelle emprego. Ás suas ordens estava o bibliothecario, e este era quasi sempre um homem cujo nome devia passar á posteridade; por exemplo: Eratosthenes e Apolonio de Rhodas.

Junto ao Museù havia um jardim botanico e zoologico. Este jardim, como a sua denominação indica, servia para facilitar o estudo das plantas e animaes. Tambem existia um observatorio provido de espheras armilares, de globos, de solsticios, de circulos equatoriaes, de regras paralacticas, em summa, de todos os instrumen-

tos então usados, cujas divisões eram em graus e em segundos. Sobre o tablado d'este observatorio estava traçada uma meridiana. Sentia-se grandemente a falta d'um methodo exacto para medir o tempo e a temperatura. O clepsidro de Ctesibius respondia mui imperfeitamente á primeira d'aquellas necessidades; o hydrometro fluctuando n'um vaso de agua, não satisfazia melhor a segunda: media as variações da temperatura por as da densidade.

Filadelpho, que até ao fim de sua carreira teve medo á morte, consagrou uma parte do seu tempo a procurar um elixir de longa vida; por isso, fez installar no Museu um laboratorio de chimica. A despeito das preoccupações da época, e sobretudo das preoccupações egypcias, se annexou ao departamento da medicina uma sala de dissecações anatomicas, dissecações que se praticavam não sómente sobre os cadaveres, como até nos vivos, isto é, sobre os condemnados

3.° Para divulgar os conhecimentos. No Museu instruia-se o povo em todos os ramos da sciencia e da litteratura por meio de leituras e conferencias. Grande numero de estudantes de todos os paizes acudia a esse centro intellectual. Conta-se que não havia menos de quatorze mil ordinariamente. Varios padres da Egreja, e dos mais illustres, como Clemente de Alexandria, Origenes e Athanasio, sahiram d'esta escola.

A bibliotheca do Museu ardeu durante o sitio posto a Alexandria por Julio Cesar. Para compensar esta grande perda, Marco Antonio presenteou Cleopatra com a que tinha sido formada por Eumenes, rei de Pergamo. Era a rival da dos Ptolomeus e foi aggregada á collecção serapiana.

Resta-nos dizer summariamente qual era a base philosophica do Museu, e o que esta instituição juntou á somma dos conhecimentos humanos.

Em memoria do illustre fundador d'este nobre estabelecimento, que a antiguidade designava com o nome de — *A divina escola de Alexandria*, é mister citar primeiro a *Historia das campanhas de Alexandre*, por Ptolomeu Soter, o qual reuniu á gloria militar e aos talentos para governar, o merito de historiador. O tempo, que nos conservou a recordação dos serviços por elle prestados, não respeitou o seu livro, hoje perdido.

Em consequencia da estreita amisade que reinava entre Alexandre, Ptolomeu e Aristoteles, a philosophia paripatectica foi a pedra angular do Museu. O rei Filippe tinha confiado a Aristoteles a educação de seu filho, e este conquistador, durante o tempo de suas campanhas na Persia, tinha dado ao philosopho dinheiro e outros soccorros para contribuir para a conclusão da *Historia da Natureza*, que estava em preparação.

Era o principio fundamental da philosophia paripatectica elevar-

se dos feitos particulares aos feitos geraes, e d'estes aos universaes por meio da inducção. A inducção tira a sua exactidão do numero de feitos que se acham na base de suas proposições, a prova pelo descobrimento de feitos aliás desconhecidos. Este methodo exige um grande trabalho, porque é preciso adquirir o conhecimento dos feitos pela experiencia e pela observação, comprehendel-os logo e apreciar suas relações por uma meditação profunda. É, pois, questão de raciocinio, não de imaginação. Os erros numerosos de Aristoteles nada provam contra o seu methodo, pois que resultam da insufficiencia dos feitos observados.

Alguns dos resultados obtidos por elle são muito importantes. Demonstrou que a vida está universalmente estendida pela natureza; que as differentes fórmas organicas que se offerecem a nossos olhos, são devidas á influencia do meio; que se o meio se altera, tambem se alteram as fórmas; que a vida organica é uma cadeia ininterrupta, começando no mais debil vegetal e terminando no homem, e que as differentes series se fundem umas nas outras por uma graduação insensivel.

O methodo inductivo assim formulado é um instrumento d'uma grande potencia; a elle se devem todos os progressos da sciencia moderna. Esta, com effeito, eleva-se por inducção do phenomeno á causa; e logo, como fazia a Academia, descendo por deducção da causa aos detalhes do phenomeno.

Emquanto que a escola scientifica de Alexandria se fundava sobre os principios de um illustre philosopho de Athenas, a escola das sciencias moraes se elevava sobre as maximas de outro philosopho, Zenon; o qual, ainda que chypriota e phenicio, se tinha feito atheniense por sua demorada residencia na capital da Attica. Tomaram seus discipulos o nome de estoicos. Suas doutrinas lhe sobreviveram muito tempo, e, n'uma época em que não havia para o homem outras consolações, ellas fructificaram nos seus dolorosos transes e guiaram na vida, não sómente a illustres gregos, se não tambem a muitos grandes philosophos, homens de Estado, generaes e imperadores romanos.

A intenção de Zenon era dar aos homens uma regra de conducta, e guial-os á virtude. Considerava a educação como origem de toda a perfeição, porque, conhecendo nós o que é bom, dizia elle, inclinar-nos-hemos a seguir o bem. Devemos referir-nos a nossos sentidos para que nos proporcionem os primeiros dados do conhecimento, e á nossa razão para os combinar.

N'isto, a affinidade entre Aristoteles e Zenon é manifesta. Toda concupiscencia, toda desejo, vem da imperfeição do nosso conhecimento. A fatalidade fez a nossa natureza phisica: devemos, porém, aprender a reinar sobre nossas paixões, a viver livres, intelligentes, virtuosos e, em tudo e por tudo, conformes com a razão.

A nossa vida deve ser toda intellectual, e devemos ser indifferentes ao prazer e á dor. Não devemos nunca esquecer que somos cidadãos e não escravos da sociedade. «Possuo, diz o estoico, um thesouro que nada me arrebatará, porque nada póde tirar-me o beneficio da morte.» Devemos lembrar-nos de que a natureza em suas operações tende ao universal, e sacrifica ao seu fim o individual. Não temos, pois, mais que submetter-nos ao destino e cultivar em nós outros o conhecimento, a temperança e a justiça, como elementos necessarios da virtude. Sabemos que tudo muda em derredor de nós, que a morte succede á vida, a vida á morte, e que è insensatez não querer morrer n'um mundo em que tudo morre. Assim como a torrente que conserva sempre o mesmo aspecto e a mesma fórma, ainda que as suas aguas se renovam sem cessar, a natureza é um rio que corre sempre. O universo considerado em seu conjuncto é invariavel, porém eterno; nada mais ha que o espaço, os atomos e a força. As fórmas da natureza são essencialmente transitorias e passageiras.

Tambem devemos recordar que a maioria dos homens tem recebido uma educação imperfeita, e portanto evitarmos de ferir as crenças religiosas do nosso seculo. Basta que saibamos, que ainda quando exista uma potencia superior não ha um Ser Supremo; ha um principio invisivel, não um Deus pessoal, ao qual seria por isso mais absurdo que blasphemo attribuir as fórmas, os sentimentos, e as paixões dos homens. Toda a revelação é necessariamente uma ficção. O que se chama azar é o effeito d'uma causa que se não conhece; a casualidade mesma tem a sua lei. As modificações que soffrem todas as cousas são produzidas d'uma maneira fatal, e poderia dizer-se que o mundo em seu progresso procede como um germen que não póde desenvolver-se senão de um modo determinado.

A alma do homem é uma scentelha da chamma da vida, do principio geral das cousas; transmitte-se como o calor e, finalmente, é de novo absorvida no principio universal. Não é pois a destruição o que nos espera, é a reunião; porém, como o homem fatigado procura o somno, o philosopho cansado d'este mundo chama o repouso da morte. Sobre estas cousas, todavia, não temos mais que idéas incertas, supposto que o espirito não póde tirar nenhuma certeza do seu proprio fundo. É contrario á sã philosophia dedicar-se á investigação das causas; contentemo-nos em estudar os phenomenos. Sobre tudo, não esqueçamos jamais que o homem não podia chegar á verdade absoluta. O resultado final dos esforços humanos para penetrar nos segredos da materia, é saber que somos incapazes de comprehender tudo, e que ainda quando possuissemos a verdade, nos faltaria a certeza.

(Segue.)

# Costumes da Beira-Alta

(Conclusão)

Passemos agora a descrever alguns dos festejos da noute de S. João, consoante se elles fazem em Mondim da Beira. Pódem dividir-se em duas partes: os dos rapazes e os das raparigas; os d'aquelles n'um monte, os d'estas na povoação. Ambos porém constam de fogueiras e cantigas. A fogueira que os rapazes fazem no monte da *Rânha*, visinho de Mondim de Cima, chama-se *o facho* ou *o galheiro*. Dias antes da funcção, vae-se a um pinhal proximo, ao som de tambores, pifanos e grandes algazarras, arrancar um pinheiro alto, ao qual se cortam as ramas e se deixam apenas as *galhas* (d'onde *galheiro*); este pinheiro é espetado no cimo do monte e vestido de rosmaninho, bella-luz, fieitos [1], etc. Quando, na noute do Santo, se vèem estes fachos todos a arder n'uns poucos de montes fronteiros, e de vez em quando flammejam pelo ar ou estoiram pelo chão, as *bombas*, as *bichas* e os *sacatrapos* [2], ouvindo-se além d'isso as harmonias desafinadas dos instrumentos musicos dos pastores (pois são estes os principaes influentes) e as gargantas sonoras das raparigas, ninguem imagina o bello effeito que a aldeia apresenta. O povo, não contente com ter transformado uma festa naturalistica n'um humilde brinquedo mais ou menos catholico, identificou com os seus proprios costumes a personalidade de S. João:

1.º

Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu S. João pequenino,
Heis-de ser o meu compadre
Do meu primeiro menino.

2.º

Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu Santo marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

1.º

S. João p'ra ver as moças
Fez uma fonte de pedra:
As moças não vão a ella,
S. João bem se arrepèlla.

2.º

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro:
Deram as freiras com elle,
Depenicaram-no todo.

1.º

O S. João pequenino
Vendeu o pão do almoço,
Para comprar umas contas,
Para botar ao pescoço.

2.º

O S. João pequenino
Vendeu o pão do jantar,
Para comprar umas contas
P'ra no Domingo resar.

---

[1] O nome do *feto* em Mondim da Beira é *fieito*, palavra muito bem derivada do lat. *filectum*, d'onde derivam ainda outras fórmas parallelas: *feito*, *feitélha* (demin.), *feite*, *feto*, *feto-real*, *fenta*, *fentélha* (demin.) e *fentão*.

[2] Estes tres nomes designam outras tantas composições pyrotechnicas proprias das creanças.

1.º

S. João foi para o Norte
Com vinte e cinco donzellas:
Embarca, não desembarca,
S. João no meio d'ellas!

2.º

S. João foi para o Norte
Com vinte e cinco viuvas:
Embarca, não desembarca,
S. João a comer uvas.

Além do facho, queimam-se tambem muitas pinhas de pinheiro dispostas ao longo do monte.

A festa das raparigas tem um caracter mais phallico do que a primeira. No meio de um largo, ou mesmo n'uma *quintan* ou *quinteiro*, accumula-se uma porção dos mesmos vegetaes que constituem o facho, aos quaes se lança o fogo. Formada a fogueira, as raparigas levantam levemente as saias e saltam por cima d'ella, dizendo em fórma de oração recitada, não cantada:

Fogo no sargaço,
Saude no meu braço.

Fogo no rosmaninho,
Saude no meu passarinho.

Fogo na gésta, [1]
Saude na minha testa.

Fogo na bella-luz,
Saude nas minhas cruzes.

Fogo no pieito,
Dê saude a meu peito.

Em louvor de S. João,
Que dê saude ao meu coração.

S. João vae, vem,
Minha mãe por casar-me tem.

Na Ucanha recitam-se estes versos, além d'outros muito licenciosos:

Aramá pelas hervinhas do S. João,
Saude no meu coração.

Aramá por ti,
Saude em mi.

Aramá pelo sargaço,
Saude no meu peitaço.

Aramá pelo feieito,
Saude no meu peito.

Aramá pelo rosmaninho,
Saude no meu peitinho.

Aramá pelo sargaço,
Saude no meu peitaço.

Além das fogueiras, ha ainda muitos usos e superstições na noute e madrugada de S. João, como as sortes, as orvalhadas, o apparecimento das Mouras á meia noute a pentearem-se, as alcachofras, etc.

As sortes tem uma fórmula, que, segundo creio, tambem se canta em fórma de cantiga:

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido.
Dae-me a minha boa sorte,
N'este copinho de vidro.

---

[1] Giesta.

Ás alcachofras allude a quadra:

> Na noute de S. João.
> Muita pancada apanhei,
> Por via das alcachofras,
> Que por ti, amor, deitei.

Ás orvalhadas allude esta, que, parece é originaria do Porto, como outras mais ahi localisadas:

> Na noute de S. João,
> É bem tolo quem se deita:
> P'ra tomar as orvalhadas
> No Campo de Cedofeita.

De facto, na noute de S. João ninguem se deita, e de manhã vão tomar as orvalhadas pelos campos, a banharem-se nos rios e nas fontes. Os pastores levam os gados aos rios.

Além dos versos que ficam apontados, e que contêem a menção de muitos usos e superstições, ha mais com outras referencias mythicas, como eu já mostrei no meu opusculo *Fragmentos de Mythologia*, ex.:

> —Oh S. João d'onde vindes,
> Pelas calmas sem chapeu?
> —Venho de ver as fogueiras,
> Que se accenderam no Ceu

A noute de S. João é por excellencia a noute dos amores e dos requebros apaixonados. A cantiga mesmo o diz:

> Na noute de S. João
> É que é tomar amores,
> Que estão os trigos nos campos
> Todos com as suas flores.

A festa de S. João, não é puramente christã, é universal, porque

> Até os moiros da Moirama
> Festejam o San-João,
> Com pandeiras e violas.
> Com cannas verdes na mão.

Como se viu, a festa do S. João é, por assim dizer, uma festa campestre. Ha ainda outras. No primeiro de novembro, *dia de Todos os Santos*, quando nas torres e nos campanarios os sinos bradam por nossos paes, e os ares se enchem da tristeza funebre da morte, costuma-se—notavel contraste!—accender tambem fogueiras de silvas sêccas nos montes e nos soutos para assar casta-

nhas. Chama-se a isto *fazer o magusto*. Assim como no primeiro de maio poucos deixam de comer *castanhas picadas*, por causa do burro, poucos no dia de Todos os Santos deixam de celebrar o seu sacrificio, o seu magusto. O vinho e as maçãs não deixam faltar áquelle festim campestre e frugal. Ás vezes o magusto é terminado por uma enfarruscadella, porque as mãos sujas de debulhar as castanhas prestam-se excellentemente a essa brincadeira de entrudo. Em Mondim da Beira vendem-se n'esse dia uns bôlos compridos de trigo, chamados *santóros* (do lat. *sanctorum*).

Se eu tivesse de descrever todos os costumes da minha patria, de muito espaço precisava ainda de dispôr. O pouco que ahi deixo é apenas uma amostra, feita despertenciosamente e ao correr da penna. Para terminar, permittam-se-me ainda duas observações.

Os *serranos*, por isso que vivem entre os seus montes e os seus mattos bravos, no isolamento do mundo, costumados á esterilidade do solo para certos fructos, e ás intemperies do clima, luctando já com os lobos, já uns com os outros por causa das divisões dos *terrenos maninhos*, alimentando-se sobriamente, sem licença de costumes, vivem muito (tenho conhecido serranos de mais de cem annos), são robustissimos, manhosos, fanaticos, inteiramente votados aos usos antigos, e estabelecem a transição do estado pastoral para o agricola.

Os da *ribeira*, mais perto da estrada e dos centros de civilisação e actividade, são em tudo quasi o contrario d'aquelles.

Nos povos porém de uma e outra banda ha caracteres communs, não sendo as distincções que estabeleci senão na intensidade e não na qualidade.

A vida das nossas populações passa-se principalmente no campo. A poesia, a musica, a dança, as festas, são o allivio d'essa vida. Predominam por toda a parte as ideias religiosas misturadas de superstições de toda a especie, mas tudo isso vae em decadencia. A palavra *frade* é um titulo de escarneo, e egualmente se vão aproximendo d'ella *abbade* e mesmo *padre*. Triumpha emfim a sciencia, e não virá talvez longe o dia em que os cruzeiros desappareçam dos caminhos, e os habitantes das montanhas, despindo a *capucha* e a *nisa*, desçam a tomar parte no convivio intellectual dos povos cultos. [1]

Porto, 1881. J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] No livro *Saraiva e Castilho*, por A. B. Saraiva, livro insulso s cheio de pretensões ridiculas, ha, em notas, a narração exacta de muitos costumes da Beira-Alta, principalmente a proposito de festas. O A. salpica tudo de observações pueris e tolas; mas algumas cousas póde o folklorista ahi aproveitar. Segundo Phaedro, tambem *in sterquilinio pullus gallinaceus margaritam reperit*. Está n'esses costumes o unico merecimento do livro, pelo menos para mim.

# Tradições populares do Algarve

## ROMANCES

---

### LISARDA

(Variante II)

—Lisarda, amor Lisarda,
Lisarda, amor primeiro;
Se tu me deras um beijo,
Lisarda amor verdadeiro...
—Não te dou, nem um nem dois,
Nem um nem dois te hei de dar,
Que eu não quero que depois
Tu de mim te vás gabar.
—Eu já fiz um juramento,
Protesto de o não cobrar;
Menina com quem eu durma
Nunca a hei de diffamar.
Mas no fim de tres mezes
Para o jogo se foi gabar.
Os seus manos que alli estavam
Disseram um para o outro:
—Será a mana Lisarda ou não?
Quando vieram para casa
A' mãe o foram contar.
Sua mãe assim que tal soube
Lizarda mandou fechar.
Quando o pae chegou a casa
Tambem lh'o foram contar.
O seu pae assim que o soube
Lisarda mandou queimar.
Estando Lisarda fechada,
Triste, triste, agoniada,
Ella chegou á janella.
—Quem o meu pão quizer ganhar
Esta carta ha de entregar
Ao meu conde de Mont'Alvar.
Appareceu-lhe um menino
De sete annos, mais não:
—Ó menina, eu levo a carta
Escripta no coração.
—Se elle estiver jantando,
Deixa-o primeiro acabar,
Se elle estiver dormindo
Deixa-o primeiro accordar.
—Logo foi fortuna minha
Encontral-o a passear.
Pegue lá, ó seôr conde,
Esta carta de pesar,
Que lhe manda sua amada
Pois ella vae a queimar,
—Tanto se me dá que a queimem
Como a deixem de queimar,

A pena que meu coração sente
É seu ventre sangue real levar.
Ala lá os meus creados
Os cavallos vão a ferrar.
Com ferraduras de cobre
Que é p'ra assim se não gastar,
E jornada de oito dias,
Que nós temos para andar.
Elle se vestiu de padre
Ao caminho a foi esperar.
—Alto ahi, parae justiça,
Se não eu te faço parar;
Essa menina que ahi levam
Ainda vae por confessar.
—Pois confesse-a o seôr padre
Em quanto nós vamos jantar.
—Ajoelhe-se, ó menina,
Faça o seu pelo signal,
Que no meio da confissão
Um beijinho me ha de dar.
—Não permitta Deus dos céos
Nem nos santos do altar:
Bocca que um conde beijou
Padre nenhum ha de beijar.
—Ajoelhe-se, ó menina,
Faça o seu pelo signal,
Que no fim da confissão
Um abraço me ha de dar.
—Não permitta Deus dos céos
Nem nos santos do altar,
Corpo que um conde abraçou
Padre nenhum ha de abraçar.
O padre então se sorriu
Pregando os olhos no chão.
—Esse rir, ó seôr padre,
Esse rir de mangar
Parece-me a mim ser
Do meu conde de Mont'Alvar.
—É verdade, ó menina,
Prenda do meu coração.
—Se tu eras o meu conde
Para que me fizeste zangar?
—Callai-vos, menina,
Que foi para t'exp'rimentar,
Manda chamar os teus manos
Que te vão agora accusar;
Manda chamar tua mãe,
Que te mande agora fechar;
Manda chamar teu pae,
Que te mande agora queimar;
E manda chamar a justiça
Que te venha aqui buscar,
Que ámanhã por estas horas
Na egreja havemos de estar.

Faro.

REIS DAMASO.

# Biographias

## Manoel Fernandes Thomaz

(Conclusão.)

### VI

No dia 24 de janeiro de 1821 realisou-se a abertura do famoso congresso constituinte, estando reunidos 64 deputados. A attitude de Fernandes Thomaz em todas as sessões d'este memoravel concilio liberal, foi sempre das mais energicas, e as doutrinas, que sustentou com a sua palavra auctorisada e firme, eram inteiramente democraticas. Um dos seus detractores da aristocracia compara a influencia que elle exercia no congresso, á *que Mirabeau teve em França*[1]. Outro adversario das ideias de Fernandes Thomaz diz que as côrtes portuguezas *ultrapassaram os devaneios da propria Hespanha... demolindo a golpes de machado o edificio da monarchia*[2]. E de facto é esta a sua maior gloria; é o que torna sympathico a nossos olhos o celebre congresso e o que nos mostra realmente bello o vulto de Fernandes Thomaz. Quando o deputado Sarmento propoz que se desse o nome de *pae da patria* a D. João VI, o grande orador popular conseguiu que ficasse addiado «até vêr que titulo se lhe havia de dar» e accrescentou: «Vêr-se-ha, depois de feita a constituição, se o merece!» Para elle a verdadeira soberania estava no povo; foi esta a doutrina sustentada nas côrtes de 1821 com geral applauso. A soberania reside essencialmente em a nação; os deputados, como representantes d'ella, tinham, por conseguinte, plenos poderes para legislarem e reformarem tudo, tendo só em vista o bem estar e a felicidade do povo, sem dependencia alguma de qualquer vontade superior; só no caso de o julgarem conveniente poderiam submetter as leis á sancção da corôa. Não era uma obrigação de subditos para com o seu rei, mas uma simples concessão do verdadeiro soberano ao seu primeiro representante.

Na terceira sessão do congresso, Fernandes Thomaz propoz que se nomeasse uma commissão para formular as bases da constituição, que deviam ser apresentadas ao rei, apenas chegasse. Era indispensavel que D. João VI, ou qualquer pessoa da familia real, que regressasse á Europa, jurasse logo as bases do pacto social estabelecido entre o povo e o monarcha. Estas bases, publicadas em 9 de março, foram inspiradas pela *Declaração dos Direitos do*

[1] *Diorama de Portugal nos 33 mezes constitucionaes*, etc., por J. S. de Saldanha. — Lisboa, 1825. — pag. 215.
[2] *Historia de Portugal*, por J. M. de Souza Monteiro, tomo II.

*Homem* e consignam: a liberdade individual, a liberdade de imprensa, o direito de propriedade, a inviolabilidade da casa do cidadão, a egualdade perante a lei, a livre admissão aos empregos sem outra distincção senão a de talento e virtudes, a abolição dos privilegios, etc.

Fernandes Thomaz sustentou vigorosamente e repetidas vezes, em discursos energicos e sensatos, a liberdade de imprensa, a reforma dos foraes, a extincção da inquisição, a abolição das leituras no desembargo do paço e da inconfidencia civil, a instituição dos jurados eleitos pelo povo, etc. Combateu a creação de duas camaras e o veto absoluto, porque não comprehendia que o exercicio legal do direito de legislar podesse ser limitado aos individuos investidos pela soberania nacional. Fernandes Thomaz recusou-se nobremente a receber o ordenado que o congresso arbitrou aos membros do governo provisorio, dizendo que *o que fizera fôra sómente a bem da patria, sem alguma ideia de premio.* No preambulo do decreto sobre a extincção do tribunal inquisitorial dizia-se que a nação não o podia sustentar por causa do estado da fazenda publica. O grande orador, levantando-se indignado, exclamou que era ridiculo semelhante motivo, quando a verdadeira e a unica razão era elle não poder existir n'um paiz de homens livres. Apezar do congresso evocar *a protecção do espirito santo* e de se submetter á *santa religião*, Fernandes Thomaz. por differentes vezes, se mostrou adversario decidido do clero, combatendo com firmeza as suas pertenções, como na occasião em que o patriarcha se recusou a jurar as bases da constituição; o sincero liberal propoz que fosse ouvido e julgado. O congresso approvou a formação de um conselho de Estado de nomeação regia, entre nomes propostos pelas côrtes. Discutindo-se se os frades seriam ou não elegiveis para conselheiros de Estado, Fernandes Thomaz disse «que elles tinham morrido para o mundo, e que desejava que el-rei os não tomasse para confessores quanto mais para conselheiros! Se quizerem que deixem o habito, e então talvez se resolvesse a votar em algum!»

Occupando-se n'uma sessão do veto concedido ao monarcha, disse que «era sómente para as leis organicas; mas que emquanto á constituição não havia senão acceital-a ou rejeital-a.» D. João VI resolvera-se por fim a partir para Portugal; e na manhã de 3 de julho a frota que o conduzia fundeou no Tejo. Por deliberação das côrtes o rei só desembarcou no dia seguinte, indo immediatamente jurar as bases da constituição. Silvestre Pinheiro Ferreira leu em nome do rei o discurso em resposta ao do presidente da camara, pronunciado por occasião do juramento. As expressões da resposta regia não agradaram ao congresso que as julgou contrarias ás bases da constituição, vendo-se D. João VI forçado a declarar por

carta que não fôra sua intenção violar o juramento prestado na vespera.

A falta de espaço não nos permitte entrar em mais extensas considerações sobre a linha de conducta de Fernandes Thomaz no parlamento. Em resumo, só podemos dizer que elle conservou-se sempre á altura do seu sincero patriotismo e do seu immenso amor pela causa do povo. Por isso mesmo era odiado pelos grandes da côrte e calumniado miseravelmente por invejosos e despeitados; pintaram-no ao pé da forca, acusaram-no de roubo, e todos os dias lhe enviavam cartas anonymas com insultos e ameças de morte. Foi sempre esta a recompensa das grandes acções e do desinteresse no serviço da patria!

A figura de Fernandes Thomaz no congresso constituinte é descripta assim por um estrangeiro: «As feições do seu rosto eram austeras e fortemente caracterisadas; os olhos eram de fogo, os cabellos curtos e crespos começavam a embranquecer. Sua tez era de um moreno pronunciado: a voz retumbava como o ribumbo do trovão; suas ideias eram claras, as phrases concisas e nervosas. Em seus discursos nem se encontravam parenthesis, nem circumloquios: nem offendia, nem lisonjeava pessoa alguma; parecia não cuidar na impressão que produzia no auditorio, e, com os olhos fixos no presidente não estava attento senão para a inspiração da sua consciencia. Á vista d'este orador observei nas physionomias dos ouvintes um sorriso de satisfação misturado com respeito [1].»

É porque elle era, na verdade, como disseram ao illustre estrangeiro:—*O rei da nossa revolução.*

## VII

Em setembro de 1822 concluiu-se a constituição e no dia 30 foi jurada pelos deputados. No dia 1 de outubro D. João VI, acompanhado do infante D. Miguel e de toda a côrte, prestou o juramento solemne, a que dentro de alguns mezes havia de faltar. Estavam encerrados os trabalhos do congresso constituinte.

Fernandes Thomaz tambem tinha terminado a sua missão. Doente ha muito, perdera de tal modo as forças, nos ultimos mezes, pelos cuidados e esforços dispendidos com as sessões das côrtes, que lhe sobreveio uma febre agudissima e cahiu prostrado no leito, em estado perigosissimo. Esta noticia causou no publico a mais viva impressão: o povo corria todo a casa do grande tribuno para informar-se do que succedia. Nas ruas e nas praças ninguem fallava n'outra cousa. Ouviam-se palavras sentidas de respeito, quasi de

[1] *Lettres historiques et politiques sur le Portugal*, Conde Pecchio, apud Th. Braga: *Soluções positivas da politica portugueza*, vol. III, pag. 64.

adoração. Circulavam boatos assustadores. Dizia-se que o grande patriota estava moribundo. Reuniam-se grupos nos passeios, nos largos. Viam-se semblantes tristes e carregados: olhos arrasados de lagrimas.

Perdera-se de todo a esperança de o salvar. Mas elle, sublime espirito, apezar de gravemente doente, discutia ainda os negocios publicos com os seus amigos, e com os medicos os remedios que pertendiam applicar-lhe. Não deixava um só instante, mesmo no leito da dôr, de pensar na patria a que consagrara os melhores dias da sua vida. Era a sua ideia permanente, e no emtanto estava convencido do seu proximo fim. Na vespera do dia fatal, voltava-se para o medico, e dizia-lhe em voz firme, sorrindo: «Então, meu doutor, quem sabe mais medicina?... Sou eu, que sempre o disse. Nós tinhamos argumentado, e eu lhe tinha talvez dito alguma cousa mais forte: mas não lhe peço perdão, porque o não offendi: entretanto sou-lhe muito agradecido; porque tem trabalhado como um homem e como um amigo [1]». Elle proprio animava a esposa e procurava consolal-a; dizia-lhe que sentia alguns allivios, mas que não tivesse grandes esperanças, porque tinha de ser assim. Mais tarde quiz despedir-se d'ella; estava ao lado da cama o padre mestre Fr. Sabino, a quem pediu para a ir chamar. Respondeu-lhe este que ia perguntar aos seus amigos se seria conveniente essa entrevista, e voltando, participou-lhe que era negativo o voto unanime d'elles. Fernandes Thomaz observou placidamente: «Então está isso lá por fóra em boa ordem: pois bem; elles assim o decidiram e eu me sujeito porque elles, fóra do caso em que me acho, têm obrigação de pensar melhor do que eu. Este negocio está acabado!»

Assim terminaram, em 19 de novembro de 1822, os soffrimentos d'este honrado e sincero revolucionario, que tantos serviços prestou á causa da liberdade. Morreu como viveu. Corajoso e energico até aos ultimos momentos, legou-nos um exemplo grandioso do que póde a vontade unida a um caracter nobilissimo, que tinha por ideal o bem do povo e o futuro da nossa nacionalidade.

TEIXEIRA BASTOS.

---

## A Rasão

### I

Eu não venho cantar as noites socegadas,
As noites das Ninons nervosas ou lymphaticas,
Nem tão pouco saudar as frescas madrugadas,
E as rosas em botão, as rosas aromaticas;

---

[1] Vid. *Diario do Governo*, n.os 271 e 272, de 16 e 18 de novembro de 1822.

Não trago dentro d'alma um ninho perfumado
D'alegres rouxinoes e brancas cotovias,
Deixei o Romantismo, — esse velho castrado. —
Nos braços já senis das magras utopias.
E venho a escarnecer, por este mundo fóra,
Das tragicas visões d'uns pallidos poetas
Que atiram madrigaes idylicos á aurora
E choram, atravez dos vidros das lunetas
Uns prantos ideaes, alambicados, ternos,
Como as superstições idolatras dos persas;
Eu trago dentro d'alma o gelo dos invernos.
As crenças sem calor, as illusões dispersas.

Tenho um punhal agudo, um escalpelo enorme.
Que rasga e dilacera os peitos mais valentes,
Dentro em mim a consciencia, esse espião, não dorme.
Não sôa ao meu ouvido a voz terna dos crentes.
Sujeito ao meu olhar insondavel e frio,
Como os gumes fataes dos aços fulgurantes.
Os feitos dos heroes, o ceu negro e sombrio,
A vida das nações, as almas dos amantes.
Eu desço á profundesa escura do mysterio,
Revolvo as podridões nojentas, asquerosas,
Onde vive a Traição, a Crapula, o Adulterio,
O Vicio, a Embriaguez, as coisas criminosas
Em fraternal convivio, em doce sociedade,
Como um bando fatal de cortesãos medonhos,
Sentados em redor da mesa-Ebriedade,
Cançados de beber, nostalgicos, medonhos.
Eu subo o meu olhar, a aguia que se alteia,
Ao infinito Azul das coisas mais claras,
Eu comprehendo o Bello, eu idolatro a Ideia.
Deleito-me ante o brilho aurifero das Searas;
Eu sorrio-me ao ver as timidas creanças
Rasgar com mãos de neve as limpidas flores,
Gosto d'ouvir cantar o côro das Esperanças,
Acompanhando a voz dos candidos Amores
E, em noites de harmonia em que a atmosphera é pura,
A lua radiosa, as lymphas socegadas,
Deixo vagar á toa esta minh'alma escura
Pela charneca além das Illusões sagradas.

Eu olho friamente as coisas mais extranhas,
Comprehendo o Remorso, a Afflicção e o Crime.
Devasso do Universo as revoltas entranhas,
Sei que a Lagrima é doce e que a Prece redime.
Não me deslumbra o olhar monotono do Christo.
Pregado no madeiro, envolto de negrura,
E pergunto, apontando-o: — Ó padres, o que é isto?
É eterno o soffrer, eterna esta amargura?
Quereis prender assim um revolucionario,
Quando a Sciencia marcha e o Pensamento avança!
Ai, loucos, cansará a Lenda do Calvario,
Mas olhae que a Rasão, essa jámais se cança.

Eu encho de laureis a fronte da Justiça,
Dobro o joelho em terra em frente da Virtude,

Sigo de perto a Lucta, ando sempre na liça
E vou buscar a Historia ás sombras do athaude.
Sou eu que impulsiono esse monstro de ferro
Que atravessa, rugindo, as fecundas campinas,
Que transpõe, sibilando, um rio, um valle, um cerro
E que rasga, orgulhoso, os seios das collinas.
Eu dou ao navegante a sonda e a coragem,
Á Arte a phantasia, a concepção ao Bello,
Ao Poeta o enthusiasmo, a adoração, a imagem
E o Amor aos corações que sabem comprehendel-o.

Ruge no throno o rei ouvindo a voz solemne
Que eu sólto pela bocca enorme da canalha,
Jesus treme no altar com medo que o condemne
Um meu protesto audaz e essa infame gentalha,
Os grandes charlatães das fabricas de Roma,
Escutam com pavor os meus cantos divinos.
Fogem se ao labio meu uma Ironia assoma,
Como uma horde feroz de negros assassinos,
Perseguidos de perto, apressuradamente,
Pela vingança audaz dos grandes punidores;
Não supportam a luz os olhos da serpente,
Não roçam pelo Sol as azas dos condores.

II

Eu chamo-me a Rasão e venho armar o Povo
Contra o poder de Deus, contra o poder dos reis,
Trago para salval-o um Evangelho novo,
Novas crenças d'Amor, novas e sabias leis.

Eu chamo-me a Rasão e vós, ó condemnados
Que vos chamaes Canalha, erguei o olhar feroz!
Em breve ha de raiar o Sol dos desgraçados,
Em breve ha de vibrar o som da minha voz!

E então é destruir esse mundo já podre,
Onde tudo é postiço, é theatral, é vil,
É esmagar aos pés esse estafado odre,
É punir, é vencer, ó Povo inda servil!

Além ouve-se já o rumor da batalha,
Sente-se o trovejar da bocca do canhão,
Eia, de pé, de pé! Levanta-te, Canalha,
Que está juncto de nós a santa Revolução.

Aponta ao padre infame, ao monarcha devasso
Os filhos teus sem pão, os olhos teus sem luz;
Destroe o throno e o altar, arrasa a egreja e o paço,
Desprende o Christo, heroe, dos braços d'essa cruz.

Esmaga d'um só bote a tetrica realeza,
O rei tornado Deus, a hypocrisia, emfim;
Que sôem pelo ar os sons da *Marselheza*,
Cantados pela bocca austera do clarim.

E depois raiará o dia da Justiça,
Banhado pela luz fecunda da Rasão.
Animo, eia, luctar, ó vós que andaes na liça,
Ó filhos da Canalha, ó Povo, ó meu irmão!

Lisboa, Julho, 1882.

ERNESTO PIRES.

## O cantico dos párias

Mal hajam aquelles que interdisseram aos párias a terra, o sol, a agua, o arroz e o lume. Mal hajam os que os amaldiçoáram. Mal hajam os que os forçàram a abrigar a velhice dos avós e o berço dos filhos nos reductos das féras. Mal hajam os que atiráram com os párias para a casta dos abutres e das chacas immuudas, porque os párias são homens.

TIRUVALLUVAR.

Luiz Jacolliot, um dos indianistas mais conscienciosos e mais fecundos, traz no seu bello e interessante livro do *Pariah dans l'humanité*, cap. II, pag. 10, o cantico que os párias (a quem o ferreo e embrutecedor dominio sacerdotal, que tão maus frutos tem produzido em todos os logares em que por infellicidade tem imperado, negou a dignidade de homens) o cantico, repito, que os párias entoam triste, soturna e desesperadamente por toda a India, quer nas costas de Coromandel, quer nos *júngles* de Travencor ou nas florestas do Malabar.

Umas vezes é uma rapariguita que modula estas estancias em tom monotono e choroso, fabricando cestos de junco ás bordas de um pantano: outras um pobre rapaz que vae pastorear uma cabra magra e enfezada n'alguma pastagem deserta; outras um pobre velho abandonado que repete á solidão a enormidade das suas miserias; outras ainda qualquer d'estes infelizes hindús que vae em busca do seu immundo sustento, que elle se vê obrigado ainda assim a disputar ás hyenas e aos chacaes.

Ahi vae agora, sem mais preambulos o alludido

### Cantico dos párias

I

«Que importa que Surya prosiga nos espaços celestes o seu curso eterno e que esparja em ondas numerosas e ingentes os seus raios que a nossa vista não póde fitar!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

II

Que importa que a joven esposa receba um germen precioso da ternura do marido, que importa o amor e a fecundidade... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

III

Que importam os tres deuses que criam, conservam e transformam o universo; não é para nós que elles brilham com tanta gloria!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

IV

Não é para nós que o fumo dos sacrificios se eleva até ao ether, que as flores habitam a terra, que os frutos pendem nas arvores, que corre a agua sagrada do Ganges!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

V

Não é para nós que os animaes criam e que as abelhas produzem o mel. Não é para nós que as donzellas pisam no almofariz sonoro a herva sagrada com que fabricam o divino licor de Soma! .. Ceu e terra, vêde o que nós somos.

VI

Não é para nós que Agni creou o fogo e Indra, da essencia immortal, creou a prece!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

VII

Encanto dos olhos, bezoiro das regiões celestes, Indra, tu a quem todos os homens veneram, nós não podemos pedir-te nada, os nossos votos profanariam teus ouvidos!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

VIII

Foi de balde que eu arrostei a morte, procurando surpreender os mentrams que evocam os deuses; foi em vão que, nos reductos mais espessos dos bosques, eu effectuei as librações sagradas que os tornam propicios, os deuses fugiram ao aproximar-se!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

IX

Onde estão as fontes de agua pura onde possamos apagar a nossa sêde? a agua que cae dos bebedoiros e se conserva nos rastos do gado é a nossa unica bebida!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

X

Onde estão os campos que produzem para nós o arroz e os outros grãos miudos? Não ha no mundo uma haste de sorgho, um pedacinho de herva, uma folha de rosa que nos pertença!... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

XI

As feras tem o seu covil, as serpentes os ninhos de cariahs, a ave é livre nos ares, qualquer ramo póde proteger-lhe o ninho e as canções. Agni possue o universo, Vayú a atmosphera, Aditya

o ceu, Tchandramos os espaços constellados, Vidyut as nuvens, o homem das quatro castas nasce e morre na casa de seu pae; e onde é que o filho do pária póde abrir os olhos? onde está a terra amiga que lhe hade guardar os despojos?... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

XII

Quando a sombra sobe dos valles ao cume dos bosques sagrados, que o padial reconduza os rebanhos de elephantes, que o sudra deixe, cantando, os arrozaes, a pedra de cacry retine sob a mão das raparigas que preparam a refeição da noite; quando se deitam aos cães os sobejos da comida, onde póde o pária ir, pois, comer?... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

XIII

Quando as mulheres traçam no chão das habitações os signaes consagrados que expulsam os maus espiritos; quando toda a gente repousa, onde póde dormir o pária?... Ceu e terra, vêde o que nós somos.

XIV

Quando todos choram n'uma casa, e o carro mortuario está coberto de flores, a alma do morto está satisfeita, o balsamo liquido correrá sobre a fogueira; aquelle que tem a esperança de ser acompanhado das preces sagradas póde esperar com alegria o despertar celeste... Mas o pária onde póde morrer?... Que esperança póde ter de renascer?... Ceu e terra, vêde o que nós somos.»

Este verdadeiro e sentido cantico que os infelizes párias repetem na sua agonia eterna, demonstra evidentemente a veracidade das seguintes linhas: «Mourant de faim ou malade (le pariah), aucune porte ne s'est jamais ouverte devant lui; ses enfants naissent dans la jungle, son corps pourrit dans les charnersi déserts, car il n'a droit ni aux bûchers ni à la terre, la flétrissure jetée sur sa race par le prêtre le pourrint dans la mort.» E outrosim que «dans le drame mystérieux et triste qui joue sur la terre depuis des centaines de siècles, il est un rôle que n'a jamais manqué d'acteurs: c'est celui de l'opprimé, de l'esclave, du pariah.»

As estrophes traduzidas assim são devidas a Tirnoalluva, o unico poeta pária que a India inteira tem produzido. Nada obstante os preconceitos da casta que repellem o pária e que fazem considera-l-o mais impuro que o mais impuro dos animaes, os proprios brahmas chamam a este poeta o *Divino pária*. E decerto quadra admiravelmente bem o titulo de *Divino* ao escriptor que assim soube lamentar os soffrimentos da sua raça e que á frente do seu livro dos *Deveres*. mais sublimes decerto do que o do grande orador romano (*De officiis*) escreveu o seguinte proemio, (ib. pag.

80-81) onde deixou uma parte da sua alma nobre e grandiosa e verdadeiramente devotado á causa dos opprimidos.

Eil-o:

I

«Aquelle que soffre, roga e ama é um homem... O pária soffre, roga e ama... O pária é um homem.

II

Todos aquelles que o sol aquece com seus raios, todos aquelles que rasgam a terra com a charrua são homens... O pária gosa o sol e nutre-se dos fructos da terra... O pária é um homem.

III

Todos aquelles a quem a rasão diz: isto é bom, aquillo é mau, são homens. O pária conhece o bem e o mal... O pária é um homem.

IV

Todos os que veneram os antepassados, respeitam seus paes, protegem suas mulheres e seus filhos, são homens. O pária sacrifica aos manes, respeita seu pae e protege a sua mulher e os seus filhos... O pária é um homem.

V

Mal hajam aquelles que interdisseram aos párias a terra, o sol, a agua, o arroz e o lume... porque os párias são homens.

VI

Mal hajam aquelles que os amaldiçoaram. Mal hajam aquelles que os forçaram a abrigar a velhice dos avós e o berço dos filhos nos reductos das feras... porque os párias são homens.

VII

Mal hajam aquelles que atiraram com os párias para a casta dos abutres e dos chacaes immundos... porque os párias são homens.»

A. de Sequeira Ferraz.

---

## Musica religiosa

(Ao meu condiscipulo Braz de Sá)

Ó musica lethal das nossas almas,
Não soltes mais as tuas harmonias!
Das mãos dos martyres vão cahindo as palmas,
E o seculo condemna os velhos dias.

N'aquellas doces, ineffaveis eras,
Em que na onda do incenso dos altares,
A alma buscava a luz das primaveras
Nas regiões translucidas dos ares,

E o azul do ceu, profundo, indefinido,
Reflectia o clarão, da Divindade,
—Ó musica lethal, o teu gemido
Era um balsamo : hoje é uma saudade.

(1880). J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

# A origem da Sciencia

(Conclusão.—V. pag. 210.)

Que nos resta, pois? A sciencia, tal como se póde procurar no estudo, na virtude, na amisade, no amor á verdade e á boa fé, a acceitação resignada das condições da nossa existencia, uma vida conforme aos principios da razão.

Ainda que o Museu de Alexandria houvesse sido instituido principalmente para o estudo da philosophia peripatetica, não vá a crêr-se que os outros systemas philosophicos estavam d'elle desterrados. Platão, foi ali não sómente estudado nos seus ultimos desenvolvimentos, senão que acabou de supplantar a Aristoteles, e através da nova Academia marcou o christianismo um sêllo profundo. Seu methodo philosophico era inverso do peripatetico. Tomava seu ponto de partida dos feitos universaes; a existencia mesma era assumpto de fé, e d'ali descia aos detalhes. Aristoteles, pelo contrario, ia do particular ao geral, procedendo por inducção.

Platão, fiava-se pois, na imaginação. Aristoteles, na razão; o primeiro dividia uma idéa primordial em idéas subsequentes; o segundo formava uma concepção total com varias idéas particulares. D'ahi resulta que o methodo platonico produzia rapidamente um ideal esplendido, porém vão; e o peripatetico, mais lento nas suas operações, era muito mais solido. Exigia um trabalho infinito para o estudo dos feitos, uma fastidiosa fidelidade na experiencia e na observação, e, por ultimo, a demonstração vigorosa. A philosophia de Platão assimelha-se a um palacio elegante suspenso nos ares; a de Aristoteles a uma perfeita construcção fundada sobre rocha laboriosamente e com trabalho incessante.

É muito mais agradavel evocar a imaginação que appellar para a razão. No periodo da sua declinação, preferiu a escola de Alexandria os methodos suaves ao severo exercicio intellectual que re-

quer a observação dos feitos. As escolas dos neo-platonicos estavam inçadas de mysticos e philosophos especulativos, como Ammonius, Saccas e Platin. Estes occuparam o posto dos graves geometras do velho Museu.

A escola de Alexandria exhibe a primeira applicação d'este systema que nas mãos dos nossos modernos physicos tem dado resultados tão maravilhosos. Tem destrinçado tudo o que emana da imaginação, e feito com suas theorias a synthese dos feitos demonstrados pela experiencia, pela observação. e o raciocinio exacto. Tem reconhecido o principio de que não se estuda bem a natureza. As investigações de Archimedes sobre o peso especifico e as obras de Ptolomeu sobre optica. parecem-se com as investigações da philosophia experimental e formam um grande contraste com as divagações dos antigos escriptores.

Laplace nos ensina que a unica observação que nos apresenta a historia da astronomia entre os gregos antes da fundação da escola de Alexandria, é a do solsticio de verão no anno 432 antes de Jesus Christo. feita por Meton e Enctemon. N'esta escola vemos pela primeira vez um systema de observação complexa, formado de instrumentos para medir angulos e calculado por methodos trigonometricos. A astronomia toma desde então uma fórma que os seculos seguintes não puderam mais do que aperfeiçoar.

Não entra no quadro e plano d'esta obra relatar detalhadamente os descobrimentos juntados pelo Museu de Alexandria aos conhecimentos humanos: basta que o leitor tenha uma idéa geral do seu caracter. Para cada objecto particular póde consultar o sexto capitulo da minha *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa.*

Acabamos de ver que a philosophia estoica duvidava que o espirito do homem pudesse chegar á verdade absoluta. Emquanto que Zenon propagava esta duvida, preparava Euclydes a sua grande obra, confeccionada para desafiar toda a contradicção humana. Depois de mais de vinte e dois seculos, vive ainda, modelo de exactidão, de clareza, typo de demonstração exacta. Este grande geometra escreveu não sómente sobre outros assumptos de mathematica, taes como secções conicas e os porismas, senão que tambem se lhe attribuem tratados de harmonia e de optica. N'este ultimo assentava a hypothese de que os raios visuaes partem do olho e se estendem aos objectos.

É mister collocar Archimedes entre os physicos e mathematicos de Alexandria, com quanto houvesse vivido accidentalmente na Cicilia. No numero das suas obras de mathemathicas, encontravam-se dois livros, sobre a esphera e sobre o cylindro, nos quaes demonstrava que o cubo da esphera é egual aos dois terços da sua circumferencia. Tanto era o apreço que dispensava a este descobrimento, que fez gravar a figura sobre a sua sepultura. Tam-

bem tratou da quadratura do circulo e da parabola. Escreveu sobre as canoides e espheroides, assim como a respeito da espiral que tem o seu nome, e cujo principio lhe foi suggerido por seu amigo Carion de Alexandria. Como mathematico não tem tido rival na Europa no espaço de quasi dois mil annos. Como physico, poz os cimentos da sciencia hydrostatica, inventou a maneira de medir o peso especifico, discutiu o equilibrio dos corpos fluctuantes, descobriu a verdadeira theoria da balança, e encontrou a idéa da bomba que tem o seu nome e que serviu para elevar as aguas do Nilo. A elle tambem pertencem a helice sem fim, e uma fórma de lentes de vidro que no sitio de Syracusa, segundo se disse, pozeram fogo aos navios dos romanos.

Eratosthenes, que fôra em tempo bibliothecario do Museu de Alexandria, era o auctor de varias obras importantes. Entre estas póde citar-se a determinação do intervallo dos tropicos e uma tentativa para medir as dimensões da terra. Occupou-se com a articulação e com a expansão dos continentes, com a posição das cadeias de montanhas, com a acção das nuvens sobre a terra, com as catastrophes geologicas, com os diluvios, com a elevação do solo em logares outras vezes cobertos pelas aguas, com a formação dos Dardanellos, com o estreito de Gibraltar e com o mar Negro. Compoz um systema do mundo em tres volumes, physico, mathemathico e historico, acompanhado de cartas que representavam todos os paizes então conhecidos. Não se tem apreciado justamente, até ha alguns annos a esta parte, os fragmentos que nos restam das suas *Chronicas dos reis de Tebas*. Durante bastantes seculos foram tidos em grande descredito por nossas absurdas chronologias theologicas.

É inutil citar os argumentos empregados pelos alexandrinos para demonstrar a redondez da terra. Tinham noções exactas no tocante á esphera, aos polos, ao eixo, ao equador, aos circulos arctico e antartico, aos pontos equinocciaes, aos solsticios, á variedade de clima, etc. Basta recordar os tratados das secções conicas e de maxima e minima por Apolonio, que foi, se disse, o primeiro que empregou as palavras de elipse e hyperbole. Egualmente só mencionarei as observações astronomicas de Aristylle e de Timocharis. Ás d'este ultimo, com referencia á estrella Epi, deveu Hyparco o seu grande descobrimento da preccessão dos equinoccios. Este determinou as desegualdades da lua e a equação do centro. Adoptou a theoria dos Epiciclos e das excentricas, concepção geometrica que serve para explicar o movimento apparente dos corpos celestes por o movimento circular. Tambem emprehendeu a formação d'um catalogo de estrellas por um methodo de alienação, isto é, indicando successivamente as que pareciam encontrar-se n'uma mesma zona: o numero de estrellas catalogadas assim, era

de 1:080. Ao mesmo tempo que procurava dar uma descripção do firmamento, fazia o mesmo para a superficie da terra, indicando a posição das cidades e dos outros objectos por graus de latitude e de longitude. Foi o primeiro que construiu tabuas da lua e do sol.

No meio de tão brilhante pleyade de geometras, de astronomos e de physicos, sobresahia em primeiro plano Ptolomeu, auctor da *Syntaxis, Tratado de mathematica celeste.* Esta obra tem vivido cerca de mil e quinhentos annos, e não ha sido supplantada senão pelos immortaes *Principios*, de Newton. Expõe doutrina de que a terra é redonda e fixa no espaço; descreve todo o systema de instrumentos para observar os solsticios; deduz a obliquidade da ecliptica; indica as latitudes terrestres por meio de gnomo; marca os differentes climas; mostra a relação d'um dia terrestre com um dia sidereo; apresenta razões para preferir ao anno sidereo o anno tropical; expõe a theoria solar, partindo do principio de que a orbita do sol é uma excentrica; explica a equacção do tempo: faz avançar a discussão sobre os movimentos da lua; trata da primeira deseguualdade, de seus eclipses, e das variações de seus modos. Dá em seguida o grande descobrimento de Ptolomeu, o que ha tornado o seu nome immortal, o descobrimento da segunda deseguualdade, conduzindo-o á theoria do epicyclo. Esforçou-se, com pouca fortuna, diga-se em boa verdade, em medir a distancia do sol e da lua á terra. Falla extensamente sobre o descobrimento de Hyparco, o da preccessão dos equinoccios cujo cyclo inteiro é de vinte e cinco mil annos. Dá um catalogo de 1:022 estrellas, falla da natureza da via lactea e discute d'uma maneira magistral o movimento dos planetas. Este ultimo ponto mereceu a Ptolomeu um renome immortal. Fizeram-se determinações das orbitas planetarias comparando suas proprias observações com as dos antigos astronomos e em particular com as de Timocharis sobre o planeta Venus.

No Museu de Alexandria, Ctesibius inventou a machina de fogo; seu discipulo Hero aperfeiçoou-a, annexando-lhe dois cylindros. Ali tambem appareceu a machina a vapor: era uma invenção tambem de Hero, e era de reacção, construida sobre o modelo da eolipela. O silencio das salas de Serapis foi perturbado pelos relogios de agua de Stesibius e Apolonio, relogios que mediam o tempo gota a gota. Quando o kalendario romano caiu em uma con fusão tão cahotica que se tornou necessario corrigil-o, Julio Cesar chamou de Alexandria o astronomo Lorigenes; por conselho d'este, o anno lunar foi abandonado, o anno solar instituido como anno civil, e o kalendario Juliano introduzido em Roma.

Tem-se insultado os reis macedonios do Egypto pelo modo como trataram o sentimento religioso do seu povo. Prostituiram a reli-

gião fazendo-a descer ás torpesas da intriga do Estado, valendo-se d'ella como um meio de governo; no entanto, deram a philosophia ás classes intelligentes.

Ninguem duvida de que houvessem aprendido esta politica durante aquellas memoraveis campanhas, que tinham feito dos gregos o primeiro povo do mundo. Haviam visto as concepções mythologicas de seus antepassados reduzidas a puras illusões, fabulas e maravilhas, com as quaes os antigos poetas tinham povoado o Mediterraneo. As divindades do Olympo tinham-se desvanecido, e com ellas o mesmo Olympo. Plutão já não era objecto de terror, não se sabia mesmo onde o collocar. Os deuses e as deusas tinham abandonado os bosques, as grutas e os rios da Asia Menor. Os seus devotos tambem começavam a duvidar de que elles os tivessem habitado alguma vez. Se as jovens syriacas lamentavam, pois, em amorosos clamores a sorte de Adonis, não era já senão á conta de costume nacional.

A Persia mudára, por vezes bastantes, de deuses e de ritos: á revelação de Zoroastro substituira-se o dualismo; debaixo de novas influencias politicas adoptára o magismo. Adorára o fogo em altares incendidos nos cumes das montanhas, depois ao sol, e, quando appareceu Alexandre, cahiu rapidamente no pantheismo.

Um paiz, ao qual os seus deuses particulares não hajam soccorrido nos momentos de perigo, está mui perto de perder a fé. As veneraveis divindades do Egypto, a que se haviam levantado obeliscos e templos, tinham-se deixado vencer com excessiva frequencia pela espada dos conquistadores. Na terra das Pyramides, dos Colossos, das Sphynges, as imagens dos deuses não representavam já realidades vivas. Não se cria n'elles; pediam-se outros, e Serapis derrubou Osiris. Nas tendas e nas ruas de Alexandria havia milhares de judeus que tinham esquecido o Deus do Tabernaculo.

A tradição, a revelação, o testemunho dos seculos, tudo perdera o prestigio e o poder; as recordações mythologicas da Europa, as encarnações da Asia, os dogmas seculares do Egypto, tudo desapparecera, e os Ptolomeus reconheceram ainda quão ephemeras são as formulas da fé.

Mas o que tambem reconheceram, foi que ha alguma coisa mais duradoura do que estas fórmas religiosas, as quaes, uma vez destruidas, são como as fórmas organicas sepultadas sob as camadas geologicas, mortas para não mais reviver, e que debaixo d'este mundo de illusões passageiras se occulta um mundo de eternas realidades.

Não se poderia descobrir este mundo atravez as vans tradições legadas pelos homens que viveram na aurora da civilisação, nem tão pouco nos sonhos dos inspirados mysticos. É mister pedir os

seus segredos á geometria e á natureza. Ellas derramarão a flux sobre a humanidade beneficios sem numero, duradonros, e de incalculavel preço.

Jamais chegará um dia em que se possam disputar as proposições de Euclydes; jamais chegará um dia em que se ponha em duvida a redondeza da terra, reconhecida por Eratosthenes. O mundo não permittirá que os grandes descobrimentos e as grandes invenções da physica, realisadas em Alexandria e em Syracusa, caiam nunca no olvido. Os nomes benemeritos e sempre illustres de Hiparco, de Apolonio, de Ptolomeu e de Archimedes serão pronunciados com respeito, emquanto haja homens sobre a terra.

O Museu de Alexandria foi, pois, a base da sciencia moderna. É verdade que, muito tempo antes da sua fundação, se tinham feito observações astronomicas na China e na Mesopotomia. As mathematicas tambem tinham sido cultivadas na India com certo bom resultado. Porém, em nenhuma parte se havia tomado um methodo de investigação, uma fórma correcta e séria; em nenhuma parte haviam recorrido ás experiencias physicas.

Pois bem: o caracter especial da sciencia de Alexandria, como tambem da sciencia moderna, é que não se contenta com observar a natureza, senão que a sabe interrogar.

Trad. de Xavier de Paiva.

---

# Tradições populares do Algarve

## ROMANCES

### CHRISTIANO

—De manhã pisar pimenta,
De tarde cravo e canella;
A noute que era chegada,
Me deitei no collo d'ella.
—Diz-me cá, ó Christiano,
Porque não vaes p'ra tua terra?
—Como eu hei de ir, siôra,
Se me falta la, moeda!
Mette a mão á fraldisqueira,
Trinta mil duros lhe dera.
—Diz me cá, ó Christiano,
Se vaes por mar ou por terra.
Que se tu fores por mar,
Companhia eu te fizera,
E mal que tu lá chegasses
Caso de mim não fizeras.

—Pelo contrario, siôra,
Lhe chamarei minha bella.
—Vae áquella cavalariça,
Vae buscar aquella egua;
Se encontrares o rei turco,
Diz-lhe que vaes para a herva.
Palavras não eram ditas,
O rei turco era chegado.
—Bemdito e louvado seja
O Senhor seja louvado!
Já chegou a minha hora
De eu poder ser resgatado.

—Vinde cá, ó Christiano,
Vinde cá, ó meu escravo;
Quem te deu tanto dinheiro
Para tu seres resgatado?
—De tres irmãos que eu tenho
Todos tres me teem ganhado,
E me mandaram agora
Pelo correio passado.
—Vinde cá, ó Christiano,
Vinde cá, ó meu creado,
Se te queres tornar turco
Morre perro arrenegado.
—Não me quero tornar turco
Nem morro perro arrenegado,
Que Christo por mim morreu
N'uma cruz crucificado.
Se eu d'elle merecer castigo
D'elle serei castigado.

—Vinde cá, ó Christiano,
Vinde cá, ó meu creado;
Se te queres tornar turco
Morre perro arrenegado;
Eu te farei general,
General do meu reinado.
—Não me quero tornar turco
Nem morro perro arrenegado,
Que Christo por mim morreu
N'uma cruz crucificado.
—Vinde cá, ó Christiano,
Vinde cá, ó meu creado,
Se te queres tornar turco
Morre perro arrenegado.
Eu te farei alferes mór
Andarás sempre a meu lado,
Casarás com os melhores olhos,
Que tem este meu reinado.
—Não me quero tornar turco, etc., etc.
—Vinde cá, ó Christiano,
Vinde cá ao meu chamado,
Se te queres tornar turco,
Morre perro arrenegado;
Casarás com a minha filha,

Pois bem na tens enzonado,
E tu pela minha morte
Ficarás um rei coroado.
—Não me quero tornar turco, etc., etc.
—Vinde cá, ó minha filha,
Vinde cá ao meu chamado;
Dize-me se Christiano,
Se elle te tem deshonrado.
—Mande embora Christiano
Que elle a mim não deve nada;
Leva-me a luz dos meus olhos,
Dou-l'a por bem empregada.
—Vae-te embora, ó Christiano,
Vae-te embora p'ra tua terra:
Pede lá ao teu rei,
Que me não arme mais guerra.

Portimão, Ferragudo, e Meixilhoeira.

---

### D. ALBERTO

(Variante II)

—D. Alberto, não ames
A filha do teu Senhor;
Ella é muito criancinha,
Não te ha de ter amor.
D. Alberto como entendido
A longes terras foi parar,
Casou com uma senhora
Que muito bem sabia fallar.
A primeira que isto soube
Logo se pôz a pelingrinar:
—Esmola á pelingrina
Que anda a pelingrinar;
Que a pelingrina já foi rica,
Já teve muito que dar.
—Quem sois vós, minha senhora,
Que tambem sabeis fallar?
—Sou filha do rei d'Hespanha,
Rainha de Portugal.
Dá-me a mão, D. Alberto,
Que de ti me não quer'apartar.
—Como póde ser, senhora,
Se ainda hoje me fui casar?
—Se tiveres mulher moça,
Deus t'a deixe gosar;
E se tiveres filhos,
Deus t'os deixe crear.
Encostou-se ao hombro d'elle
E ali se deixou finar.
A rainha que isto viu
Logo os mandou separar;
Uma hora era passada,
O rei estava a expirar.

Um enterrou-se ao pé d'um pulpito,
Outro ao pé d'um altar;
D'elle se formou um pereiro,
D'ella uma pereira real;
As folhinhas que caiam
Logo se punham a brincar.
A rainha que isto soube
Logo as mandou cortar;
D'elle se formou um pombo,
D'ella uma pomba real,
E n'um vôo que deram
Logo se foram abraçar.
—Á esta hora estão no ceu
A sua felicidade a gosar.

Lagôa.

---

(Variante II.ª)

—General, general,
General mais querido,
Dormi uma noute comigo.
—Eu sou vosso criado, senhora,
Vós estaes mangando comigo,
Mas se isso é assim,
Dizei a hora a que hei de vir.
—Vem pela meia noute em pino,
Que está el-rei meu pae a dormir.
Ainda não era meia noute
General ao postigo.
—Quem bate á minha porta
Á hora do meu dormir?
—É general senhora,
Que vem ao vosso serviço.
—Dá-me a mão, general,
Vem-te aqui deitar comigo.
Seu pae, que desconfiou,
Sapatos de lona calçou,
Logo ao quarto se dirigiu,
Viu estar ambos a dormir,
Viu estar rosto com rosto,
Como mulher com marido.
—Eu se mato o general,
Criei-o de pequenino;
Eu se mato a princeza,
Tenho o meu reino perdido.
Aqui deixo as minhas armas
Entre um e outro mettido,
Para quando acordarem,
Que digam que este somno foi sabido.
A princeza que acordou:
—Ai de mim estou perdida,
A arma d'el-rei meu pae
Entre nós está mettida!
Levanta-te, general,

Ajoelha aos pés do meu pae,
E chora-lhe como menino;
Não é elle tão mau,
Para que não cases comigo.
General se levantou,
E aos pés do rei ajoelhou.
—Aqui estou, el-rei meu senhor,
A morte eu tenho merecido.
—Levanta-te, general,
Que foste muito atrevido,
Ainda hontem meu vassallo
Hoje já meu genro querido.
—Se sou seu genro querido,
Tambem lhe quero explicar:
Sou filho do rei de Hespanha,
Neto do rei de Cascaes;
Sou sobrinho do padre santo,
Diga el-rei qual seja mais.

Paderne, Estombar, Alvor, Alperne e Monchique.

---

## CANTARES DE DESPIQUE

### N'uma romaria da Senhora da Guia, no Algarve

—Com licença dos senhores
E da Senhora da Guia,
Diga-me, senhor mancebo,
Se vem aqui por alma mia.
—A via em que eu venho
Eu vos digo na verdade;
Venho por passar o tempo
Que é cousa da mocidade.
—Mocidade, mocidade,
Tudo isso faz fazer,
Diga-me, senhor mancebo,
Se sabe ler ou escrever.
—Não sei ler nem escrever
Nem tão pouco tocar viola,
Mas espero de aprender
Menina na vossa escola.
—Escola tenho eu
Nêja para vós aprender;
Deus vos dera juizo
E *mimoira* para saber.
—Tindes vós, minha senhora,
Que tão esquiva me fallaes,
Sempre pensei, menina,
Que vós me quizesseis mais.
—Muito vos quero, meu mancebo,
N'alma e no coração;
Mas ainda comtudo isso
Não me deve pôr a mão.
—Eu não lhe ponho a mão
Nem tão pouco bulo em vosco,

Mas estar á sua vista
Levo eu em grande gosto.
—Desgostae, meu mancebo,
Desgostae por vida vossa,
Que esta rosa que aqui vêdes
Ella é d'outro e não é vossa.
—S'ella é d'outro e não é minha
Eu o espero de ser,
Diga menina a seu pae
Que nos mande a receber.
—Isso não direi eu,
Serão palavras escusadas,
Menina de quinze annos
Não é capaz de dirigir casa.
—Outras de menos edade
Dirigem casa e marido,
Assim fareis vós, senhora,
Quando casardes comigo.
—Voltae, meu mancebo,
Pelo caminho por onde viestes
—Pelo caminho d'onde eu vim
Bem o vejo eu d'aqui.
Quem se ha de apartar
Sem a rosa em par de si.
—Vinde cá outra vez
Que a resposta levareis.
—Não venho cá outro dia
Gastar solas em balde.
—Tindes rasão, meu mancebo,
Que as solas custam dinheiro;
Podeis-vos gabar, meu mancebo,
Que fostes vós o primeiro.

Lagóa e Porches.

Reis Damaso.

## A progressão humana

Com bastante rasão comparou Pascal a humanidade a um homem só que no decurso dos seculos vae aprendendo sempre e desenvolvendo-se gradualmente.

O que é que a humanidade tem feito até hoje senão progredir e aperfeiçoar-se? Dizem alguns que os homens teem degenerado e retrogradado e tendem cada vez mais a decair. Onde estão as provas? Dizem: Nos povos selvagens, que são um exemplo vivo da degradação a que pode descer a raça humana, tão perfeita e tão feliz nos tempos edenicos descriptos no Velho Testamento, na *edade aurea* dos theologos. Mas essas provas mostram-nos o contrario, e ainda bem! Os povos selvagens não são o exemplo vivo do estado a que temos de descer, não. São pelo contrario o exemplo vivo do estado d'onde nos temos vindo elevando desde ha muitos seculos! Quereis as provas? Poder-vos hia fornecer mui-

tas, muitissimas. Eis algumas: Onde encontraes vós entre os povos selvagens vestigios de uma civilisação mais perfeita, de um estado social superior ao que hoje teem, onde? Excavae os territorios que elles habitam, interrogae o sólo e nada encontrareis que vos deixe suppor tal. Pois bem, fazei o mesmo ao nosso sólo, aos territorios em que vivem os povos mais civilisados, o que encontraes por toda a parte? Decerto encontrareis vestigios de ruinas e de muitas ruinas, encontrareis ruinas sobrepostas, e se as estudardes na rasão directa das camadas geologicas e na inversa dos seculos percorridos vereis que as mais modernas são as dos povos mais adiantados e as mais antigas as dos mais atrazados, e assim investigareis as ruinas do passado, desde o resto das edades romanas até aos restos das villas lacustres, desde os instrumentos de ferro até aos instrumentos de silex e de osso. Vereis então que os nossos mais antigos antepassados, esses fosseis de Cro-Magnon, Neanderthal, Cabeço-d'Arruda, etc., em nada eram superiores aos povos selvagens das ilhas de Bornéu e de Sandwich, e aos indigenas da Africa e da Australia. E o que vos diz a Biblia dos povos primitivos? Não nos descreve ella Adão coberto com a classica folha de figueira? No Velho Testamento onde encontraes a menor allusão a essas machinas, que fiam, tecem e cosem todos os nossos fatos? Decerto por peores que estes sejam sempre são superiores á folha de figueira primitiva.

Não percamos tempo a destruir absurdos, e de mais absurdos tão palpaveis, como este que tantas vezes nos apresentam contra o progresso.

O progresso humano é um facto já hoje indiscutivel; quem hoje o contesta é porque de todo em todo o não quer ver, ou tem a intelligencia tão acanhada que o não vê; de qualquer dos modos é inutil a discussão. Se um cego negar a existencia do sol decerto não vos cansareis a provar-lhe o contrario.

A humanidade para chegar ao estado de adiantamento e progresso, que hoje alcançou, tem caminhado muito e tem dispendido uma somma incalculavel de esforços e de forças, que se teem ido accumulando e multiplicando atravez dos seculos.

Desde o ponto de partida na sua vida ante-historica passou a humanidade por diversas phases ou estados, que parecem serem os seguintes na sua ordem de successão: estado de caçador, estado pastoral e estado agricola, que correspondem á primeira parte do periodo theologico, isto é ao periodo fetichista. Da vida ante-historica teem-se encontrado documentos em cavernas e excavações feitas por toda a Europa e na America, e pode-se fazer uma idéa, mais ou menos aproximada, do viver primitivo pelas relações de viagens, em que se mencionam os usos e costumes dos povos selvagens da America, da Africa e da Australia. Os documentos

encontrados nas excavações consistem em lanças e machados de silex ou bronze, alguns objectos de ceramica, enfeites de pedra e de osso, etc.

Os povos mais antigos, cuja vida historica conhecemos pelos monumentos que chegaram até nós e que foram recentemente revelados aos homens que se dedicam ao estudo da sociologia pelos especialistas competentes, são o Egypto, a Chaldêa e a Assyria. São estes os povos mais antigos do Oriente, cujas civilisações duraram muitos seculos e onde o progresso humano teve grande desenvolvimento. Com a queda d'estes imperios os grandes progressos dos povos orientaes não foram perdidos para a civilisação da humanidade; os povos semitas pela sua natureza assimiladora e cosmopolita encarregaram-se de os transmittir e propagar. Os phenicos pelas navegações, os judeus pelas migrações, e os arabes pela conquista foram os transmissores dos progressos humanos; pelos arabes recebemos nós os systemas agricolas dos chaldeos; os arados empregados vulgarmente nos nossos campos e as noras de alcatruzes que ainda estão em uso entre nós teem esta origem. Foi tambem pelos arabes que a Europa recebeu da Grecia a herança scientifica que tanto tem accrescentado desde o seculo XVI.

Por outro lado a corrente directa do progresso indo-europeu seguiu este itenerario: India, Persia, Grecia, Roma, Europa da edade media e Europa moderna.

TEIXEIRA BASTOS.

---

## Suissa

(Conclusão.—V. pag. 182.)

**Elegibilidade.**—As condições de elegibilidade são as mesmas em toda a Confederação. Todo o cidadão suisso não pertencente a ordem alguma religiosa e tendo direito de votar, póde ser eleito membro do Conselho Nacional; os estrangeiros naturalisados suissos não são elegiveis senão depois de cinco annos de posse do direito de cidadão.

**Incompatibilidades.**— As funcções de membro do Conselho Nacional são incompativeis com as de deputado ao Conselho dos Estados, de membro do Conselho Federal, e com todos os cargos conferidos por este Conselho.

Todavia, as pessoas investidas d'estas funcções são elegiveis,

com a condição de optarem, depois de eleitas, por uma das funcções incompativeis.

**Duração do Mandato.**—O Conselho Nacional é eleito por tres annos e de cada vez integralmente renovado.

As eleições geraes para o renovamento do Conselho Nacional, têem logar no ultimo domingo do mez de outubro; se acaso não puderem terminar no mesmo dia, são affixadas para o dia designado por cada governo cantonal.

As eleições parciaes para a substituição dos membros cujos logares ficam vagos, têem logar no dia marcado pelo governo cantonal, no maximo espaço de seis mezes.

**Opções.** — Se o mesmo individuo foi eleito em muitos circulos eleitoraes, deve, por indicação do Conselho Federal, declarar sem demora, qual o circulo por que opta. Á vista d'esta declaração, o Conselho Federal ordena immediatamente que se proceda a uma nova eleição nos collegios eleitoraes que ficaram vagos.

**Sessões.**—A cada renovamento integral do Conselho Nacional, os eleitos devem, sem outra convocação mais do que o officio de aviso da sua eleição, apresentar-se na cidade federal (Berne), na primeira segunda feira de dezembro, ás dez horas da manhã, para a primeira sessão do Coneslho Nacional.

**Verificação de poderes.**—Logo que se reune o Conselho Nacional procede-se á verificação de poderes; os membros cuja eleição é contestada devem retirar-se no momento da discussão que lhe diz respeito.

Os membros eleitos no decurso da sessão do Conselho Nacional são convocados pelo Conselho Federal: elles não podem tomar parte nas deliberações senão depois de lhes validarem a eleição.

**Demissões.**—O deputado que quer demittir-se das suas funcções, dirigir-se-ha ao Conselho Nacional; é porém obrigado a assistir ás sessões emquanto não vier o successor substituil-o.

**Presidencia.**—O Conselho Nacional escolhe no seu seio, para cada sessão ordinaria ou extraordinaria, um presidente e um vice-presidente.

O mesmo membro não póde exercer estas elevadas funcções durante duas sessões ordinarias consecutivas. O vice-presidente fica geralmente presidente no anno seguinte. Em caso de empate de votos, o parecer do presidente é preponderante; em materia de eleição o presidente vota como os outros membros.

**Subsidio.**— Os membros do Conselho Nacional são indemnisados pelo cofre federal por meio de bilhetes de assistencia a razão de 1$260 réis por dia. Nos termos da lei de 20 de julho de 1872 o numero dos membros do Conselho Nacional eleva-se actualmente a cento e trinta e cinco.

**Revisão da Constituição.**—Independentemente das eleições

a que dão logar a formação dos Conselhos Nacional e Federal, existe um outro caso em que os eleitores suissos são chamados a manifestarem a sua opinião e vontade.

Quando uma secção da Assembléa Federal decreta a revisão da Constituição e a outra secção não consente, ou logo que, por via de petição, cincoenta mil cidadãos suissos, com direito a votarem, pedem a revisão, a questão de saber se a Constituição deve ser revisada é submettida á votação do povo suisso, o qual resolve votando *sim* ou *não*.

Se a maioria dos eleitores que tomaram parte na votação se pronuncia pela affirmativa, as duas secções da Assembléa Federal são renovadas para trabalharem na revisão.

A Constituição assim revisada não póde entrar em vigor senão quando for adoptada pela maioria dos cidadãos suissos que tomarem parte na votação e pela maioria dos cantões.

Foi assim que a revisão da Constituição votada pelo Conselho dos Estados e pelo Conselho Nacional, a 5 de maio de 1872, foi annullada pelo plebescito de 12 do mesmo mez. Em contraposição, uma nova revisão foi adoptada, a 19 de abril de 1874, por 14 cantões e um semi-cantão, representando 331:087 votos, contra 7 cantões e um semi-cantão que não reuniram mais de 199:657 suffragios.

### LEGISLAÇÕES CANTONAES

Independentemente da Constituição Federal, e até certo ponto sobre a guarda d'esta, funccionam na Suissa, vinte e cinco Constituições cantonaes particulares. (Tres dos vinte e dois cantões da Confederação acham-se divididos em duas fracções, tendo cada uma sua organisação distincta.)

Vamos rapidamente examinar as principaes disposições d'estas diversas Constituições, no que diz respeito aos poderes legislativos. [1]

**Assembléas unicas.** — Em vinte e tres das vinte e cinco Constituições especiaes que funccionam na Suissa, o poder legislativo é delegado, com mais ou menos extensão, a uma assembléa unica, chamado o Grande Conselho (*Gross-Rath*, *Gran-Consiglio*) por todas estas Constituições, salvo as dos cantões de Uri, de Bale-Campagne, que adoptam o nome de *Landrat*, e as de Schwytz, Zurich e Soleure, que empregam o de *Kantonwath*.

---

[1] Esta parte do nosso trabalho foi-nos ministrada pelo interessante *Estudo sobre a duração do mandato e fórma de renovação das camaras legislativas*, apresentado por Harold, o illustre prefeito do Sena, recem fallecido, como republicano e livre pensador convicto, á Sociedade de Legislação Comparada, na sessão de 10 de janeiro de 1872.

**Duas assembléas.** — Apenas as Constituições de Unterwald-Haut e Glaris estabelecem duas assembléas participando, por differentes latitudes, do poder legislativo. N'estas Constituições, uma das Assembléas (*Dreifacher-Rath*) é uma especie de intermediario entre a assembléa geral dos cidadãos do cantão e o conselho legislativo propriamente dito (*Rath* em Glaris, *Landrath* em Unterwald).

**Numero.** — O numero de membros d'estas diversas assembléas está na proporção da população, mas sobre bases differentes umas das outras. É assim que no cantão de Berne, a proporção é de um representante para dois mil habitantes, emquanto que em Unterwald-Haut, as fracções de mais de setecentos habitantes teem direito a um representante ao *DreifacherRath*.

**Duração do mandato.** — No que diz respeito á duração do mandato dos deputados e renovação das assembléas, vamos reproduzir os dados recolhidos por Herold, embora sejam até certo ponto incompletos.

O illustre jurisconsulto, recem fallecido, como livre pensador, no cargo elevado de prefeito do Sena, não póde encontrar indicação alguma sobre o modo de renovação das camaras legislativas do cantão de Glaris e das duas divisões de Appenzel. Apesar de activas investigações, nada pudemos tambem encontrar sobre este ponto. Fallaremos, por consequencia, só de vinte e duas Constituições.

**Renovação integral.** — De vinte e duas constituições, dezesete admittem a renovação integral; a duração do mandato é que varía de um a seis annos.

É de seis annos no cantão de Unterwald-bas; de cinco nos cantões de Soleure e Fribourg; de quatro annos nos de Berne, Lucerna, Uri, Argovia, Tessin, Vaud, Valois; de tres annos no semi-cantão de Bâle-Campagne, e nos cantões de Saint-Gall, Thurgovia, Neuchatel; de dois annos nos cantões de Zug, Zurich, e Genebra; de um anno no cantão dos Grisons.

**Renovação parcial.** — Cinco constituições admittem a renovação parcial. São: O semi-cantão de Unterwald-haut, no qual o mandato legislativo é de quatro annos e se renova na quarta parte cada anno; o cantão de Schwitz, em que o mandato é de quatro annos e de dois em dois annos renova metade; o cantão de Schaffause e o semi-cantão de Bale-ville, em que o mandato é de seis annos e se renova por metade de tres em tres annos.

**Dissolução.** — Não ha na Suissa poderes depositarios do direito de dissolução, por isso que as assembléas electivas são as depositarias unicas da auctoridade suprema. Como estas por si mesmo designam os membros do poder executivo, excepto em Genebra e Zurich, os conflictos são quasi impossiveis entre os dois poderes.

Todavia, em dois cantões, a revocação antecipada do mandato legislativo póde ter logar por vontade dos eleitores.

No semi-cantão de Bale-Campagne ha excepcionalmente logar a um renovamento integral do *Landrath*, quando o pedido resulta de um voto emittido em escrutinio secreto realisado em reunião publica e tomando parte na votação a maioria dos eleitores presentes, com a condição que estes sejam em numero de mil e quinhentos, pelo menos, (contando o semi-cantão quasi cincoenta e quatro mil habitantes).

No cantão de Argovia, quando seis mil eleitores (o cantão tem, pelo menos, duzentos mil eleitores) exprimem, por via de petição, o voto da dissolução do *Grande Conselho*, o poder executivo é obrigado a submetter a questão ás assembléas dos circulos, que a resolvem. N'este caso, o novo *Grande Conselho* não é eleito senão para completar o tempo do mandato que restava preencher ao precedente.

Tal é, em resumo, e salvo certos detalhes secundarios, que nos é impossivel recolher, a summa da legislação suissa em materia de direito eleitoral. Entretanto é incontestavelmente este o unico paiz da Europa, onde pela sua organisação administrativa, o povo exerce uma verdadeira soberania e onde os golpes de estado e as dictaduras se tornam impossiveis. Na Suissa não ha grandes homens nem centralisação de poderes, e por isso, como é o povo que quer e manda, as grandes crises são debelladas e no meio de inimigos irreconciliaveis sabe este paiz aguentar dignamente a sua autonomia, prosperando e progredindo.

CARRILHO VIDEIRA.

---

# Deante d'um Christo

## I

Deixas que prenda assim teu braço forte
A cadeia da negra escravidão,
Pregado n'essa cruz, depois da morte
Soffrendo uma continua expiação !

Eu não invejo a tua horrivel sorte...
Sujeito ao olhar feroz da multidão,
Não vês nunca brilhar no ceu do norte
Uma estrella sequer de redempção.

Ai, meu doce Jesus ! eu soffro tanto !
Tenho no peito meu a Raiva e a Dor
E no olhar desvairado a luz do Espanto...

Mas sei que ha de findar o meu Horror
E sei que hei de enxugar este meu pranto
Ás dobras d'um sudario redemptor.

II

E tu cá ficarás exposto ao frio
Na triste solidão das cathedraes,
Curvado o rosto pallido e sombrio.
Guardando dentro em ti a Magoa e os Ais.

E tu cá ficarás continuamente,
Exposto aos furacões, aos vendavaes,
Sempre preso na cruz, sempre pendente,
Sempre submisso á voz dos cardeaes.

Horrivel fado teu! horrivel sorte!
Viver eternamente, após a morte,
Sentir pulsar gelado o coração!

Ai, meu doce Jesus! ai, que alegria,
Poder a gente descançar um dia!...
Antes fosses, Jesus, um meu irmão.

Lisboa.

ERNESTO PIRES.

---

# Xavier de Paiva

(Esboço biographico)

Dizer quem era este individuo e definil-o em poucas linhas, não é facil, porquanto a sua vida foi uma das mais atribuladas que conheço, dando por isso assumpto para umas paginas cheias de sentimento.

Nasceu em Lagos, d'uma familia pobre, e tinha apenas trinta e quatro annos quando expirou n'um catre do hospital, abandonado dos amigos e correligionarios.

Xavier de Paiva era um bello espirito, um poeta arrojado, um obscuro obreiro do progresso. Não contava um episodio alegre da sua vida sempre triste e mesquinha. Parece que nascera só para o soffrimento e para a miseria que o procurava de preferencia a outros enthusiastas das novas ideias.

Vi-o e fallei-lhe uma só vez. Foi-me apresentado por um moço com quem elle convivia na maior intimidade. A maneira simples por que Xavier de Paiva se me apresentou e as poucas palavras que me dirigiu, pedindo-me um artigo para a ENCYCLOPEDIA REPUBLICANA que ia fundar, bastaram-me para que immediatamente sympathisasse com o seu todo despretencioso e modesto. Olhando-se para elle, observando-se os seus movimentos nervosos, o seu olhar vivo, penetrante, sentia-se essa lufada quente do talento e da inspiração.

Era o que se chama um martyr das ideias revolucionarias, um valente luctador, muitas vezes, por ser republicano, repellido das officinas, onde elle pobre operario trabalhava para se alimentar.

As privações e desconforto de toda a sorte aggravaram os seus soffrimentos physicos; mas ainda assim o grande democrata pugnava pelos direitos do proletariado d'onde sahira, sem pensar um só momento de que elle mesmo era o maior

desgraçado. Era esse bello e generoso sentimento do bem e da justiça universal, que o animava na composição das suas estrophes demolidoras, cheias de enthusiasmo e convicção.

Poude este heroe, este martyr obscuro, d'uma vida cheia de amarguras, exercer como poeta e escriptor alguma influencia no seu meio? Decerto, porque a classe operaria lia os seus escriptos com avidez, enthusiasmando-se a cada phrase, a cada periodo, a cada verso, admirando o arrojo, e elevação dos seus pensamentos, a sinceridade e firmeza das suas crenças. Se Xavier de Paiva tivesse tido uma instrucção solida, seria um grande escriptor e poeta para nós todos. Assim, ficou sendo para as classes mais instruidas, um *modesto obreiro*, e para os seus companheiros, o seu publico, a classe operaria, a quem o trabalho material quotidiano, superior ás suas forças, a má constituição social e a inepcia dos nossos governantes roubam todos os elementos para se instruir, restará sempre, mais elevado, como um energico defensor dos seus direitos, como um grande revolucionario, e um poeta fogoso e de grande talento que tão bem soube fallar-lhe ao coração. Esses miseros que trabalham noite e dia, humedecendo os labios resequidos pelo esforço com o seu proprio suor, não podem deixar de ignorar ainda os modernos progressos intellectuaes, os grandes avanços da sciencia e da arte, demais quando a maior parte, por falta de condições favoraveis para recrear o espirito n'alguns momentos apenas, se vê forçada a viver nas trevas, condemnada a não poder nunca aspirar a um raio de luz, a não poder attingir as fulgurações dos genios. É pois o proletariado que elle pretendia erguer, quebrando-lhe as cadêas, e para quem elle escrevia energicamente com a fim de o fazer comprehender os grandes principios da moral e da justiça, que o seu nome ficará mais duradouro e melhor gravado nos corações, como o d'um apostolo do bem.

Nenhum poeta como Xavier de Paiva, soube tão bem fallar á classe operaria a que elle pertencia. Elle conhecia-a e sabia perfeitamente quaes as suas aspirações, quaes os seus conhecimentos litterarios, e confessava que ella era realmente a menos instruida para a comprehensão d'uma certa ordem de trabalhos de propaganda. Por isso combatia denodadamente as instituições caducas sem ponto de vista philosophico, tambem sem ostentação erudita, e quando muito illuminava as suas concepções poeticas, com uma pagina das mais eloquentes da Historia, que elle escolhia de proposito para o effeito emocional.

Era assim que elle conseguia enthusiasmar e tornar-se querido. É por isso que a sua memoria se conservará entre os que foram seus companheiros no trabalho e na desventura.

Mas se o biographado não era considerado entre os mais instruidos como um talento privilegiado, nem ao menos como um escriptor distincto, o que já é favor, e sim como um *modesto obreiro*, o que equivale a dizer na sua linguagem de *sabios* — o termo medio entre o prodigio e a nullidade ou entre a illustração e a simples habilidade, e só as classes menos privilegiadas da sociedade o consideravam como o seu mais revolucionario poeta, é d'esse mesmo antagonismo, d'essa contradicção, d'esse modo de vêr, de apreciar e de sentir, que inferimos o grande merecimento do finado escriptor. A sua maior gloria é o ter sido collocado entre os modestos obreiros; a prova de que elle era um distincto membro do partido republicano está n'essa phrase proferida antes e depois do homem se finar, quer como expressão sincera e convicta, quer como simples desabafo ou lamento forçado, para se não desdourar, d'essa aristocracia republicana que o julgava no intimo da sua consciencia e *alta capacidade critica*, como um dos mais humildes e menos validos. Ou commiseração para com os infelizes e repugnancia dos motejos depois da morte, ou a sinceridade consciente e perfeita comprehensão dos individuos que se não impõem nem procuram as ovações ruidosas ás portas das egrejas e nos espectaculos. Nem sempre convem a manifestação de tudo quanto se sente, nem tão pouco ser-se expansivo demais, principalmente para com aquelles que nos excedem na abnegação e coragem, traçando uma linha de conducta na sua vida, amando a rectidão, o direito e a justiça, luctando sempre no campo

da honra, e soffrendo toda a casta de privações por se não querer afastar um passo da linha recta que traçou.

Xavier de Paiva, como escriptor, jornalista e poeta, agradou sempre aos seus sinceros correligionarios; poude mesmo exercer influencia com os seus escriptos sobre as classes operarias com quem convivia. Sempre vigoroso e brilhante nos seus artigos e poesias, não podia de modo algum deixar de influir nos que não têem tempo ou não podem estudar grandes cousas. O que mais admira é como elle, supportando todas as cruciações da pobresa, poude conservar-se sempre firme nos seus principios, produzindo energicos e vibrantes artigos, e admiraveis poesias, que por ahi ficam espalhados pelas folhas democraticas as mais avançadas do paiz! Era escriptor fluente e correcto e de arrojados pensamentos. Seria bom que os seus amigos e correligionarios a quem elle emocionou, se lembrassem um dia de reimprimir em volume algumas das suas mais bellas producções. Era mais um serviço prestado ás letras e ao partido republicano, e tambem uma homenagem á memoria do inspirado poeta, sincero e valente democrata. Se elle foi o cantor das afflicções e miserias do proletariado, se elle com os seus versos poude enthusiasmar e consolar os que se esgotam e definham no trabalho durante o dia e a noite, á luz do sol e á luz das lampadas, se elle combateu energicamente o abuso e o erro, é bem que essa classe por quem elle tanto se interessou, nunca o possa esquecer, o que não é crivel possuindo um livro d'esses gritos, d'esses ais, d'esses gemidos, que o poeta soltava clamando pelo direito e pela justiça, tomado de angustia, de dor e de colera.

Como se houvesse um Deus destinado a agradar aos reis e um demonio a entristecer os republicanos, Xavier de Paiva morreu no hospital de S. José, a 12 de janeiro de 1882, quando o rei de Hespanha visitava Portugal e o ruido das festas em sua honra trazia em alvoroço a população de Lisboa, esta pobre côrte dos potentados e dos miseraveis.

Pouco tempo antes de morrer o poeta escreveu uma poesia, já impressa a paginas 41 d'esta publicação, sob a epigraphe *O Martyr Obscuro*, que é uma admiravel pagina da sua vida e ao mesmo tempo o seu retrato intimo. Pode alguem dizer onde morrerá e o que se passará depois? Não, por certo; mas Xavier de Paiva, como se presentisse a morte proxima, retratou-se fielmente n'aquellas quadras, fazendo mesmo a descripção do seu enterro. Não teve luzido acompanhamento: apenas um grupo de operarios e amigos, d'entre os quaes, dois pronunciaram algumas palavras de sentimento quando o seu cadaver ia descer á cova. O que escreveu n'aquelles sentidos versos foi exactamente o que succedeu. Parece mais a obra d'um resuscitado, se resuscitados houvesse, assentando-se na beira da sepultura, meditando na vida e recordando-se dos estremeções da morte por que já passára.

Cumpria-me o dever de deixar na Encyclopedia Republicana estes leves traços da vida do seu fundador.

Reis Damaso.

---

Acima das fórmas que passam eleva-se o poder da razão, da justiça e da liberdade, que engrossa de anno a anno que decorre e de cada virtude que se esvae em silencio.

Edgar Quinet.

---

Um republicano é sempre mais amante da patria do que um vassallo, pela razão que se ama sempre mais o que nos pertence do que o que pertence a um amo.

Voltaire.

# INDICE

---

## ERRATA

Pagina 221, na poesia *A Razão*, verso 26, onde se lê:

Como um bando fatal de cortesãos medonhos

Deve lêr-se:

Como um bando fatal de cortesãos risonhos.